



**DA GEOGRAFIA SERGIPANA
(1951 – 2021):**

NOS CAMINHOS DA MEMÓRIA

**José Wellington Carvalho Vilar
Hélio Mário de Araújo
Gicélia Mendes da Silva
Organizadores**



**70 ANOS DA GEOGRAFIA SERGIPANA
(1951 – 2021): NOS CAMINHOS DA MEMÓRIA**

Organizadores

José Wellington Carvalho Vilar

Hélio Mário de Araújo

Gicélia Mendes da Silva

ISBN

978-85-60102-31-0

**EDITORA CRIAÇÃO
CONSELHO EDITORIAL**

Ana Maria de Menezes

Christina Bielinski Ramalho

Fábio Alves dos Santos

Jorge Carvalho do Nascimento

José Afonso do Nascimento

José Eduardo Franco

José Rodorval Ramalho

Justino Alves Lima

Luiz Eduardo Oliveira

Martin Hadsell do Nascimento

Rita de Cácia Santos Souza

**José Wellington Carvalho Vilar
Hélio Mário de Araújo
Gicélia Mendes da Silva
(Orgs.)**

**70 ANOS DA GEOGRAFIA
SERGIPANA (1951 – 2021):
NOS CAMINHOS DA MEMÓRIA**



Criação Editora
Aracaju | 2021

Copyright © 2021 by organizadores.

Todos os direitos reservados - Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucros ou vantagens, com observância da Lei em vigência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja expressa marcação do nome do autor, título da obra, editora, edição e paginação. A violação dos direitos de autor (Lei nº 9.619/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

CAPA: Adilma Menezes Oliveira e José Wellington Carvalho Vilar
PROJETO GRÁFICO: Adilma Menezes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)
Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

V697a	<p>Vilar, José Wellington Carvalho; Araújo, Hélio Mário de; Silva, Gicélia Mendes da (org.). 70 anos da Geografia Sergipana (1951 – 2021): nos caminhos da memória / Organizadores: José Wellington Carvalho Vilar, Hélio Mário de Araújo e Gicélia Mendes da Silva; Prefácio de Rosemeri Melo e Souza. -- 1. ed. – Aracaju, SE: Criação Editora, 2021. 372 p.; il. tabs.; quadros; fotografia. Inclui bibliografia. ISBN 978-85-60102-31-0</p> <p>1. Ensino. 2. Geografia. 3. Programa de Pós-Graduação. 4. UFS. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.</p> <p style="text-align: right;">CDD 372.891:981.41 CDU 371.133:91(813.7)</p>
-------	--

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO
1. Ensino de Geografia; História de Sergipe.
2. Prática docente; Geografia (Sergipe).

**70 ANOS DA
GEOGRAFIA SERGIPANA
(1951 – 2021):
NOS CAMINHOS DA MEMÓRIA**

SUMÁRIO



- 7** **PREFÁCIO**
MEMÓRIA COMO DISPOSITIVO CARTOGRÁFICO DOS CAMINHOS
INSTITUCIONAIS DA GEOGRAFIA EM SERGIPE
Rosemeri Melo e Souza
- 11** **APRESENTAÇÃO**
José Wellington Carvalho Vilar
Hélio Mário de Araújo
Gicélia Mendes da Silva
- PARTE 1** **OS DEPARTAMENTOS E A PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DA**
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS): NOS ESPAÇOS DA
MEMÓRIA
- 17** **O DGE NO NOVO MILÊNIO: TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA**
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
Hélio Mário de Araújo
- 53** **30 ANOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA NA UNIVERSIDADE**
FEDERAL DE SERGIPE (1983-2013): NOS CAMINHOS DA MEMÓRIA
José Alexandre Felizola Diniz
- 93** **A SAGA DO PPGeo: BREVE RELATO COMO CONTRIBUIÇÃO À MEMÓRIA**
DA PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DA UFS
Vera Lúcia Alves França
- 107** **O DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA DO CAMPUS DE ITABAIANA (DGEI)**
NOS 70 ANOS DA GEOGRAFIA SERGIPANA
Josefa Lisboa
Daniel Almeida da Silva

- PARTE 2 EM NOME DA MEMÓRIA: MESTRES E MESTRAS DA GEOGRAFIA SERGIPANA**
- 137 UM SER HUMANO FASCINANTE: ADELCI FIGUEIREDO SANTOS**
Vera Lúcia Salazar Pessôa
Ewerton Vieira Machado
- 163 ENCONTROS E CAMINHADAS COM MARIA GERALDA DE ALMEIDA**
Maria Augusta Mundim Vargas
- 197 VANIA FONSECA: SOCIÓLOGA, GEÓGRAFA, PROFESSORA UNIVERSITÁRIA E EMPREENDEDORA**
José Carlos Santos Cunha
José Wellington Carvalho Vilar
Katiene Bacelar Santana
Lício Valério Lima Vieira
- 227 SOBRE PENSAR E SER GEÓGRAFA: VIDA E HISTÓRIA QUE SE CONFUNDEM COM A PRÁTICA TRANSFORMADORA DA REALIDADE – UMA HOMENAGEM À ALEXANDRINA LUZ CONCEIÇÃO**
Ana Rocha dos Santos
- 245 A VIDA ACADÊMICA DA PROFESSORA VERA LÚCIA ALVES FRANÇA E OUTRAS HISTÓRIAS**
Gicélia Mendes da Silva
Luiz Carlos Sousa Silva
- 269 GEOMORFOLOGIA COSTEIRA, BACIA HIDROGRÁFICA E AGRICULTURA: A GEOGRAFIA NA OBRA DE ARACY LOSANO FONTES**
José Wellington Carvalho Vilar
Márcia Eliane Silva Carvalho
Neise Mare de SouzaAlves
- 304 GEOGRAFAR EMOÇÕES E CARTOGRAFAR SENTIMENTOS E CULTURA**
Maria Geralda de Almeida
Solimar Guindo Messias Bonjardim
- 323 SER MÓVEL-SER FIXO-SER MÓVEL - UMA QUASE CANÇÃO EM SURDINA: PROF. HEINZ DIETER HEIDEMANN**
Alexandrina Luz Conceição
- 343 JOSEFA ELIANE SANTANA DE SIQUEIRA PINTO: NUM CLIMA DE TRAJETÓRIA, CONTRIBUIÇÕES E CARINHO**
Alberlene Ribeiro de Oliveira
- 371 ORGANIZADORES**

PREFÁCIO

MEMÓRIA COMO DISPOSITIVO CARTOGRÁFICO DOS CAMINHOS INSTITUCIONAIS DA GEOGRAFIA EM SERGIPE

Que tipo de legado podemos vislumbrar ao percorrer os caminhos da memória da Geografia produzida em Sergipe nos últimos 70 anos? Esta inquietante pergunta motiva a partilha destas considerações ao público que vai percorrer o itinerário organizado pelos docentes doutores em Geografia e pesquisadores José Wellington Carvalho Vilar, Hélio Mário de Araújo e Gicélia Mendes da Silva que empreenderam a jornada de construir um percurso constituído de diversos momentos dessa tessitura que é a da construção da Geografia sergipana durante as últimas sete décadas de existência enquanto prática de ensino e pesquisa institucionalizada no seio da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Desde os primórdios nos anos 50 do século XX aos dias atuais, partindo do prisma da inauguração do curso de Graduação e do Departamento de Geografia (DGE) na Universidade Federal de Sergipe (UFS), os organizadores da obra *70 ANOS DA GEOGRAFIA SERGIPANA (1951-2021): NOS CAMINHOS DA MEMÓRIA*, ao elegerem a categoria *memória* como delineadora desta cartografia do processo de institucionalização da ciência geográfica na Universidade Pública

em plagas sergipanas, oferecem um amplo mosaico das ideias, concepções, dos temas e das preocupações que constituíram o cenário da Geografia que se re/des/territorializa em Sergipe desde o século XX até a segunda década do século XXI.

Registro ímpar pela sua relevância, esta obra já nasce com um merecido destaque para os interessados nos *caminhos* concebidos e percorridos na historicidade e geograficidade das opções teóricas, dos atores, das temáticas e das bases epistemológicas que incidiram na elaboração do corpus geográfico em Sergipe, pelo viés de sua trajetória institucional no âmbito da Universidade Federal de Sergipe.

Ao longo dos capítulos são descortinadas as experiências de pesquisadores e professores marcados pelo compromisso com a ciência geográfica, em sua diversidade de abordagens, seus ramos de especialização, seus temas de interesse e de suas filiações teórico-metodológicas. Por vezes conflitantes, estes elementos demarcaram um projeto vitorioso e inovador, responsável, em suas gerações de partícipes, pela criação do primeiro Programa de Pós-Graduação na UFS, ativo até os dias atuais, o então NPGeo (Núcleo de Pós-Graduação em Geografia) hoje PPGeo (Programa de Pós-Graduação em Geografia), dentre inúmeras realizações no ensino-pesquisa-extensão universitária.

Tais caminhos da memória, na feliz aceção dos organizadores do livro, são marcados por uma trajetória diversificada de práticas e de teorizações reveladoras não somente do *zeitgeist* deste longo tempo de produção e aperfeiçoamento, como também dos tensionamentos da práxis social de seus realizadores.

A primeira parte do livro, intitulada *OS DEPARTAMENTOS E A PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS): NOS ESPAÇOS DA MEMÓRIA*, apresenta quatro capítulos que retratam desde a fundação do Departamento de Geo-

grafia (DGE) no Campus Professor José Aloízio de Campos (São Cristóvão), dedicado ao ensino de Graduação em Geografia, perpassando o processo de criação e afirmação, com os trinta anos da pós-graduação em Geografia, destacando a saga do PPGeo desde a sua fundação, nos anos oitenta do século XX até a criação do Departamento de Geografia (DGEI) do Campus Professor Alberto Carvalho, em Itabaiana, fruto da interiorização da UFS propiciada por políticas de expansão do ensino superior postas em prática nos anos 2000.

A segunda parte da obra é permeada pelos usos da Cartografia enquanto *dispositivo metódico* desvelador da(o)s protagonistas destes caminhos, em várias especialidades da ciência geográfica, tendo por título: *EM NOME DA MEMÓRIA: MESTRES E MESTRAS DA GEOGRAFIA SERGIPANA*. Nos nove capítulos componentes da segunda parte do livro são descortinados depoimentos com a vívida emoção dos escritores atuais ao revelarem os percursos da memória imbricados no papel do(a)s diverso(a)s homenageado(a)s, destacando as suas áreas de ensino e de pesquisas, seus perfis pessoais e profissionais e sua contribuição à ciência geográfica realizada em solo sergipano.

Desvendar as possibilidades do legado destes renomados pesquisadores, alguns dos quais já não mais presentes entre nós, as múltiplas influências na formação das gerações que os sucederam e hoje pensam-fazem a Geografia que se ensina, pesquisa e se estende às comunidades em Sergipe. Eis o *legado* a ser vislumbrado pelos leitores, neste convite feito pela(o)s autora(e)s e pelo(a)s organizadores desta obra, inserida no esforço engajado de resgate e de tributo justo e acertado no tempo-espaço, para que estes contributos sejam conhecidos do(a)s novo(a)s geógrafo(a)s em formação e dos diversos apreciadores desta Escola de Geografia.

Que sua proveitosa leitura possa revelar os momentos e as rupturas deste longo percurso de conquista legítima do espaço da

Ciência Geográfica na esfera da Universidade e dos lugares de Vida percorridos pelos que empreenderam estas lutas acadêmico-institucionais na UFS.

VIVA A GEOGRAFIA SERGIPANA NOS SEUS SETENTA ANOS DE VIDA NA UFS!

Atalaia, Aracaju, 16 de setembro de 2021.

Prof^a Dr^a Rosemeri Melo e Souza

Pesquisadora do CNPq

Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Geografia PPGeo)
da Universidade Federal de Sergipe (UFS)

APRESENTAÇÃO

O livro 70 ANOS DA GEOGRAFIA SERGIPANA (1951-2021): NOS CAMINHOS DA MEMÓRIA é uma iniciativa de professores da Universidade e do Instituto Federal de Sergipe (UFS - IFS) na perspectiva de comemorar este momento representativo da História do ensino superior de Geografia e da pesquisa em ciência geográfica no Estado de Sergipe.

No Brasil há dificuldades no registro de nossa História e, no mundo acadêmico, não é muito diferente. Na ciência geográfica em particular, essa realidade se repete e confirma a falta de registros regulares sobre nosso pensamento e nossas práticas. E no caso da ciência geográfica sergipana, de tão longa data e tantos feitos na graduação, na pós-graduação, no mundo das atividades técnicas, do ensino, da pesquisa e da extensão, esse problema ainda persiste. É exatamente por pretender minimizar estas lacunas históricas que a presente coletânea caminha ao encontro da memória da Geografia acadêmica em Sergipe.

A referida coletânea contém 13 capítulos, alguns já publicados e outros inéditos, que versam sobre alguns aspectos da História da Geografia universitária em Sergipe, seus atores e instituições. A ideia deste resgate perpassa a presente contribuição e, desde já, é fundamental destacar que sem memória inexistente o olhar geográfico acurado sobre o território, a região e o lugar, a respeito da relação homem natureza, acerca da leitura da paisagem e da (des)organização do espaço, ou

seja, das bases epistemológicas dessa província do saber. Deriva daí o ensejo desse resgate para a Geografia acadêmica em Sergipe.

Mas não se trata de uma História com tempo linear, limitada a detalhes institucionais, datas e fatos dessa trajetória exitosa, cheia de desafios. A perspectiva aqui privilegiada trilha dois caminhos correlacionados, duas escolhas deliberadas de registro da memória e, por isso, o livro está dividido em duas partes: “Os Departamentos e a Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe (UFS): nos Espaços da Memória”; e “Em Nome da Memória: Mestres e Mestras da Geografia Sergipana”. Na primeira, os quatro capítulos iniciais versam sobre as instituições, seu contexto, projetos e vida administrativa. Na segunda parte, com nove contribuições, há foco em professores e professoras do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Sergipe.

Se na primeira parte resultou relativamente simples fazer as escolhas institucionais, na segunda, foi grande a dificuldade para selecionar os mestres e as mestras para comporem os capítulos do livro. São muitos os professores e professoras que deixaram marcas indeléveis na construção do acervo geográfico sergipano e contribuíram vivamente na formação de, pelo menos, três gerações. Trajetória iniciada quando o curso era de História e Geografia, e continuada com a separação dos dois cursos nos anos sessenta, a construção da cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, em São Cristóvão, nos anos oitenta, e o momento atual com a presença proeminente do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO) que, desde 1983, é um dos maiores pilares da pesquisa em Geografia no Estado de Sergipe e no Nordeste brasileiro.

Vale ressaltar nossos agradecimentos aos professores que aceitaram prontamente essa tarefa de redigir textos inéditos para a comemoração dos 70 anos da Geografia Sergipana e ao Conselho

Editorial da GeoNordeste, um periódico do PPGEIO da UFS, com circulação desde 1984, pela gentileza em autorizar a republicação de alguns artigos, aqui adaptados pelos organizadores para a forma de capítulos.

Por último, uma saudação especial à comunidade geográfica sergipana na sua tradição e esforço para conhecer nosso território, seus problemas, conflitos socioambientais e identidades e um agradecimento igualmente fastigioso aos professores e professoras pela contribuição para essa trajetória de excelência que, na verdade, corresponde à História da Geografia universitária e, em certo sentido, do pensamento geográfico sergipano, com peso e representatividade na esfera estadual, nordestina e nacional.

Vida longa à Geografia de Sergipe, ao pensamento geográfico sergipano e à História da Geografia em nosso Estado.

Boa leitura a todos e todas.

São Cristóvão, 08 de setembro de 2021

José Wellington Carvalho Vilar

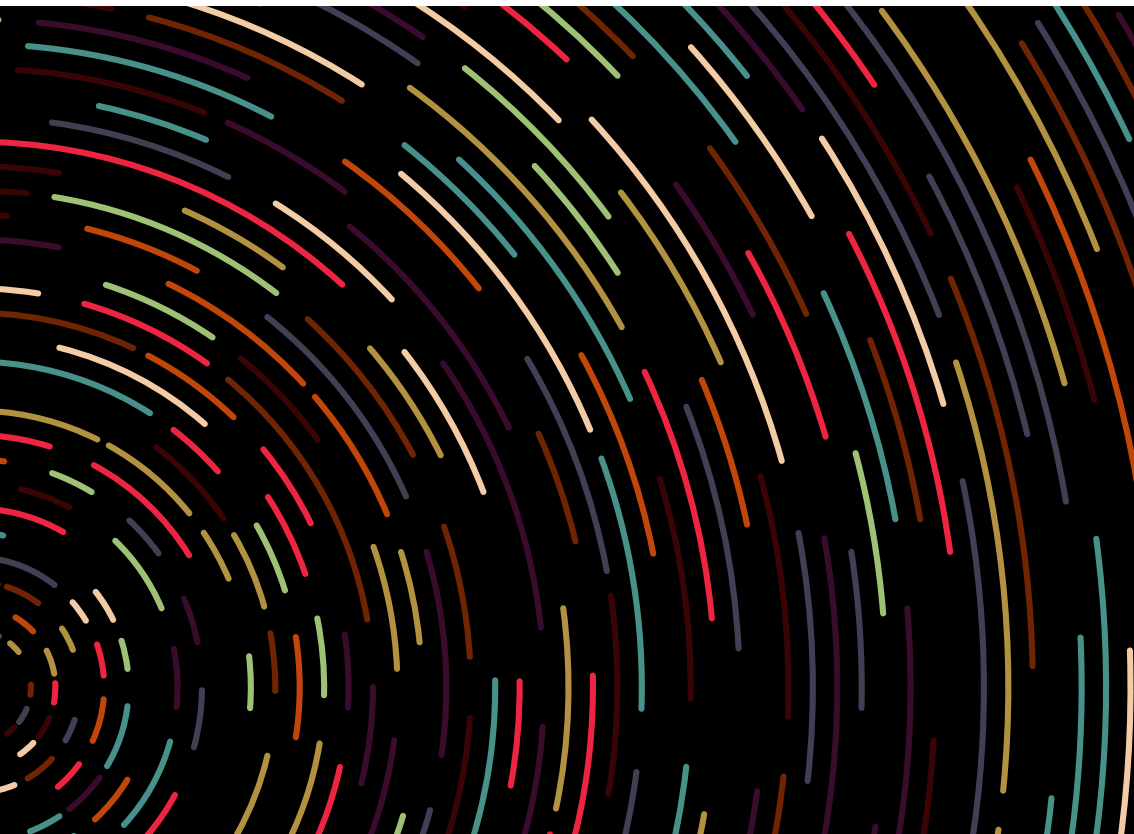
Hélio Mário de Araújo

Gicélia Mendes da Silva

(Orgs.)

PARTE 1

**OS DEPARTAMENTOS E A
PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
(UFS): NOS ESPAÇOS DA MEMÓRIA**



O DGE NO NOVO MILÊNIO: TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE



Hélio Mário de Araújo

Pós-doutor em Geografia Física pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente é professor Titular do Departamento de Geografia e do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe - Campus São Cristóvão, onde leciona e orienta nos cursos de Graduação, Mestrado e Doutorado. Desenvolve pesquisas em Geociências, com ênfase em Geomorfologia e Coordena o Grupo de pesquisa Dinâmica Ambiental e Geomorfologia (DAGED) credenciado no CNPq e certificado pela UFS, com desenvolvimento de projetos em várias linhas de pesquisa.

E-mail: heliomarioaraujo@yahoo.com.br

1 NOTAS INTRODUTÓRIAS

Iniciada nos idos de 1951, a Geografia sergipana comemora seus 70 anos promovendo o desenvolvimento da cultura como meio de formação integral do homem e da elevação moral da sociedade, estimulando, na linha do tempo, a produção científica e preparando candidatos professores e geógrafos críticos capazes de gerar respostas adequadas aos problemas atuais e situações novas decorrentes do avanço da ciência e tecnologia.

De certo, nessa trajetória frondosa de sua existência, em que se cumpriu, com muita reverência, o tripé universitário ensino, pesquisa e extensão, é inegável a contribuição participativa de professores do Departamento de Geografia (DGE) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), técnicos administrativos e alunos que, num esforço comum, marcaram gerações para fazer valer a pena bater os parabéns de aniversário com a consciência institucional do dever cumprido até aqui. Assim, aquilo que procuro lembrar-me é uma memória, e o que todos construíram, uma história.

Registra-se, em resgate histórico da memória do curso de História da UFS (SANTOS, 1999), que no primeiro ano de funcionamento do Curso de Geografia e História, das 30 vagas oferecidas, apenas 7 foram ocupadas pelas seguintes alunas: *Gildete Santos Oliveira*, *Josefina Sampaio Leite*, *Magnória de Nazareth Magno* e *Maria Clara Vieira de Faro Passos* que concluíram a primeira turma em 1954. À época, a estrutura curricular era em regime seriado, totalizando 2.700 (duas mil e setecentas) horas (CAMPOS, 1999), mas com os desmembramentos dos cursos de Geografia e História em 1964, ganhando autonomia, com a criação de departamento específico, o currículo de Geografia foi adaptado aos setores de Geografia Geral, Geografia do Brasil, Geociências e Antropogeografia.

Em 1972, o Departamento de Geografia apresentou uma nova proposta curricular baseada no sistema de créditos, adequando o ementário das disciplinas aos programas didático-pedagógicos, de acordo com as departamentalizações. Mas, com base nos novos rumos do ensino, pesquisa e extensão na universidade, no final dessa década (1978), o Curso de Geografia e vários outros da Instituição, reformulou mais uma vez o seu currículo no momento em que a flexibilização curricular e o pluralismo metodológico salientavam, em si, uma Universidade que pretendia tornar-se moderna e democrática, num momento de renovação da Geografia como ciência no mundo moderno. Assim, o Curso de Geografia a partir de então, com duração mínima de 3 anos e máxima de 7, integralizando 160 (cento e sessenta) créditos, equivalentes a 2.400 (duas mil e quatrocentas) horas, abrangia o Ciclo Básico da área de Humanidades e o Ciclo Acadêmico-Profissional, com disciplinas e atividades pedagógicas para a Licenciatura, inserindo as atividades de pesquisa para a formação dos bacharéis.

Nos anos 1990, já em outro contexto político do país, o Colegiado dos Cursos de Geografia, junto ao Departamento, reformulou a proposta curricular implementada nos anos finais do regime militar, com aprovação do Projeto Pedagógico através da Resolução nº 03/93/CONEPE. Dentre os vários objetivos almejados, sem dúvida, havia uma preocupação coletiva do corpo docente em desenvolver, ao longo do curso, uma consciência ética e humanística com engajamento social, habilitando o profissional para corresponder aos anseios da sociedade. Essa reestruturação curricular levou a ampliação da duração mínima do curso para 4 anos, majorando a carga horária para 2.715 (duas mil setecentos e quinze) horas, correspondendo a 181 (cento e oitenta e um) créditos, distribuídos entre disciplinas obrigatórias e optativas necessárias à integralização dos créditos do curso.

Na virada do novo milênio, velhos desafios persistiam para a Ciência Geográfica em escala planetária e local. Normativas legais estabelecidas no âmbito do Conselho Nacional de Educação a partir de 2001, servindo, inclusive, como referencial para as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação, possibilitaram, após cinco anos de reflexões no Colegiado de Curso, alterações no Projeto Pedagógico através da Resolução nº 035/2009/CONEPE, atualmente vigente.

Assim, com essa nova mudança, os Cursos de Graduação em Geografia passaram a totalizar carga horária de 3.035 (três mil e trinta e cinco) horas, equivalentes a 189 (cento e oitenta e nove) créditos, dos quais 161 (cento e sessenta e um) são obrigatórios e 28 (vinte e oito) são optativos, além das 200 (duzentas) horas obrigatórias de atividades complementares (14 créditos), com estrutura curricular apoiada nos núcleos de conteúdos básicos, de conteúdos profissionais, de estágios e de conteúdos complementares.

Desmembrou-se a Licenciatura diurna, do Curso de Bacharelado diurno que tinha entrada por continuidade de estudos, além da criação do Curso de Licenciatura Noturna e da instituição do Curso de Geografia Licenciatura Modalidade a Distância, iniciado em 2007 através de Resolução específica aprovada pelo Conselho Superior da UFS (CONEPE).

No momento, existe um novo desenho de formação dos Cursos de Graduação em Geografia, com a conclusão da nova Reforma do Projeto Pedagógico a ser reajustado e apreciado pelo Conselho Superior da Instituição para adequar às novas exigências estabelecidas pelo MEC a partir da Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada.

2 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E INFRAESTRUTURA DAS INSTALAÇÕES FÍSICAS DO DGE

O Departamento de Geografia está instalado no Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH) da Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, no município de São Cristóvão (Figuras 1 e 2).

Figuras 1 e 2: Instalações do Departamento de Geografia no térreo.



Créditos – Hélio Mário de Araújo, 2021.

Nas instalações departamentais os ambientes utilizados no desenvolvimento dos cursos de Licenciatura e Bacharelado atendem, adequadamente, aos requisitos mínimos de qualidade indispensáveis à execução das atividades especificadas no Projeto Pedagógico correspondendo aos objetivos, diretrizes e finalidades consignados na proposta dos cursos. Nesse aspecto, para funcionamento da gestão acadêmica, tem-se 1 secretaria, e consta 1 sala de arquivo onde são guardados os documentos e equipamentos de usos diversos, 1 sala para a chefia e 1 sala do Colegiado e Núcleo Docente Estruturante (NDE) para implementação das atividades didático-pedagógicas (Figura 3, 4 e 5).

Figuras 3 e 4: Secretaria do DGE.



Projeto gráfico – Edclei Araújo, 2017.

Figura 5: Sala do Colegiado de curso e NDE.



Projeto gráfico – Edclei Araújo, 2017.

Para atendimento das necessidades dos professores, o Departamento disponibiliza 8 salas climatizadas, mobiliadas, bem iluminadas e dotadas de computadores. Consta, ainda, de 1 auditório com capacidade para 84 lugares, dotado de climatização e recursos áudio visuais, bastante utilizado na realização de atividades acadêmico-científicas para socialização do conhecimento produzido, além de uma ampla sala de reuniões na Didática III com capacidade para agregar os membros do Conselho Departamental, e uma sala desti-

nada ao Centro Acadêmico DALIGEO para reuniões específicas da gestão estudantil (Figuras 6, 7 e 8).

Figura 6: Instalações internas do DGE



Crédito – Hélio Mário de Araújo, 2021.

Figuras 7 e 8: Auditório e Sala de reuniões do DGE.



Projeto gráfico – Edclei Araújo, 2017.

As salas onde são ministradas as aulas estão distribuídas nos blocos das Didáticas I a VI e os banheiros possuem adequação para os alunos portadores de deficiência. Os cursos funcionam no térreo dos blocos, sendo dotados de rampas de acessos para facilitar a mobilidade de pessoas portadoras de necessidades especiais.

3 CORPO DOCENTE E QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

Nos anos 2000, registra-se no Departamento de Geografia novas solicitações de aposentadorias que possibilitaram abertura de concursos públicos de provas e títulos para preenchimento das vagas, mas, é na década seguinte, a partir de 2010, que o número se amplia ocorrendo uma renovação do quadro docente, intensificada com a distribuição de códigos de vagas pelo Governo Federal para abertura de novos concursos nas universidades federais.

Essa possibilidade sufocada que marcou a gestão presidencial de Fernando Henrique Cardoso, pareceu florescer, nos anos iniciais do novo milênio, a partir de 2002, no Governo de Luiz Inácio Lula da Silva com um novo olhar para as Instituições de Ensino Superior (IES), ensejando ao DGE no mandato da gestão acadêmica dos professores Hélio Mário de Araújo - Chefe - e Genésio José dos Santos - Subchefe (2007/2011), através da mobilidade acadêmica interna trazerem, a convite, para o quadro efetivo do Departamento, as professoras Rosemeri Melo e Souza, antes lotada no Departamento de Educação, Campus de São Cristóvão e Gicélia Mendes da Silva, sequenciada por Marcia Eliane Silva Carvalho provenientes do curso de Geografia, Campus de Itabaiana, onde prestaram concurso público.

Dentre os professores do Departamento a lograrem aposentadoria, elenca-se: Agamenon Guimarães de Oliveira, Maria Augusta Mundim Vargas, Alexandrina Luz Conceição, Edvaldo Santos Rocha Teles, Ana Virgínia Costa de Menezes, Vera Lúcia Alves França, José Wallace Bezerra Nascimento e Aracy Losano Fontes. Além desses professores, três outros do quadro efetivo, solicitaram transferência interna para outros cursos, a saber: Ana Cláudia da Silva Andrade e Antônio José Pacheco de Almeida, ambos para o curso de Geologia,

e Rosemeri Melo e Souza, para o curso de Engenharia Ambiental. O professor Celso Donizete Locatel prestou concurso para a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, não sendo possível a recuperação da vaga pelo Departamento. Em 2018, o professor Nelson Fernandes Felipe Júnior, solicitou transferência para a UNILA, havendo permuta com o professor André Luís André que, no momento, integra o quadro efetivo do DGE.

Em 2020, 26 professores compõem o quadro efetivo do Departamento em tempo integral, acrescido de 01 professor substituto, em regime de 40h (Luana Santos Oliveira). Os professores são distribuídos nas Matérias de Ensino em que prestaram concurso público, conforme departamentalização prevista no Projeto Pedagógico em vigor, embora, na prática, vários deles transitem em outras matérias de afinidades colaborando na oferta de componentes curriculares (Quadro 1).

Frisa-se que a busca pelo aprimoramento na formação acadêmica sempre foi uma preocupação do Departamento, bem perceptível pela qualificação dos professores, onde sua maioria, perfazendo 80% do quadro, no intervalo 2000/2020, prosseguiu nos estudos avançados para obtenção da titulação de Doutor na Geografia e afinidades. Para além disso, tem sido recorrente a continuidade desses estudos através do estágio de pós-doutoramento em diversas instituições federais de ensino superior no Brasil (UFC, UFPEL, UFPR, UFMS, UFG, UFRN, UFU, UFF) e, em outros países, a exemplo de Portugal (Universidade de Lisboa - UL e Coimbra - UC) e Cuba (Universidad de La Habana – UH). Sem dúvida, se não fossem as restrições governamentais impostas ao avanço da ciência e tecnologia no país pelo atual presidente Jair Bolsonaro, vários outros professores já teriam dado continuidade ao processo de aperfeiçoamento profissional.

Quadro 1: DGE - Composição do quadro efetivo de professores, 2020.

Nº	Professores	Titulação	Pós-doutorado	Matéria de Ensino	Regime de Trabalho
1	Acássia Cristina Souza	MSc. Geografia	-	Geografia Regional	DE
2	Anselmo Belém Machado	Dr. Geografia	-	Geografia Humana	DE
3	Antônio Carlos Campos	Dr. Geografia	Sim	Geografia Regional	DE
4	André Luís André	Dr. Geografia	-	Geografia Humana	DE
5	Christian Jean-Marie Boudou	Dr. Geografia	-	Métodos em Geografia	DE
6	Débora Barbosa da Silva	Dr ^a Geografia	-	Geo. Física/Planejamento /Ordenamento Territorial	DE
7	Eraldo da Silva Ramos Filho	Dr. Geografia	Sim	Geografia Humana	DE
8	Genésio José dos Santos	Dr. Geografia	-	Geografia Regional	DE
9	Gicélia Mendes da Silva	Dr ^a Geografia	-	Ensino de Geografia	DE
10	Hélio Mário de Araújo	Dr. Geografia	Sim	Geografia Física	DE
11	José Eloízio da Costa	Dr. Geografia	Sim	Geografia Humana	DE
12	Josefa Eliane S. de S. Pinto	Dr ^a Geografia	-	Geografia Física	DE
13	Lilian de Lins Wanderley	Dr ^a Geografia	Sim	Geografia Física	DE
14	Marcia Eliane Silva Carvalho	Dr ^a Geografia	Sim	Geo. Física/Ensino de Geografia	DE
15	Maria do Socorro F. da Silva	Dr ^a Geografia	Sim	Ensino de Geografia	DE
16	Neilson Santos Meneses	Dr. Geografia	-	Geografia Regional	DE
17	Neise Mare de Souza Alves	Dr ^a Geografia	Sim	Geo. Física/Planejamento /Ordenamento Territorial	DE
18	Núbia Dias dos Santos	Dr ^a Geografia	Sim	Geografia Regional	DE
19	Paulo José de Oliveira	MSc. Geografia	-	Representação da Terra	DE
20	Renata Nunes Azambuja	Dr ^a Geografia	-	Geografia Física	DE
21	Ronaldo Missura	Dr. Geografia	-	Representação da Terra	DE
22	Rosana de Oliveira S. Batista	Dr ^a Geografia	-	Métodos em Geografia e Ensino de Geografia	DE
23	Roseane Cristina S. Gomes	Dr ^a Geografia	-	Geografia Regional	DE
24	Shiziele de Oliveira Shimada	Dr ^a Geografia	-	Ensino de Geografia/Métodos em Geografia	DE
25	Sônia de Souza M. Menezes	Dr ^a Geografia	Sim	Ensino de Geografia	DE
26	Táís Kailil Rodrigues	Dr ^a Geologia	Sim	Geografia Física	DE

Elaboração: Hélio Mário de Araújo, 2021.

4 LABORATÓRIOS E GRUPOS DE PESQUISA ASSOCIADOS

Em 2010, com a implementação do Projeto de atualização e configuração de laboratórios para dar suporte ao Projeto Pedagógico dos Cursos aprovado pelo CONEPE em 2009, implantou-se os seguintes laboratórios:

- a) **Representação da Terra:** para dar suporte às diversas linhas de pesquisa que utilizam a representação gráfica como instrumento básico de suas análises e apoiar as disciplinas da Matéria de Ensino, imprescindíveis na formação de profissionais com capacidades e competências para enfrentarem o mundo do trabalho (Figuras 9 e 10).

Localização: Bloco da Didática II, sala 13, térreo.

Figuras 9 e 10: Instalações do Laboratório de Representação da Terra.



Créditos: Hélio Mário de Araújo, 2019.

b) **Estudos Ambientais (LEA):** para atender aos cursos de graduação em Geografia, através da Matéria de Ensino Geografia Física, visando atualizar os métodos e técnicas de análise geográfica através do aparelhamento do ensino e pesquisa no âmbito da UFS e permitir o tratamento da informação geográfica para geração de banco de dados espaciais, bases de informações físicas e geoambientais, na perspectiva de orientar o uso e aplicação dessas informações em trabalhos acadêmicos, pesquisas aplicadas e experiências de monitoramento de gestão (Figuras 11, 12, 13 e 14).

Localização: Bloco Departamental 2, DGE, sala 02, térreo.

Figuras 11 e 12: Instalações do Laboratório de Estudos Ambientais (LEA).



Créditos: Hélio Mário de Araújo, 2019.

Figuras 13 e 14: Instalações do Laboratório de Estudos Ambientais (LEA).



Créditos: Hélio Mário de Araújo, 2019.

Grupos de Pesquisa vinculados: 1) Dinâmica Ambiental e Geomorfologia (DAGEO) (Figuras 15 e 16) - Líder Hélio Mário de Araújo; 2) Dinâmica e Modelagem Costeira – Líder Taís Kalil Rodrigues

Figuras 15 e 16: Instalações do DAGEO.



Projeto gráfico: Edclei Araújo, 2018.

c) Informática: para auxiliar os alunos da graduação no desenvolvimento das tarefas acadêmicas (Figura 17). Além desse espaço, os alunos também dispõem do Laboratório de Informática do Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH) para suprimento das atividades de sala-de-aula;

Localização: Bloco Departamental 2, DGE, sala 07, térreo.

Figura 17: Instalações do Laboratório de Informática.



Projeto gráfico: Edclei Araújo, 2017.

- d) Formação Profissional em Geografia:** visando contemplar as duas modalidades de ensino e, com isso, ampliar a potencialidade de uso de materiais didáticos para os licenciandos e professores de Geografia do Ensino Fundamental e Médio da rede pública e privada possibilitando a prática mais produtiva do ensino de Geografia, além do apoio a realização de aulas de prática de ensino e estágio. Para o Bacharelado, se constitui num espaço de apoio a realização dos estágios e desenvolvimento de projetos de pesquisa no âmbito da área de atuação da Geografia, utilizando técnicas laboratoriais concernentes à produção do conhecimento geográfico;
- Localização:** Bloco da Didática III, sala 13, térreo.

- e) Reestruturação do Laboratório de Estudos Rurais e Urbanos (LABERUR):** se constitui numa necessidade de integração das disciplinas da área de conhecimento da Geografia Humana com as áreas de Planejamento e Ordenamento Territorial e as demais disciplinas do tronco comum dos cursos de

graduação em Geografia. Tem como objetivo dar suporte às diversas linhas de pesquisas que utilizam dados e informações relativas ao espaço rural e urbano como instrumento básico de suas análises, além de apoiar os grupos de pesquisas, pesquisas científicas, estágios curriculares, entre outras atividades.

Localização: Bloco Departamental 3, CECH, sala 13, térreo.

Grupos de Pesquisa vinculados: a) Território, Cultura e Representações (GPTeC) - Líder Genésio José dos Santos; b) Transformações no Mundo Rural - Líder José Eloízio da Costa; c) Estudos e Pesquisas sobre Alimentos e Manifestações Tradicionais (GRUPAM) - Líder Sônia de Souza Mendonça Menezes.

5 PRODUÇÃO INTELECTUAL COLETIVA

A análise do *Currículo Lattes* dos professores do Departamento mostra o quanto, no conjunto, tem sido farta a produção bibliográfica envolvendo diversos temas de interesses individuais e coletivos da Ciência Geográfica em suas ramificações, Ciências Ambientais e afinidades, justificada pelas horas de dedicação à pesquisa científica, muito bem representada através dos artigos científicos produzidos e publicados em periódicos especializados nacional e internacionalmente, associados aos livros publicados e organizados, capítulos de livros, trabalhos completos e resumos expandidos, esses dois últimos, publicados em anais de eventos científicos. Assim, o conjunto das obras demonstra a capacidade de interação em coautoria com os alunos de graduação e pós-graduação, professores do Departamento e de outras áreas e instituições de ensino de nível superior no Brasil e fora dele (Figura 18).

Figura 18: Livros lançados pelo Departamento de Geografia, 2006/2010.

Crédito: Hélio Mário de Araújo, 2021.

Em 2006, foi lançado pela Editora da UFS o livro “*O ambiente urbano: visões geográficas de Aracaju*”, organizado pelos professores Hélio Mário de Araújo, Rosemeri Melo e Souza, José Wellington Carvalho Vilar e Lilian de Lins Wanderley, como contribuição do Departamento de Geografia ao conhecimento socioambiental da capital sergipana, no momento em que se comemorou o sesquicentenário da cidade. A obra contém temas variados sobre a realidade urbana de Aracaju e, é também, o resultado de pesquisas e atividades de extensão desenvolvidas por professores e estudantes do Departamento de Geografia da UFS e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS).

Questões a respeito da natureza da cidade, sobre sua trajetória, seus cenários paisagísticos atuais e inquietações sobre o futuro de Aracaju são levantadas na tentativa de abrir um espaço de diálogo sobre a territorialidade da capital sergipana. Algumas dessas questões são respondidas, outras são somente levantadas e boa parte delas permanece, propositalmente, em aberto. Nesse sentido, este livro é um convite à reflexão sobre Aracaju, “*aquela tabaroa vestida de chita e calçada de tamancos*” na frase célebre de Gumerindo Bessa, e que hoje convive com traços de modernidade e de tradição, com

grandes desigualdades socioespaciais, com falta de identidade geográfica e com dificuldades para resolver seus problemas presentes e pensar nos cenários futuros e desejados.

Em síntese, o fio condutor que percola os doze capítulos do livro é a preocupação com alguns dos principais problemas contemporâneos de Aracaju. Talvez sua maior contribuição seja a forma diferenciada, as diferentes leituras e os vários olhares com que os geógrafos locais tentam entender a sociodiversidade da capital sergipana. A repercussão da obra no meio acadêmico e fora dele, na linha do tempo, conclama por uma nova edição agregando mais professores do Departamento que desenvolvem pesquisas sobre Aracaju.

Em 2010, o Departamento lançou pela Editora UFS o livro *“Temas de Geografia contemporânea: teoria, método e aplicações”*, organizado pelos professores Hélio Mário de Araújo e Núbia Dias dos Santos. A coletânea apresentada neste livro resulta das inquietações de um grupo de pesquisadores que, ao abraçarem a ciência geográfica, têm mergulhado para buscar no aporte teórico o conhecimento necessário para a reflexão do mundo que se faz e é plural na sua essência, complexo e contraditório. Essa Geografia plural procura se utilizar de métodos e aplicações para dar maior sentido à produção do conhecimento geográfico contemporâneo e, assim, poder contribuir na construção de um novo pensar e agir no espaço dos homens para além do espaço da razão monetária do capital.

Neste sentido, o livro reúne doze capítulos, dos quais oito resultam da trajetória solitária do pesquisador no seu exercício cotidiano do pensar e refletir as mudanças promovidas no espaço pela ação antrópica e seus diversos agentes e os desdobramentos advindos de tal ação. Somam-se quatro contribuições elaboradas no exercício do refletir o mundo a partir dos saberes teóricos elaborados, do pensar o método e apresentar aplicações para trilhar um caminho que, se

não fornece respostas prontas e acabadas, nos enriquece na formulação de novas inquietações. São reflexões advindas das proposições daqueles que mergulham na teoria e nela buscam se debruçar na realidade movidos pelo olhar técnico, mas motivados pela expectativa e esperança de fazer da ciência um caminho de democratização da prática do ser sujeito social promotor da reflexão e da ação na elaboração de um mundo mais justo e igualitário.

Ainda em 2010, numa parceria do Instituto Federal de Sergipe com o Departamento de Geografia, houve, pela Editora UFS, o lançamento do livro *“Território, meio ambiente e turismo no litoral sergipano”*, organizado pelos professores José Wellington Carvalho Vilar e Hélio Mário de Araújo, como contribuição ao debate sobre o (Des)Ordenamento Territorial dos cenários ambientais no litoral do Estado de Sergipe.

A estruturação dos temas dessa coletânea produzida por pesquisadores pós-graduados e especialistas em diversos ramos da Ciência Geográfica, baseou-se nos seguintes eixos: perspectivas de ordenamento territorial, dinâmica ambiental e os cenários territoriais e turismo e desenvolvimento territorial. O conteúdo do livro está distribuído em 15 capítulos nos quais são analisadas as características das dinâmicas socioambientais e os cenários territoriais, suas potencialidades e limitações geoambientais. Para a adequação das atividades relacionadas ao turismo, à pesca e aos recursos hídricos, foram confrontadas as características demográficas e socioeconômicas com as políticas territoriais vigentes sob a ótica do desenvolvimento territorial.

Conforme relatou a Geógrafa e Professora Dr^a Tereza Cardoso da Silva da UFBA ao prefaciar a obra *“... o bom resultado alcançado pela publicação deste compêndio deve-se ao nível elevado de competência da equipe executora e dos organizadores, pautados no ideário do desenvolvimento territorial sustentável”*.

Outra contribuição de grande monta, fruto do empenho coletivo no fazer didático, refere-se à produção do caderno de aulas, indispensável a condução das disciplinas do Curso de Licenciatura em Geografia EaD, que contou com a colaboração de grande parte dos professores diretamente envolvidos com a modalidade, além de vários outros, não vinculados ao Departamento, mas que possuem formação específica na Ciência Geográfica.

A elaboração do material didático iniciou em 2007, para dar suporte as disciplinas ofertadas no semestre inicial da primeira turma em 2008, prosseguindo a sua produção de acordo com as ofertas de componentes curriculares subsequentes. Em 2012, o curso já tinha integralizado a produção do material didático obrigatório e cerca de 90% do material didático optativo.

Novas revisões já deveriam ser feitas nos cadernos elaborados, mas a insuficiência de recursos do Governo Federal para esse aspecto específico da modalidade a Distância tem sido um entrave para atualizações de conteúdo, e uma porta aberta para inserções de postagens de conteúdos complementares, em um sistema que se mostra fechado na proposta de um manual para ser estritamente seguido pelo coordenador de disciplina.

6 RENOVAÇÃO DE RECONHECIMENTO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO

Após longas datas de sua existência e do reconhecimento ocorrido em 19 de maio de 1956 (D.O.U. do Decreto Lei nº 39.093), o Curso de Geografia Licenciatura teve sua *renovação de reconhecimento* pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), através de avaliação de regulação nos moldes presenciais no período de 31/08/2011 a 03/09/2011, quando na época estavam na gestão administrativa do DGE os professores Hélio Mário de Araújo - Chefe - e o professor Genésio José dos Santos - Subchefe.

No processo de avaliação, quatro categorias foram, rigorosamente, consideradas: Dimensão 1 (Organização Didática Pedagógica) peso 5; Dimensão 2 (Corpo Docente, Discente E Técnico-Administrativo) peso 5; Dimensão 3 (Instalação Física) peso 3; e Dimensão 4 (Requisitos Legais e Normativos) sem atribuição de peso, apenas verificação de regularidade normativa, para efeito de atribuição do conceito final no procedimento de avaliação.

Na síntese da avaliação preliminar do curso de Geografia, a Comissão de avaliação estabelecida pelo MEC, assim, sinalizou:

(...) identificamos que o percurso oferecido ao alunado propõe formar o profissional de Geografia que deverá utilizar em seu trabalho (ensino, pesquisa e extensão), conhecimentos de investigação científica adquiridos na formação acadêmica a partir de princípios, métodos e técnicas específicas e gerais da Ciência Geográfica, como um agente transformador da realidade local, regional, sob a égide de uma formação humana, embasada em bases epistemológicas nos campos da Geografia e da Educação (RELATÓRIO e-MEC, 2011, p. 3).

Disse mais,

(...) fato marcante verificado foi **a excelente qualificação do corpo docente, seu regime de trabalho, bem como da sua produção científica**. Estas qualidades **estão bem representadas na figura da Coordenação do Curso**, salientando o nível de qualidade do Ensino de Geografia na UFS, como resultado do profícuo apoio dos órgãos colegiados do Curso, tais como, do Conselho Departamental, do Colegiado do Curso e do Núcleo Docente Estruturante (Grifo nosso – RELATÓRIO e-MEC, 2011, p. 3).

No processo de avaliação das categorias, o Curso de Geografia obteve a pontuação máxima na dimensão 1, merecendo da Comissão as seguintes considerações:

O curso de Geografia encontra-se plenamente articulado com a gestão institucional e as políticas institucionais, com a implementação das ações, objetivos e cronograma previstos no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), no âmbito do Curso.

O curso encontra-se em fase de implementação e adaptação à nova grade curricular, iniciando o curso de Licenciatura no período noturno e a oferta de outro no período matutino, além de separação do curso de Bacharelado em Geografia. O empenho do Colegiado de Curso com o apoio do NDE é eficaz nesta fase de transição com a implementação progressiva das novas grades curriculares, uma vez que são necessárias as equivalências das disciplinas, adequação de horários e ofertas para os alunos da antiga grade.

As instâncias coletivas de deliberação encontram-se implementadas e articuladas com as instâncias colegiadas superiores, com representação discente, adequadamente.

Os conteúdos curriculares apresentados no PPC encontram-se perfeitamente definidos, atualizados e coerentes com os objetivos do curso e perfil do egresso. A carga horária é plenamente adequada ao alcance dos objetivos do curso e há plena coerência com as Diretrizes Curriculares Nacionais. Há atividades extraclasse que complementam satisfatoriamente a carga horária prevista e formalmente reconhecidas com Atividades Complementares, tudo respaldado por atos formais (RELATÓRIO e-MEC, 2011, p. 5/6).

As considerações sobre as demais dimensões, evidenciam, de forma cristalina, o reconhecimento da Comissão de avaliadores do quanto somos, temos, cumprimos e fazemos com o ideário de quali-

dade no processo de formação profissional ancorado no tripé ensino, pesquisa e extensão, contando à época, com uma gestão administrativa departamental democrática/participativa aberta ao diálogo, colaboração do quadro docente, discente e técnico administrativo. Tais elementos, aliados às especificidades requeridas em cada dimensão, individualmente, contribuíram para que o Curso alcançasse a pontuação máxima em todas elas.

Assim, o Curso de Licenciatura em Geografia chegou ao conceito final 5, nota máxima atribuída pelo INEP/MEC, por ter apresentado um *perfil muito bom de qualidade*. Frisa-se que, na época, dos mais de 100 cursos de graduação existentes na UFS, a Geografia, pioneira e, logo depois, a Arqueologia, foram os únicos cursos a obterem a nota máxima no processo de avaliação na renovação de reconhecimento.

Em 2014, no período de 10 a 13/08, na gestão acadêmica dos professores Genésio José dos Santos - Chefe - e Hélio Mário de Araújo - Subchefe, o Departamento de Geografia recebeu a visita de avaliadores do MEC com a finalidade de fazerem a avaliação de regulação de reconhecimento do curso de Geografia Licenciatura EaD que conta com 13 polos de Ensino a Distância distribuídos em diversos municípios.

No processo de avaliação, levou-se em consideração as quatro dimensões utilizadas no curso presencial, sendo constatado pela Comissão, entre outros aspectos que,

(...) existe uma boa articulação entre a gestão institucional e a gestão do curso e que a implantação das políticas para o curso, constantes do PPC, ocorrem de forma suficiente.

Em relação à coordenação do curso ficaram evidenciados que o Coordenador Hélio Mário de Araújo tem uma excelente dedicação à gestão do curso, sobretudo, pela sua inserção

institucional, dialogicidade, transparência e liderança no exercício das funções, além do envolvimento, domínio e comprometimento com o Projeto Pedagógico do curso.

Os objetivos pretendidos pelo curso e o perfil do egresso proposto estão sendo atendidos satisfatoriamente de acordo com o PPC. O curso apresenta uma boa correspondência entre o número de vagas e o corpo docente. Os conteúdos curriculares propostos são relevantes, atualizados e coerentes com os objetivos do curso, verificando-se um relevante dimensionamento da carga horária tanto presencial como à distância, para o bom desenvolvimento do curso (Grifo nosso - RELATÓRIO e-MEC, 2014, p.8).

Demais disso,

(...) os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento das atividades do curso foram selecionados e articulados com eficiência pedagógica e contribuem significativamente com o desenvolvimento do espírito científico e com a formação de sujeitos autônomos e cidadãos.

Existe uma boa interação entre coordenador do curso, coordenador de tutores, docentes, tutores e estudantes, conforme constatado nas entrevistas (RELATÓRIO e-MEC, 2014, p. 8).

Por todo o exposto, considerando, ainda, os referenciais de qualidade dispostos na Legislação vigente, nas Diretrizes da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (CONAES) e no instrumento de avaliação do e-MEC, o Curso de Licenciatura em Geografia EaD da Universidade Federal de Sergipe obteve o conceito final 4, *com perfil muito bom de qualidade.*

7 PARCERIAS EM ATIVIDADES DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Em 2002, o Departamento encerrou sua participação no Projeto de Qualificação Docente (PQD), iniciado em 1997, através do convênio celebrado entre a Universidade Federal de Sergipe e o Governo do Estado de Sergipe, com a formatura da última turma de Licenciatura em Geografia do Polo de Itabaiana.

O projeto tinha como principal objetivo aprimorar a qualificação profissional de professores da rede pública estadual de ensino com atuação no interior do Estado na formação básica, oferecendo cursos de graduação nas diferentes áreas das licenciaturas, inserindo a Geografia. Funcionou nas sedes das Diretorias Regionais de Educação do Estado de Sergipe, com as atividades didático-pedagógicas (aulas presenciais) concentradas em dois dias da semana (quinta-feira e no sábado) desenvolvidas nos polos de Estância, Lagarto, Itabaiana, Nossa Senhora da Glória e Propriá.

O PQD repercutiu positivamente no interior do Estado, mudando o perfil dos professores que concluíram a Licenciatura em Geografia agregando novos conhecimentos no processo de formação profissional. A repercussão do seu impacto na dinamização do ensino médio e na vitalização política evidencia-se com a ascensão de vários egressos em cargos da administração pública nos diversos municípios, além do surgimento de novas lideranças educacionais, culturais, políticas e sociais.

A experiência com o PQD levou a Universidade Federal de Sergipe a incluir no Plano de Desenvolvimento Institucional 2005/2009, a instalação de polos regionais de ensino de graduação a distância em diversos municípios do interior do Estado constituindo o Programa de Ensino Superior a Distância, consolidado com a criação do Centro de Educação Superior à Distância (CESAD), através da Resolução

nº 49/2006/CONSU, e adesão em 2007 ao Programa da Universidade Aberta do Brasil (UAB).

A inserção do Departamento de Geografia ao referido Programa ocorre em 2007, com a criação do Curso de Licenciatura em Geografia na modalidade a distância ofertada em treze polos de apoio presencial localizados nos municípios de Arauá, Brejo Grande, Carira, Estância, Japarutuba, Lagarto (Colônia 13), Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora das Dores, Poço Verde, Porto da Folha, Propriá, São Cristóvão e São Domingos.

O curso é previsto para 09 (nove) períodos letivos, podendo o aluno integralizá-lo no tempo mínimo de 08 (oito) e no máximo de 12 (doze) períodos letivos. A integralização curricular exige que o aluno curse disciplinas do currículo geral (obrigatórias, optativas e atividades complementares), totalizando 3.195 horas/aula. Permite-se por semestre letivo cursar no máximo 28 (vinte e oito) créditos, na média de 24 (vinte e quatro) e no mínimo 20 (vinte).

O curso de Geografia Licenciatura nessa modalidade se preocupa com a formação científica integral do aluno, visando à promoção de uma consciência ética e humanista, com engajamento social e político, capaz de habilitar o profissional a atender os anseios da sociedade.

Nesse aspecto, na elaboração do Projeto Pedagógico levou-se em consideração que o processo de formação tem como fundamento a atividade intencional do aluno na resolução de problemas do mundo real em diversas situações e instâncias (técnica, interpessoal, política etc.) as quais apoiam-se em informações para obter uma gama de saberes e metodologias que vêm se desenvolvendo e renovando permanentemente. Assim, mesmo reconhecendo o significado dessas novas possibilidades, considerou-se, também, que é essencial a compreensão de que, no processo educativo, a tecnologia consiste em um meio e não um fim. Daí a importância da abordagem pedagó-

gica que privilegia a autonomia e a responsabilidade do aluno sobre sua própria aprendizagem, preparando-o para continuar aprendendo, ou seja, para aprender a aprender.

Portanto, interatividade, cooperação e autonomia são elementos fundamentais na dinâmica do processo ensino-aprendizagem nessa modalidade, sendo indispensável a utilização de diversas mídias combinadas que possibilitam ao aluno alcançar o aprendizado de forma efetiva.

Na produção do material didático, foi muito importante o engajamento dos professores envolvidos com a modalidade para, em tempo mínimo, cumprirem as determinações do CESAD, fazendo chegar ao aluno, o suporte básico indispensável para acompanhamento das disciplinas, uma vez que a maior parte das atividades são desenvolvidas a distância. Os alunos são acompanhados por um professor coordenador de disciplina, além dos tutores a distância disponíveis em horários estabelecidos nos laboratórios instalados no CESAD.

Como atividade extensionista, frisa-se a execução do Projeto *“Gestão Urbana Integrada: Aplicação do Sistema de Informação Geográfica na Região Metropolitana de Aracaju”* desenvolvido pelo Laboratório de Estudos Rurais e Urbanos (LABERUR) do Departamento de Geografia, no período 2012 a 2016, sob coordenação do professor Antônio Carlos Campos. Esse projeto priorizou quatro municípios da Região Metropolitana de Aracaju, envolvendo a capital do Estado (Aracaju), com a finalidade de implantar o SIG como ferramenta indispensável na gestão urbana para atender à Secretaria Municipal de Finanças e Planejamento, Educação e Saúde, na perspectiva de torná-las mais organizadas, evitando gastos desnecessários com a visão ampla adquirida da máquina administrativa.

Visou ampliar a capacidade de planejamento e análises municipais com vistas à melhoria dos processos decisórios no âmbito

metropolitano explorando as possibilidades plenas do SIG. Assim, a metodologia utilizada possibilitou subsidiar tecnicamente os gestores de cada Secretaria da Administração Municipal na identificação da situação, com a finalidade de proporcionar planejamento estratégico através de mapeamentos e zoneamentos específicos que visam à melhoria no processo de tomada de decisões, dentro dos parâmetros de desenvolvimento presentes no Plano Diretor e nos sistemas de controle indicados pelos programas do Ministério das Cidades.

Outra atividade de pesquisa e extensão relevante, refere-se ao convênio estabelecido entre a Universidade Federal de Sergipe, através do Departamento de Geografia e a PETROBRAS, iniciado em 2016, ainda em andamento sob a coordenação do professor Eraldo da Silva Ramos Filho, no desenvolvimento do Programa de Educação Ambiental com as Comunidades Costeiras (PEAC), abrangendo os municípios do litoral sergipano e dois municípios do litoral norte da Bahia, visando desenvolver ações socioeducativas, no sentido de promover, principalmente a gestão integrada dos projetos de Educação Ambiental vinculados aos processos de licenciamento ambiental das atividades de exploração e produção de petróleo e gás natural na Bacia Sedimentar Sergipe/Alagoas.

Dentre os resultados alcançados, registra-se os cursos formativos e de capacitação, a mitigação para a compensação ambiental, palestras de sensibilização ambiental, além das devolutas para as comunidades considerando a natureza da pesquisa-ação. Na primeira fase de execução do projeto (2016/2017) em que esteve à frente a professora Maria do Socorro Ferreira da Silva, além do envolvimento de alunos do Bacharelado experimentando a vivência com a pesquisa científica revertida em estágio, a contrapartida, possibilitou ao Departamento de Geografia modernizar parte de seu mobiliário em diversos ambientes de suas instalações como se avista nas figuras 3,

4, 5, 7, 8 e 17, inserindo-se, inclusive, bancadas dos laboratórios de Informática, Estudos Ambientais e estante para livros no laboratório de Formação Profissional em Geografia.

8 ORGANIZAÇÃO DE REUNIÕES CIENTÍFICAS, JORNADAS, SIMPÓSIOS E SIMILARES

O Departamento de Geografia, na linha do tempo, sempre manteve a tradição na organização de reuniões científicas (Figura 19). Os anos 1990 do século XX, por exemplo, foram marcados pelas *Semanas da Geografia*, chegando à 6ª edição.

Figura 19: Eventos realizados pelo Departamento de Geografia, 2010/2011.



Crédito: Hélio Mário de Araújo, 2021.

Nos anos iniciais do novo século, em fevereiro de 2001, o Colegiado de curso na coordenação do professor Hélio Mário de Araújo, organizou a 1ª Jornada Universitária de Estudos Geográficos, com a temática central “*Geografia: novo milênio, Velhos Desafios*”. A conferência de abertura, refletindo sobre esse tema, contou com a participação da Profa. Dra. Rosemeri Melo e Souza, à época, lotada no Departamento de Educação da UFS.

O objetivo desse evento era promover o desenvolvimento do saber, propiciando aos estudantes de graduação e pós-graduação, professores do Ensino Fundamental e Médio e demais interessados, condições para apresentarem suas produções científicas, ideias e experiências profissionais, na perspectiva de fortalecer os laços de intercâmbio, confiabilidade e respeito entre os que operam a Ciência Geográfica.

No período de 13 a 16 de outubro de 2004, realizou-se em Aracaju no Hotel Del Mar, o VI Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (SBCG). Esse evento de peso na climatologia brasileira foi organizado pelo Núcleo de Pós-graduação em Geografia da UFS na coordenação da professora Josefa Eliane Santana de Siqueira Pinto, em parceria com o Departamento de Geografia, com a expectativa de reunir pesquisadores de todo Brasil e do exterior interessados na questão climática, ampliando as discussões de outros saberes, a exemplo da Engenharia Agrônômica e Meteorologia, além de estudos específicos da Geografia envolvendo a Biogeografia.

A partir da temática “Diversidades climáticas” esse evento teve como objetivo contribuir com ampla discussão sobre especificidades dos climas regionais, interações, desafios e perspectivas para a Climatologia Geográfica, visando levar a sociedade contribuições sobre a diversidade dos climas brasileiros.

As conferências foram selecionadas com abrangência de outros temas, igualmente interessantes para nossa comunidade e bastante atuais. Foi programada uma conferência de abertura com temática relativa ao “Aquecimento Global e Saúde” e, outra, com o Secretário da Sociedade Internacional de Climatologia, abordando sobre “Climatologia e Satélites”. Ocorreram três mesas-redondas envolvendo quatorze pesquisadores convidados pela expressividade de sua produção e a pertinência com as temáticas.

Além de lançamento de livro, reservou-se um dia inteiro para as comunicações livres, com expositores orais e em forma de painel, contando com a participação integral de todos os congressistas, concentrados nas contribuições e pondo em evidência a produção da Climatologia brasileira, da Geografia e da Meteorologia.

O espaço de diálogo, por fim, se constituiu numa inovação com momentos de conversa informal entre graduandos e pós-graduandos com o Professor Dr. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, baluarte da Climatologia brasileira, que se propôs a atuar como observador do evento, se manifestando ao término dos trabalhos no âmbito de sua sabedoria.

Em 2010, na chefia do professor Hélio Mário de Araújo, o Departamento organizou o I Simpósio Sergipano de Geografia Contemporânea, no período de 28 a 30 de abril, com periodicidade para sua realização a cada dois anos. O referido evento trouxe como tema central “*Recursos Naturais, Sustentabilidade e Apropriação do espaço*” abordado em conferência de abertura pela Profa. Dra. Ana Luiza Coelho Netto, do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O assunto tratado, pela sua importância e recorrência, abre a perspectiva de agregar conhecimentos que possibilitem a discussão e reflexão frente à problemática que envolve a relação sociedade e natureza, tendo em vista a necessidade de se repensar o modelo atual de organização social com o padrão de consumo que compromete a qualidade de vida no planeta.

Esse evento, de iniciativa conjunta do Departamento de Geografia (DGE) e do Centro Acadêmico (DALIGEO) da UFS, Campus de São Cristóvão, visou proporcionar aos estudantes de Graduação em Geografia dos cursos presenciais e a distância, pós-graduação, profissionais da área e de ciências afins, um espaço de diálogo, motivado pelo compromisso permanente com a ética e a vida. O evento

comportou em sua estrutura, conferências, mesas-redondas, oficinas e apresentação de trabalhos.

Ainda em 2010, no dia 07 de julho, houve a realização do II Colóquio de Formação Profissional em Geografia. O referido evento é de caráter anual e teve sua primeira edição em 2009 como resultado da nova reestruturação curricular dos cursos de graduação em Geografia (Licenciatura e Bacharelado), cuja proposta de projeto pedagógico prevê no processo de formação profissional as práticas acadêmicas-científicas-culturais como atividades complementares.

Atendendo a essa nova exigência, o evento abre a perspectiva de agregar conhecimentos que possibilitem a discussão e reflexão de temas que visem ao aprimoramento teórico nas duas habilitações. Neste sentido, se constitui em uma atividade permanente do Departamento de Geografia da UFS, Campus de São Cristóvão, proporcionando aos estudantes de Geografia (Presencial e a Distância), pós-graduação e profissionais da área, um espaço de diálogo motivado pelo compromisso permanente com a ética e a vida. Estruturalmente, o evento comportou uma conferência de abertura e mesa-redonda. Nessa segunda edição, o evento apresentou a seguinte temática central: “*Geografia: Limites, Possibilidades e Perspectivas no século XXI*” – Conferência proferida pela Profa. Dra. Beatriz Maria Soares Pontes, do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Outro evento importante de âmbito local, foi o I Seminário Turismo e Geografia, realizado no período de 01 a 03 de dezembro de 2010 nas dependências da UFS. Esse evento, idealizado pelos cursos de Turismo e Geografia da Instituição, visou reunir acadêmicos e profissionais para discutirem sobre turismo e a sua relação com a ciência geográfica. Apresentou como tema central “*Abordagem teórico-metodológica interdisciplinares*”, contando com profissionais que se

reuniram em mesas-redondas, conferências e minicursos, debatendo temáticas relevantes das duas áreas do conhecimento. Na conferência de abertura para discutir o tema *“Turismo – Abordagens conceituais e metodológicas”* contou-se com a participação do Prof. Dr. Luiz Gonzaga Godoi Trigo da Universidade de São Paulo (USP), e na conferência de encerramento, discutindo o tema *“A Patrimonialização do Patrimônio”*, a Profa. Dra. Rita de Cássia Ariza da Cruz, também da USP.

Em 2011, no período de 15 a 18 de novembro, ocorreu a segunda edição do Simpósio Sergipano de Geografia Contemporânea, associado à terceira edição do Colóquio de Formação Profissional em Geografia. O simpósio propôs discussões sobre as interdependências entre dinâmicas naturais, sociais, políticas e culturais que estruturam a realidade espacial e permeiam os problemas socioambientais rurais e urbanos através do tema *“Usos e conflitos na apropriação da natureza”* abordado em conferência de abertura pelo Prof. Dr. Marco Antônio Tomasoni, do Departamento de Geografia da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

O colóquio propiciou reflexões sobre o ensino, pesquisa e extensão na perspectiva da produção do conhecimento científico dos cursos de Geografia no Brasil e em Sergipe. Além disso, a comemoração dos 60 anos da Geografia na UFS reforçou a importância da realização desse evento na história da produção acadêmica da Geografia sergipana.

Além do Departamento de Geografia e o Centro Acadêmico (DALIGEO) na organização desses eventos, houve a parceria do Grupo de pesquisa Dinâmica Ambiental e Geomorfologia (DAGEO), vinculado ao DGE e ao Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO).

Para atender necessidades específicas do Curso de Licenciatura em Geografia na modalidade a distância, em 2013, houve a criação do Encontro Temático disciplinar do Ensino de Geografia a Distância,

para estabelecer uma maior aproximação entre os alunos, coordenadores de disciplinas e tutores, de forma presencial, na perspectiva de melhor aprimorar os conteúdos dos livros didáticos utilizados na modalidade a distância, proporcionando uma melhor preparação dos estudantes para as avaliações presenciais. O encontro transcorre semestralmente, considerando a oferta estabelecida na grade curricular do Projeto Pedagógico do curso.

Além desse importante evento, nessa mesma modalidade de ensino, em 2014, o Departamento, através da coordenação de curso do EaD, organizou o Seminário de Práticas de Ensino em Geografia na Educação a Distância, de caráter semestral, visando propiciar momentos de reflexão sobre a Geografia Escolar, seus desafios e possibilidades, além de socializar os saberes teóricos e práticos dos Estágios Supervisionados em Ensino de Geografia e refletir sobre a práxis pedagógica através da troca de experiências no contexto da Geografia Escolar.

A estrutura desse evento comportou dois momentos: o primeiro se constituiu em reflexão teórica sobre o ensino de Geografia, podendo ser em forma de palestra e/ou mesa-redonda e, o segundo, baseou-se nas sessões de comunicações orais, com apresentações simultâneas dos relatos de experiências nos estágios supervisionados, onde os alunos, individualmente ou em dupla, são avaliados por uma banca constituída de três professores do quadro do Departamento de Geografia envolvidos com a modalidade, além de Tutores, Professores da formação básica e outros professores especialistas na ciência geográfica.

O evento mais recente realizado pelo Departamento, ocorreu no período de 24 a 28 de maio de 2021, coincidindo com a proximidade da data comemorativa ao geógrafo, celebrada no dia 29. A Semana do Geógrafo (SEMAGEO), transcorreu de forma virtual pelo canal do YOUTUBE em decorrência da pandemia de Covid-19.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tradição e modernidade caminham juntas em um Departamento que segue escrevendo a sua história comprometida com a ciência e a formação de profissionais com competência técnica e científica capaz de articular o ensino, pesquisa e extensão na produção e difusão do conhecimento geográfico e na prática pedagógica.

O desenvolvimento dessas habilidades se materializa na relação existente dos cursos de Geografia com as políticas institucionais da UFS, sendo notória a participação dos professores na elaboração de propostas de projetos que visam à integração e ao fortalecimento das relações internas para valorizar e estimular o exercício da docência na perspectiva de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino na Educação Básica.

Assim, tem sido crescente a adesão de professores e alunos da Licenciatura e Bacharelado aos Programas de Monitoria; Iniciação à Docência (PIBID); Residência Pedagógica (RP); PROLICEN; Iniciação Científica – IC (PIBIC/CNPq, PIBIC/COPEs, PIBIC/FAPITEC, PICVOL) e Iniciação a Extensão (PIBIX), bases fundamentais para o fortalecimento de um Departamento que capacita profissionalmente, preparando o aluno para uma participação na produção, sistematização e superação do saber, baseada na unicidade teoria-prática, à base do tripé universitário: ensino, pesquisa e extensão.

O novo milênio impôs ao DGE, novos desafios, com persistência dos antigos, ainda muito arraigados internamente, onde práticas individualizadas confrontam a construção coletiva de uma unidade departamental que pretende avançar. O quadro docente se renovou, isso é fato, mas, qual será o lugar da Geografia no futuro?

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Hélio Mário de. **Memorial para acesso a classe E, de Professor Titular**. São Cristóvão, UFS/CECH/DGE, fevereiro, 2015.

CAMPOS, A. Carlos. O espaço da Geografia na história da UFS. In: ROLLEMBERG, M. S. T.; SANTOS, L. A. (Orgs.). **UFS - História dos Cursos de Graduação**, São Cristóvão/SE, 1999.

DGE. **Projeto Pedagógico dos cursos de Geografia** – Resolução nº 035/2009/ CONEPE, UFS, Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, São Cristóvão, 2009.

MEC. **Relatório de avaliação de renovação de reconhecimento do curso de licenciatura em Geografia – Campus de São Cristóvão**. Brasília/DF, 2011.

_____. **Relatório de avaliação de reconhecimento do curso de licenciatura em Geografia EaD – Campus de São Cristóvão**. Brasília/DF, 2014.

SANTOS, L. Andrade. Curso de História: resgate da memória histórica. In: ROLLEMBERG, M. S. T.; SANTOS, L. A. (Orgs.). **UFS – História dos cursos de graduação**, São Cristóvão/SE, 1999.

UFS. **Catálogo geral**. São Cristóvão/SE, 1999.

_____. **Resolução nº 21/2007/CONSU** que aprova os cursos de graduação na modalidade Educação a Distância, UFS, Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, São Cristóvão, 2007.

30 ANOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (1983-2013): NOS CAMINHOS DA MEMÓRIA*



José Alexandre Felizola Diniz

Professor Aposentado da Universidade Federal de Sergipe e Idealizador da Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Licenciado em Geografia e História pela Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Doutor e Livre Docente em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP – Rio Claro).
E-mail: jafdiniz1941@gmail.com

* Conferência ministrada por ocasião do evento intitulado **NPGeo (Núcleo de Pós-Graduação em Geografia) - 30 anos (1983-2013). Produzindo Conhecimento**, realizado na Universidade Federal de Sergipe (UFS), em 2013. O título da conferência é **Caminhos e Tessituras da Geografia: NPGeo e suas Linhas de Pesquisa**. A transcrição da conferência gravada foi feita pela doutoranda Vanilza da Costa Andrade, do PPGeo da UFS. O professor Dr. José Wellington Carvalho Vilar (IFS - UFS) fez a revisão inicial do texto, procurando manter a fala em sua coloquialidade, mas adicionando algumas notas explicativas para esclarecer nomes de pessoas e algumas situações. O texto também sofreu ligeiras adaptações para se adequar a uma fala escrita e também foram acrescentados tópicos para agilizar a leitura. A professora Dra. Vera Lúcia Alves França (UFS) fez a segunda revisão e acrescentou mais algumas notas. E, por último, o professor Dr. José Alexandre Felizola Diniz leu o texto final e concordou com a versão que ora se torna pública como memória da Pós-Graduação em Geografia da UFS. Texto publicado na Revista GeoNordeste, São Cristóvão, Ano XXVIII, n. 2, p. 247-272, Jul./Dez. 2017. ISSN: 2318-2695. Agradecemos ao Conselho Editorial da revista pela autorização para republicação no presente livro.

1 INTRODUÇÃO

Bom dia! (...). A partir da visita de Josefa¹ e Vera² e da menina que elaborou o vídeo³, Laiany⁴, (...), eu comecei a refletir, a relembrar todo o processo de criação da Pós-Graduação na Universidade Federal de Sergipe e na Geografia. Minha memória já não é tão boa quanto a de Vera França, mas dá para relembrar alguma coisa ainda. Telefonei para Vera, conversei com ela e Augusta⁵, que deixou um texto⁶ publicado na GeoNordeste contando como foi a primeira turma do Mestrado da Pós-Graduação. Tudo isso foi me ajudando a recuperar as informações sobre o que ocorreu aqui na Universidade Federal de Sergipe.

Eu comecei a me acostumar um pouco com essa questão de memória a partir da criação do Museu de Arqueologia de Xingó. Essa máquina do tempo imperfeita que é a memória da gente, porque ela é sempre meio fria, e além de imperfeita, não transmite a paixão dos momentos. E tudo isso aqui foi feito com muita paixão! Todo o processo de criação da Pós-Graduação da Universidade Federal de Sergipe foi feito com muita paixão e isso a memória não registra, mas um evento como esse às vezes traz de volta a paixão e a gente relembra de alguma coisa, relembra desses momentos vividos.

¹ Refere-se à Dra. Josefa Lisboa, professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus Itabaiana, e coordenadora do PPGeo (Programa de Pós-Graduação em Geografia) da UFS, no ano de realização do evento.

² Refere-se à Dra. Vera Lúcia Alves França, professora aposentada da UFS e do PPGeo.

³ Refere-se ao vídeo elaborado por componentes do PPGeo em comemoração aos 30 anos da Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal de Sergipe e que foi exibido durante o evento.

⁴ Refere-se à aluna Layane Rose Souza Santos, Doutoranda junto ao PPGeo da UFS.

⁵ Refere-se à professora Dra. Maria Augusta Mundim Vargas (UFS - PPGeo).

⁶ VARGAS, M. A. M.. **Geografizando nos Grifos da Memória**. Texto disponível na Edição 2013, número 2, da Revista GeoNordeste. <https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/1507/1332>

Agora mesmo eu recebi o livro de Wellington⁷ e Hélio Mário⁸ e disse a eles, (...), se eu tenho algum receio, alguma culpa pelos gritos que eu dei, pelas cutucadas que eu dei, agora não tenho mais nenhuma, porque valeu a pena. Valeu a pena o que eu vi ontem com a apresentação de Josefa, que mostra que o meu trabalho pessoal e de todo mundo que participou desse processo foi muito rico. Neuza⁹ você não viu ontem, mas nós estamos de parabéns. Quem está de parabéns não sou eu, é o NPGeo!¹⁰ Todo mundo, porque eu acho que foi um sucesso incrível o que houve. Ontem o vídeo mostrou tudo que se tentou fazer, teve continuidade, não morreu.

(...).

A memória no Brasil é terrível e a gente se acostumou na universidade em criar várias coisas, e essas coisas morrerem pouco tempo depois. Não há necessariamente continuidade. Mas no caso da Geografia, a gente tem que se congratular pela continuidade do processo que certamente vai continuar. Inclusive eu quero parabenizar ao Núcleo pela GeoNordeste, que eu nem sabia que continuava, agora de forma digital. A GeoNordeste foi criada com muito esforço dentro dessa perspectiva de que Sergipe é periferia.

⁷ Refere-se ao professor Dr. José Wellington Carvalho Vilar (IFS - UFS). Refere-se também ao livro **Território, Meio Ambiente e Turismo no Litoral Sergipano**, publicado pela EDUFS, em 2010, e que um pouco antes de iniciar a conferência foi apresentado ao Prof. Dr. José Alexandre Felizola Diniz.

⁸ Refere-se ao professor Dr. Hélio Mário de Araújo, atual Chefe do Departamento de Geografia (DGE) da UFS, Professor Permanente do PPGeo da UFS, e co-autor do livro **Território, Meio Ambiente e Turismo no Litoral Sergipano**, publicado pela EDUFS, em 2010.

⁹ Refere-se à Neuza Maria Góis Ribeiro, professora aposentada da UFS e colaboradora nos primeiros anos do NPGeo – UFS.

¹⁰ NPGeo é a sigla original do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe que em 2016 passou a ser denominado PPGeo – Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Olhe bem, vamos deixar logo isso assentado. Eu sou sergipano, então posso falar. Se fosse paulista não podia, ouviu Rita¹¹? Mas como eu sou sergipano, eu posso falar: Sergipe, a periferia da periferia. Embora, por exemplo, nos órgãos técnicos do Nordeste, quando havia SUDENE, Sergipe sempre foi considerado num patamar acima (...). O pessoal da SUDENE dizia que Sergipe era a “Suíça Nordestina”. (...). Mas é um Estado pequeno, politicamente fraco, com uma universidade muito pequena, frágil e isso pesa, pesa negativamente. E a gente enfrentou isso durante todo o processo de criação da Pós-Graduação em Geografia, na Universidade Federal de Sergipe. Sempre sendo os pioneiros, implantando pela primeira vez as coisas, mas tendo que carregar o peso imenso, que, às vezes, não era só peso, era oposição mesmo. (...). E isso foi sentido sempre e vocês certamente continuam e continuarão a sentir durante muito tempo, graças ao que Rita colocou tão bem ontem que é essa desigualdade, essa desigualdade regional, que se reflete no Ensino Superior e na Pós-Graduação. Mas tem que ser enfrentado com trabalho (...). Eu não esqueço nunca que eu e Vera fizemos o primeiro Atlas Digital do Brasil. Nem sei quando foi, 1996? Era uma Atlas Digital Socioeconômico de Sergipe. Era um Atlas para ser usado em computador, era socioeconômico.

(...).

Então a GeoNordeste está no caminho certo, fazendo hoje de uma forma digital, porque ninguém está mais fazendo revista científica impressa. A maior parte é mesmo digital. Então eu fiquei muito satisfeito, porque fui eu que iniciei a GeoNordeste, sempre dentro da-

¹¹ Refere-se à professora Dra. Rita Ariza Cruz da USP, convidada para o evento **NPGeo - 30 anos (1983-2013). Produzindo Conhecimento**, realizado na UFS, em 2013, e presente na plateia.

quela outra ideia que vai permear toda a minha fala: não vamos ficar sozinhos, porque sozinhos nós não vamos a lugar nenhum. Então vamos fazer a GeoNordeste, não é GeoSergipe, é GeoNordeste, para tentar aglutinar a produção científica do Nordeste, que não tinha uma publicação regular. Qual era minha estratégia subversiva? Vão ter que ficar ligados a Sergipe, porque a publicação está aqui. Então Sergipe sobe, passa a ser mais respeitado. Era essa sempre a estratégia.

A Pós-Graduação é o tema central da minha fala. Josefa e Vera (...) queriam que recuperasse um pouco o início, porque a Pós-Graduação não nasce do nada, tem todo um processo anterior que tem que ser recuperado. Por que não se pode instalar uma Pós-Graduação do nada. Eu chego em Aracaju em 1975, vindo de Rio Claro¹² e depois da UnB. Já chego em Aracaju com minha formação completa, já como Doutor e Livre-Docente, e por isso não tinha que me preocupar com minha formação, estava pronta. E o que é mais importante, eu tinha uma rede de conhecimento nacional, do pessoal de Rio Claro, sobretudo, da USP, da UFRJ, de Pernambuco. Meu pai intelectual (...) é o Manoel Correia¹³. Foi quem primeiro me deu a mão e me puxou, queria muito bem a ele. Era na realidade um Pai para mim!

2 O PAPEL DO IBGE

E uma coisa que se está esquecendo no Brasil hoje em dia, é o papel como Centro de Pesquisa do Departamento de Geografia do IBGE. É preciso recuperar um pouco isso, porque o IBGE se esvaziou.

¹² Atual UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Rio Claro.

¹³ Refere-se ao professor Emérito da UFPE, Manoel Correia de Andrade, já falecido, e que desde o início do NPGeo foi um grande colaborador, inclusive ministrando disciplinas participando de bancos e eventos.

A partir de não sei qual governo militar a Geografia do IBGE se esvaziou até fisicamente, perderam até os espaços físicos. Mas antes a Geografia do IBGE era fundamental. Naquele processo getulista de criação do espaço brasileiro a partir dos anos trinta, o IBGE foi fundamental, porque ninguém conhecia o Brasil. Foram os geógrafos do IBGE, que correram o Brasil em cima de veículos precaríssimos, dormindo em rede montada em dois pés de pau, que trouxeram o conhecimento do Brasil para o centro do país e para a área urbana.

O IBGE como Centro de Pesquisa foi extremamente importante, pelo menos até a década de setenta e início dos oitenta, com nomes respeitados internacionalmente e muitos amigos meus: Lysia Bernardes¹⁴, Nilo Bernardes¹⁵, Elza Keller¹⁶, aquela que tinha sido minha mentora em Rio Claro, mas que depois voltou para o IBGE, e Roberto Lobato¹⁷ que era do IBGE. Roberto Lobato foi para Universidade Federal do Rio de Janeiro muito depois. Ele fez a carreira toda dentro do IBGE. Carlos Augusto Monteiro¹⁸, Pedro Geiger¹⁹, Fany Davidovich²⁰, irmã de Bertha Becker²¹, que faleceu há pouco tempo. Não posso nem falar de todo mundo, senão vou me perder. Esperidião Faissol²² que tinha inclusive um papel internacional muito grande, representava

¹⁴ Refere-se à ex-professora Lysia Maria Cavalcanti Bernardes da UFRJ, já falecida, especialista em Planejamento Urbano e Regional.

¹⁵ Refere-se ao ex-professor da UFRJ, já falecido, especialista em Geografia Agrária.

¹⁶ Refere-se à Dra. Elza Coelho de Souza Keller, ex-geógrafa do IBGE e ex-professora da FFCL de Rio Claro, atual UNESP de Rio Claro, e orientadora da Tese de Doutorado do Professor José Alexandre Felizola Diniz, defendida em 1968, com o título **Organização Agrária do Município de Araras**.

¹⁷ Refere-se ao professor Dr. Roberto Lobato Correa da UFRJ e do IBGE.

¹⁸ Refere-se ao Dr. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, professor aposentado da USP e especialista em Climatologia Urbana.

¹⁹ Refere-se à Pedro Pinchas Geiger, ex-professor da UFRJ e geógrafo do IBGE.

²⁰ Refere-se à Dra. Fany Rachel Davidovich, ex-geógrafa do IBGE.

²¹ Refere-se à professora Dra. Bertha Koiffmann Becker, da UFRJ, já falecida.

²² Geógrafo e ex-professor da UFRJ e da UERJ.

o Brasil junto à União Geográfica Internacional (UGI). A representação do Brasil junto à União Geográfica Internacional era do IBGE. Então, eu tinha muitos contatos no IBGE e na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Eu tinha uma rede de amigos e contatos que me facilitaram o trabalho aqui em Sergipe.

3 PIONEIRISMO NA REGIONALIZAÇÃO: A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DO ESTADO DE SERGIPE

E chego em Aracaju de volta em 1975, eu tinha saído em 1964, com o rabo entre as pernas, porque tinha sido preso, e fui para Rio Claro. Volto quase dez anos depois e encontro uma universidade que não existia no meu tempo. Só existiam cinco Faculdades isoladas e encontro a Universidade de Sergipe. E o que era a universidade de Sergipe? Uma Escola Normal Superior. Isso quem dizia era Doutor Aloísio²³ que foi reitor. Não tinha quase nada, era simplesmente um “colejão” que dava aula para formar licenciados ou alguns profissionais técnicos na área de Química, de Contabilidade, Economia e Direito e Medicina, que começou depois. O resto era licenciatura. Era tudo extremamente precário. Eu chamo de época heroica da universidade em que as coisas eram feitas sem condição nenhuma. Nenhuma. Nada, absolutamente nada.

É nessa situação de um esforço imenso que eu cheguei em Aracaju em agosto de 1975. E com a minha chegada se inicia o contato com a SUDENE, através do CONDESE (Conselho de Desenvolvimento de Sergipe), naquela época não havia Secretaria de Planejamento, havia Conselho de Desenvolvimento Econômico em cada estado. Gilson Ca-

²³ Refere-se ao Dr. José Aloísio de Campus, ex-reitor da Universidade Federal de Sergipe entre 1976 e 1980, já falecido.

jueiro²⁴ era o Secretário Geral do CONDESE e havia sido meu colega de Ginásio. Gilson recebe da SUDENE a incumbência de criar o grupo que vai fazer a Regionalização do Estado de Sergipe e ele monta o convênio com a Universidade. Havia um grupo fazendo a regionalização em todos Estados do Nordeste. Era aquela época inocente, entre aspas, ingênua em que se achava que regionalizar, que a regionalização melhoraria o planejamento. A ideia era planejar, então vamos planejar regionalmente e vamos fazer até governos regionais. A gente era bobo ou era ingênuo, porque achava que podia dividir poder. Hoje é muito claro que poder não se divide, ao contrário, se concentra.

Recebo a incumbência do reitor Luiz Bispo²⁵ de criar o grupo que vai fazer a Regionalização de Sergipe, a través do Departamento de Geografia. Eu disse, professor e nós vamos trabalhar onde? A universidade só tinha sala de aula, nós estávamos naquele prédio da rua de Campos que hoje é o IPES²⁶. Não tinha nenhuma sala disponível na universidade para esse grupo ficar trabalhando. E nós tínhamos um trabalho de cartografia para fazer e não pode estar enrolando e desenrolando mapa sem espaço físico. Nós tínhamos que ter um espaço. Sabe o que Luiz Bispo fez? Desaloja o Serviço Social da Reitoria, de uma sala antiga, na rua de Lagarto. (...). Era uma sala de mais ou menos 6 metros ou 7 metros por 3 e desaloja o Serviço Social da Universidade, colocando-o embaixo da escada da Reitoria. E a gente ocupa essa sala. E transporte? O CONDESE nos deu duas aero willys para se percorrer o estado de Sergipe inteiro.

Com isso se consegue fazer o que a SUDENE depois rotulou de melhor trabalho de Regionalização do Nordeste, porque eu não parti

²⁴ Gilson Cajueiro de Holanda, ex-reitor da UFS entre 1980 e 1984, já falecido.

²⁵ Ex-reitor da UFS entre 1972 e 1976, já falecido.

²⁶ IPES – Instituto de Previdência do Estado de Sergipe.

apenas para a regionalização. Do pessoal que participou, daqui eu acho que só tem Neuza. (...) Agamenon²⁷, que já faleceu, também participou até o fim. Adelci²⁸ e Zé Augusto²⁹ faziam parte da equipe. (...). Eu não optei, como outros estados, em fazer a regionalização. Não. Nós não conhecemos Sergipe. Geograficamente nós não temos nenhuma informação sobre Sergipe. Nós não conhecemos Sergipe geograficamente. Então a gente tem que fazer um trabalho de Geografia de Sergipe, o primeiro trabalho de Geografia de Sergipe, para daí sair a Regionalização. E foi o que a gente fez e chamou de “Organização Espacial do Estado de Sergipe”, um documento imenso, cujo último capítulo era a Regionalização.

E para discutir essa Regionalização final a gente monta um evento grande em Aracaju com o pessoal da SUDENE e eu trago simplesmente Nilo e Lysia Bernardes para discutir a Regionalização. Eu sempre trouxe uma pessoa de fora para discutir, para melhorar. Até então, as condições eram muito precárias. Mas se foi avançando, porque inclusive eu e minha mulher fomos os primeiros professores da área de Humanas em regime de 40 horas na Universidade. Todo mundo era tempo parcial, para dar aula. Havia algumas pessoas de 40 horas na área de Exatas, de Matemática e Física, mas era também para dar aula. Não havia nenhuma disponibilidade de hora para pesquisa, para ninguém. (...).

Mas as coisas começavam a mudar. A CAPES começava a agir. Eu inclusive vim para Aracaju trazido por Adelci, Chefe do Departamento

²⁷ Refere-se ao professor MSc. Agamenon Guimarães de Oliveira, ex-professor do DGE da UFS, já falecido.

²⁸ Refere-se à Livre Docente Adelci Figueiredo Santos, ex-professora do DGE e pioneira no NPGEO da UFS.

²⁹ Refere-se ao professor MSc e geógrafo José Augusto Andrade, do DGE da UFS, hoje aposentado.

mento de Geografia na época, que havia passado um ano comigo em Brasília na UNB, mandada pela CAPES, que começava a experimentar algumas coisas, entre elas essa ideia do visitante. Então Adelci foi para UNB (...) com bolsas paga pela CAPES. E ela tentou e conseguiu trazer a gente para cá.

A equipe para fazer a Organização Espacial foi treinada no trabalho, no campo: Hosana³⁰, Zé Augusto, Neuzinha³¹, Adelci e Humberto³², também já falecido, Agamenon, Ana Virgínia³³, Cecília³⁴ que eram estagiários, porque eram alunos ainda. Francisco Barreto³⁵ também. Foi uma equipe muito boa e percorremos todo estado aplicando o questionário de agricultura, de população e de rede urbana.

Como eu disse, trouxe Lysia e Nilo para fechar essa discussão. Sempre foi minha tendência trazer uma pessoa de fora. E com essa Organização Espacial de Sergipe, os contatos se ampliam, sobretudo no Nordeste, com Recife e Salvador, começando uma certa visibilidade do grupo de Geografia de Sergipe, que antes era um Departamento apenas para dar aula e formar licenciados. Então começa essa visibilidade, essa minha busca pela visibilidade. (...).

³⁰ Refere-se à Maria Hosana de Souza, professora do DGE da UFS, hoje aposentada.

³¹ Refere-se à Neuza Maria Góis Ribeiro, professora aposentada da UFS e colaboradora nos primeiros anos do NPGEO – UFS.

³² Refere-se ao professor Humberto Rocha Souza do DGE da UFS, já falecido.

³³ Refere-se à professora Dra. Ana Virgínia Costa de Menezes, do DGE da UFS e do NPGEO, hoje aposentada.

³⁴ Refere-se à professora Dra. Maria Cecília Pereira Martins, do DGE da UFS, hoje aposentada.

³⁵ Refere-se à Francisco Barreto, aluno do curso de Licenciatura em Geografia na época.

4 A FUNDAÇÃO DA AGB (ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS) EM SERGIPE E A PARTICIPAÇÃO NO CONGRESSO DE PENEDO

Quando a gente fundou a AGB aqui, em 1961, e fomos para o congresso de Penedo³⁶, nosso professor de Geografia Humana era Bonifácio Fortes³⁷ que tinha sido colega da Faculdade de Direito de Manoel Correia, em Recife. Bonifácio era um Geógrafo nato, com uma formação quase autônoma e tinha feito aquele curso que foi dado pela UGI em 1955³⁸, quando houve o Congresso Internacional de Geografia, no Rio de Janeiro, e que os professores franceses ficaram ministrando um mês de aula para o pessoal da Geografia brasileira.

Então, nós fundamos a AGB aqui em Sergipe e Manoel Correia veio com Araújo³⁹ que era o secretário-geral da AGB nacional. Está na história da USP, a história está toda muito interligada, não está separada não. E nós fomos para AGB e o Bonifácio disse ao Manoel que eu tinha escrito um trabalho sobre Aracaju, que certamente alguns de vocês conhecem, aquele primeiro trabalhinho “Aracaju, Síntese de sua Geografia Urbana”. E Manoel disse que a Lysia Bernardes estaria presente no Congresso de Penedo⁴⁰ e (...) ela poderia dar uma lida no seu trabalho e melhorar o seu trabalho. (...). Eu tinha feito

³⁶ Refere-se à 16ª Assembleia da Associação de Geógrafos Brasileiros, realizado em 1962, na cidade alagoana de Penedo.

³⁷ Refere-se ao advogado José Bonifácio Fortes Neto, professor da Cadeira de Geografia Humana da Antiga Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, já falecido.

³⁸ Refere-se ao curso de Altos Estudo Geográficos ministrado por geógrafos do quilate de Hilgard O'Reilly Sternberg, Pierre Deffontaines, Carl Troll e André Cailleux, entre outros, após o XVIII Congresso Internacional de Geografia, realizado em 1956, no Rio de Janeiro. É o primeiro evento desse porte no Brasil e que consegue ter um grande impacto na Geografia Brasileira.

³⁹ Refere-se ao ex-professor José Ribeiro de Araújo Filho da USP.

⁴⁰ Refere-se à Assembleia da Associação de Geógrafos Brasileiros, realizado em Penedo – Alagoas, em 1962.

esse trabalho ainda como aluno de Geografia, andando de bicicleta pela cidade.

Quando eu chego na AGB de Penedo, Manoel olha para mim e diz: amanhã de manhã você vai apresentar seu trabalho. Eu digo: como é? Ele respondeu: vai apresentar o seu trabalho. Eu não tinha levado absolutamente nada, não tinha levado um mapa, não tinha levado nada, foi de surpresa. Foi um sucesso, porque um menino lá de Aracaju apresenta um trabalho de pesquisa feito autonomamente e uma das pessoas que me elogiou muito e depois ficou conversando muito comigo foi simplesmente Caio Prado Júnior, que participava anualmente como sócio fundador da AGB. (...).

Eu fiquei junto da Lysia Bernardes, nós almoçávamos num hotel de Penedo e depois do almoço ela sentava comigo ao lado, no sofá, e lia comigo página por página do trabalho. Então eu fui considerado o geniozinho de Penedo. Sempre na AGB tinha um geniozinho. Na AGB anterior, tinha sido Roberto Lobato. Então sempre tinha um geniozinho!

5 A CHEGADA EM RIO CLARO E A PRESENÇA DA PROFESSORA ELZA KELLER

Então cheguei em Rio Claro como o geniozinho da Geografia. Resultado, Dona Elza⁴¹ me diz: vou fazer uma prova amanhã com você. (...). Então sentei lá e ela fez uma série de questões, uma prova de Geografia Humana. Quando chego bem fagueiro para conversar com ela sobre a prova, recebi um zero. Aí eu tive assim um golpe. Eu só não voltei para cá, porque se voltasse ia ser preso. Então é melhor ficar por aqui, aguentar esse zero do que ir para cadeia. Então vou

⁴¹ Refere-se à professora Elza Coelho de Souza Keller, ex-geógrafa do IBGE e ex-professora da FFCL de Rio Claro, atual UNESP de Rio Claro.

ficar aqui. Era cadeia, porque fui líder estudantil da União Estadual dos Estudantes de Sergipe e ator do Centro Popular de Cultura fazendo Teatro Popular por aí... (...).

E o que tinha acontecido na prova? Simplesmente Dona Elza questionou o uso das expressões fatos de ocupação destrutiva do solo, fatos de ocupação produtiva e fatos de ocupação improdutivos do solo, os fatos essenciais da Geografia Humana⁴². Simplesmente eu estava usando autores franceses de 30 anos atrás, que era o que Bonifácio⁴³ conhecia e a gente estudava. A coisa já estava em outro nível. (...).

Num seminário, Dona Elza me deu um tema de irrigação no mundo. Rio Claro tinha uma biblioteca fantástica com as revistas internacionais mais importantes do mundo. Fucei tudo, fiz até mapeamento de tipos de irrigação no mundo inteiro, recuperando as informações de diversos artigos. Quando eu chego para Dona Elza, (...) ela riscou onde dizia que a irrigação pode ser um processo técnico avançado ou pode fazer parte de um gênero de vida. Ela disse: eu quero que você me diga o que é gênero de vida? Eu falei mais ou menos uma bobagem lá que nem lembro mais. E ela diz: tenho mais alguns livros para você ler aqui sobre gênero de vida para você não usar um conceito que você não sabe. (...).

⁴² Refere-se principalmente às ideias de Jean Brunhes em sua obra *Geografia Humana*, publicada originalmente em 1910, na França, com três volumes. Em 1935, a obra foi publicada numa edição abreviada. No Brasil, a primeira edição condensada é de 1962, publicada pela Editora Fundo de Cultura, do Rio de Janeiro.

⁴³ Refere-se ao advogado José Bonifácio Fortes Neto, professor da Cadeira de Geografia Humana da Antiga Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, já falecido.

6 O PRIMEIRO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DA UFS: GEOGRAFIA APLICADA AO PLANEJAMENTO

Eu sabia que o pessoal daqui tinha aquela formação que eu tinha, e era preciso recuperar essa formação. Então o que eu faço? Eu monto o primeiro curso de Especialização na universidade, um curso de Especialização em Geografia Aplicada ao Planejamento. Neuza está aqui, foi aluna. Lílian⁴⁴ foi aluna. (...) E outras pessoas da comunidade também participaram. Eu lembro de Lilian⁴⁵, Cibele⁴⁶ da SEPLAN e mais outras pessoas. Geografia Aplicada ao Planejamento para reforçar o conhecimento do pessoal. Algumas pessoas de fora vieram. Roberto Lobato veio dar aulas de Geografia Urbana e também Bertha Becker. Para parte de cartografia, que eu tinha notado uma fraqueza muito grande, eu trouxe Christine⁴⁷, da Bahia.

7 OS PRIMEIROS LIVRE-DOCENTES DA UFS E DA GEOGRAFIA SERGIPANA

Paralelamente a isso, há um processo na universidade de Livre-Docência. E isso está sendo esquecido, mas não pode. O sistema Paulista sempre teve a Livre-Docência. Vocês sabem o que é Livre-Docência? (...) Nosso Sistema Universitário era baseado na Cátedra, havia um professor catedrático que dava ordem naquela Cátedra. Ele era senhor e dono absoluto da Cátedra. Incontestável. Não poderia ser demitido, era permanente, estável e a última palavra era dele. Ele determinava,

⁴⁴ Refere-se à Geógrafa Lílian de Lins Wanderley, Professora Doutora junto ao Departamento de Geografia e ao PPGeo da Universidade Federal de Sergipe.

⁴⁵ Refere-se à ex-professora de Geografia da antiga Escola Técnica Federal de Sergipe, atual IFS, Lílian Corrêa Machado, hoje aposentada.

⁴⁶ Geógrafa aposentada da SEPLAN (Secretaria de Planejamento) em Sergipe.

⁴⁷ Refere-se à professora Dra. Bárbara-Christine Nentwing Silva da UFBA que colaborou com o NPGeo e PPGeo da UFS.

a depender do catedrático, até as aulas que os seus assistentes davam (...). O que aconteceu? Chegava um momento em que o assistente tinha crescido tanto, tinha feito o Doutorado, que já não precisava, não queria estar submetido às ordens, à dominação do catedrático. Então ele poderia fazer, (...), um concurso de Livre-Docência. Ele não chegava à Catedrático, porque a vaga do Catedrático estava tomada e enquanto não morresse ou se aposentasse, a vaga estava ocupada. Mas ele era livre na docência dele. Isso era a Livre-Docência. Em São Paulo esse sistema continua até hoje, embora não exista mais a Cátedra, que passou a ser um degrau na promoção da carreira.

Mas as federais tinham essa carreira. Nesse processo, em meados da década de 1970, o Conselho Federal de Educação resolveu dizer o seguinte: vai ser proibida a Livre-Docência nas Universidades Federais para quem não tem Doutorado. E só para quem fizer a Livre Docência até determinado tempo, não sei se foi 1997/98, essa Livre-Docência equivaleria ao Doutorado. Bagunçou o coreto, porque o sistema Paulista de Livre-Docência era muito mais do que o Doutorado.

Havia também a questão do Professor Titular e o concurso de Catedrático anterior nas federais que dava ao Catedrático o título de Doutor. Bem, então o Conselho diz: quem fizer até tal período a Livre-Docência tem o título de Doutor.

E aqui se estimulou algumas pessoas a fazerem-na. Cinco candidatos da Universidade Federal de Sergipe fizeram a Livre-Docência. Esse pessoal precisa ser lembrado, porque foi um esforço imenso, lutar contra a maré para fazer um concurso como esse. Airton Teles, na Medicina, que morreu logo depois, dizem que foi infarto produzido pela Livre-Docência. Era a nata da intelectualidade sergipana que se colocava publicamente num concurso para ser questionado. Isso não é fácil, não naquela época. Hoje em dia se está muito mais acostumado a ser questionado e acabar com essa ideia da sapiên-

cia, mas naquela época isso era muito arraigado. Eram todos professores titulares da universidade, considerados o máximo em suas respectivas áreas, e que se colocavam publicamente diante de uma banca que questionava a sua sabedoria. E a ideia era: ou você sabe tudo ou você não sabe nada.

Eu lembro quando Vera foi defender a primeira Dissertação de Mestrado no nosso Núcleo aqui, foi uma “briga desgraçada”. Discutiu-se muito e depois dessa discussão toda, Vera passa com 10. Houve aquele comentário: brigaram tanto, criticaram tanto e depois deram 10. Porque não se entendia muito bem a ideia da crítica científica.

Foi Airton Teles, da Medicina, Raimundo Mendonça de Araújo, da Morfologia, Silvério Leite Fontes, da História, (...), e os nossos dois que merecem ser lembrados: (...) Adelci e Emmanuel Franco⁴⁸. Adelci fez parte fundamental da implantação da Pós-Graduação e desse processo de transformação do Departamento de Geografia de cursinho de formação de professores em Centro de Pesquisa. Adelci fez parte fundamental disso e a coragem de ter feito a Livre-Docência tem que ser reverenciada. É muita força de vontade e muito trabalho. (...).

8 A NECESSIDADE DE CAPACITAÇÃO DOCENTE E A FORMAÇÃO DA PRIMEIRA GERAÇÃO DE PROFESSORES DA PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Esse processo de mudança da Geografia não está isolado, ele faz parte de um processo de mudança geral da universidade na década 1970. Rita ontem falou sobre os governos militares lembrando da ideia de desenvolvimentismo, então as universidades também

⁴⁸ Professor do Departamento da Geografia da UFS e do NPGeo nos primeiros anos do curso, já falecido.

sofrem mudanças. E aqui o que acontece? Entra um novo reitor, o professor José Aloísio de Campos, que não pode ser esquecido, tem até busto dele na reitoria. Um grupo, inclusive com dinheiro próprio, colocou aquele busto lá para ninguém esquecer. O Campus também se chama José Aloísio de Campos. Ele cria todo um processo de mudança da universidade, que está ligado às mudanças que vem também do governo federal, a construção do Campus da universidade com equipamentos, biblioteca e uma mudança fundamental no currículo da universidade inteira. Eu sei porque eu fui relator desse processo de mudança do currículo geral da universidade, que inclusive permitiu a criação dos Bacharelados.

O desenvolvimento do PICD, Plano Institucional de Capacitação de Docentes da CAPES, permite mandar para fora pessoas que vão obter naquela época o título de Mestre. No nosso caso, o PICD na Geografia, é o caso de Neuzinha que vai para Recife com Agamenon. Eu fui orientador dos dois. E em Recife, eu já participava como professor do curso de Manoel Correia, do Mestrado⁴⁹. Cecília, Hosana e Tereza Cruz⁵⁰ vão para Rio Claro e Eliane⁵¹ vai para São Paulo, para USP. (...). Então a gente manda esse primeiro grupo para fazer Mestrado fora. (...). Zé Augusto também vai, mas não continua, volta. Vai Edvaldo⁵², também não continua e volta. Desse grupo vão sair os primeiros docentes da Pós-Graduação que virá depois. A esse grupo se acrescenta a professora Vânia Fonseca⁵³, vinda de São Paulo por recomendação do pessoal de Rio Claro, e também vem Dieter Heide-

⁴⁹ Refere-se ao curso de Mestrado em Geografia da UFPE, à época coordenado pelo professor Manuel Correia de Andrade.

⁵⁰ Refere-se à professora Maria Tereza Souza Cruz da UFS, já aposentada.

⁵¹ Refere-se à Dra. Josefa Eliane Santana de Siqueira Pinto, professora do DGE e do PPGE da UFS.

⁵² Refere-se ao professor Edvaldo Santos Rocha Teles, do DGE da UFS, já falecido.

⁵³ Refere-se à professora Dra. Vânia Fonseca, do DGE, NPGEO e PRODEMA da UFS, hoje

mann⁵⁴, indicado por Manoel Correia. Eu queria uma pessoa de uma formação diferente, senão esse pessoal vai ficar com “minha cabeça só” e não pode ser. Manoel recomenda Dieter, porque eu queria uma pessoa da Geografia Crítica. Então vem o Dieter Heidemann e algum tempo depois vem a Maria Geralda⁵⁵.

E a gente começa a ter um grupo que já começa a pensar um pouco diferente, mas, até então, não estava muito clara a ideia de Pós-Graduação. É a ideia de um grupo de pesquisa, de trabalho de pesquisa. A ideia da Pós-Graduação vai começar talvez em 1979/1980, com a ideia de se poder pensar em Núcleos de Pós-Graduação de fato.

9 O PRIMEIRO ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA (ENGA) – SALGADO – SERGIPE

O ano de 1978 é marcante em função da realização do congresso da AGB em Fortaleza. Eu hoje, se fosse escrever a História da Geografia Brasileira, escreveria antes de 1978 e depois de 1978. É um divisor de águas. Como eu já falei naquele vídeo de ontem, é um ponto de ruptura, de entrada da Geografia Crítica. Milton Santos⁵⁶ fazendo aquela agitação, a Geografia Urbana em plena efervescência e a gente resolve criar os Encontros Nacionais de Geografia Agrária (ENGA), também em 1978.

aposentada.

⁵⁴ Refere-se ao Dr. Heinz Dieter Heidemann, ex-professor da Universidade Federal de Sergipe e atualmente professor aposentado da USP.

⁵⁵ Ex-professora da Universidade Federal de Sergipe e da Universidade Federal do Ceará. Atualmente é Professora Titular do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, Laboratório de Estudos e Pesquisas das Dinâmicas Territoriais – LABOTER – e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe (PPGEO).

⁵⁶ Ex-Professor da UFBA, da UFRJ e da USP, Dr. Honoris causa por várias universidades brasileiras e estrangeiras, já falecido.

Eu trago o primeiro ENGA para Sergipe. Foi feito em Salgado, num hotel, e sempre foi aquela ideia de fazer encontros pequenos de pessoas que estão trabalhando no assunto. Não é um congresso, é um encontro pequeno de pessoas que estão trabalhando no assunto que sentam para refletir, discutir e aprofundar conhecimentos. Vamos fazer em hotéis pequenos, fechados (...).

E a ideia foi assim: vamos fazer esses ENGAS baseados em textos. Vamos pedir as pessoas que produzam um texto sobre determinado assunto e esse texto é discutido com todo mundo, para ser um ponto de partida, um roteiro de discussão. Esse modelo ficou durante muito tempo, não lembro do que foram os temas. (...). Lembro que Mário Lacerda⁵⁷ veio, ele fez um dos textos. Ceron⁵⁸ e Lúcia Helena⁵⁹ fizeram textos. Outros também fizeram, é o caso de Bertha Becker que participou muito do início do nosso desenvolvimento, depois ela teve outras coisas, começou a se afastar, mas ela participou muito.

Com esse ENGA realizado em Salgado, que foi um sucesso, o nosso reconhecimento nacional aumenta e a nossa posição nacionalmente melhora. Quero lembrar que esses ENGAS baseados nos textos acabou por esgotar seu modelo em Garanhuns⁶⁰, porque o pessoal passou a entender que o texto era para ser criticado. (...). Ninguém estava fazendo a Tese para ser criticada, estava levantando pontos para serem discutidos, mas tudo é um processo que avança e se modifica.

⁵⁷ Refere-se ao professor Emérito da UFPE Mário Lacerda de Melo, já falecido.

⁵⁸ Refere-se ao professor Titular Dr. Antonio Olívio Ceron da UNESP - Rio Claro, já aposentado.

⁵⁹ Refere-se à Dra. Lúcia Helena de Oliveira Gerardi, professora da UNESP, Rio Claro.

⁶⁰ Refere-se ao VI Encontro Nacional de Geografia Agrária (ENGA), realizado na cidade de Garanhuns-PE, em 1985.

O encontro de Salgado foi extremamente importante, porque foi a partir do congresso da AGB de Fortaleza que se teve contato com a SUDENE, através de Carlos Caldas Lins⁶¹ que era Diretor do Departamento de Planejamento Regional, irmão de Raquel Caldas Lins⁶², professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco. Com isso, nós passamos a integrar o grupo de pesquisa da SUDENE para levantamentos no Nordeste.

10 O PRIMEIRO ATLAS DE SERGIPE

Daí sai também a ideia de se fazer um Atlas de Sergipe que foi considerado durante muito tempo o melhor Atlas Estadual no Brasil. Talvez tenha sido o último grande Atlas Estadual no Brasil, porque hoje ninguém faz mais atlas, não há mais necessidade, já que se tem disponibilidade de mapeamento de dados instantâneos através do censo. Então não tem mais atlas, mas naquela época era importante e foi feito o Atlas de Sergipe com uma colaboração externa muito importante da Elza Keller e de Getúlio Vargas Barbosa⁶³ que era da Federal de Minas Gerais. Esse atlas foi feito ainda na cozinha de uma casa vizinha a reitoria, que o reitor havia alugado para sediar a Gerência de Recursos Humanos, a Gerência de Equipamentos e a Gerência de Construção do Campus. Como eu era Gerente de Recursos Humanos, eu peguei a cozinha dessa casa e na cozinha nós fizemos o atlas. É como você falou ontem, Rita, nem sempre precisamos de muitos recursos. As coisas podem ser feitas também sem grandes recursos.

Depois de alguns anos, eu tive uma experiência interessante, já fazendo a última pesquisa com a SUDENE, “Áreas de Exceção de Ser-

⁶¹ Técnico da SUDENE.

⁶² Ex-professora da Universidade Federal de Pernambuco.

⁶³ Ex-professor da Universidade Federal de Minas Gerais, já falecido.

gipe e Alagoas”. (...). Fui conversar com Secretário de Planejamento de Alagoas, em Maceió, para pegar os últimos dados que precisava daquelas Áreas de Exceção de Alagoas. Era um rapaz jovem, e conversando comigo ele disse: Alagoas não tem jeito! Vocês têm muita sorte com seus governantes. Os governadores de Sergipe tocam Sergipe para frente, os de Alagoas são uma lástima. (...). Vocês têm um trabalho em Sergipe magnífico, e puxa da gaveta dele o Atlas de Sergipe. Alagoas nunca sonhou e nunca vai ter um negócio desse. E eu disse a ele que fui eu que coordenei esse atlas. E ele me abriu a Secretaria de Planejamento para eu conseguir o que quisesse lá dentro. Realmente, o Atlas de Sergipe foi um trabalho muito bom.

11 OS TRABALHOS GEOGRÁFICOS PARA A SUDENE

E esse contato com a SUDENE acabou por render sete convênios de pesquisa. Mário Lacerda de Melo havia feito a Regionalização do Nordeste⁶⁴ e a SUDENE contratou um trabalho de pesquisa de detalhamento de cada região.

O primeiro nosso foi das “Áreas Agrícolas Subcosteiras do Nordeste Meridional”⁶⁵ em que a gente pegou de Coruripe, em Alagoas, até o extremo sul da Bahia. Até o Wellington Vilar acabou de me dizer ao me presentear com uma de suas publicações⁶⁶ que ainda usam esse trabalho meu, porque falo de coisas que estariam atuais. Eu falo em luta pelo espaço e falo em litoraneidade. Não é isso Wellington? Eu nem sabia mais disso.

⁶⁴ MELO, M. L. **Regionalização Agrária do Nordeste**. Recife: SUDENE, 1978.

⁶⁵ Livro publicado pela SUDENE em 1981.

⁶⁶ Refere-se ao livro **Território, Meio Ambiente e Turismo no Litoral Sergipano**, publicado pela EDUFS, em 2010.

Depois estudamos outro lugar que eu achei fantástico, “A Área Centro-Ocidental do Nordeste”⁶⁷, o além São Francisco, quer diz, o Oeste Baiano até a zona de Barreiras, e na época já estavam chegando os gaúchos plantando arroz, mas a gente sabia que arroz era a cultura preliminar para a soja. O Oeste Baiano, Sul do Piauí, até mais ou menos São Raimundo Nonato, até Cristalândia, lá no Sul e o Leste do Maranhão, até Imperatriz. Uma área imensa em que se percorria de uma forma precária, por isso que eu chamo de uma época heroica. Doutor Aloísio tinha conseguido no Ministério da Educação uma doação: era uma Picape Chevrolet. Eu não sei que desgraceira era aquela. A universidade não tinha nem transporte, [a picape] era furada toda por baixo de ferrugem, então a gente corria o Nordeste inteiro nessas estradas empoeiradas de máscara. (...). O Nordeste se modernizou muito (...).

Depois fizemos “A Região Cacaueira da Bahia”⁶⁸ com a colaboração inestimável do nosso amigo, que também já faleceu, Aloísio Capdeville Duarte⁶⁹, que era do IBGE e que era excelente geógrafo.

Depois começamos a entrar nos Sistemas Urbanos Regionais, e fizemos primeiro o “Sistema Urbano Regional de Aracaju”⁷⁰, depois o “Sistema Urbano Regional de Teresina”⁷¹, e por último, o “Sistema Urbano Regional de Crato-Juazeiro do Norte”⁷². E foi extremamente interessante também.

⁶⁷ Livro publicado pela SUDENE em 1982.

⁶⁸ Livro publicado pela SUDENE em 1983.

⁶⁹ Geógrafo do IBGE e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, já falecido.

⁷⁰ Refere-se ao livro intitulado **Subsistema Urbano-Regional de Aracaju**, publicado pela SUDENE em 1987.

⁷¹ Refere-se ao livro intitulado **Subsistema Urbano-Regional de Teresina**, publicado pela SUDENE em 1987.

⁷² Refere-se ao livro intitulado **Subsistema Urbano-Regional de Crato-Juazeiro do Norte**, publicado pela SUDENE em 1989.

Foi durante esses três estudos dos sistemas urbano-regionais que nós compramos o nosso primeiro computador, o primeiro computador da área de ciências humanas da Universidade, que Christine⁷³ olhava para mim e dizia yah, yah, fantástico, fantástico. Na Bahia ela só tinha maquininha de calcular e nós já tínhamos um computador Itautec, daqueles bem velhos que tinha um gravador-zinho em fita que você gravava o programa na fita e lia e começava a digitar os dados. Se você errasse tinha que apagar e fazer tudo de novo, porque não tinha memória, não tinha arquivo, era online. (...)

A SUDENE queria que a gente usasse o tal do método Palomaki⁷⁴, um método que exigia uma “calculeira” muito grande e eu tinha conseguido fazer o programa para usar no nosso computador. (...) Quando se conseguiu colocar nesse computador um primeiro drive para receber um CD foi um avanço tecnológico brutal, usar um primeiro drive no computador. (...). É como se a gente estivesse vendo aqueles filmes da viagem da Lua, dos Estados Unidos. Quando a gente pense que aqueles computadores da viagem da lua são inferiores a um PC que você tem em casa hoje, é que se vê como a coisa mudou muito.

12 A GEOGRAFIA QUANTITATIVA E A MATURIDADE DA GEOGRAFIA BRASILEIRA

Aliás quando eu cheguei em Brasília já fazia Geografia Quantitativa em Rio Claro e a única coisa que se tinha em Rio Claro era uma

⁷³ Refere-se à professora Dra. Bárbara-Christine Nentwig Silva da UFBA que colaborou com o NPGeo e PPGEO da UFS.

⁷⁴ Refere-se ao geógrafo finlandês, Mauri Palomaki, que nos anos sessenta desenvolveu um método para determinação de hierarquia urbana. PALOMAKI, M. The functional centers and areas of South Bothnia, Finland. Fennia, 88(1), 1963.

máquina de calcular bem velha. Eu cheguei em Brasília e consegui comprar uma calculadora pequena. Era o supprassumo do avanço tecnológico, porque ela fazia as quatro operações e, milagre, extraía a raiz quadrada, e até então a raiz quadrada era feita na mão. Foi tão cara que eu comprei no crediário.

As coisas mudaram muito! O desenvolvimento da Computação na universidade também foi muito rápido, nós passamos de um 1130 quando eu cheguei aqui, com memória fantástica na época de 11k. Vocês não sabem nem o que é isso, mas depois passou para 16k, e o desenvolvimento foi muito rápido.

Em 1985, eu fui aos Estados Unidos. Eu era Pró-reitor de Pós-Graduação, e fui passar um mês na Universidade de Rhode Island. Como eu ainda mexia muito com quantificação, eu escrevi para o Nils West que era chefe Departamento Geografia lá em Rhode Island. Era Geografia e Assuntos do Mar, porque eles são muito ligados ao mar, muitos pescadores e comunidade de pescadores de origem portuguesa. Escrevi para ele e disse que gostaria de ver o que eles estão fazendo com quantificação.

No primeiro dia, nós fomos almoçar no restaurante dos professores da Universidade e eu perguntei a Nils: o que vocês estão fazendo de quantificação? Isso em 1985. Ele respondeu, Alexandre o que eu vou dizer não vai adiantar muito, porque certamente o que a gente faz aqui você não vai poder fazer na sua universidade. Aqui se usa um computador de grande porte, é um IBM 5657, (...) e também se usa um grande pacote estatístico (...) que se chama Statistic Analysis System (SAS). Então vocês não vão poder fazer isso! Eu disse, Nilson eu tenho um IBM 5657 a cem metros da minha sala e eu tenho esse SAS implantado, só que não gosto muito dele, eu prefiro o SPSS (Statistical Package for the Social Sciences). Ele arregalou os olhos e disse: nós não temos esse mais avançado aqui. Eu até tentei comprar,

mas não consegui ainda. E como você chegou a isso? Fui explicar a ele todo o processo de transformação da Geografia Brasileira, a quantificação que havia começado, expliquei para ele a minha Livre-Docência que já foi usando análise fatorial, em 1971. Ele ficou abismado e o tratamento mudou, não era mais aquele subdesenvolvido que ia lá pedir esmola, era uma pessoa de igual para igual.

Rita colocou a maturidade da geografia brasileira internacional nos anos 90, mas eu vou recuar mais no tempo. E porque eu vou para trás? Porque em 1982 nós fizemos no Brasil a Conferência Latino-americana de Geografia da UGI⁷⁵. Nessa época, que depois eu vou falar um pouco dela, chegou-se à conclusão que nós já tínhamos atingido a maturidade. A Geografia Brasileira era equivalente à Geografia que se fazia no resto do mundo, poderia haver uma diferença de técnica, um avanço sempre há. Por isso que o intercâmbio é importante, mas nós não éramos mais atrasados em relação ao que se fazia fora daqui. É importante salientar isso, o intercâmbio é fundamental. Você vai para um lugar, você vê uma coisa diferente, isso não significa que você não poderia ter aquilo aqui, isso não significa que você é inferior.

Eu até lembro bem e gosto de citar. Quando eu fui para o Congresso Internacional de Geografia em Tóquio, assisti uma apresentação do trabalho do Enyedi, da Hungria. Alguns aqui conheceram Enyedi, era um geógrafo muito ligado a gente, porque era ligado a Kostrowicki⁷⁶, da Comissão de Tipologia da Agricultura. (...). Eu já usava análise fatorial desde 1971, quando tinha feito minha Livre-Docência. Mas ele apresentou um trabalho no Japão usando

⁷⁵ Refere-se ao Evento Latin American Regional Conference da UGI, realizado no Rio de Janeiro, em 1982.

⁷⁶ Refere-se ao ex-geógrafo do Instituto de Geografia da Academia Polonesa de Ciências, Jerzy Kostrowicki.

análise fatorial de uma maneira diferente: em vez de fazer uma matriz de valores de dados ele fez uma matriz de diferenças. A variável era a diferença de um ano para o outro, era mudança, e eu acabei usando isso. Eu nunca tinha pensado em fazer isso e acabei usando quando fizemos o “Sistema Urbano Regional de Aracaju”, que deu resultados extremamente interessantes, porque mostrou certos processos, como o processo de camponeização. Mostrou certos processos que estavam atuando no espaço, porque a matriz era uma matriz de mudança.

Intercâmbio é importante. Por isso, viu Rita, eu vou um pouco antes. Eu vou para a década de 1980, essa maturidade. É claro que às vezes há muito do que eu chamo de complexo de subdesenvolvido, valorizar demasiadamente o que você está vendo lá fora e criticar demasiadamente o que você está fazendo aqui. Nós temos um pouco disso, digamos uma saudade europeia, eu acho que é coisa de colono, de colônia. Europa! Europa! Europa! Sim, vá lá para ver como está. Tem certas coisas que tem que recuar um pouco mais.

13 O PRIMEIRO EVENTO INTERNACIONAL NA UFS

Antes dessa Conferência Regional Latino-americano que foi no Rio de Janeiro, certas comissões da UGI se reuniram, porque é sempre assim, algumas comissões tópicas da UGI se reúnem separadamente. Já trabalhava há muito tempo com Kostrowicki que era da Comissão de Tipologia⁷⁷, e com aquele indiano que eu não lembro mais o nome dele, que era da Comissão de Alimentos e Produção de Alimentos da UGI.

⁷⁷ Refere-se à Comissão de Tipologia da Agricultura da UGI (União Geográfica Internacional), vigente de 1964 a 1976.

Eu trouxe as três Comissões que trabalharam com agricultura da UGI para Aracaju, para Sergipe. Já estávamos no Campus, isso foi em 1982. Eu estava com a faca e o queijo na mão, porque era Diretor do Centro de Educação e Ciências Humanas e só vieram para o Campus, no início, as Ciências Humanas e as Ciências Sociais Aplicadas. Os prédios de Biologia e da Física não existiam ainda. Só tinha Reitoria, restaurante, biblioteca e os prédios de Ciências Humanas. Então, trouxe o congresso para cá, remobilei um prédio inteiro. Era férias, e o prédio todo foi adaptado para fazer um Congresso Internacional.

E foi gozado porque eu contratei o restaurante universitário para fazer alimentação. Cheguei para as meninas⁷⁸, o restaurante era muito bom, recém-inaugurado, umas nutricionistas muito interessadas e dedicadas (...), e disse, nós vamos trazer brasileiros e estrangeiros e vamos fazer o almoço aqui no restaurante. Vocês fazem a comida normal do restaurante, que é muito boa, e ao invés de servir no bandeijão, vamos servir no buffet (...). E no primeiro almoço, trago o grupo todo pela passarela, as indianas vestidas de sári. Foi o primeiro evento internacional em Sergipe, nunca tinha havido Encontro Internacional em Sergipe. Subimos as escadas (...). Quando eu chego em cima, a porta estava fechada e eu vejo as mesas arrumadas (...) e o cozinheiro de chapelão. Meu Deus, o que é que vai ser aqui? E quando eles abrem as portas elas haviam preparado banquetes de hotel 6 estrelas, nem cinco, seis estrelas. Meu Deus, o que vai ser isso? Quanto vai ser isso? Não, o preço é esse que você combinou (...). Ninguém entendeu nada! Como é que um país subdesenvolvido vai fazer almoço desse tipo? (...).

⁷⁸ Refere-se às funcionárias do Restaurante Universitário (RESUN) da UFS.

14 O PIONEIRISMO NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFS E A PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

O terreno estava pronto para a gente montar a Pós-Graduação. São sete anos e meio de trabalho e a gente monta então a Pós-Graduação da UFS. Essa discussão começa na Universidade Federal de Sergipe em 1981/82, na nova Pró-reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. Gizelda Moraes⁷⁹ era Coordenadora de Pesquisa e Murilo⁸⁰ era o Pró-reitor. E se cria a Comissão de Pós-Graduação e essa comissão começa a discutir, e depois vão ser criados o Grupo de Eduardo Garcia, Fisiologia do Coração, de Maria Auxiliadora Silva⁸¹, que estuda Estuários e Manguezais, de Gizelda Moraes, da Psicologia, que coordena o Grupo de Educação, e o meu, o da Geografia.

A gente vai criar um sistema novo, experimental, baseado primeiro na criação formal de Núcleos de Pós-Graduação. A gente cria uma estrutura paralela, porque não queria criar Núcleos de Pós-Graduação em Departamentos. Primeiro, porque os Departamentos não tinham Pós-Graduados. Ia ser uma oposição ferrenha aos cursos da Pós-Graduação. E se precisava de uma coisa mais interdisciplinar, para poder aglutinar os poucos doutores que existiam na universidade na época. Segundo, multidisciplinaridade para também aproveitar esses doutores. Eu lembro bem de duas coisas: (...) a pesquisa-ação, que era uma ideia de Gizelda, e os Seminários de Temas Brasileiros que também eram interdisciplinares.

⁷⁹ Dra. Gizelda Santana Morais, professora da UFS, já falecida.

⁸⁰ Murilo Macedo, Professor do Departamento de Física, aposentado.

⁸¹ Dra. Maria Auxiliadora Silva, professora aposentada da UFS.

A gente cria a Especialização⁸² como primeira etapa, havendo um pequeno estágio para passar para a segunda etapa, (...) que seria o Mestrado. Mas na realidade, na cabeça da gente já era o Mestrado. Não sabíamos se ia chegar lá, tanto que todos os créditos dessa Especialização foram aproveitados como créditos do Mestrado. Pela primeira vez se cria um curso de Especialização com a supervisão da CAPES. Lembro até quem veio aqui. Foi Helmut Troppmair⁸³, de Rio Claro.

Fizemos a primeira seleção e se inicia esse curso de Especialização como primeira etapa do Mestrado. E Guta⁸⁴, no seu texto, descreve muito bem. Ela é fiel no texto, à nossa loucura, porque o que a gente fez foi uma loucura total e completa. O curso no início se centrava na disciplina História do Pensamento Geográfico, com quatro professores: Manoel Correa, (...), centrado na Geografia Clássica; depois eu entrava com a Geografia dita positivista, que não é positivista coisa nenhuma, mas tudo bem, neopositivista, não vamos discutir epistemologia aqui agora; depois vem Tereza Cruz (...) com a fenomenologia; e por último, Dieter⁸⁵ com a Geografia Crítica.

Quando vocês lerem o texto de Guta vão entender que a loucura foi total. Um massacre absoluto. A gente queria fazer o melhor, cada um tentava dar o máximo de si. Depois a gente fez uma contagem e não sei se foram 80 ou 90 leituras em uma disciplina, praticamente,

⁸² Curso de Especialização em Organização do Espaço Rural no Mundo Subdesenvolvido, iniciado em 1983 e que posteriormente se transforma no Mestrado em Geografia com essa área de concentração.

⁸³ Professor aposentado da UNESP - Rio Claro.

⁸⁴ Refere-se à professora Dra. Maria Augusta Mundim Vargas (UFS - PPGeo) em seu texto Geografizando nos Grifos da Memória. O texto disponível na Edição 2013, número 2, da Revista GeoNordeste. <https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/1507/1332>

⁸⁵ Refere-se ao Dr. Heinz Dieter Heidemann, ex-professor do DGE e do NPGEO da UFS e professor aposentado da USP.

tudo em língua estrangeira. Depois chegamos à conclusão que só a História do Pensamento Geográfico tinha sido a Especialização. Depois teve Cartografia, Geografia Agrária e outras disciplinas, por isso na nossa cabeça não era um curso de Especialização, era o Mestrado que tinha começado.

Após 2 anos se chega a decisão de avançar para o Mestrado, fazer a segunda etapa. (...). E somente a Geografia teve coragem de avançar. Por exemplo, Auxiliadora Silva tinha muito mais condições que a gente. Eles tinham um Centro de Pesquisa no Crasto⁸⁶, com barco de pesquisa, mas não tiveram coragem para ir para frente, porque faltavam condições. Mas se ficar esperando pelas condições você não faz nada. As condições vão ter que aparecer no decorrer do processo, então vamos tocar para frente e vamos fazer.

Abrimos a inscrição para o Mestrado que era uma simples seleção, um rito de passagem, era só um estágio. E Vera (...), Lílian, Ana Virgínia, Adélia⁸⁷ do Departamento de Direito, e Guta passaram a circular pelo Departamento com o crachá de estagiários (...). Ana Virginia desistiu porque o marido ia para Viçosa, e ela resolveu ir fazer a Tese em Viçosa. Adélia desistiu que era de Direito. Então ficamos com três alunas: Vera, Guta e Lílian Wanderley, duas sob minha orientação, Vera e Lílian, e Guta com orientação de Dieter.

O resultado de tudo isso foi um Mestrado com nível estupidamente elevado. O resultado a gente está vendo até hoje. (...). É excepcionalmente elevado, extremamente exigente. Eu acho que se for comparar com o que vocês fazem hoje não tem nem comparação, porque é aquela questão de querer fazer o melhor e não foi uma questão só nossa não. Depois, na CAPES, discutindo muito a questão

⁸⁶ Povoado estuarino do município de Santa Luzia do Itanhy, Litoral Sul de Sergipe.

⁸⁷ Adélia Moreira Pessoa, professora aposentada do Departamento de Direito da UFS.

do nível dos Mestrados no Brasil a gente viu que o Mestrado brasileiro equivalia muitas vezes a um Doutorado no exterior. (...).

15 A NECESSIDADE DO DOUTORADO, DE CAPACITAÇÃO PERMANENTE

Nessa época, o modelo de capacitação da CAPES se esgotou pela falta de Doutores. As Comissões de Avaliação da CAPES começaram a exigir que os professores de Mestrado tivessem Doutorado e o próprio pessoal sentiu que necessitava de mais qualificação (...). Tentamos fazer uma negociação com os Mestrados do Nordeste, Recife e Salvador, para criar um Doutorado único. Foi muito complicado, porque eu vi muita ciumeira. Era um entrave burocrático de saber quem vai titular. A Universidade de Pernambuco disputando com a Universidade da Bahia, e acabou não dando certo.

Em 1991, eu vou a Polônia pela segunda vez (...). Dentro da Universidade de Varsóvia tinha um Instituto de Geografia no qual havia um Departamento de América Latina que eles tinham muito relacionamento internacional com países de língua espanhola, sobretudo Cuba (...). O corpo docente falava espanhol muito bem e a ideia era ter um contato mais íntimo com Varsóvia. Eles topariam o convênio e traríamos o pessoal para fazer Doutorado na Polônia. Ia ser um escândalo! Vamos fazer Doutorado na Polônia... (...). Mas eu estava na CAPES já, e o pessoal achou que teríamos dois problemas: primeiro o custo de um convênio com a Polônia, o deslocamento de pessoas (...); e segundo, a Polônia estava naquele processo de degradingolada ainda. Então, a coisa não tinha se assentado. Ainda estava tudo muito difícil, muito complicado. Acabou não dando certo.

O pessoal tentou me convencer, sobretudo Vera, Guta, Ana Virgínia e Tereza Cruz, que se podia fazer um convênio de Doutorado no Brasil mesmo, com Rio Claro. Eu não gostei muito da ideia. De

início eu não gostei e reagi muito à ideia. Não vai dar certo, não vai funcionar, mas me convenceram. Montamos um processo, havia condições favoráveis. Primeiro eu tinha conhecimento, porque eu tinha sido de Rio Claro por muitos anos; depois a coordenadora da Pós-Graduação em Geografia de lá era Lúcia Helena⁸⁸ que era minha amiga, tinha feito Pós-Graduação comigo, tinha sido minha aluna de graduação e trabalhou comigo a vida inteira, fez Doutorado comigo. Depois o reitor da Unesp era o Landim⁸⁹ que era meu amigo e era da Geologia de Rio Claro, tinha sido até da minha banca de Livre-Docência. A CAPES estava interessada nisso, para fazer experiências com essas coisas interinstitucionais para ver se funcionariam. Com isso, a gente acabou viabilizando e, no segundo semestre de 1992, começa o Doutorado interinstitucional que na realidade não foi interinstitucional. Na verdade, foi o Doutorado de Rio Claro dado aqui em Sergipe (...).

Nas três turmas que nós conseguimos abrir se formaram dezesete Doutores, não só de Sergipe, mas de outros estados do Nordeste, que se beneficiaram desse Doutorado. Na realidade, para nós foi fundamental, porque reforçou o quadro com mais 6 doutores no NP-GEO, acrescido de Alexandrina Luz⁹⁰, que tinha ido pra USP, e depois de Guta, que foi para Rio Claro (...). Cecília também concluiu o Doutorado, mas se aposentou logo depois e se desligou da Pós-Graduação. Então, foi extremamente importante e vieram vários pesquisadores de outras universidades do Nordeste para entrar nesse corpo de dezesete novos Doutores.

⁸⁸ Refere-se à Dra. Lúcia Helena de Oliveira Gerardi, professora da UNESP, Rio Claro.

⁸⁹ Refere-se ao Geólogo e Professor Emérito da UNESP – Rio Claro, Dr. Paulo Milton Barbosa Landim.

⁹⁰ Alexandrina Luz Conceição Professora aposentada da UFS e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da UFS.

16 A CRIAÇÃO DA ANPEGE⁹¹ E MILTON SANTOS

Ainda na CAPES, eu desenvolvi a ideia de criar a ANPEGE, porque a CAPES queria que cada área científica tivesse uma associação representativa dos cursos de Pós-Graduação. E eu desenvolvo a ideia de se criar a ANPEGE. De início, houve muita reação. E uma das pessoas que mais reagiu à ANPEGE foi Milton⁹², porque ele achava que eu estava criando um divisionismo que ia acabar com a AGB. Até que ele conseguiu entender que a ANPEGE não era para ter sócio individual, os membros da ANPEGE são os cursos de Pós-Graduação. E pelo que Rita falou ontem, a ANPEGE continua funcionando e discutindo os problemas específicos da Pós-Graduação.

Em Florianópolis, num encontro em 1995, a gente cria a ANPEGE. Milton queria que eu fosse o primeiro presidente porque eu tinha sido o mentor. Eu disse, não senhor, quem vai ser o primeiro presidente da ANPEGE é você, porque você tem nome internacional e tem alta credibilidade perante todos os cursos. É você que tem que ser o presidente da ANPEGE, mas eu faço o primeiro congresso da ANPEGE para você não ter trabalho. Eu organizo o primeiro congresso da ANPEGE em Aracaju, em 1995.

O pessoal sempre insistiu em dizer que eu e Milton éramos brigados. Não sei por quê! Acho que é porque as pessoas pensam que quando você não pensa ideologicamente da mesma maneira, você é inimigo. Nesse encontro da ANPEGE em Aracaju (...) a gente faz um grande evento, que foi fantástico, no Centro de Convenções, o primeiro Encontro Nacional da ANPEGE, o ENANPEGE.

⁹¹ Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia.

⁹² Refere-se ao professor Milton Santos.

E a gente (...) faz a investidura do primeiro Doutor Honoris Causa acadêmico da Universidade Federal de Sergipe e é o Milton que a gente consegue colocar. Foi em 1995, eu era Pró-reitor de Pós-Graduação, então a gente bolou uma cerimônia. Houve a sessão de abertura do encontro da ANPEGE, depois essa mesa se transforma em uma sessão do Conselho Universitário e vestimos Milton com uma capa de Desembargador, preta. Milton desce com um cortejo formado por membros do Conselho Universitário. Descendo a rampa central do Grande Auditório do Centro de Convenções ao som da Marcha Triunfal da Aída⁹³. Faço um discurso de saudação amigo (...), muito emocionante. Terminei citando João Ubaldo Ribeiro e Tobias Barreto. E teve gente chorando, rangendo os dentes. Foi um negócio. Foi gozado, porque depois quando houve o coquetel e acabou a cerimônia, Maria Auxiliadora Silva, da Bahia, que era do grupo antigo do Milton desde pré-64, veio chorando me abraçar. Alexandre nós não somos mais inimigos. Eu disse, eu não sabia que era seu inimigo, porque ela achava que eu era inimigo de Milton e por extensão, não era minha amiga.

Na verdade, tinha encontrado Milton algumas vezes. Eu conheci Milton em Penedo ainda como um pesquisador quando ele fazia pesquisa em Itabaiana. Depois vi Milton quando foi eleito presidente da AGB, e nos encontramos de novo em Jequié, no congresso da AGB. Depois houve o golpe de 64 e ele foi embora. Eu encontrei com Milton depois no Canadá, ele era professor da Universidade de Montreal e depois encontrei com Milton quando ele retorna ao Brasil, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi muito difícil (...). Mas olhe bem, vamos deixar claro quem conseguiu trazer Milton. Ele era muito visado pelo sistema de segurança do país, todos nós éramos

⁹³ Refere-se à Marcha Triunfal da Ópera Aída de Giuseppe Verdi.

muito visados, eu mesmo não sabia que continuava sendo espionado, foi ótimo porque eu ainda recebi um bom dinheiro na anistia. Eu continuei sendo espionado pelo serviço de segurança até quando Pró-reitor de Pós-Graduação dessa universidade. E Milton era muito visado, mas foi Bertha Becker quem conseguiu colocar Milton na Federal do Rio de Janeiro. Depois tive contato com ele na ANPEGE. (...).

17 AS ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO E OS ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS NO NPGEO

Em 2001, o Núcleo de Pós-Graduação em Geografia altera sua área de concentração e sai de “Organização do Espaço Rural no Mundo Subdesenvolvido” para “Organização e Dinâmica dos Espaços Agrário e Regional” com três linhas de Pesquisa. E em 2003, dá um novo salto com a implantação do Doutorado que já está fazendo 10 anos⁹⁴.

Há uma coisa interessante em 2004 que o núcleo fez que foi a Arqueologia. Eu fui Fundador e Diretor do Museu de Arqueologia de Xingó. Eu virei arqueólogo e museólogo no final da minha carreira (...). O convênio com a Petrobras e a Chesf não se resolvia e o reitor me chama e me intima a ser coordenador da Arqueologia. Eu nunca me meti em Arqueologia, não entendo nada de Arqueologia, mas eu tinha chamado José Luiz de Moraes⁹⁵(...). O Zé⁹⁶ tinha vindo para cá e tinha posto na cabeça do reitor que eu é que tinha que ser coordenador da Arqueologia. Terminei aceitando a coisa e fundei o Museu.

⁹⁴ Refere-se ao ano de 2013, ano de realização do Evento NPGEO (Núcleo de Pós-Graduação em Geografia) - 30 anos (1983-2013).

⁹⁵ Professor Titular da USP. Ex-diretor do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

⁹⁶ Refere-se José Luiz de Moraes, professor Titular da USP.

E um dos nossos itens do programa do Museu era a criação de um Mestrado em Arqueologia. Eu não tive como criar, porque eu tentei fazer um convênio com a USP, nos mesmos moldes daquele de Rio Claro, para fazer um Mestrado Interinstitucional, e não consegui. Mas por sugestão do próprio Comitê de Avaliação da CAPES que estava aqui em Aracaju, o Mestrado acabou sendo desenvolvido como área de concentração dentro da Geografia com uma invenção bem bonita: Formas e Processos Tradicionais de Ocupação Territorial em Estudos Arqueológicos.

E foi muito importante isso, mas não para o Núcleo de Pós-Graduação. Foi até prejudicial para Núcleo, porque esvaziou a área de concentração. Houve muito professor visitante, baixou o nível de avaliação da CAPES. (...). Formalmente baixou o nível, na realidade estava fazendo uma coisa para crescer. Mas para a Universidade foi fundamental, porque foi esse primeiro grupo de formados nesse Mestrado, com as duas turmas de Arqueologia, que deu subsídio para a universidade montar o curso de Arqueologia e o curso de Museologia. O curso foi montado com os primeiros egressos desse Mestrado nosso e hoje não sei como vai a Museologia, mas Arqueologia vai muito bem, já chegou a Doutorado.

Então, foi um trabalho bom do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia. O Núcleo tem prestado uma imensa contribuição para a Geografia Brasileira, nordestina, porque os seus egressos trabalham nesses outros cursos.

18 SOBRE AS AVALIAÇÕES DA CAPES

Nós estamos razoavelmente bem posicionados na Pós-Graduação, mas não é o ideal. (...). É o máximo a que se conseguiu chegar. Lembrem do peso da nossa universidade, lembrem de Sergipe, lem-

brem do que está por trás... Só que desde que eu fui coordenador da CAPES que eu lido com esse problema, quer dizer, por melhor que seja a avaliação, ela não mede a qualidade, ela mede indicadores que se supõe que tenham correlação com qualidade, mas a qualidade não é mensurada. Mas é o melhor que nós temos, então a gente deve tomar cuidado e obedecer aos parâmetros da avaliação.

A USP pode se dar ao luxo de contestar o modelo que está aí, é o papel dela como grande centro, maior Universidade Brasileira. É o papel da USP contestar o modelo produtivista que está aí que é esgotante. Ser forçado a produzir a toque de caixa e repique de sino, quer queira, quer não queira, mesmo que seja para dizer bobagem. É esgotante e ineficiente, mas a Universidade de Sergipe pode reagir um pouco, tentar conciliar um pouco (...). Não pode ter uma posição extrema, porque o dinheiro está lá e o apoio está lá. Tem muito dinheiro da própria USP, mas aqui não tem não. Sem o apoio da CAPES não se vai a lugar nenhum. Então é uma posição difícil e tem que ter jogo de cintura (...).

19 LIÇÕES PARA O FUTURO

E agora o que eu tenho para dizer a vocês? Já falei do sucesso incrível de vocês e o lançamento dos livros mostra isso. O trabalho de vocês é incrível! Eu estou plenamente realizado com todo esforço nosso, meu, de Adelci, de todo mundo que participou no início (...). Plenamente recompensado, porque vocês conseguiram tocar o barco, conseguiram pegar a tocha e levar adiante. Estão todos de parabéns!

Mas e agora? É difícil manter a rotina. É mais fácil fazer as coisas quando você está fazendo uma novidade, está fazendo uma coisa nova, dando um salto. Na rotina é difícil manter, mas exatamente

para não se manter na rotina tem a questão da avaliação. É o cutucar, está sempre cutucando. Eu só posso ajudar um pouco com uma reflexão, não posso dar regras para vocês que sabem muito bem fazer, e estão fazendo muito bem. Posso ajudar numa reflexão para que vocês pensem um pouco em algumas coisas. Eu não tenho receita para vocês, depois é muito fácil dizer de fora, eu já estou fora (...). É muito fácil falar, fazer que é difícil, mas vamos ver.

Eu sempre fui muito adepto a uma ideia de planejamento estratégico. Não vamos deixar que as coisas ocorram por acaso, vamos pensar e criar um planejamento estratégico. Tudo foi feito dentro da ideia de planejamento estratégico, foi tudo pensado previamente. Então pensem numa ideia de planejamento estratégico para desenvolver mais o Núcleo. Que metas se poderia pensar? Consolidação, sobretudo do Doutorado. Produzir cada vez melhor, mais e melhor e, como consequência, subir nas avaliações da CAPES. Tentar, pelo menos tentar não cair. (...).

Que coisas se pode pensar para atingir essas metas? Primeira coisa, cuidar da endogenia. Cuidado! Sempre foi um perigo muito grande nosso. Eu sempre tive muita preocupação com a endogenia, por isso a gente sempre reforçou a ideia dos Tópicos Especiais que é uma maneira de romper com a endogenia. Tenho medo na academia do pensamento único. (...). Eu tenho medo do mesmismo. Cuidado com a endogenia que leva ao mesmismo. (...). Vamos tentar integrar mais visitantes. (...). O risco da endogenia aumenta, porque agora o núcleo começa a ter como professores os seus egressos, é o formado do formado do formado. (...). Mas é preciso ter muito cuidado com isso. A nova ideia tem sempre que está entrando. Tem que haver agitação. Tem que haver o protesto. (...). Então tem que haver uma efervescência e essa efervescência se dá por ideias diferentes, não entre inimigos pessoais.

Outra ideia que me vem à cabeça, que eu acho que vocês já estão pensando, (...) é mexer um pouco na área de concentração. São 10 anos, já é hora de dar uma abertura nessa área de concentração e a abertura seria na linha do urbano. (...) É claro que tem que fazer isso com cuidado, para ver se não vai fragilizar o Núcleo (...). Mas eu acho que é importante abrir, porque o mundo moderno e o avanço da agricultura capitalista no Brasil, no Nordeste, jogam cada vez mais a interação com o urbano para frente. (...).

E a terceira coisa que eu queria falar é o intercâmbio internacional. Foi um fracasso nosso sempre! A gente tem muito sucesso, mas também fracassos. Eu nunca consegui viabilizar um intercâmbio internacional. Sempre foi um projeto perseguido, mas nunca realizado. No curso de Especialização em Geografia da década de 1970 eu trouxe Raimond Pébayle, da França. Passou algum tempo por aqui, (...), depois ele veio para o Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, mas nunca passou da própria presença dele. Depois nós trouxemos Silvana Levi de Lopes, do México, em 1985. (...). Eu pensava na época que poderia abrir um contato muito grande com a Universidade Nacional Autônoma do México, mas Silvana também era pessoalmente muito fechada, não se conseguiu. Trouxemos Carreras⁹⁷, de Barcelona, e até Paul Claval. Em 1991, eu na Polônia, tentei fazer aquele contato que não deu certo. Em 1992, nós passamos a ter um contato com a Universidade de Durham⁹⁸. Morgan⁹⁹ veio para cá passou um tempo conosco. E depois vieram vários professores de outras universidades (...). Mas também não passou disso. (...).

⁹⁷ Refere-se ao professor Carles Carreras i Verdaguer, Catedrático de Geografia Humana da Universitat de Barcelona.

⁹⁸ Durham University, Inglaterra.

⁹⁹ Ex-professor do Departamento de Geografia da Universidade de Durham, Inglaterra.

Além do problema da língua estrangeira. Como é que está hoje? Não sei. Vocês sempre reclamaram, muitos diziam até que eu não gostava de português e eu só queria que vocês falassem em inglês. Então, sempre foi uma dificuldade muito grande a questão da língua estrangeira. Mas tentem pelo menos com espanhol que é português mal falado. (...).

A Espanha é um caminho. Tem um grupo de Geografia bom (...). Então eu penso que a Espanha é um caminho para vocês. Mas lembrem do problema do planejamento estratégico, não adianta dispersar os esforços, é tentar achar um lugar e concentrar ali. Barcelona, Madrid, Alcalá de Henares, Granada, Sevilha não sei como é que estão hoje esses cursos. Vai se concentrar num lugar, não adianta dispersar. Para quê? Porque tem que se criar laços e esses laços só são criados com o convívio continuado (...).

Assim vai resolver dois dos problemas, a questão da endogenia e vai melhorar a avaliação da CAPES. Vai matar dois coelhos com uma cajadada só. Para terminar, já falei muito, já escrevi muito, vocês sabem muito bem o que fazer, eu estou extremamente satisfeito e realizado com o que eu vi aqui. Tenho certeza que vocês vão continuar tocando o barco muito bem, como fizeram até agora.

Muito obrigado!

A SAGA DO PP GEO: BREVE RELATO COMO CONTRIBUIÇÃO À MEMÓRIA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DA UFS



Vera Lúcia Alves França

Possui Graduação (Licenciatura e Bacharelado) e Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe e Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP - Rio Claro). Atualmente é professora aposentada da Universidade Federal de Sergipe e continua desenvolvendo atividades docentes no Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO).
E-mail: verafranca@gmail.com

* Texto originalmente publicado na Revista GeoNordeste, São Cristóvão, Ano XXIX, n. 2, p. 277-285, Jul./Dez. 2018. ISSN: 2318-2695. Agradecemos ao Conselho Editorial da revista pela autorização para republicação no presente livro.

O Departamento de Geografia da Universidade Federal de Sergipe sempre se caracterizou pelo seu dinamismo e inovação. Ainda na década de 1970 introduziu nas suas atividades a pesquisa, trabalhos acerca do Estado de Sergipe. Dentre esses trabalhos destacam-se a Organização Espacial do Estado de Sergipe e o Atlas de Sergipe, documentos até hoje consultados por pesquisadores e estudiosos. Esses estudos foram “sementes” para outros que se seguiram, extrapolando o Estado de Sergipe e alcançando o Nordeste, e se constituíram em experiência para a instalação da Pós-graduação. No final da mesma década, o Departamento ofereceu o seu primeiro curso de Pós-graduação *latu sensu*, voltado para o Planejamento, entretanto o fez de forma esporádica.

Na instituição, no início da década de 1980, havia um movimento para a criação de Cursos de Pós-graduação, tendo em vista a chegada de novos mestres e doutores que desejavam se integrar às pesquisas e à oferta de cursos para Estudos Avançados. Entretanto, os Departamentos ainda não tinham um corpo de professores qualificados capazes de sustentar um curso de forma independente. Como pesquisadora ligada ao Laboratório de Estudos Rurais, do Departamento de Geografia, tive oportunidade de assistir a muitas das discussões dos professores com o intuito de organizar o Curso de Pós-graduação em Geografia. Portanto, sou testemunha ocular desde os primórdios até os dias atuais, vivenciando muitas experiências como aluna, professora e coordenadora, assistindo às dificuldades, anseios e vitórias.

A solução encontrada foi a formação de Núcleos de Pós-graduação, independentes dos Departamentos e ligados à Pró-reitoria de Pós-graduação, recém-criada. Coube a Professora Gizelda Moraes, então pró-reitora de Pós-graduação, a condução desse processo, resultando na criação de quatro Núcleos: Geografia, Fisiologia,

Educação e Estuários e Manguezais. Esses Núcleos contavam com a participação de professores de diferentes Departamentos, a partir das temáticas tratadas e ofertavam Curso de Especialização, mas, com o objetivo de, posteriormente, ofertar Cursos strito sensu, o que ocorreu com os Núcleos de Geografia e Educação. Assim, no segundo semestre de 1983, foram instalados os primeiros cursos de Pós-graduação, ofertados em caráter regular.

O Departamento de Geografia, sob a liderança dos professores José Alexandre Felizola Diniz e Adelci Figueiredo Santos, criou o Núcleo de Pós-graduação em Geografia e organizou o Curso de Especialização em Geografia da Agricultura tendo em vista a presença de cinco doutores (José Alexandre Felizola Diniz, Adelci Figueiredo, Dieter Heidmann, Emmanuel Franco e Vânia Fonseca), além de professores mestres como Cecília Pereira Martins, Tereza Souza Cruz e Hosana de Sousa que passaram a integrar o Núcleo. Além disso, foram convidados professores pertencentes a outros Departamentos, a exemplo José Ibarê Dantas, Josué Modesto, João Américo, Ivaneete Rocha e Neuza Sales. Também foram convidados professores de outras instituições como Manuel Correia de Andrade, da UFPE, Barbara Christinne, Sylvio Carlos Silva e Sônia Leão, da UFBA, além do Agrônomo Carlos França de Moraes, da antiga EMATER. A professora visitante Maria Geralda Almeida também se integrou a esse grupo, permanecendo até os dias atuais. A coordenação do Núcleo ficou a cargo do Prof. Dr. Jose Alexandre Felizola Diniz.

De início, foi criada uma secretaria da Pós-graduação que funcionava numa sala do Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH). Na matriz curricular, havia a oferta de disciplinas comuns para todos os Cursos, o que possibilitou o conagraçamento entre os alunos e a formação de discussões interdisciplinares muito ricas. Essas aulas eram ofertadas no Auditório do CCBS. No caso da Geogra-

fia, as aulas eram ministradas na sala de reunião do CECH, tendo em vista a exiguidade de espaço, o que não interferiu na qualidade do curso. Era tudo muito simples, sem ventilador ou ar condicionado, mas com muito desejo de acertar e oferecer o melhor do ponto de vista da ciência. Foi uma experiência muito enriquecedora!

Para a primeira turma do Curso de Geografia da Agricultura foram aprovadas 5 alunas: Ana Virginia Costa de Menezes, Lilian de Lins Wanderley, Maria Augusta Mundim Vargas, Rute Santana Reis e Vera Lucia Alves França, além de outras em caráter de matrícula especial, por disciplina isolada, a exemplo de Adélia Moreira Pessoa.

Coube ao Professor Manuel Correia de Andrade proferir a aula inaugural do Curso de Geografia, dentro da disciplina História do Pensamento Geográfico, apresentando o pensamento de Alexander Von Humboldt, baseado no livro *Cosmos*. Essa disciplina era ofertada por quatro professores que tratavam das diversas correntes teóricas da Geografia e exigia a elaboração de quatro trabalhos, tendo a duração de um ano. Bem pesada e bem proveitosa. Tivemos que ler 34 textos além de um livro, dentro de uma bibliografia de 84 títulos. Ufa!!!

Em 1984, foi criada a Revista *GeoNordeste*, destinada a divulgar os trabalhos científicos de pesquisadores e estudantes, se constituindo no primeiro periódico da Geografia nordestina, sendo seu diretor Prof. Dieter Heidmann. Logo a Revista recebeu financiamento do CNPq, o que garantia a sua publicação, entretanto, perdeu essa chancela resultando em fases difíceis e com interrupção da sua regularidade. Com grande esforço, a revista foi recuperada e se mantém até os dias atuais, em formato digital, tendo como Editor o Prof. Dr. José Wellington Vilar que faz um trabalho excelente.

Dentre os trabalhos de monografia elaborados na Especialização, um destaque para o estudo realizado por Maria Edvalci Silva

que fez um trabalho exaustivo sobre a Feira de Itabaiana e Centralidade Urbana, apresentando excelentes resultados.

Em 1985, a Universidade fez um esforço para aproveitar a experiência dos Núcleos e criou os primeiros Cursos de Pós-graduação strito sensu, sendo a Geografia a primeira instalar o seu curso cuja área de concentração era Organização do Espaço Rural no Mundo Subdesenvolvido, com duas linhas de pesquisa: Mudanças no Espaço Agrário e Relação Campo Cidade, sob a coordenação do Prof. Dr. Dieter Heidmann.

A seleção foi feita aproveitando os alunos do Curso de Especialização que estavam em fase de conclusão. A primeira turma foi formada por três alunas (Lilian de Lins Wanderley, Maria Augusta Mundim Vargas e Vera Lúcia Alves França) que, em 1988, concluíram os seus cursos, o que foi motivo de satisfação tendo em vista que àquela época era comum as pessoas cursarem as disciplinas e não apresentarem a dissertação. Em alguns cursos brasileiros, o percentual de alunos que não concluíam os cursos de Pós-graduação alcançava 80% do total. Esse fato foi registrado também na UFS, uma vez que alguns professores fizeram as disciplinas, mas abandonaram na segunda parte quando deveriam apresentar suas dissertações e teses.

Essa situação levou a CAPES a abrir uma discussão em eventos para sanar esse problema, sendo a criação do Programa PIBIC, uma estratégia para preparar melhor os alunos na Graduação para o desenvolvimento de pesquisas e de elaboração de textos, com resultados bem positivos. Nós, do então NPGEO, tivemos a oportunidade de participar de mesa redonda em evento nacional, em Rio Claro, em que essa temática foi discutida, buscando estratégias para reduzir o abandono dos Cursos, no momento de sua culminância. Hoje, sabe-se que os níveis de desistência são bem menores.

Com a instalação do Mestrado, o Núcleo passou a ampliar suas ações e passou oferecer seminários e cursos contando com a presença de professores de outras instituições nacionais e internacionais, através de parcerias. Assim, professores como Roberto Lobato Correa (UFRJ), Maria Beatriz Soares Pontes (UNESP), Antonio Olívio Ceron (UNESP), Livia de Oliveira (UNESP), José Borzachiello (UFCE), Milton Santos (USP), Mauricio de Almeida Abreu (UFRJ), Maria do Carmo Galvão (UFRJ), Raymond Pebayle (França), Carles Carreras (Barcelona), Silvana Levy (México), Janet e Robert Townsend (Inglaterra), Paul Claval (França), entre tantos outros, contribuíram com sua excelência para a consolidação do NPGEQ. Esse intercâmbio continua, através de convênios com instituições nacionais e internacionais, com a vinda de professores para participar de disciplinas, seminários, pesquisas e eventos, garantindo relações internacionais com outros cursos similares.

Com Raymond Pebayle, o grupo de alunos fez um trabalho de campo para estudar a rizicultura no Baixo São Francisco, ficando ele impressionado por ter encontrado famílias utilizando técnicas bem tradicionais que o mesmo tinha presenciado na China, no golfo de Tonquim. A Professora Silvana Levy também acompanhou os alunos num trabalho de campo pelo estuário e manguezal do Piauí/Real, no sul do Estado. Nesse trabalho de campo, um destaque foi dado às condições do manguezal, ainda bem exuberante, à pesca estuarina e à concentração da terra. Nesse dia, a professora foi fotografar a paisagem e derrubou sua máquina em pleno rio, nas proximidades do povoado Crasto, em Santa Luzia do Itanhy, onde a Universidade tinha um Campus avançado.

Tive a felicidade de ser a primeira a apresentar a dissertação de Mestrado, realizada em 19 de julho de 1988. Foi uma verdadeira festa na instituição, com divulgação na imprensa, presença do Reitor e

de grande número de convidados e significou a vitória de um grupo que ousou uma empreitada bem difícil para aquela época. A Reitoria providenciou um pequeno auditório que foi inaugurado nesse dia. Quando cheguei no auditório o encontrei lotado, tremi nas bases. Depois da abertura da sessão pelo Reitor, Prof. Eduardo Garcia, e da apresentação pelo orientador, Prof. José Alexandre Felizola Diniz, quando me foi passada a palavra e liguei o retroprojetor, a luz queimou. Toda apresentação estava em transparências, foi uma aflição, mas tive que continuar sem apoio mesmo. Quando a outra lâmpada chegou, já estava concluindo, foi um sufoco!

Em 1987, a realização do Encontro Nacional de Geografia Agrária (ENGA), na Barra dos Coqueiros trouxe grande visibilidade para o Núcleo, sendo muito positivo. Aliás, o prof. Alexandre Diniz foi um dos idealizadores do evento que teve a sua primeira edição, em 1977, em Salgado/SE. Nesse evento, ENGA ano 10, já foram apresentados trabalhos dos alunos do Núcleo. A partir de então, nesse evento, sempre é grande a participação de alunos e professores do NPGeo/PPGeo que já coordenou a realização de outras edições, com muito sucesso e aceitação pela comunidade científica.

A formação de grupo de pesquisa sobre Campesinato, sob a coordenação do Prof. José Alexandre Felizola Diniz, resultou numa dinâmica intensa para o Curso, culminando com diversos estudos e dissertações que geraram a publicação de livros, com apresentação dos resultados.

O Curso de Mestrado sempre teve um grande número de alunos do próprio estado de Sergipe, entretanto, logo ganhou alunos de outros Estados da federação tendo um alcance regional e depois se estendendo para Estados mais longínquos. A área de concentração do curso atrai muitos alunos tendo em vista a possibilidade de realizar estudos agrários, sendo o único curso centrado nessa área. Alunos

procedentes da Bahia, Alagoas, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Maranhão, Piauí, Acre, Amazonas, Rondônia, Mato Grosso, Goiás, Rio Grande do Sul, entre outros estados, contribuíram para a diversidade de temáticas e de estudos regionais. Esta situação demonstra o alcance do Curso, devidamente inserido no contexto regional. Prof. Sylvio Carlos costumava dizer que Sergipe era o Estado mais estudado por Km², tendo em vista o grande número de dissertações e de estudos a partir das linhas de pesquisa do Curso, o que, de fato, se constitui num ganho para o conhecimento.

Ao longo do percurso, muitas dificuldades foram enfrentadas tendo em vista a aposentadoria de professores ou mesmo de decisões que não foram positivas, como a oferta de disciplinas concentradas, esvaziando o Núcleo, tendo em vista que os alunos se faziam presentes apenas no período de realização dos cursos. Esta situação foi revertida, posteriormente. Ademais, a dificuldade de bolsas de estudo inviabilizava a permanência de alunos em Aracaju, especialmente de outros Estados, ocorrendo desistências, essa foi uma das razões para essa oferta concentrada.

No final da década de 1980, a inexistência de Curso de Doutorado em Geografia, no Nordeste, fez com que se abrisse a discussão sobre a possibilidade de oferta de um curso. Mais uma vez se destaca o papel de prof. Alexandre Diniz que estimulou os contatos para viabilizar a participação da UFPE, da UFBA e da UFS, evitando a migração para o Sudeste. As discussões se prolongaram, com reuniões nas sedes dos Programas, entretanto, esbarraram em dificuldades para a oferta de disciplinas, exigindo a migração dos alunos o que encareceria o programa e, sobretudo, para a titulação. Essa ideia foi posta de lado e a inquietude do corpo docente do NPGEO gerou nova possibilidade de realizar um Doutorado Interinstitucional e, para tanto, foram feitas tratativas com a UNESP/Rio Claro, com a

qual havia intensa parceria tendo em vista que vários professores da UFS tinham estudado lá, assim como com a CAPES. Esse Doutorado interinstitucional foi instalado no segundo semestre de 1992 e tinha como objetivo atender à demanda do Norte e Nordeste e que reforçaria os Departamentos com pessoal mais qualificado.

A representação da Geografia da CAPES entendeu a magnitude do projeto e deu todo o apoio financeiro, até como uma forma experimental. Assim, foram ofertadas três turmas o que resultou na formação de 17 doutores de diversos estados nordestinos (Alagoas, Bahia, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Sergipe, além de uma aluna do Rio Grande do Sul que tinha vindo fazer Mestrado e se incorporou ao Doutorado). Somente uma aluna não conseguiu concluir o curso em decorrência de sérios problemas de saúde.

A realização desse curso enriqueceu bastante o Núcleo, com a troca de experiência com professores de Rio Claro, a exemplo de Antonio Olívio Ceron, Livia de Oliveira, Miguel Cesar Sanchez, Sylvio Carlos Bray, Silvana Pintaudi, Beatriz Pontes, Vera Mariza, entre outros que vinham ofertar disciplinas e faziam também orientação. Alguns professores do NPGeo se cadastraram junto ao Programa de Rio Claro e orientaram vários alunos (José Alexandre Felizola Diniz, Barbara Christine Newting Silva, Sylvio Carlos Bandeira de Melo e Adelci Figueiredo Santos). O Convênio previa que os alunos deveriam cursar uma disciplina em Rio Claro, assim como participar de eventos, fazer uma intensa revisão bibliográfica, além de defender sua tese em Rio Claro. Cada orientador definia tarefas para seus orientandos que deveriam ser realizados em Rio Claro ou em outras Universidades, a exemplo da USP, UNICAMP, UFRJ, UFPE, entre outras, tendo em vista que a Biblioteca da UFS tinha poucos títulos na área de Geografia, além de ser a oportunidade de dialogar com outros professores que tratavam das temáticas referentes aos projetos.

Este Curso na modalidade interinstitucional fortaleceu os diversos Programas com a qualificação dos docentes, possibilitando a formação de novos cursos. Os frutos desse esforço sempre foram reconhecidos e contribuíram para o fortalecimento do Departamento de Geografia e do próprio NPGE, que tiveram os seus quadros mais qualificados, resultando na ampliação de novas vagas e, também, nas instituições de origem dos alunos. Além disso, foi a base para que a CAPES desenvolvesse a modalidade de Doutorados e Mestrados interinstitucionais que passaram a ser realizados em diversas instituições pelo país afora, como estratégia de qualificação de professores e de fortalecimento de cursos em fase de consolidação.

Após viver a experiência como Coordenadora da Pós-graduação da UFS, tive oportunidade de coordenar dois Cursos de Mestrado, dentro dessa modalidade, um deles na área de Odontologia, entre a UFS e a UFRN, e o outro entre os Cursos de Direito da UFS e da UNIT e a Universidade Federal do Ceará, ambos com efeitos benéficos para os Departamentos envolvidos preocupados com a qualificação docente e com excelentes resultados.

Com um corpo docente antenado com os problemas da Pós-graduação, o NPGE também participou das discussões para a criação de uma associação que congregasse os cursos de Pós-graduação em Geografia que estavam em fase de expansão. De fato, uma associação através da qual se buscasse novas estratégias comuns para a melhoria dos cursos e de financiamento. Professor José Alexandre Felizola Diniz teve intensa participação nessas discussões que culminaram, em 1994, com a instalação da Associação Nacional de Pós-graduação em Geografia (ANPEGE), em Florianópolis.

A primeira diretoria da ANPEGE teve como seu presidente o Prof. Dr. Milton Santos, sendo sediada em São Paulo. Como uma forma de reconhecimento pelo empenho do NPGE na construção da

associação, a diretoria resolveu que o primeiro Encontro Nacional da ANPEGE, em 1996, seria sediado em Aracaju, tendo sido organizado pelo NPGeo e pela Diretoria da Associação. A temática do Encontro foi “Território Brasileiro e Globalização” e congregou professores e alunos dos diversos cursos existentes no país. Na sessão de abertura foi feita a outorga do título de Doutor Honoris Causa ao Professor Milton Santos, numa cerimônia que contou com a presença dos membros dos Conselhos Superiores da UFS, muito concorrida e bonita. Professor Alexandre Diniz pronunciou discurso bem filosófico de saudação ao homenageado que encantou a todos. No encerramento do evento, foi realizado um jantar com apresentação de expressões culturais sergipanas como a Banda de Pífano, de Riachão do Dantas, e a Batucada de Estância e a turma caiu na dança. Foi um sucesso! A organização desse evento foi trabalhosa e desgastante tendo em vista a exiguidade de recursos e a demora para recebê-los, entretanto, tudo saiu muito organizado, contribuindo para a consolidação do NPGeo, junto à comunidade geográfica.

Outro evento importante para o NPGeo foi a abertura do ano letivo de 1997, quando o prof. Manuel Correia de Andrade recebeu o título de Doutor Honoris Causa e proferiu a Aula Magna discorrendo sobre o Território Brasileiro. Desta feita, coube a mim a saudação ao homenageado.

Naquele mesmo ano, a primeira turma do Doutorado Interinstitucional defende suas teses, consolidando o NPGeo e ampliando as perspectivas do Curso.

Por ocasião dos 15 anos de vida do Núcleo, em 1998, foi organizado um evento comemorativo intitulado Geografia 2001, com o objetivo de discutir os novos rumos da Geografia diante da globalização e do Terceiro Milênio que se aproximava. Este evento contou com a participação de grande número de professores e alunos de

todos os cantos do país, com discussões de alto nível e dele resultou um livro com o mesmo título.

Fortalecido pela presença de novos doutores, em 2001, foi feito um esforço para a oferta de Doutorado, com apresentação de projeto a CAPES. O projeto exigia que fossem feitas mudanças no Programa que modificou sua área de Concentração para Organização e Dinâmica dos Espaços Agrário e Regional, assim como a definição de novas linhas de pesquisa e a formação de grupos de pesquisas. Assim foram definidas três linhas de pesquisa: Produção e Organização no Espaço Agrário, Análise Regional e Dinâmica Ambiental. Dentre as linhas de pesquisa destaque Análise Regional que abriu a possibilidade de ampliar novas temáticas facilitando a integração de novos alunos e, conseqüentemente, resultando em maior inserção regional do Programa. Assim, temas como áreas metropolitanas, turismo, redes, saúde, educação e desenvolvimento regional passaram a ser estudados, com grande contribuição para o conhecimento do Nordeste. Ao longo daquele ano, foi realizado um evento sobre a temática da nova área de concentração, sendo os resultados dos trabalhos apresentados em um livro.

A fim de atender uma demanda da sociedade e contando com a aquiescência da CAPES, em 2001, foi adicionada nova área de Concentração do Núcleo: Formas e Processos Tradicionais de Ocupação Territorial, em parceria com o Museu Arqueológico de Xingó e a Prefeitura de Canindé de São Francisco. Para tanto, o Núcleo contou com a parceria do Museu Nacional, Universidade Federal de Pernambuco e da Universidade de São Paulo, através dos seus professores que ofereciam disciplinas e orientaram os alunos. Era uma necessidade de qualificação de pessoal, para atender às demandas regionais. Nessa nova área, foram titulados 15 alunos sendo que alguns deles foram trabalhar no Museu Arqueológico de Xingó e em outras instituições no Nordeste. Dentre as dissertações, uma se des-

taca pelas contribuições acerca da chegada do homem nas Américas e no Nordeste brasileiro. Foi o trabalho do aluno Almir Sousa Vieira Junior, intitulado Contribuição ao Estudo Craniométrico e Radioscópico do Homem de Xingó. Após cinco anos, essa área foi extinta, mas proporcionou condições para a abertura do curso de Arqueologia da Universidade, no Campus de Laranjeiras.

A inclusão dessa área gerou muitos problemas para o NPGeo, tendo em vista que com a mudança de Coordenação da Área de Geografia da CAPES, ocorreu nova forma de entendimento resultando em reflexos na avaliação.

Em 2015, a fim de se ajustar as novas demandas, o NPGeo altera mais uma vez sua área de concentração passando para Produção do Espaço Agrário e Dinâmicas Territoriais, com as linhas de pesquisa Produção do Espaço Agrário, Dinâmicas Territoriais, além de Dinâmica Ambiental. Recentemente, houve alteração na denominação dos Cursos, deixando de ser Núcleo e passando a condição de Programa de Pós-Graduação (PPGeo).

Atualmente, o Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGeo) conta com 22 docentes, sendo destes, 6 colaboradores para o atendimento de um corpo discente formado por 47 doutorandos e 30 mestrandos.

A cada dia, constata-se que a dinâmica do PPGeo se acentua, através da atuação dos seus grupos de pesquisas que realizam estudos, pesquisas e eventos, envolvendo seus docentes e discentes e contribuindo para a Geografia brasileira. Atualmente, cinco grupos de pesquisa atuam no Programa: Estado, Capital, Trabalho e as Políticas de Reordenamentos Territoriais, Sociedade e Cultura, Geoecologia e Planejamento Territorial (GEOPLAN), Relação Sociedade Natureza e Produção do Espaço Geográfico, Transformações no Mundo Rural e Dinâmica Rural e Regional.

A inserção dos egressos nas atividades laborais em diversas instituições como professores, pesquisadores e gestores demonstram a relevância do Programa que tem contribuído para o surgimento de novos cursos e fortalecimento dos já existentes. No ano em curso, o Programa completou 35 anos, realizando evento científico muito significativo trazendo professores que discutiram temáticas atuais, as dificuldades a enfrentar nesse momento de forte crise brasileira, mas que, também, lembraram as lutas, dificuldades e, sobretudo, as conquistas que animam e reforçam o fazer geográfico cotidiano. Tenho muita satisfação de vivido esta história que tanto engrandece a Geografia sergipana e brasileira.

O DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA DO CAMPUS DE ITABAIANA (DGEI) NOS 70 ANOS DA GEOGRAFIA SERGIPANA



Josefa Lisboa

É Mestre e Doutora pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), onde também fez Licenciatura e atua como Professora Associada do Departamento de Geografia do Campus Prof. Alberto Carvalho e do Programa de Pós-Graduação em Geografia. É professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Coordena o Laboratório de Estudos Territoriais (LATER) e é líder do Grupo de Pesquisa Relação Sociedade Natureza e Produção do Espaço-PROGEO/UFS/CNPq. Realizou Estágio Pós-Doutoral na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - FCT/UNESP, Campus de Presidente Prudente, junto ao Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT).
E-mail: josefallsufs@gmail.com



Daniel Almeida da Silva

Possui Graduação, Mestrado e Doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atualmente é professor efetivo de Geografia Física do curso de Geografia da Universidade Federal de Sergipe, Campus de Itabaiana. É líder de Grupo de Estudo Águas, Espaço e Sociedade / GEASE. Coordena o Projeto de Iniciação à Docência, PIBID.
E-mail: danielalmeidaufs@gmail.com

A Geografia que produzimos hoje na Universidade Federal de Sergipe, no Campus Prof. Alberto Carvalho - Campus de Itabaiana - se inscreve como produto do alargamento da democratização da educação pública superior no Brasil, no decurso entre 2003 a 2010. Nesses termos, ela responde por um período diferenciado para a educação brasileira, atende a um grupo social que passou a ser incluído no ensino superior por escolha política do governo popular que administrou o país no hiato entre 2003-2015-16, sendo, portanto, uma Geografia comprometida com a transformação social.

Essa fase de ampliação da oferta da educação superior no Brasil, destoa do longo período anterior, quando os efeitos da crise da dívida no interior do país, como rebatimento da crise estrutural do capital situada na passagem dos anos de 1960-70, seu alastramento e desdobramentos, impulsionaram o conjunto de contrarreforços econômicas e educacionais desencadeadas pelo Consenso de Washington. Sem coincidência, tal período iniciava no Brasil, o ajuste espacial do capital, para contrarrestar os efeitos da referida crise sistêmica¹.

Tratava-se de um projeto político assentado nas ideias produzidas no esteio do neoliberalismo econômico, cujo desdobramento especificamente para a educação foi seu processo de mercantilização, com abertura e desregulamentação do mercado privado de ensino superior e forte contenção dos gastos públicos nessa área. Ou seja, a transformação da educação em um produto a ser adquirido num balcão de negócios lucrativos para os capitalistas da educação.

¹ Remeta-se à crise estrutural da fase 1968-73, cujos desdobramentos se alargam para todos os países, sendo o mais importante, as mudanças na forma de acumulação, com privilegiamento para o capital financeiro, o desemprego estrutural, a orientação sistêmica para um ajuste estrutural dirigido pelo neoliberalismo. Ler: CHESNAIS et al. (2003); MÉSZÁROS (2002).

A fase entre 1995 a 2003 foi de destacável restrição orçamentária e financeira, com minguada atenção à pesquisa, ao desenvolvimento científico e tecnológico, e teve como corolário, a deterioração das condições infraestruturais e desvalorização dos quadros docentes e técnicos das instituições federais de ensino superior.

Esse processo veio sofrer uma inflexão no sentido de resgate das condições de oferta da educação pública a partir do projeto de governo de Luiz Inácio Lula da Silva, a partir de 2003. Por sua vez, seus frutos foram se consolidando anos mais tarde.

É nessa conjuntura que ocorre a implementação do Campus Prof. Alberto Carvalho, no município de Itabaiana, no estado de Sergipe, no seio das contradições das reformas neoliberais, para oportunizar a uma maior parcela dos brasileiros o ingresso no ensino superior, principalmente para aqueles em condições tradicionalmente desfavoráveis.

Com a instalação do Campus Prof. Alberto Carvalho, o município de Itabaiana foi alçado a polo educacional do Agreste e os estudantes concluintes da educação básica da região passaram a ter nessa instituição a oportunidade de ingressarem e darem continuidade a seus estudos em nível superior, com vistas a uma formação que lhes possibilitasse inserção no mercado de trabalho não dissociada de uma formação crítica para compreender o mundo e querer transformá-lo.

Na sua implementação foram criados 10 cursos de graduação. Desses, 7 licenciaturas (Matemática, Física, Química, Letras, Pedagogia, Geografia e Ciências Biológicas), e três bacharelados (Administração, Ciências Contábeis e Sistemas de Informação), cada um deles com ingresso anual de 50 alunos. A maior concentração de cursos de licenciatura busca atender a demanda de formação de professores em um estado cujo analfabetismo ainda sobressaía.

O Curso de Geografia do Campus de Itabaiana foi instaurado pela Resolução 19/2005/CONSU, com a implantação dos centros fora de sede da Universidade Federal de Sergipe, em 2005. Iniciou suas atividades didático-pedagógicas em julho de 2006, com apenas uma turma, constituída de 50 alunos e somente 3 professores efetivos: Cláudio Ubiratan Gonçalves, Josefa de Lisboa Santos e Gicélia Mendes da Silva.

Na circunstância da instalação do campus, os 10 cursos oferecidos receberam 30 docentes, sendo 3 por departamento. O quadro docente ali inaugurado, animado pelos financiamentos para pesquisas e extensão oriundos sobretudo do MEC, naquela quadra, iniciaram uma corrida por projetos nos editais nacionais, aqueles fomentados pelas parcerias entre CNPq, Capes e Fapitec-SE e os da própria Universidade, para a criação de grupos de pesquisa no Campus, com vistas à consolidação do tripé que constitui a Universidade e a fixação de estudantes e docentes nos seus departamentos.

Até compor um corpo docente de 10 professores, cada Departamento se estabelecia como Núcleo de Graduação. O nosso Núcleo passou à condição de Departamento em 2009. Foi a partir desse ano que houve uma melhoria na infraestrutura que abriga o Departamento, com a criação de um novo prédio no Campus (Bloco D) para as salas de professores, de reunião, de aula, secretaria, além dos laboratórios já existentes de Informática, Cartografia, Estudos da Natureza e o de Ensino.

Em 2021, o Departamento de Geografia está constituído de 11 professores efetivos e dois substitutos, quatro turmas de alunos, com uma média de 35 cada uma. Desde 2010 até 2021 foram formados em Licenciatura Plena em Geografia 366 estudantes.

O primeiro projeto pedagógico do curso foi elaborado com a colaboração de professores da própria UFS, convidados pela Reito-

ria para a concepção do curso. Nessa formatação, as contribuições das professoras Dr^a Josefa Eliane Santana de Siqueira Pinto e Dr^a Vera Lúcia Alves França foram decisivas. Ambas, docentes do Departamento de Geografia do Campus sede, em São Cristóvão, respectivamente, a primeira e segunda coordenadoras do Núcleo recém-criado.

De início, a integralização da Licenciatura em Geografia se consolidaria com uma carga horária de 2.880 horas (Resolução 54/2005/ CONEPE). De acordo com essa Resolução e as duas subsequentes, elaboradas em 2006 (Resolução N° 102/2006) e 2010 (Resolução 104/2010/CONEPE, vigente na ocasião desse texto), a carga horária foi sendo alterada. Na Resolução vigente em 2021 está distribuída em 3.135 horas, sendo 175 créditos obrigatórios, 20 optativos e 14 créditos distribuídos em atividades complementares. O projeto pedagógico é conformado por um currículo padrão e um complementar, com disciplinas de conhecimento geográfico (Núcleo de Conhecimentos Específicos), de educação (Núcleo de Conteúdos Profissionais) e disciplinas complementares (Núcleo de Conteúdos Complementares) à formação docente, além de atividades complementares, que envolvem desde a participação em atividades diversificadas de extensão, à participação dos estudantes nos diversos projetos e programas conquistados pelo curso e pelo Campus.

A articulação teoria-prática, uma construção dialógica do conhecimento, a criação de um ambiente de investigação e descoberta em sala de aula, desde o início do curso, foram necessários para assegurar uma sólida formação teórica, em relação com a realidade, que em grande medida era trazida pelos estudantes a partir das suas trajetórias de trabalho e casa.

Oriundos do campo e quase na sua totalidade, do município de Itabaiana e circundantes, os estudantes do Campus de Itabaiana

se relacionam com a policultura e o comércio regionais. Nessa ambiência, a complexidade social de cada estudante, do seu povoado, da sua cidade, do cotidiano do trabalho agrícola camponês, das atividades laborais em lojas, supermercados, armazéns, nas feiras livres, sobretudo, a relação Homem-Trabalho-Natureza, aparece de forma explícita no solo universitário, corroborando para que a Geografia de Itabaiana seja atualizada, dinâmica e em constante movimento, respondendo à realidade social.

O ano de 2010, marcou os trabalhos para o reconhecimento do curso pelo MEC, que aprovou seu funcionamento por meio da Portaria MEC Nº 862, de 14 de abril de 2011 (DOU 18/4/2011 – Seção 1 – página 21).

Desde os anos iniciais da sua instalação, o Campus de Itabaiana contou com o fôlego de jovens professores (alguns em formação, e muitos já doutores). Na especificidade da Geografia, somente o Professor Claudio Ubiratan Gonçalves, iniciou como Professor Adjunto. A professora Josefa Lisboa concluiu sua formação em Doutorado em 2007 e a professora Gicélia Mendes da Silva fixou seu Doutorado em 2008. Tais docentes buscaram arregimentar financiamentos por meio dos projetos de pesquisa, de ensino e de extensão. Já em 2007 nós conseguimos aprovar dois projetos financiados para o Departamento de Geografia pelo **Programa de Auxílio à Integração de Docentes e Técnicos Administrativos Recém-Doutores às Atividades de Pesquisa** (PAIRD), que objetivava fomentar a pesquisa e a pós-graduação, promovendo nos jovens doutores o interesse na pesquisa no âmbito da UFS. A Reitoria havia lançado o primeiro edital em 2001, 2004 e continuou em 2007, 2008, 2009 e 2010 através da COPES/POSGRAP. Em 2001, 2004, 2007, 2008 e 2009 foram apoiados 25, 20, 127, 38 e 117 projetos de recém-doutores, respectivamente. Os docentes que foram ingressando no curso seguiram sendo contemplados com o financiamento.

Nesse percurso, novos professores oriundos do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFS e de outras IES iam se engajando ao curso. Destaca-se que naquele cenário, o curso de Geografia era constituído com a maioria dos docentes sergipanos, formados pela própria Universidade, evidenciando a importância da criação, em 2003, do curso de Doutorado em Geografia da UFS, como o primeiro Doutorado da Universidade e do Estado de Sergipe.

Do quadro do DGEI/UFS, 11 docentes ingressaram por meio de concurso público, como professores permanentes do Departamento. Vale ressaltar que a professora Gicélia Mendes da Silva (primeira coordenadora do curso entre os docentes do quadro) e a professora Josefa Lisboa (terceira coordenadora do curso entre os docentes do quadro) são ingressantes desde a fundação do curso. A elas se seguiram as professoras Ana Rocha dos Santos, em 2007 (quarta coordenadora do curso entre os docentes do quadro e vice-diretora do Campus na gestão 2010-2014); a professora Marcia Eliane Silva Carvalho, em 2008 (quinta coordenadora do curso entre os docentes do quadro); Marleide Maria Santos Sérgio, em 2009; Vanessa Dias de Oliveira, Daniel Almeida da Silva, José Hunaldo Lima e Marcelo Alves Mendes, em 2010; Fabrícia de Oliveira Santos, em 2013 e Layane Rose Souza Santos, em 2021. Nossa formação, realizada junto ao PP-GEO, traz ainda as referências do Departamento de Geografia de São Cristóvão onde, em grande medida, realizamos nossas formações iniciais e onde estiveram ou estão locados nossos orientadores de Mestrado e Doutorado. Tais referências são confirmadas nas aulas, quando adotamos métodos de interpretação da realidade em consonância com nossas orientações ou pelo conjunto das leituras que realizamos no curso. Convém observar que tem grande relevância na formação do quadro, a influência marcante das professoras Dr^a Alexandrina Luz Conceição, Dr^a Vera Lúcia Alves França, Dr^a Josefa

Eliane Santana de Siqueira Pinto e Dr^a Maria Augusta Mundim Vargas, além das influências dos demais docentes do PPGeo.

Somam-se ao quadro dos efetivos, os docentes oriundos de outras IES brasileiras, como o professor Claudio Ubiratan Gonçalves (segundo coordenador do curso, no quadro de docentes efetivos), da Universidade Federal Fluminense, ingressante em 2006; o professor Marco Mitidiero Júnior, em 2009, e a professora Cristiane Fernandes de Oliveira, também ingressante em 2009, ambos da Universidade de São Paulo; a Universidade Federal de Pernambuco é responsável pela formação dos docentes Cristiano Aprígio dos Santos, ingressante em 2011; Daniel Lira, ingressante em 2015; e Larissa Monteiro Rafael, que chegou ao Departamento em 2017; e como membro do quadro efetivo soma-se em 2013, o professor Dr. Oscar Alfredo Sobarzo Mino, oriundo do Chile, com formação na UNESP de Presidente Prudente. Nesse percurso iam se somando professores contratados temporariamente, sendo na quase totalidade formados pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFS. É importante destacar que todos os docentes do Departamento são Doutores.

As atividades de extensão e pesquisa, que colaboram para a integração entre a Universidade e a sociedade, se intensificaram com o apoio das Pró-Reitorias de Extensão e a de Pesquisa e Pós-Graduação. Entre 2010 e 2012 foram conquistados 3 importantes Programas para o Departamento: em 2020 foi o Programa de Educação Tutorial em Geografia (PET), financiados pelo FNDE, com bolsas e custeio, implementado e coordenação da professora Dr^a Josefa Lisboa. Atualmente, o PET encontra-se sob a coordenação do Prof. Dr. José Hunaldo Lima; o Programa de Consolidação das Licenciaturas (PRODOCÊNCIA), com financiamento da CAPES para custeio e equipamentos e coordenado pela professora Dr^a Ana Rocha, além do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PI-

BID), também implementado pela professora Dr^a Ana Rocha, como um programa que contempla um número maior de estudantes com bolsas, para a inserção na docência. Desde 2015, a coordenação do PIBID está sob a responsabilidade do professor Dr. Daniel Almeida, atual coordenador do Departamento.

A atuação de docentes em programas institucionais, como *PI-BIC*, *PIIC*, *PRODAP*, *Apoio Pedagógico*, *PIBID*, *Residência Pedagógica*, *PET*, *Busão da Ciência*, *PROLICE*², monitorias, projetos de extensão e demais pesquisas financiadas tem fortalecido o curso no sentido da iniciação à pesquisa, à docência e da relação com a comunidade. Ademais, a maior parte dos estudantes encontram-se envolvidos como bolsistas nos programas elencados, que consolidam uma formação de excelência para o desenvolvimento do espírito investigativo, para a iniciação à docência por meio das diversas formas de experiências pedagógicas, das articulações com as comunidades, como estratégias de formação científica e intelectual, pedagógica e política. Esses programas garantem, em sua maioria, bolsas de fomento, que asseguram ao estudante mais tempo nos estudos, mais dedicação às aulas, aos textos e às atividades pedagógicas em geral.

A existência desses programas assegura o fortalecimento do ensino, da pesquisa e da extensão, permite que sejam desenvolvidos projetos nas escolas públicas da região do Agreste de Itabaiana, além de trabalhos de pesquisa relacionados ao temário da Geografia (Res. 104/2010/CONEPE-UFS).

A produção científica produzida pelos alunos e professores do curso de Geografia tem sido apresentada em eventos nacionais e internacionais, publicada em periódicos e anais dos eventos. Como a associação entre ensino, pesquisa e extensão é valorizada nos di-

² Programas Institucionais financiados pela IES e demais órgãos de fomento para a educação.

versos momentos das atividades didático-pedagógicas, cria-se uma unidade na dimensão formativa do ser docente. O aluno traduz sua ação docente em sala de aula como uma atuação consciente de um trabalho que requer uma interpretação e intervenção na realidade, respaldada pela reflexão teórica que o processo investigativo proporciona através da pesquisa realizada como princípio educativo (Res. 104/2010/CONEPE-UFS).

Em 15 anos de existência, o curso de Geografia tem sido um dos responsáveis pelo maior número de alunos formados no Campus de Itabaiana, o que repercute na qualificação da educação no estado. Além disso, muitos estudantes têm optado pela continuação de seus estudos no âmbito da pós-graduação (Mestrado e Doutorado na própria UFS, no Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGeo e no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente - PRODEMA) e em outras instituições como a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Até agosto de 2021, dos estudantes licenciados no nosso curso, 42 ingressaram na pós-graduação para desenvolverem pesquisas nas áreas de Geografia Agrária, Urbano-Regional, Ambiental e Física. São 3 Doutores, 29 Mestres e pesquisas em andamento. Das pesquisas de pós-graduandos oriundos do campus de Itabaiana, elencamos aquelas concluídas (Quadro 1 e 2).

Quadro 1: Mestrados concluídos por estudantes oriundos do Campus Prof. Alberto Carvalho, 2013-2020.

Título da Dissertação	Mestre(a)	Ano/ conclusão
O fetiche da tecnologia no espaço agrário: o caso dos assentamentos rurais Jacaré Curitiba e Edmilson Oliveira em Sergipe	Santos, Fábio Ferreira	2013
Da energia que se planta à sujeição camponesa: o Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel e seus rebatimentos no alto sertão sergipano	Rodrigues, Jamile Oliveira	2013

Título da Dissertação	Mestre(a)	Ano/ conclusão
Programa Casa Nova, Vida Nova e política de desenvolvimento territorial: habitação de interesse social no alto sertão sergipano	Andrade, Vanilza da Costa	2013
A indústria de cerâmica vermelha: relações de trabalho e a retórica da sustentabilidade	Jesus, Jonas Almeida de	2013
Novos mediadores e articulação política no campo: a lógica do protagonismo social e o uso da pobreza	Lima, Jânison Pereira	2013
Participação social e política de desenvolvimento territorial: a produção de uma sociabilidade estabelecida pelo consenso	Almeida, Luiz Carlos Tavares de	2014
A Liga dos Camponeses Pobres (LCP) e a luta pela terra no Nordeste: contribuição ao estudo sobre o movimento camponês no Brasil	Silva, David Pimentel Oliveira	2014
De alimento a commodities: a produção de milho no município de Pinhão e suas contradições	Oliveira, Marina Feitosa da Rocha	2014
Mobilidade estudantil e rede de educação da microrregião do agreste de Itabaiana	Barreto, Joicy de Souza	2015
O agronegócio do milho transgênico no oeste sergipano	Cunha, Jacksilene Santana	2015
Programa de Microcrédito Crediamigo: Microfinanças e mercado de trabalho na política de geração de emprego e renda em Itabaiana-SE	Santos, Maria Joseane Costa	2016
O (des) mascaramento do discurso do desenvolvimento local/sustentável no (des)envolvimento das indústrias de cerâmica vermelha e olarias no estado de Sergipe	Silva, Genivânia Maria da	2016
Avaliação da sustentabilidade do sistema de produção do milho em assentamentos rurais no município de Simão Dias-SE, utilizando o método ISA	Silva, Crislaine Santos da	2017 (PRODE- MA)
A perspectiva pluriativa como estratégia de reprodução da agricultura familiar na microrregião do agreste de Itabaiana-SE	Teixeira, Maria Cristina Santos	2017
A política territorial e suas contradições: análise da efetivação dos mercados institucionais no território do alto sertão alagoano	Alves, Anna Maria Viana	2017
Análise integrada da paisagem do geocomplexo alto sertão sergipano	Santos, Riclaudio Silva	2018
Entre a exploração e a sobrevivência: espacialização e precariedade do trabalho de crianças e adolescentes em Sergipe	Paz, Rafaela Santos	2018

Título da Dissertação	Mestre(a)	Ano/ conclusão
A mobilidade do trabalho em comunidade camponesa do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) no alto sertão sergipano	Santana, Maria Morgana Santos	2018
Desenvolvimento e desafios da ATER no território do Sertão Ocidental de Sergipe	Nascimento, João Ernandes Barreto	2019 (UESB)
Avanços e conflitos da gestão social no conselho municipal de desenvolvimento sustentável de Itabaiana/SE	Santos, José Carlos dos	2019
A condição camponesa sob o espectro da informalidade	Ribeiro, Bruno Andrade	2020
Reprimarização da economia e o monocultivo do milho em Sergipe	Silva, Ana Paula Almeida	2020
Territorialidades em construção no Quilombo Terra Dura e Coqueiral em Capela/SE	Santos, Viviane Melo	2020
Relações quimiostatigráficas entre os sedimentos quaternários do Maciço da Baixa Verde e seu significado geomorfológico	Tavares, Kaio César de Oliveira Tavares	2020 (UFPE)

Fonte: Repositório Institucional da Universidade Federal de Sergipe - RI/UFS e Plataforma Lattes. Acesso em: 02/09/2021.

Organização: LISBOA, Josefa/2021.

Quadro 2: Doutorados concluídos por estudantes oriundos do Campus prof. Alberto Carvalho, 2013-2020.

Título da Tese	Doutor	Ano/ conclusão
Programa Minha Casa, Minha Vida: financeirização da política habitacional e relações patrimonialistas em Sergipe	Andrade, Vanilza da Costa	2018
Geografia agrária e modernidade na Amazônia brasileira: “terras esplêndidas, que poderiam dar a todos o que a quase todos negam”	Ribeiro, Alyson Fernando Alves	2020
Luta, Resistência e Organização Camponesa no Alto Sertão Sergipano: Contradições, Tensões e Dinâmica Territorial do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)	Fábio Ferreira Santos	2020 (UFPB)

Fonte: Repositório Institucional da Universidade Federal de Sergipe - RI/UFS e Plataforma Lattes. Acesso em: 02/09/2021.

Organização: LISBOA, Josefa/2021.

O trabalho desenvolvido por alunos e professores do Campus de Itabaiana tem impactado positivamente na comunidade, principal-

mente nas escolas da região que são espaços para o desenvolvimento dos projetos de formação docente e experiências metodológicas dos estágios curriculares e dos programas de iniciação à docência. Estas práticas contribuem para a melhoria do aprendizado do aluno da educação básica, ao mesmo tempo em que fortalece a relação entre teoria/prática, necessária à formação dos professores. Destaque-se ainda que essas escolas, as de Itabaiana, da região e outras escolas do estado ou dos estados vizinhos, alocam os estudantes formados que são aprovados nos concursos públicos para a docência, ou são contratados temporariamente, além daqueles que são absorvidos nas escolas de educação básica da rede particular de ensino.

O quadro docente do Departamento de Geografia do Campus de Itabaiana é atuante nos diversos Programas de Pós-graduação. Destacam-se a participação de 3 professores permanentes no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFS (PPGEO), 4 no Programa de Pós-Graduação em Ciências Naturais (PPGCN), além de compor o quadro de visitantes do PRODEMA/UFS.

Ainda no campo da pesquisa, o DGEI tem 3 grupos de pesquisa consolidados. São eles: Sociedade-Natureza e Produção do Espaço Geográfico (PROGEO), Dinâmica Rural e Regional (GDRR), Geomorfologia do Quaternário e Modelagem Ambiental (QUACOMA) e Grupo de Pesquisa Estudos Urbano-Regionais, Política e Educação (GRUPE). A inserção dos discentes nestes grupos de pesquisa tem fomentado sua entrada em diferentes programas de pós-graduação, como já demonstrado – e também no mercado de trabalho, como a aprovação em concursos públicos para professor da Educação Básica nas esferas privada, municipal estadual e federal. Há o ingresso também como professores de cursos superiores, podendo se destacar a aprovação de egresso como professor substituto no próprio DGEI.

O diálogo permanente com os sujeitos e entidades que atuam na política educacional é uma prioridade da formação, o que nos impõe constantes interlocuções desde a sala de aula, nos eventos como seminários, encontros, colóquios, e simpósios, assim como com o Sindicato, como entidade de classe.

A CONTRIBUIÇÃO DA GEOGRAFIA DE ITABAIANA PELO VIÉS DE ESTUDANTES E DOCENTES EGRESSOS

Os quatro depoimentos que seguem, nos inspiram a continuar nossa prática. Essa Geografia que descortina o mundo, eleva os sonhos dos filhos da classe trabalhadora a condição de sujeitos de si. Eles se tornam professores na dimensão mais efetiva do termo. Aqueles que partem para novos anúncios sobre o mundo. Fazem-nos seguir acreditando que nossa arma de luta é mesmo nossa ciência.

O primeiro depoimento que exporemos é o do egresso, Doutor em Geografia, Alyson Fernando Ribeiro (2010-2014 - Graduação). Trata-se de uma referência de compromisso com a ciência geográfica, de foco e determinação.

Relato 1 - Dr. Alyson Fernando Ribeiro:

“Pies para que los quero si tengo alas para volar”³. Essa frase define o legado do meu caminhar acadêmico, iniciado no ano de 2009, no Campus Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe, situado na cidade de Itabaiana.

Parece que iniciei esse trilhar ontem. Mesmo sendo residente na capital do estado, na cidade de Aracaju, realizei a opção

³ Célebre frase da pintora mexicana Frida Kahlo, escrita em 1953, um ano antes de sua morte.

de cursar graduação no recém-instalado Campus do interior localizado no Agreste Sergipano. Até hoje desconheço os motivos iniciais que me fizeram optar pelo curso de Licenciatura em Geografia naquele Campus, já que o curso de geografia do campus de São Cristóvão é um curso consolidado e de referência nacional. O que me fez optar por Itabaiana? Não sei explicar o(s) motivo(s) inicial(is), sei explicar com grande afago no coração os motivos que me fizeram permanecer e fazer do campus Alberto Carvalho meu alicerce acadêmico.

No ano de 2009, iniciei a Graduação em um Campus universitário, ainda naquele tempo, deficitário no que tange ao quantitativo docente, infraestrutura, grupos de pesquisa e extensão. Porém, desde cedo, quando adentrei as portas da UFS/Itabaiana, mesmo com todas as dificuldades iniciais de um Campus em processo de consolidação, sentia orgulho de ser aluno, de um Campus universitário que era parte do programa de expansão das Universidades Federais.

Logo nos primeiros dias, lembro-me da satisfação e felicidade, por estar em uma sala de aula, com filhos de camponeses, trabalhadores informais, pequenos comerciantes, feirantes, filhos, netos de caminhoneiros. Uma realidade um pouco diferente da minha, que mesmo criado na periferia de Aracaju, possuía algum tio, tia, pai, que realizaram estudos universitários. Esses meninos eram os primeiros de várias gerações a ocupar um lugar na universidade pública: vivenciavam o sonho de uma família inteira: *“Sonhar mais um sonho impossível/Lutar quando é fácil ceder. Vencer o inimigo invencível. Negar quando a regra é vender (...)”*⁴.

No segundo período de curso de Licenciatura em Geografia, no ano de 2010, minha vida estudantil e acadêmica transformou-se para sempre. Participei da Oficina de Ciências, Mate-

⁴ Sonho Impossível - Letra de Chico Buarque - Cantada por Maria Bethânia.

mática e Educação Ambiental – OCMEA. Fui monitor de uma oficina, cujos resultados eu transformei em meu primeiro artigo, com participação no Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (SBCG), na cidade de Fortaleza-CE. Ao retornar do evento, uma certeza fazia morada na minha bagagem: necessário fazer iniciação científica, para poder vivenciar momentos como esse.

Nesse mesmo período letivo, uma professora mudaria minha vida completamente: Josefa de Lisboa Santos, filha de camponeses da Colônia Treze (Lagarto-SE), professora da disciplina “Historia do Pensamento Geográfico - HPG”. Ao final da aula a professora faz um anúncio: “aprovei um projeto de iniciação científica, pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento para a Educação-FNDE. É o Programa de Educação Tutorial, o PET. São 10 bolsas de pesquisa. Farei seleção ainda esse mês”.

Estava traçado nos desígnios da vida, na travessia do meu caminho acadêmico, realizar iniciação científica sendo bolsista do PET-Geografia, orientado por uma professora, quem além de impulsionar-me para o mundo, apresentaria a dialética marxista, como práxis e lastro para a crítica ao modo de produção vigente e sua lógica calcada no lucro a qualquer custo. A iniciação científica no Grupo Pet-Geografia do Campus Alberto Carvalho instigou-me a continuar a fazer pesquisa. Impulsionou-me para um salto, um degrau estruturante na minha trajetória: fazer um Mestrado. O PET-Geografia ainda faria algo maior em minha vida: seria a pedra basilar para ir sempre além, ampliar os horizontes, buscar as oportunidades mundo à fora.

No ano de 2014, motivado por um sonho de estudar a Amazônia, presto seleção para o Mestrado no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). O Mestrado forneceu os alicerces, como também novas inquietudes sobre a produção do espaço da Amazônia. Durante o Mestrado participei de um trabalho de campo, singular para compressão da (re)produção do espaço agrário da Amazônia.

O trabalho de campo foi realizado durante um mês, trajeto feito todo a barco pelos rios Madeira, Amazonas e Trombetas. Foram visitados os mais diversos sujeitos que compõem o campesinato da Amazônia: seringueiros (Acre); ribeirinhos (Rondônia); indígenas, e quilombolas (Pará); camponeses (Amazonas).

No ano de 2016, realizo seleção para o Doutorado, ainda aluno do curso de Mestrado, e para minha grata surpresa, na primeira tentativa, fui aprovado. Eu retornaria para as minhas origens, em casa e com a minha orientadora do PET eu avançaria no projeto de me qualificar na geografia. Coragem é a palavra que define esse recomeçar, no qual (re)encontro à UFS, agora no Doutorado, sendo aluno do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO). Algumas vezes perguntei-me se era capaz de escrever uma Tese de Doutorado sobre Amazônia: uma realidade tão cara! Porém, esse desafio colocou-se em minha vida acadêmica como um anseio de poder analisar a produção do espaço em uma dimensão territorial que conhecemos (ainda) pouco, que enche os olhos do mundo afora. Realizar um Doutorado é traçar uma caminhada pelas curvas da dureza árdua do querer, da vontade de ir além, das noites sem dormir, dos prazos a cumprir, das dores no corpo, da ausência e da renúncia.

No entanto, esse caminhar de pés cansados, mas dispostos a dar mais um passo, seguido de outro, parando para descansar, retomando logo a caminhada, representa a luta em realizar o sonho incessante que foi iniciado em Itabaiana, no ambiente das reuniões do PET. Ali eu percebi que dali eu iria conquistar meu espaço no mundo: “O Homem é do tamanho do seu sonho, eu sei que não sou nada e que talvez nunca tenha tudo. Aparte isso, eu tenho em mim todos os sonhos do mundo”.

Em 2017, segundo ano de curso de Doutorado, tenho uma certeza: “necessito de uma língua estrangeira, não posso ser Doutor, sem dominar outro idioma”. Começo então a fazer curso de espanhol, na própria UFS, que realizava um belíssi-

mo projeto de extensão, o Curso de Idiomas para a Comunidade - CLIC. Era mais uma vez, a Universidade Pública me permitindo acessar um mundo só possível por filhos de famílias mais abastadas.

Neste contexto faço inscrição e sou selecionado como Bolsista de Excelência da Secretaria de Relações Exteriores do Governo do México (SER-MEX). Com a bolsa de estudo foi possível realizar mobilidade acadêmica na *Universidad Autónoma de México* (UAM) sob a tutoria do Prof Dr. Luciano Concheiro Bórquez, atual sub *Subsecretario de Educación Superior* do Governo Mexicano.

Em 2018, busco novamente a estrada do mundo que sempre me acolhe. É na estrada, na chegada e partida que me reconheço. A estrada que solta e acolhe-me no mundo. Fui aceito para estágio doutoral na *Universidad de Alicante* (Espanha). Com essa oportunidade foi possível realizar um Doutorado na modalidade sanduiche. Na referida Universidade atuei como professor visitante do Departamento de Geografia e atualmente faço parte como pesquisador associado do *Grupo Interdisciplinario de Estudios Críticos y de América Latina - GIE-CRYAL*. Terminei o Doutorado no PPGeo/UFS, no ano de 2020, em plena pandemia que assolava o mundo. Neste mesmo ano de adaptações e dificuldade, como professor da Educação Básica do município de Aracaju, faço inscrição e candidatura na chamada de bolsas de Pós-Doutorado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- CNPq.

O Brasil perpassa por uma eutanásia na produção científica. O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) vivencia um momento de desmonte. Só pagará bolsas a 396 dos 3080 dos doutorados e pós-doutorados que foram aprovados para 2021. Isso significa que só 13% dos projetos de pesquisa aptos a receber bolsas – de fato receberão. Mesmo diante deste cenário que endossa a situação precária do financiamento à pesquisa no Brasil, eu recém Doutor, egresso do PET do curso de Geografia da Universidade Federal

de Sergipe, Campus Alberto Carvalho, conquistou a única bolsa de Pós-doutorado, destinada à área de Geografia Humana para todo Brasil.

A pesquisa a ser desenvolvida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), intitulada “Território Ambiente e Políticas Públicas: Projeto “Regulariza Amazônia” cooperação bilateral Brasil - União Europeia para a governança fundiária”, terá como supervisor o Prof. Dr. Hervé Thery (PPGH-USP). Contará com estágio pós-doutoral na França, no *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS): maior órgão público de pesquisa científica da França e uma das mais importantes instituições de pesquisa do mundo. Recentemente, a USP (Universidade de São Paulo) foi considerada a melhor universidade da América Latina de acordo com o ranking THE (*Times Higher Education*). A revista britânica responsável pela divulgação das informações é considerada um dos mais importantes ranqueamentos do mundo.

Este cenário e a conquista da bolsa de Pós-doutorado, bem como, o trilhar de minha vida acadêmica como professor-pesquisador, demonstra a força e o legado, do Curso de Geografia da Universidade Federal de Sergipe, do Campus Alberto Carvalho, como referência científica. Um Campus fruto da necessidade inerente de democratização do ensino superior público. Um Campus no Agreste sergipano, que mediante a iniciação científica, no ensino e na extensão encorajou um jovem pesquisador a lutar com bravura pelos seus sonhos acadêmicos. O canto entoado por *Gonzaquinha* nos alerta para nunca nos afastarmos dos nossos sonhos:

*Ontem um menino que brincava me falou
Hoje é semente do amanhã
Para não ter medo que este tempo vai passar
Não se desespere e nem pare de sonhar
Nunca se entregue, nasça sempre com as manhãs*

*Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar
Fé na vida, fé no homem, fé no que virá
Nós podemos tudo, nós podemos mais
Vamos lá fazer o que será⁵*

Universidade Federal de Sergipe, Campus Alberto Carvalho, PET-Geografia, essa estória é nossa! O caminhar é minha sina, meu destino, meu ontem, meu hoje, meu amanhã. Ser pesquisador, desbravar e conquistar espaços, ao descortinar as contradições do mundo-mercadoria é meu ato revolucionário (Alyson Fernando Ribeiro, 2021 - Dr. em Geografia).

Relato 2 – Dr. Bruno Andrade Ribeiro:

O relato do egresso Bruno Andrade Ribeiro (2014-2018 - Graduação) é um manifesto da importância da Universidade Federal de Sergipe, do Campus de Itabaiana, e do curso de Geografia para as famílias daqueles que acessam essa ambiência de formação. Para Bruno,

A Geografia se constituiu em objetivo profissional antes de todo o processo de ingresso, com os estudos para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Sou filho de trabalhadores do campo, dois lavradores que, como uma imensa parcela de brasileiros e brasileiras são expressão do mundo do trabalho precarizados. Minha mãe, antes de tornar-se comerciante, era funcionária pública - merendeira em uma escola -, demitida nos anos 1990. Meu pai, após uma juventude e parte da vida adulta sendo trabalhador sazonal nas usinas sucroalcooleiras paulistas, tornou-se frentista em posto de gasolina, e após a demissão, em 2007, dedica-se ao trabalho no campo.

⁵ Nunca Pare de Sonhar – Letra de Gonzaguinha.

A Educação sempre foi uma possibilidade de transformação, desde o início da Alfabetização até a ideia de adentrar uma Universidade. A Geografia, em específico, foi uma forma de abarcar o horizonte de um mundo tão complexo, em que a transformação transitasse entre o particular/singular e o universal/coletivo. Os mapas presenteados por meu pai foram um ponto de partida; depois disso vieram as aulas dos anos finais do Ensino Fundamental, entre 2008 e 2009 e, por fim, o Ensino Médio, com a consolidação sobre tornar-se e ser professor de Geografia. A existência de um Campus da Universidade Federal de Sergipe (UFS) em Itabaiana, município do Agreste Central Sergipano, foi um dos principais condicionantes para concretizar o caminho em direção ao Ensino Superior, em 2012.

O início foi marcado pela presença de ismos e abismos (Determinismo, Positivismo, Possibilismo, Marxismo, etc.), entre os conceitos e temas de uma Geografia que se apresentava mais ampla e complexa do que aquela ensinada durante a Educação Básica. Todavia, um caminho aberto levava para a desconstrução de compreensões fixas e naturalizadas: a Geografia serve para quê? A Geografia é decoreba? A Geografia pode ajudar a construir um mundo mais justo?

O sentido crítico em desvelar os fatos, formas, relações, processos, sujeitos e ideias ao longo das disciplinas foi o motor que possibilitou o entendimento sobre categorias analíticas, sobre conceitos norteadores, temas e problemas de pesquisa e a relação entre a teoria e a prática, desde a moradia e a comunidade até uma escala mundializada.

Ao longo do curso, o processo de tornar-se professor foi concretizado. Os trabalhos de campo como laboratórios de um movimento de produção do espaço ininterrupto, contraditório e social. Os estágios supervisionados como a inicial experiência com a prática docente, a sala de aula e a aprendizagem como relação mútua. As leituras e discussões de artigos, livros, documentários e a participação em eventos nacionais e internacionais como uma porta de entrada para a construção

científica. Durante a graduação tornei-me professor e pesquisador. Com as oportunidades advindas de uma bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) entre 2014 e 2016 e de uma bolsa de Extensão pelo Programa de Educação Tutorial (PET), entre 2016 e 2017. Ao final da graduação, um sentido definidor e formativo pôde ser comprovado: a Geografia serve para ajudar a sociedade a entender o mundo em que vive.

Ao mesmo tempo em que o filho de trabalhadores do campo conseguia um lugar na ciência geográfica, o Brasil atravessava uma década de desmonte de conquistas sociais. Na árdua busca de perpetuar as esperanças de mudanças, em um país que parecia iniciar uma transformação efetiva em suas bases sociais, políticas e econômicas, chega-se ao fim da década, em um outro país, marcado pela desesperança, desigualdades, precarização e desemprego estrutural.

A despeito disso, a trajetória de Ensino, Pesquisa e Extensão durante a graduação possibilitou adentrar o Mestrado no Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO/UFS), concluído em 2020 com a defesa da Dissertação “A condição camponesa sob o espectro da informalidade”. No mesmo ano, instigado pela problemática da relação entre produção do espaço e mundo do trabalho, em particular, a mobilidade do trabalho a partir da condição dos trabalhadores imigrantes, me tornei doutorando do mesmo Programa de Pós-graduação. No movimento de tornar-me professor e pesquisador fui aprovado em Concurso Público para Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT), do Instituto Federal Baiano, cujo tema sorteado para a prova didática foi “Modernização do campo e suas contradições”. Nesse ponto da trajetória, cujas reticências continuam, entremearam-se o lugar de onde vim (o Povoado) e o lugar para onde fui (a Universidade Pública). Na aula que possibilitou as tantas outras aulas que virão estavam em conexão as aulas de uma formação inteira no Curso de Licenciatura Plena em Geografia naquele campus específico - o de Itabaiana, com aquela equipe de professores e ami-

gos, que nos acolhiam para as interpretações dos textos no debate, com cobranças e uma imensa generosidade, somente possível, entre os que sentem prazer pelo voo dos seus. Como uma espiral, o lugar para onde fui, com a formação crítica que adquiri nessa trajetória, retorna ao lugar de onde vim. Quero reproduzir tudo que aprendi, me doando como fizeram todos os docentes pelos quais passei, quero dar sentido ao que a Universidade Pública e a Geografia me deram, quero ensinar Geografia, ensinar a ler o mundo para transformá-lo em um lugar melhor a ser apropriado por todos (Bruno Andrade Ribeiro, Relato de uma trajetória, 2021 - Dr. em Geografia).

Relato 3 - Dr. Marco Antônio Mitidiero Jr.:

O valor social da Universidade no interior do Brasil, e da Geografia nesse contexto, é também destacada nos comentários de colegas docentes que passaram pelo curso e que, ao se afastarem, constroem uma reflexão sobre a dimensão política e pedagógica daquele espaço de formação. O Prof. Dr. Marco Antônio Mitidiero Júnior, vindo do interior de São Paulo, Araçatuba, cuja formação se deu na Universidade de São Paulo (USP), apresenta em seu depoimento um aspecto relevante, que tem relação com a promoção do primeiro diploma às famílias da região. É essa natureza social do Campus em áreas distantes dos grandes centros urbanos, oportunizando o acesso e a possibilidade de ascensão social desses jovens e de suas famílias pela educação, que o professor ressalta. Para Mitidiero Jr,

A experiência como docente do Departamento de Geografia no campus de Itabaiana foi marcado, dentre tantas experiências positivas, pela possibilidade de ver na prática os efeitos e impactos da expansão da Universidade Pública e Gratuita para os interiores do Brasil, sobretudo no Nordeste. Os dis-

centes desse Departamento/Campus eram absolutamente sérios e engajados no processo de formação e era evidente que a maioria deles, assim assumiam a universidade, porque em outras condições, como por exemplo a centralização das Universidades em capitais ou grandes cidades, não teriam acesso ao ensino universitário nem ao primeiro diploma para suas famílias. Vi em Itabaiana muitas possibilidades de transformação da sociedade brasileira (Prof. Dr. Marco Antônio Mitidiero Júnior – Presidente da ANPEGE - Gestão 2020 - 2021).

Relato 4 - Dr^a Diana Mendonça de Carvalho:

O olhar dos de dentro, de quem olha a partir do seu lugar e consegue elaborar uma análise crítica do papel social do Campus e do curso de Geografia para a formação de professores na e para a região aparece no relato da professora Dr^a Diana Mendonça de Carvalho, geógrafa itabaianense, docente da rede municipal de ensino do município, assessora técnica da Secretaria Municipal de Educação do município, entre 2016-2021, e professora contratada do DGEI/UFS, no período 2017-2019. De acordo com a professora:

A partir de 2016 vim ter a noção exata da importância do Campus para a Educação sergipana, quando de minha inserção junto à equipe da Secretaria Municipal de Educação. Nesse momento, como técnica assessora da Secretaria de Educação participei da formatação de uma parceria com a Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof^o Alberto Carvalho, o que culminou em um Termo de Cooperação assinado em 2017, entre o Gestor Municipal e o Reitor da UFS. O termo subsidiou trocas entre a UFS e a rede de ensino, cabendo à Universidade Federal, a realização de ações pertinentes à formação educacional, científica e cultural dos docentes da rede municipal de educação, assim como, a

realização de atividades de pesquisas, extensão, supervisão, acompanhamento e avaliação de estágios supervisionados na rede municipal; e o atendimento técnico, social e cultural do município, entre outros objetivos.

Nesse conjunto, as ações desenvolvidas pelos docentes da UFS, junto a Rede Municipal de Educação, possibilitaram a melhoria na avaliação e execução do Plano Municipal de Educação (PME). Nesse contexto, a UFS/Campus Alberto Carvalho teve papel central para as três metas do PME, referentes ao ensino superior.

O anúncio da criação do Campus Professor Alberto Carvalho, em Itabaiana, foi uma alegria. Foi um marco na oferta de serviços acadêmico-estudantil em nível superior. A UFS Itabaiana, como muitos conhecem, é um polo de formação docente no interior sergipano, com oferta de graduação e mestrado profissional, além de áreas específicas, que se voltam as especificidades regionais, como Administração, Ciências Contábeis e Sistemas de Informação. Era o que se falava ali, nos anos que antecediam a instalação do Campus.

A gente observa que a importância desse Campus se faz visível não só no número de alunos que estão matriculados ano a ano, mas na trajetória espacial que muitos discentes trilham para chegar até aqui. Os estudantes matriculados na instituição, procedentes sobretudo de Itabaiana e de sua microrregião, mas não exclusivamente, já que muitos vêm de municípios de todo o estado de Sergipe e de municípios baianos e alagoanos, sobretudo, deram uma outra dinâmica à cidade de Itabaiana. Fato que sedimenta uma importância do Campus também para o município, em termos de acréscimos de estabelecimentos com oferta de serviços especializados, de serviços básicos e residências, como também em termos de acréscimo populacional por motivação de trabalho e necessidade de fixar vivência, e mesmo, de fluxos migratórios diários e sazonais, que contribui para maior circulação de veículos e de pessoas (Dr^a Diana Mendonça de Carvalho, 2021).

O depoimento da docente, que já havia produzido pesquisa de Bacharelado em Geografia, em torno do tema “As Funções Centrais da Cidade de Itabaiana: Uma Abordagem Contemporânea” (CARVALHO, 2009), chama atenção para a oferta de Ensino Superior como aspecto estimulador da centralidade urbano-regional, um aspecto que ela já discutia na referida pesquisa, quando visualizava os mecanismos que davam centralidade urbana ao município de Itabaiana. Ela remete aos traslados, com novos transportes circulando para Itabaiana, os aluguéis para estudantes, a importância disso para os supermercados locais, os restaurantes, pequenos negócios de comidas, moto taxistas e taxistas, até os hotéis que recebem professores convidados, são condições que corroboram para o desenvolvimento local. Numa perspectiva de curto prazo, o desenvolvimento regional torna-se visível em virtude do acesso dos jovens ocupando postos de trabalho e assegurando melhores condições de reprodução social para si e suas famílias. Outro aspecto que ela destaca tem relação com a sua passagem pelo quadro docente do Departamento de Geografia (DGEI), como professora substituta entre 2017 e 2019:

Nesse período, observei quantos projetos são criados e desenvolvidos pelos departamentos e apresentados a sociedade de nosso estado, como forma de cooperação e melhoria da qualidade de vida social. Participei, por exemplo, intermediando informações e ações da UFS, junto a gestão educacional do município, voltadas a melhoria da relação docente-discente e do processo de ensino-aprendizagem. Algumas das ações podem ser pontuadas quando da coordenação de Estágios Curriculares em geografia junto aos professores municipais e aqueles vinculados a Secretaria de Educação do Estado de Sergipe. Outra contribuição da UFS são os projetos de extensão, que tem subsidiado boas experiências à comunidade universitária com reflexo na nossa sociedade,

como as Semanas Acadêmicas. Como professora substituta promovi com parcerias no Depto, um minicurso na Semana Acadêmica do Campus, em 2018, em parceria com a Professora Doutora Vanessa Dias Oliveira, intitulado: “A Geografia Local de Itabaiana: da Centralidade Urbana e Comercial às Relações Capital-Trabalho”, que nos trouxe excelentes trocas de experiências. Sem sombra de dúvidas, a Universidade é um universo multidisciplinar de conhecimento, que possibilita o desenvolvimento humano e regional, associada ao mérito da formação profissional e a oferta de títulos, mas sobretudo, pela formação de adultos com opiniões bem formuladas e críticas diante da realidade social (Dr^a Diana Mendonça de Carvalho, 2021).

É inegável o papel exercido pelo Campus no aumento do número de pessoas com formação em nível superior no interior do Estado. Isso representa uma mudança qualitativa na vida de centenas de famílias, cujos pais e parentes não tiveram acesso à universidade. Os jovens que ingressam no curso de Geografia e também nos demais cursos do Campus de Itabaiana são oriundos de famílias de baixa renda, trabalhadores do campo, do setor terciário e com poucos anos de estudos.

Educação e acesso ao conhecimento são ingredientes inseparáveis da transformação social. Possibilitar que jovens que continuem os estudos em uma universidade pública, após o término do ensino médio é uma conquista recente na história sergipana. A inclusão recém-conquistada permite que os mais pobres vislumbrassem uma vaga na educação superior e junto a ela, a descoberta do conhecimento científico.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, D. M. de. As Funções Centrais da Cidade de Itabaiana: Uma Abordagem Contemporânea. **Monografia de Bacharelado em Geografia**. Universidade Federal de Sergipe, 2009.

CHESNAIS, F. et al. **Uma Nova Fase do Capitalismo**. São Paulo: Xamã, 2003.

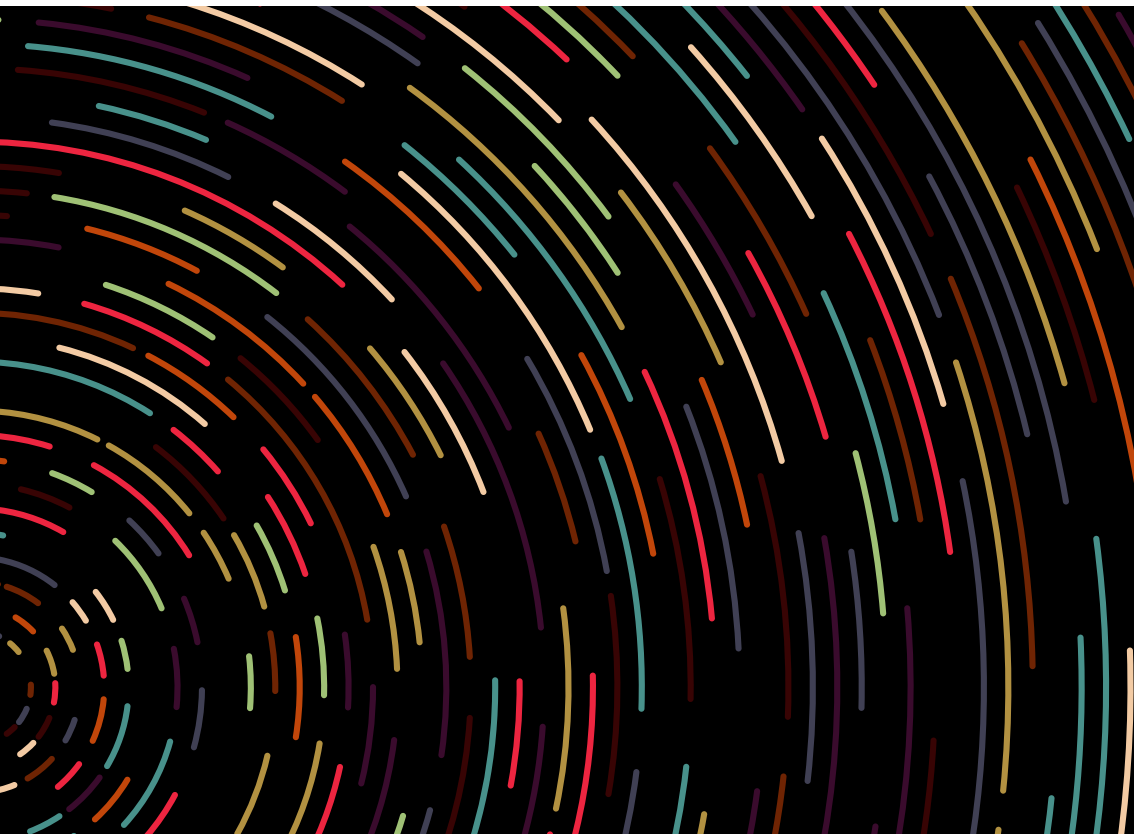
MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital** – rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2002.

RESOLUÇÃO 19/2005/CONSU-UFS. Aprova a criação do Campus de Itabaiana e regulamenta os procedimentos para a implantação de Centros fora da sede da UFS e para a criação de cursos de graduação em áreas de conhecimento em que não existam Departamentos diretamente a elas relacionados nos Centros em que serão criados esses cursos.

RESOLUÇÃO 104/2010/CONEPE-UFS. Aprova alterações no Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Geografia Licenciatura do Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho e dá outras providências.

PARTE 2

**EM NOME DA MEMÓRIA:
MESTRES E MESTRAS DA GEOGRAFIA
SERGIPANA**



UM SER HUMANO FASCINANTE: ADELCI FIGUEIREDO SANTOS*



Vera Lúcia Salazar Pessoa

Possui Graduação em Geografia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia, Especialização em Geografia Humana pela PUC/ Minas, Mestrado e Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Foi professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFG/Regional Catalão e do PPGeo/UFU. Professora Titular da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
E-mail: vspessoa.salazar715@gmail.com



Ewerton Vieira Machado

Licenciado e Bacharel em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) com Especialização em Desenvolvimento Regional e Urbano e Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Desenvolve funções profissionais junto ao Departamento de Geociências (LABEUR, GEOMEMÓRIAS, NEPEGeo) da UFSC (Florianópolis, SC - Brasil). Realizou estágio de Pós-doc no Laboratório Associado do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
E-mail: E-mail: vetovm@gmail.com

* Texto publicado originalmente na Revista GeoNordeste, São Cristóvão, Ano XXX, n. 3, jul./dez. 2019. ISSN: 2318-2695. Agradecemos ao Conselho Editorial da revista pela autorização para republicação no presente livro.

1 INTRODUÇÃO

Escriver sobre Adelci, depois de sete meses de sua partida (julho de 2019), não é tarefa simples, porque entendemos que não é fazer apenas um relato de sua vida acadêmica na Universidade Federal de Sergipe (UFS). O legado deixado por ela é significativo tanto como profissional (ética, séria e competente) como ser humano (gentil, amiga, carinhosa e solidária). Estes são alguns adjetivos que podemos enumerar para a amiga e colega com quem convivemos por longos anos.

Para nós, Adelci é “professora fascinante”, parafraseando o autor Augusto Cury (2003) em seu livro *“Pais brilhantes, professores fascinantes – a educação de nossos sonhos: formando jovens felizes e inteligentes”* E por que Adelci é “professora fascinante”? Porque “Bons professores são mestres temporários, professores fascinantes são mestres inesquecíveis” (p. 72). Continuando, o autor assim diz: “Este hábito dos professores fascinantes contribui para desenvolver: sabedoria, sensibilidade, afetividade, serenidade, amor pela vida, capacidade de falar ao coração, de influenciar as pessoas” (p. 72). E para finalizar, “um bom professor é lembrado nos tempos de escola. Um professor fascinante é mestre inesquecível” (p. 72). Adelci foi assim. E será sempre lembrada pelos seus alunos. É mestra inesquecível!

O texto, além da introdução e considerações finais, apresenta três partes nas quais estão contidos o reconhecimento acadêmico-científico, o percurso profissional e a homenagem de ex-aluno(a)s e amigo(a)s em forma de depoimentos.

2 (RE)CONHECENDO UM POUCO DE ADELCI: TRAJETÓRIAS

Filha de Alcides Borges dos Santos e Maria de Lourdes Figueiredo Santos, proprietários rurais, Adelci nasceu em Malhador, municí-

pio do Agreste sergipano, no dia 19 de agosto de 1932. Foi uma pessoa alegre, otimista e com um coração “gigante” para atender a todos com quem convivia e preocupada com o bem-estar das pessoas.

Durante muitos anos, dedicou-se a trabalho social de grande relevância, ajudando um grupo de voluntárias a confeccionar enxovais para recém-nascidos, trabalho iniciado por sua mãe em uma casa religiosa. Também dedicou parte de seu tempo à alfabetização de adultos. Em sua trajetória, o ser humano e a profissional se misturavam pelo carinho com que tratava as pessoas. Assim, foi Adelci.

No que se refere à sua formação, estudou em Aracaju, no Colégio Nossa Senhora de Lourdes e na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, formando-se em Geografia e História (Bacharelado e Licenciatura) em 16 de dezembro de 1955. Obteve o título de Doutora no Concurso de Livre Docente em Geografia da População, estudando o tema Migração em Sergipe, homologado pelo Conselho de Ensino e Pesquisa em 1977.

Sempre preocupada com sua formação, fez cursos e estágio que lhe possibilitaram aperfeiçoamentos. No Brasil, fez os cursos de: Geografia para professores do Curso Superior no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Rio de Janeiro (RJ), em julho de 1967, e Curso de Atualização Geográfica; de Geografia Agrária no Departamento de Geociências da Universidade de Brasília (UnB), ministrado pelo prof. Dr. José Alexandre Felizola Diniz em 1972; de Geografia Regional ministrado pela profa. Dra. Ignez Barbosa no Departamento de Geociências da Universidade de Brasília também em 1972; de Atualização em Métodos Geográficos, ministrado pelo prof. Dr. José Alexandre Felizola Diniz no período de 26 a 31 de agosto de 1974, na Universidade Federal de Sergipe. No exterior, participou do Curso de Supervisão de Ensino no Departamento de Saúde e Educação dos EUA, ministrado na Universidade do Noroeste (*Northwestern*

University), localizada na cidade de Evanston, e na Universidade Estadual da Pensilvânia (*Pennsylvania State University*).

Fez também estágio em Geografia da Agricultura, realizado sob a orientação do Prof. Dr. José Alexandre Fellizola Diniz na UNESP - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (SP) - e no Departamento de Geociências da Universidade de Brasília (UNB) no período de março a dezembro de 1972.

3 PERCURSOS PROFISSIONAIS

Nos percursos profissionais Adelci ocupou cargos, foi professora e sua contribuição acadêmica foi importante, conforme destacaremos.

Iniciou sua carreira acadêmica na Faculdade Católica de Filosofia e Letras em 1966. Posteriormente, ingressou na Universidade Federal de Sergipe (UFS), fundada em 1968, quando a referida universidade incorporou as escolas dos cursos superiores existentes no estado. Ocupou os seguintes cargos: vice-reitora, de 22 de agosto de 1980 a 22 de março de 1982; chefe do Departamento de Geografia, de 7 de fevereiro de 1974 a 1982. Nesse período muito se empenhou para o fortalecimento e dinamismo do Curso de Geografia, assim como para sua divulgação em níveis regional e nacional, participando de eventos e atividades ligadas à comunidade acadêmica geográfica. Foi também coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) de 1986 a 1990 e, quando se aposentou foi professora visitante no referido Programa entre 1992 e 2003.

Enquanto docente, foi professora o Instituto de Educação Ruy Barbosa (IERB), também conhecida como Escola Normal, em diversos colégios e faculdades da capital sergipana. Na UFS, foi professora nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia. Sua presença no

Departamento de Geografia lhe possibilitou a participação em bancas de concurso público, defesas de monografias de Curso de Especialização em Geografia Aplicada ao Planejamento (1978) e de dissertações de Mestrado e Doutorado. Publicou livros e vários artigos em revistas e capítulos em livros. Também desempenhou papel fundamental em suas orientações de Mestrado com seriedade e profissionalismo e nos projetos de pesquisa desenvolvidos enquanto pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Quando o Programa de Pós-Graduação em Geografia (UFS) completou 10 anos, em 1993, Adelci escreveu na edição da **Revista GeoNordeste** o artigo “*Uma experiência em Pós-Graduação*”, relatando um pouco da história. Vamos transcrever algumas passagens do referido artigo, sem seguir as normas de citações.

Assim a história do PPGEO começou: “Em agosto de 1983, a UFS criava seu Programa de Pós-Graduação começando pelos cursos de especialização, organizados em quatro núcleos distintos, dentre eles o da Geografia. Em dezembro de 1984 começava a funcionar no Núcleo de Geografia o curso de Mestrado, permitindo com isso a absorção de alunos mais habilitados que haviam cursado a especialização, bem como a inclusão de novos alunos, via seleção.” (p. 13).

Continuando, Adelci mostra como o PPGEO se estruturou: “A elaboração do plano da Pós-Graduação na UFS, a partir de 1981, foi iniciada com o surgimento da Coordenação da Pós-Graduação e precedida de um estudo e análise sobre a experiência vivida nos últimos 10 anos pelas universidades brasileiras detentoras da Pós-Graduação. A própria Coordenação liderou a formação de um Grupo de Trabalho envolvendo professores dos Centros e Departamentos da UFS com o objetivo de discutir e propor diretrizes do Programa. Paralelamente, foram convidados professores de outras Universidades com experiência no assunto os quais colaboraram com o Grupo de

Sergipe. Entre eles Carolina Bori da USP, Antônio Paes de Carvalho e Giúlio Massarini da UFRJ. Das reuniões, alguns pontos fundamentais foram destacados tais como: os recursos humanos disponíveis na UFS, atuação de grupos de pesquisa já existentes e as necessidades da própria Região, vez que no Nordeste só havia um Mestrado em Geografia, o do Recife.” (p. 13).

Nesse artigo, Adelci ainda faz uma reflexão sobre o momento atual da época (1993) e que não está muito diferente de hoje (2020): “é difícil refletir, no momento atual [1993], sobre a Universidade brasileira, ou mesmo sobre o sistema educacional global. A crise que o Brasil atravessa se alastra de maneira contundente no ensino e, sobretudo, na Universidade, ambiente propício para a formação de lideranças capazes de, através da sua atuação, minimizar os problemas que atingem toda a sociedade. Criar uma massa crítica pensante, conscientizar a juventude do seu papel como cidadão e atender os anseios da comunidade é papel da Universidade. Embutido nestes liames se encontra o Curso de Pós-Graduação e difusão de conhecimentos técnicos-científicos contribuindo desta forma pela melhoria de uma sociedade mais justa e mais atuante” (p. 13).

Adelci ainda fala que “não foi, nem tem sido fácil a manutenção deste Programa na UFS, pois problemas os mais variados têm afetado o seu funcionamento desde sua origem até os nossos dias” (p. 13). Mas, ao fazer um “balanço” sobre a seriedade com que o curso foi conduzido, a contribuição significativa dos colegas professores orientadores, a responsabilidade de orientadores e orientandos para cumprir os prazos para a entrega das dissertações e teses, o esforço do MEC para garantir o mínimo de bolsas para cada programa, Adelci nos mostra que as “pedras no caminho” foram sendo retiradas a cada vitória conquistada com as defesas das dissertações e teses; a criação da **Revista GeoNordeste**, importante veículo

de divulgação dos trabalhos não só locais, mas também regionais, nacionais e internacionais; e as pesquisas desenvolvidas por meio de convênios.

Outro ponto importante destacado por Adelci foi “a criação do Doutorado da UNESP - Rio Claro - em Aracaju a partir de 1992. O PP-GEO “passou a ter maior intercâmbio entre os professores dos dois cursos, na troca de ideias e experiências, tendo em vista que disciplinas de ambos os centros são ministradas por docentes de Rio Claro e de Aracaju. Temos ainda a oportunidade de receber maior número de ilustres professores estrangeiros como já vínhamos recebendo da Alemanha, Canadá, México, Espanha, França, Yugoslávia, EUA e agora Reino Unido que participavam de seminários necessários à atualização do Curso” (p. 16).

E para terminar estes relatos sobre os 10 anos do PPGE (1983-1993), Adelci deixou uma mensagem positiva sobre essa trajetória: “O ano de 1993 representa, pois, o 10º ano de realização da Pós-Graduação na UFS. Apesar de todas as crises que atravessamos durante todo este período, não podemos indiscutivelmente deixar passar despercebida uma data histórica para nós que fazemos a Pós-Graduação em Geografia na UFS. Se a crise compromete o modelo, contraditoriamente, nos obriga a repensar os acertos e os erros e propor modificações. A crise pressupõe, antes de tudo, uma mudança, iniciando-se desta forma um novo começo ou um novo modelo. É chegado o momento de todos aqueles que atuam juntos, alunos, professores, pesquisadores e a própria Universidade como um todo se integrem num esforço comum contribuindo para um redirecionamento ou ampliação de um dos baluartes da Universidade: a Pós-Graduação. O programa continua, apesar dos altos e baixos, lutando para sobreviver à custa de alguns abnegados conscientes de que **lutar por uma causa justa, democrática ainda vale a pena**” (p. 17, grifos nossos).

Assim, Adelci, ao finalizar sua reflexão sobre os 10 anos do PP-GEO, em 1993, nos faz refletir também a importância do Programa, hoje (2020) completando 35 anos! Valeu a pena! Sim!

Depois de conhecermos um pouco sobre Adelci e traçar seu percurso profissional, vamos destacar o ser humano que ela representou para aqueles que conviveram com ela. Essa parte será contada no próximo item por meio de depoimentos de amigos que tiveram o privilégio de conhecê-la.

4 VIVÊNCIAS COM ADELCI

Uma amizade nascida no ENGA (Professora Dra. Vera Lúcia Salazar Pessôa - UFU): conheci Adelci no 2º Encontro de Geografia Agrária (ENGA), realizado em 1979, em Águas de São Pedro (SP) organizado pela UNESP *Campus* Rio Claro. Gostaria de destacar que o 1º ENGA foi realizado em Salgado (SE), em 1978, pelo prof. José Alexandre Felizola Diniz, Adelci e outros colegas. Os ENGAS foram importantes para nosso crescimento na Geografia Agrária. Mas, nossa amizade começa mesmo no 4º ENGA, realizado na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em Uberlândia – MG no ano de 1983. Amizade esta que se estendeu até 2019 quando Adelci partiu! Foram 36 anos de agradável convivência!

Adelci começou a fazer parte de minha família e, eu, da sua! Meus pais a queriam muito bem e ela a eles. Quando tinha oportunidade, ia a Uberlândia e ficava alguns dias desfrutando de nossa companhia. Eu, da mesma forma, com seus irmãos e sobrinhos os queria muito bem. Quando ia a Aracaju, gostava de visitar Ariovaldo (carinhosamente chamado de Valdo) para conversar sobre vários assuntos. Tempos muito bons dessa vivência.

Do ponto de vista “acadêmico”, além dos eventos (ENGA/EGAL/1º ENCONTRO SOBRE O MEIO AMBIENTE em Cuba [1988];

UGI em Lisboa [1998]), participar das bancas de defesas de Mestrado, sob sua orientação, no PPGeo/UFS, foi importante. Tanto nos eventos, como nas defesas era sempre um aprendizado e um crescimento científico.

Também fizemos viagens de turismo pelo mundo. A geografia sempre esteve presente. O nosso olhar geográfico nos permitia aprender muito. Tivemos muitas passagens interessantes durante as viagens onde, muitas vezes, o grupo com quem dividíamos a viagem ou o próprio guia não entendia [risos...]. Uma passagem muito pitoresca, aconteceu na cidade do Cairo, em 1993. Estávamos voltando de Luxor e, quando chegamos no aeroporto do Cairo, o guia foi nos buscar. No trajeto para o hotel, atravessamos um trecho da rua onde avistamos uma feira. Já passavam das 19 horas. Ficamos muito curiosas para conhecer. O guia, sem entender bem o porquê não queria parar com receio que pudesse acontecer alguma coisa conosco. Insistimos tanto que ele acabou nos levando e explicou que as feiras, em vários pontos da cidade, aconteciam à noite para que as pessoas, que trabalhassem durante o dia, pudessem ir fazer suas compras. Foi uma excelente “excursão”. Ele nos explicava sobre as verduras, frutas e até comidas, quando passávamos pelas bancas. O burburinho da feira era muito interessante. As pessoas nos olhavam com um “jeito diferente”, mas acabavam deixando escapar um sorriso. Um passeio rico de conhecimento porque, em poucos minutos, conhecemos parte do cotidiano das pessoas. No final do “tour” agradecemos ao guia por esta oportunidade que nos foi dada.

Outro momento que destaco foi nossa participação na reunião da “*International Geographical Union (UGI) – Regional Conference 98*”, conforme destacado acima, realizada em Lisboa para comemorar os 506 anos sobre o descobrimento da América. O tema do evento foi “*The Atlantic: past, present and future*”. O responsável pela conferência

de abertura foi o professor Milton Santos, explanada em português, o que não é comum nas reuniões da UGI, cujos idiomas são inglês e francês. Mas, para prof. Milton Santos essa deferência foi permitida. Uma conferência que dispensa comentários diante da sabedoria do professor. E assim, em cada uma de nossas viagens, a Geologia, Geografia Física, Geografia Agrária, Cultura, da População... estavam presentes. Unir o útil ao agradável para aprender mais era sempre nosso lema. E, para culminar, este “ar geográfico das viagens”, fazíamos à noite, ou em outro horário, quando tínhamos disponibilidade, nossa “caderneta de campo”. Anotávamos tudo que tínhamos feito durante o dia. Assim foram em todas nossas viagens. Poderia ficar aqui relatando muitas passagens, mas o importante foi destacar a convivência rica de amizade e aprendizado com esta grande amiga a quem terei sempre eterna gratidão por ter feito tantos amigos no PPGeo/UFS nesses mais de 35 anos (Dra. Vera Lúcia Salazar Pessôa/UfU).

Continuando nossa vivência, o professor Ewerton Vieira Machado (UFSC) mostra como foi sua aproximação com Adelci nos/ pelos caminhos da UFS: minhas aproximações à Professora Adelci Figueiredo: comecei a ouvir falar da Professora Adelci, enquanto estudante da Escola Técnica Federal de Sergipe (ETFSE), no início da década de 1970, através de minha professora de Geografia no ensino daquela escola e das suas atuações num curso de especialização que acontecia na UFS, com a presença de renomados geógrafos brasileiros de então, de universidades e ou do IBGE

Com meu ingresso à vida universitária da UFS (1977), fui seu aluno na disciplina Geografia Urbana e da População onde, em suas aulas, a distinta mestra sempre que podia trazia informações sobre lugares do mundo em que ela esteve principalmente em viagens de turismo e, conseqüentemente, ampliando seu calidoscópico de Geografias. Como acadêmicos-aprendizes, para mim e meus colegas

sempre era uma “festa pedagógica”, ouvir as descrições das aventuras da nossa Del e de seus amigos, das suas privilegiadas viagens. Informações que agregavam aos nossos limitados repertórios e despertavam a curiosidade para, quem sabe, um dia também seguir pistas dessas aventuras terráqueas.

Quando exerci funções de monitoria em Geografia Humana junto à querida mestra, por quase dois anos (fins dos anos 1970), nossas aproximações começaram a ser mais frequentes e passei a colaborar auxiliando em levantamentos bibliográficos, no acervo de livros e revistas das estantes existentes, no então Departamento de Geografia, que ainda funcionava no CECH da rua Campos. Meu exercício de aprendiz consistia em realizar fichamentos para as suas pesquisas e registros bibliográficos para “controles administrativo e departamental”, em que a Profa. Adelci exercia a Chefia. Frequentemente, eu circulava pela salinha de pesquisas da Geografia lá no CECH, em que um grupo de pesquisadores estiveram elaborando a publicação da Organização do Espaço do Estado de Sergipe, através de convênio com o antigo Conselho de Desenvolvimento do Estado de Sergipe (CONDESE) e, entre esses pesquisadores estavam os professores Adelci Figueiredo, José Alexandre Felizola Diniz, Fernando Porto, Emmanuel Franco, José Augusto Andrade, Maria Hosana de Souza e os geógrafos-técnicos Cibele Correia e Carlos Roberto de Assis, entre outros. Esse trabalho pioneiro no Brasil baseado em “métodos quantitativos” deu origem, posteriormente, ao Atlas de Sergipe (1979, SEPLAN-UFS), publicado com apoio do Governo do Estado de Sergipe, em cujas impressões de cartas e mapas foram orientadas tecnicamente, pela Aerofoto Cruzeiro do Sul.

Em percursos pedagógicos que integrei como monitor às programações acadêmicas da Professora Adelci, destaco a Viagem de Estudos à Nossa Senhora da Glória com graduandos em Geografia e,

um dos pontos altos dessa atividade de extensão foram as entrevistas que os vários grupos de nós alunos realizamos com comerciantes ambulantes, através da aplicação de questionários na feira, num certo sábado. No giro pela cidade, a professora Adelci chamou-nos atenção para a presença naquela ocasião, de um “calçadão” como equipamento e mobiliário urbano, na área central da cidadezinha sertaneja que reproduzia, proporcionalmente, influências assimiladas pela capital sergipana na introdução de “modernizações de urbanismo” a partir das práticas do arquiteto Jaime Lerner.

Acredito que, por conta das nossas relações acadêmicas, frutificou o convite para eu integrar o grupo de pesquisadores que elaborou o pioneiro **Atlas Escolar de Sergipe** (1979), sob sua coordenação geral e orientação pedagógica da Professora Livia de Oliveira (UNESP Rio Claro). Que privilégio, conhecer a Dona Livia (já havia ouvido falar dessa importante geógrafa, através da Professora Tereza Souza Cruz, que foi orientada por ela, em seu Mestrado na UNESP), visto que trabalhamos muitas vezes nas elaborações dos cartogramas e textos para o citado Atlas, numa salinha da reitoria anexa à sala onde Profa. Adelci exercia a Vice-Reitoria, ao lado do Professor Gilson Cajueiro de Holanda, então Reitor. Já licenciado (1980) e retornando à UFS para cumprir créditos do Bacharelado (primeira turma, funcionando no *Campus* do Rosa Elze em São Cristóvão) certamente, através da professora Adelci, continuei a integrar ao grupo de pesquisadores na UFS, contratado pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), sob a coordenação do Professor Alexandre Diniz, para realizar atividades junto ao projeto de pesquisa “Nordeste Centro-Occidental” (Coordenação geral do “Grande Projeto” do Professor Mario Lacerda da Universidade Federal de Pernambuco), exercitando tarefas de gabinete e levantamentos de campo.

Nesses trabalhos de campos, circulamos por regiões de sertões baianos, piauienses e maranhenses, onde as frentes pioneiras das modernizações agrícolas e agronegócios estavam se instalando. Quanta aventura em pequenos aviões ou em automóveis da UFS (que nos diga Sr. Bosco, o nosso querido motorista!), percorrendo e (re)conhecendo lugares e suas lugaridades, coisa que até então eu só havia experimentado em operações do Projeto Rondon.

Ao concluir a formação de Bacharelado, elaborei minha monografia (1981) sob a orientação da Professora Neuza Maria Góis Ribeiro, em que discuti as transformações urbanas em curso na Avenida Barão de Maruim (Cidade de Aracaju). Para a defesa pública, a Professora Adelci juntamente com o Professor Edvaldo Teles Santos Rocha Teles, compuseram a banca de defesa. Não esqueço das suas avaliações e sugestões, muito significativas. E entre as recomendações da Professora Adelci, divulgar os caderninhos de “Iniciação à Pesquisa”, em que as primeiras monografias eram preparadas, com incentivos do CECH/UFS. Comecei, também, a “dar saltos” e levei esse TCC ao ENG/AGB de Porto Alegre (1982), fazendo ali minha primeira “Comunicação Livre”, num evento nacional de destaque. Na plateia, lembro-me bem das presenças de ilustre mestres como os Professores Milton Santos e Roberto Lobato Correia. Nos comentários desse último destacando a iniciativa dos estudantes em apresentar suas pesquisas, chamou atenção para a importância em se estudar temas de estruturas internas das cidades que, muitas vezes, passavam despercebidos entre conteúdos mais amplos das preocupações de consagrados pesquisadores.

Com a minha ida à UFSC para fazer Mestrado, a minha Dissertação (ARACAJU: Paisagens e Fetiches, 1989) foi orientada pelo Professor Dr. Maurício de Almeida Abreu (UFRJ – colaboração interinstitucional), que eu o conheci através da Professora Adelci, em uma

das suas idas à Aracaju, para ministrar cursos de extensão. Assim, para a minha defesa de Mestrado (primeira na área de concentração Desenvolvimento Regional e Urbano/Geografia-UFSC), convidamos a Professora Adelci que, juntamente com o Prof. Armen Mamigonian compuseram a Banca Examinadora

E foi, também, através da Profa. Adelci que surgiram outras possibilidades de acesso à convidados do Departamento de Geografia, em inúmeras atividades na UFS, em que muitos desse Geógrafos passaram a estreitar relações acadêmicas em minha trajetória. Destaco Professores como Manuel Correia de Andrade (UFPE); Professor Roberto Lobato Correia (IBGE/UFRJ); Professor Milton Santos (que o conheci no CNG/Fortaleza, 1978); Prof. Rivaldo Pinto de Gusmão (IBGE); Prof. Aluizio Capdeville Duarte (IBGE); Professor Gervásio Rodrigo Neves (UFRGS); Profa. Maria do Carmo Galvão (UFRJ), entre outros. Com o Professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (que se tornou um de meus queridos mestres e amigos, a partir da condição de ser seu aluno no Mestrado da UFSC, mesmo já o conhecendo da reunião da AGB em Fortaleza), sempre que ele se referia à Geografia em Sergipe, fazia menção às qualidades e afetividade que nutria à Profa. Adelci, e a ela se referia como “minha prima”. Foi assim que quase todos esses professores, sempre nutriam e tratavam a Professora Adelci com reverências e amizades e, carinhosamente, a chamavam de “Doris Day brasileira”.

Depois que saí de Sergipe (1982), para dar continuidades em minha formação acadêmica em Florianópolis (onde posteriormente tornei-me professor), não tive oportunidades de estabelecer relações profissionais com a Professora Adelci. No entanto, cultuamos fraternos laços de amizade, mesmo à distância. Sempre mantínhamos conversações e quase sempre nos encontrávamos em algum evento da área da Geografia, geralmente em reuniões da AGB (já em 1978 em

Fortaleza ou no CNG em Porto Alegre, 1982). Destaco essa reunião de Porto Alegre, onde Profa. Adelci antes de chegar ao evento passou por Florianópolis e podemos circular na cidade para eu mostrar a ela e outros colegas de Sergipe, aspectos da Ilha de Santa Catarina, assim como visitar à UFSC. Seguimos para o ENG, no mesmo ônibus da delegação catarinense.

Os contatos presenciais esporádicos ou telefônicos frequentes, atualizavam nosso almanaque de notícias. Como sempre, com suas gentilezas, lembrava de mim em suas viagens ao exterior, presenteadando-me com algum souvenir. Muitos objetos como chaveiros, ainda hoje os guardo com carinho, entre meus “temas de colecionismo”. Foram frequentes telefonemas em seu aniversário (19/08) ou visitas pessoais que eu a fazia em épocas natalinas. Sempre uma deferência quando me recebia com seu sorriso alegre e olhos azuis. Uma festa! E é assim que quero lembrar sempre da querida Mestreira que, mesmo acometida por problemas de saúde em seus anos finais, ao olhar para mim externava o tradicional carinho, que tanto lhe era peculiar (Dr. Ewerton Vieira Machado – Professor da UFSC).

E nossa “prosa” sobre Adelci continua com a fala da professora Sônia de Sousa Mendonça (DGE e PPGEIO - UFS): **Os ensinamentos da Profa. Adelci deixaram marcas na minha vida.** Conheci a professora Adelci, no curso de graduação em Geografia nos idos dos anos oitenta. Professora inteligente, elegante, dedicada, dinâmica, exigente, capacidade ímpar de leitura do espaço e de instigar os alunos, quer seja nas suas aulas de geografia urbana e das regionais, assim como nos trabalhos e visitas de campo. Demonstrava a todo tempo a alegria e o orgulho de ser professora, sempre com o sorriso nos lábios, a relação escalar era uma prática cotidiana nas suas aulas, o que nos instigava a estudar e sonhar com a geografia dos lugares a conhecer povos e culturas diferentes na escala local, nacional e global.

Para além da sala de aula, a Profa. Adelci dedicava-se aos projetos de pesquisas com diversos tipos de financiamentos, e realizava pesquisas no interior do estado com vários colegas, mas, especialmente com o Prof. José Augusto de Andrade seu grande amigo e parceiro em diversas empreitadas. Ela ressaltava a importância da pesquisa em sala de aula e, naquele período as bolsas de iniciação científica e de pesquisas para os alunos era algo raro, sempre convidava os alunos da graduação para participar dessas visitas e trabalho de campo. Eu, particularmente, participei de várias dessas visitas o que me rendeu muitas experiências no conhecimento do estado de Sergipe. Colaborávamos com a aplicação de questionários com agricultores, lideranças e no espaço urbano de alguns municípios. Essas pesquisas renderam várias publicações como o **“Atlas de Sergipe”**, a **“Nova Geografia de Sergipe”**, **“Delimitação e Regionalização do Brasil Semiárido/Sergipe”**, entre outras publicações relativas ao espaço urbano, sobretudo, de Aracaju.

Depois de dezessete anos fora da Universidade, retorno em 1999, à UFS para participar da seleção do Mestrado no então NP-GEO. Fui aprovada e ao iniciar o curso eu não tinha orientador, mas, estava traçado o meu objeto de pesquisa – os queijos artesanais. Ao conhecer o meu projeto, ela interessou-se e após conversarmos sobre a temática, tornou-se minha orientadora. As orientações eram realizadas nas salas de seu apartamento, instigava-me a exaurir o conhecimento a respeito do objeto da pesquisa e do recorte geográfico no qual estava assentada a investigação. A cada orientação incentivava a atentar às diferentes fontes de pesquisa e ressaltava a relevância em sonhar com o objeto da pesquisa em não se desligar dele, deveria valorizar a investigação!! Após os encaminhamentos da pesquisa, conversávamos sobre as viagens, a respeito das experiências dela como docente, como coordenadora do NPGEIO, do DGE,

falava das conquistas, das dificuldades enfrentadas e compartilhava as experiências vivenciadas no trabalho. Emanava um imenso carinho pela Revista GeoNordeste e pelo NPGeo, atual PPGeo, e estava sempre pensando em dar visibilidade à Pós-Graduação, por meio de publicações, projetos de pesquisa e das orientações.

Ela também comentava e emanava o afeto pelos seus amigos e amigas, era visível a facilidade na construção de amizades e a fidelidade que as mantinha, cultivava regando com telefonemas, encontros e viagens.

Foram dois anos de orientação, nos quais mantivemos a cordialidade, construímos uma amizade e seus ensinamentos contribuíram para o meu amadurecimento e crescimento acadêmico. Nesse período, conheci vários dos amigos/professores e que hoje os considero como amigos, dentre eles destaco a Profa. Vera Salazar que contribuiu para a minha formação com os seus ensinamentos nas disciplinas ministradas no PPGeo. Também tive a grata satisfação de contar na minha banca de defesa de Mestrado com a participação do Prof. Manoel Correia de Andrade, amigo pessoal da Profa. Adelci, e do Prof. José Alexandre Diniz os quais contribuíram na avaliação da minha pesquisa e no meu processo de formação acadêmica. À professora Adelci minha gratidão por todos os ensinamentos/aprendizados, pelo carinho e amizade!! Sua garra, força, dedicação e compromisso nos inspira e inspirará sempre!! (Dra. Sônia de Souza Mendonça Menezes – DGE e PPGeo - UFS)

Outra vivência relatada é a de professor Francisco Fransualdo de Azevedo (UFRN): **Precisamos falar de Ciência “e porquê não” do Humano e de afetos... relatos de uma vivência/experiência acadêmica marcada por rigor científico, acadêmico, profissional, mas também por sentimentos de respeito, admiração e afeto mútuo.** No ano de 1999 decidi continuar meus estudos em nível de pós-gradua-

ção, aspirando cursar um Mestrado numa instituição pública qualificada que pudesse me proporcionar uma boa formação acadêmica e profissional, mas também humana. Foi quando decidi prestar a seleção do Mestrado em Geografia na Universidade Federal de Sergipe (UFS), por recomendação da minha orientadora de monografia no curso de Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), a Profa. Dra. Maria das Graças do Lago Borges, tendo em vista a influência da UFS na formação da mesma, pois ela havia cursado o Mestrado em Geografia naquela instituição, bem como o Doutorado em Geografia num processo de cooperação acadêmica entre a UFS e a UNESP - Rio Claro. A orientação da referida professora foi crucial no meu processo de formação, me possibilitando conhecer outras professoras (e orientadoras) que contribuíram singularmente no meu processo de formação acadêmica, profissional e humanística. Na seleção do Mestrado em Geografia da UFS conheci, no mês de janeiro de 2000, a Professora Adelci Figueiredo Santos, juntamente com as Professoras Ana Virgínia Menezes e Maria Augusta Mundim Vargas, as quais compunham a comissão de avaliação do referido processo seletivo. Com o pouco conhecimento que eu tinha na área do saber geográfico, tendo em vista a minha formação em Economia, como Bacharel em Ciências Econômicas, me submeti ao processo seletivo sendo avaliado pelas referidas professoras. Com muitas incertezas, medos e insegurança, mas também com muita expectativa, esperança e fé consegui ser aprovado em 7º lugar num quadro de oferta de 12 vagas existentes naquele ano. Durante o processo de avaliação senti muita empatia por todas as professoras. Especialmente a Professora Adelci me chamou a atenção pelo seu jeito amoroso e simpático de ser, lembrando em alguns gestos e atitudes a figura da minha avó Leopoldina Medeiros, com a qual tenho uma relação de muito amor e carinho. No ato da en-

trevista quando fui questionado sobre a possibilidade de orientação cogitei ser orientado pela referida professora, a qual me interpelou imediatamente dizendo que só assumiria orientações de alunos bons e comprometidos. Isso me deixou com um pouco de receio pelo fato de não ser geógrafo e não ter o conhecimento necessário para corresponder à expectativa da mesma. Mas a força de vontade e o desejo de cursar uma pós-graduação, me qualificar e me emancipar falou mais alto. Insisti que gostaria de ser orientado por ela e de fato a relação de orientação se estabeleceu dando início a um período de grande aprendizado em todos os sentidos, acadêmico, profissional, geográfico e humano.

A professora Adelci foi e é uma referência em estudos clássicos sobre a geografia regional brasileira, especialmente na Geografia do Nordeste, Geografia do Semiárido e Geografia de Sergipe, dispondo de livros, capítulos de livros e artigos científicos publicados em anais de eventos e revistas científicas sobre temas ligados a esses campos do conhecimento geográfico. Durante décadas a referida professora atuou com dedicação, disciplina e forte carisma como professora da UFS dedicando boa parte da sua vida a ministrar aulas, orientar alunos nos níveis de graduação e pós-graduação, portanto contribuindo para a consolidação da geografia como uma ciência humana comprometida com as causas sociais, ambientais, e com as pessoas e os seus territórios, especialmente os mais vulneráveis. Vale lembrar que no seu período de trabalho, durante vários anos, quando se aposentou, atuou como professora visitante, dedicando o seu tempo, sobretudo ao Núcleo de Pós-Graduação em Geografia (NPGeo/UFS), período no qual a conheci e estabelecemos a relação orientadora – orientando. Durante mais de dois anos de convivência com a professora Adelci na condição de orientando tivemos vários encontros de orientação e de convívio pessoal, estabelecendo-se uma relação de

amizade, carinho e profundo respeito mútuo, amizade esta que durou até o momento da sua partida, pois sempre que eu ia a Aracaju fazia questão de visitá-la e lembrar os bons momentos vividos juntos. Antes mesmo de concluir o Mestrado fui aprovado no concurso para professor substituto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, bem como para professor efetivo na Universidade do Estado Rio Grande do Norte, tornando-me (em 2002) colega de profissão das minhas professoras orientadoras, Graça (UFRN) e Adelci (UFS). Defendi a dissertação já atuando como professor, deixando sempre evidente o papel das mesmas na minha formação e nas conquistas obtidas. Na sequência decidi cursar o Doutorado e mais uma vez o conhecimento e a relação profissional e pessoal da professora Adelci com seus pares (colegas) foi de fundamental importância, pois por influência da mesma conheci aquela que se constituiria como a minha orientadora de Doutorado em 2004 - a Professora Vera Lúcia Salazar Pessôa - a qual conheci numa disciplina no Mestrado em Geografia da UFS no ano 2000. Ambas se consideravam amigas e “quase irmãs”, de modo que segui a minha trajetória sendo formado e orientado por pessoas tão especiais, de índoles, perfis e rigores profissionais, éticos e humanos muito parecidos. Destaco, enfim, que esta relação foi de fundamental importância para a minha formação, mas, sobretudo para o que sou hoje, inspirando-me sempre nas lições que recebi e aprendi com estas mulheres tão especiais na minha vida, as quais contarão sempre com o meu respeito, carinho, admiração, consideração e apreço. À professora Adelci (in memoriam) o meu eterno agradecimento pelo que representou e representa para mim e para muitos que passaram pela sua vida e tiveram o prazer do agradável convívio e aprendizado. Que a sua história nos sirva de exemplo! (Dr. Francisco Fransualdo de Azevedo - Professor do Departamento de Geografia, do Programa de Pós-Graduação em

Geografia - Mestrado e Doutorado - e do Programa de Pós-Graduação em Turismo - Mestrado e Doutorado - da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN - e Professor Visitante Sênior da Universidade de Barcelona, Espanha, 2019 - 2020).

Mais vivências com profa. Adecil. Assim, Professora Vera Lúcia Alves França a define: **forte baluarte da Geografia Sergipana**. Conheci a professora Adelci, em 1977, quando tive a oportunidade de cursar Geografia, no Departamento que ela chefiava, função que desempenhava com muito empenho, zelo e dedicação.

Juntamente com o prof. José Alexandre Diniz, introduziram na Universidade, através do Departamento de Geografia, as atividades de pesquisa, iniciando com importantes estudos sobre o Estado de Sergipe, a exemplo da “Organização Espacial de Sergipe”. Dentro das atividades docentes, ministrava disciplinas como Geografia Urbana e Geografia da População, oportunidade em que trazia exemplos das inúmeras viagens que realizava pelo mundo, agregando novos conhecimentos da sua rica experiência.

Sempre alegre e divertida, passava para seus alunos a importância de ser professor e do seu compromisso com a construção da cidadania.

Participou ativamente, com o Prof. Alexandre Diniz, das discussões e planejamento para a criação do Curso de Especialização em Geografia da Agricultura, iniciado em 1983, dando origem a formação do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, com o envolvimento de professores de outros departamentos, transformando-se no Mestrado, em 1985. Posteriormente foi Coordenadora do NPGeo, lecionando disciplinas e orientando dissertação de Mestrado de 13 alunos. Tem vasta produção bibliográfica, publicada em livros, artigos, cadernos, anais de eventos nacionais e internacionais, nos quais apresentava os resultados de suas pesquisas. Coordenou, juntamen-

te com o Prof. José Augusto Andrade a pesquisa que resultou no livro **“Delimitação do Brasil Semiárido Sergipe”**, elaborado com financiamento do CNPq e SUDENE, publicado, posteriormente, pelo SESI, sendo muito utilizado até os dias de hoje, de grande importância para estudiosos da temática. Coordenou a elaboração do **“Atlas de Sergipe, Nossa Terra Nossa Gente”**, em convênio com a Secretaria de Educação, e o livro **“Geografia de Sergipe”**, para alunos do Ensino Fundamental.

Sou muito grata à profa. Adelci pelas oportunidades que me concedeu de participar de pesquisas como Delimitação do Semiárido Sergipano e do livro Geografia de Sergipe, assim como da divulgação do Atlas Sergipe Nossa Terra Nossa Gente, elaborado em convênio com a Secretaria da Educação, dos quais foi coordenadora.

Seu exemplo de dedicação e competência ficará para sempre na memória daqueles que tiveram o privilégio de usufruir de sua convivência e amizade. Grande exemplo! (Dra. Vera Lúcia Alves França – Professora aposentada da UFS ainda em atividade no PPGeo - UFS).

E para finalizar os depoimentos de vivências, a profa. Maria Hossana de Souza assim se expressou: **Uma página para você! Professora Adelci:** contemplo o ano de 1966, cursando o terceiro ano de licenciatura em Geografia, aguardando a professora de geografia regional geral. Conduzida pelo então diretor da Faculdade de Filosofia me foi apresentada a professora Adelci Figueiredo Santos para ministrar a disciplina. A sua postura e desenvoltura me encantaram no primeiro momento; seguimos juntas, eu e a professora, até o final do meu curso em 1967. Recém-formada, fui convidada pela Faculdade para compor a banca examinadora do vestibular de economia e, novamente, estávamos juntas, eu e a professora Adelci para examinar os pretendentes do curso. Desta forma fui iniciada para uma promissora e longa caminhada, sempre perpassada pela experiência da professora Adelci.

Estivemos juntas de forma muito próxima e frutuosa. Assumindo a chefia do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Sergipe trabalhamos em comum, ela na chefia e eu sempre na vice-chefia. A professora Adelci foi aquele profissional idealista e realista sonhador que tinha na sua mira o Departamento de Geografia e este, reconhecido, como a “menina dos seus olhos”. Resoluta, experiente e com visão larga, apostava na expansão e evolução da universidade, como um todo, e do Departamento em particular.

A vida da professora Adelci foi pautada pelo trabalho sem, contudo, negligenciar o potencial dos seus atributos pessoais. Seguindo a dinâmica do seu trabalho abalou estruturas, movimentou o corpo docente, conquistou a identidade do Departamento lapidando pedras brutas fazendo-as brilhar.

Os primeiros passos foram dados na direção do Bacharelado; proliferaram os trabalhos de pesquisa elaborados pelos bacharelados que visam suas titulações. Com material humano existente constituiu uma equipe para pesquisa fazendo disparar sobre maneira a nossa produção científica. Num determinado momento a professora Adelci assumiu outro direcionamento no sentido de dar projeção ainda maior ao nosso curso de Geografia. Passou, na condição de chefe do Departamento, a contratar docentes já titulados em outras unidades de ensino superior e, dessa forma, enriqueceu o nosso quadro com docentes com a mais alta titulação. Foi muito importante nessa nova performance do Departamento de Geografia a colaboração do professor Dr. José Alexandre Felizola Diniz que se encontrava em atividade docente na Universidade de Brasília e foi resgatado, dessa forma, pela nossa Universidade e nos revigorou, ainda mais. Com esse novo tempo de formação abre-se um luminoso caminho para o nosso Departamento e uma expectativa ainda maior para se trabalhar. Contando com o Bacharelado já existente

o Departamento implantou o Curso de Pós-Graduação Lato Sensu para seus docentes, mais tarde, alçarem novos níveis de aperfeiçoamento. Persuadindo o propósito de avançar, logo foi implantado o curso de Mestrado e, por último, o de Doutorado.

A professora Adelci, incansável, com acesso fácil a todos os espaços afins, fez disseminar e despertar em todos a disposição para a pesquisa. Trabalhou para órgãos governamentais da esfera estadual e também regional. Assim, caminhamos de forma intensiva e muito gratificante em prol da nossa identidade departamental no seio da comunidade e fora dela.

A professora Adelci foi aquela amiga para todas as horas. Tinha um jogo franco, aberto maduro. Era cordial e transmitia alegria e felicidade aos que a cercavam. Muito inteligente, intelectualizada, apreciava tudo de bom que a vida lhe ofertava. Contemporizei com ela importantes momentos de descontração quando juntas participávamos de encontros de geografia aqui, no estado, ou fora dele. Ressalto algumas reuniões da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), encontros no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Encontros Nacionais de Geografia (ENG), quando nas folgas buscávamos os espaços de entretenimento. Era apreciadora do belo - as artes, o teatro, espetáculos variados. Do convívio social aqui na terrinha era notada por sua postura e pelo seu estilo em se relacionar. Preservava com muito carinho suas verdadeiras amizades como sempre a mesma falava para nós. Por sua elegância física e beleza no trato era incomensuravelmente querida e amada por todos. Que Deus a mantenha no seu reino glorioso! Amém! (MSc. Maria Hosana de Souza - Professora aposentada da UFS).

5 CONSIDERAÇÕES À GUIA DE CONCLUSÃO

Para encerrarmos esta homenagem à Adelci retomamos adjetivos e expressões que lhe foram dirigidas tais como: ética, competência, responsável, dedicada ao trabalho, determinada em suas ações, incentivadora, gentileza, amizade, carinho, solidariedade, alegria, otimista, mestra inesquecível. Nesse jogo de palavras traçamos seu perfil como importante profissional e ser humano que representou para alunos, colegas e amigos. A gratidão está presente nos relatos. Assim foi Adelci, e continuará sendo, pois, seu legado será sempre lembrado.

REFERÊNCIAS

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes:** a educação de nossos sonhos: formando jovens felizes e inteligentes. 5ª edição. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

INFORMAÇÕES obtidas na DICAR e PPGEO/UFS/2019.

SANTOS, Adelci Figueiredo. Uma experiência em pós-graduação. **GeoNordeste**, São Cristóvão, ano VIII, nº 1, 1993 (Edição comemorativa dos 10 anos da Pós-Graduação em Geografia da UFS).

ENCONTROS E CAMINHADAS COM MARIA GERALDA DE ALMEIDA*



Maria Augusta Mundim Vargas

Possui Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP - Rio Claro). Professora aposentada da Universidade Federal de Sergipe e voluntária do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO-UFS)

E-mail: guta98@hotmail.com.br

* Publicado originalmente na Revista GeoNordeste, São Cristóvão, Ano XXIX, n. 1, p. 208-230, Jan./Jun. 2018. ISSN: 2318-2695 . Agradecemos ao Conselho Editorial da revista pela autorização para republicação no presente livro.

1 INTRODUÇÃO

Em textos comemorativos predomina a ideia de que o autor conhece o homenageado suficientemente para expor sua vida, no caso, a vida acadêmica, em que pese a produção na pesquisa, no ensino, na extensão e nos múltiplos vieses que o tripé universitário proporciona àqueles de mente fértil. Não tenho a pretensão, aqui, de traçar a trajetória acadêmica de Maria Geralda de Almeida, mas sim pincelar pelos encontros e caminhadas compartilhadas desde 1985, sobretudo, a importância de seus comportamentos e atitudes.

Ao aceitar a produção deste artigo, espero despertar nos leitores a importância de se observar os detalhes tais como os gestuais suaves, a fala pausada em tom baixo, o ritmo vigoroso das passadas e a constante anotação, aparentemente, de tudo que está em volta. Mais e para além dos registros pessoais de fatos passados, perceberão que Maria Geralda é exposta para o futuro, nas entrelinhas e nos detalhes de sua caminhada.

Entre os encontros e as caminhadas compartilhadas, observadas, respeitadas e compreendidas, o futuro esperado é apercebido pelas múltiplas dimensões do sentido de lealdade de quem não falta às promessas que faz; que é proba, honesta, honrada. E assim, de pronto, já delimito que não tenho a pretensão de traçar uma análise rigorosa da produção e da contribuição de Maria Geralda para a Geografia brasileira, mas apresentar a exposição da dimensão de sua honestidade para com a vida, para com a Geografia e para com os geógrafos.

Destarte, estabelecer um alinhamento acadêmico seria tarefa inglória ao tratar de alguém que se mostra e se joga de forma tão singular na vida que me encorajou a arriscar essa produção em duas partes que se entrecruzam. Tanto em uma como na outra, procurei expor pelo alinhamento do tempo, porém como não há encontros sem caminhadas e tampouco caminhadas sem encontros, busco ex-

por na parte que segue essa introdução – Encontros –, pessoas que, se não moldaram, colaboraram com suas decisões e clareamentos em sua caminhada. Na parte seguinte – Encontros e Caminhadas –, as pessoas são importantes, mas já amadurecida pela vida, elas são encontradas nas instituições, nos grupos de pesquisa e nos encontros acadêmicos que reconhecem sua Geografia.

2 ENCONTROS

*A vida é a arte do encontro, embora
haja tanto desencontro pela vida.*
(‘Poetinha’ Vinicius de Moraes)

Nos primeiros anos da década de setenta do século passado (referência intencional e chocante), eu concluía meu curso de Geografia e pouco observei a moça loura de cabelos longos que vinha de outra instituição e que frequentou algumas disciplinas com ‘minha’ turma. Sim! Minha turma, seriada, era aquela que havia ingressado na Universidade Federal de Minas Gerais, em 1971, e Maria Geralda passou pela turma anterior de Ceres e Júlio Cesar, pela minha e pela posterior, de Manuela e Zeneide, para conseguir os créditos suficientes e concluir o curso de Geografia. Tempos difíceis politicamente, tempos de turmas, grupinhos e falas contidas.

Quando nos encontramos, em 1985, já na Universidade Federal de Sergipe, eu mestrandando e ela professora, lembramos uma da outra e até nos encontramos em fotos do I Encontro Nacional de Geógrafos em Presidente Prudente (1972!). Infelizmente não cursei disciplina com Maria Geralda, por já haver concluído os créditos, e, logo em 1987, ela se transferiria para a Universidade Federal do Ceará.

Em Sergipe nos cruzamos em reuniões de planejamento urbano e regional dos governos estadual e municipal, mas, principalmente,

nas reuniões festivas e intelectuais em nossas casas, com destaque para o especial acolhimento de Dieter Heidemann, meu orientador. Desses encontros, ela aceitou compor a banca de defesa de minha dissertação e inesquecível foi a forma como me acalmou desde a véspera sem, contudo, avançar em consolos de conteúdo acadêmico, o que me fez admirá-la ainda mais.

A Maria Geralda foi contratada como professora visitante da Universidade Federal de Sergipe pelo frescor de sua formação, recém-doutora, e pela experiência na Universidade Federal do Acre, com passagem rápida pela Secretaria de Desenvolvimento Agrário do Acre e pela Universidade Federal de Rondônia. Ora, em menos de uma década, encara desafios acadêmicos e de gestão da realidade amazônica e se gradua em Mestre e Doutora na França, pela Universidade de Bordeaux. Sua vinda deu-se pela postura visionária de José Alexandre Felizola Diniz que, ao criar e assumir a coordenação do curso de mestrado em Geografia, primeira pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe, procurou criar uma ambiência de produção diversa, temática e epistemologicamente. Assim, Maria Geralda se inseriu e se posicionou juntamente com positivistas clássicos e neoclássicos e materialistas históricos que contribuíram com disciplinas e seminários, para a minha formação e, certamente, para as pegadas futuras de minha amiga que ora homenageio, dentre eles, Dieter Heidemann, Sylvio Carlos Bandeira de Mello e Silva e sua esposa Barbara-Christine Nentwig Silva, ambos colaboradores da Universidade Federal da Bahia, Manoel Correa de Andrade e Tânia Bacelar de Araújo da Universidade Federal de Pernambuco, Rosa Ester Rossini da Universidade de São Paulo, Paul Claval da França e Silvana Levi de Lopes da Universidade Autônoma do México.

A Maria Geralda ‘que não encontrei’ mostra, em seu *currículum*, que sua chegada em Sergipe se deu um mês após defender a Tese

de Doutoramento em Geografia Tropical em maio/1985, intitulada *Experiências de colonização rural no Estado do Acre, na Amazônia brasileira*. Antes da dedicatória, apresenta-se um extrato do poema de Bertolt Brecht *A exceção e a regra*, coincidentemente o mesmo trecho que extrai para o meu convite de casamento: Que tudo que seja dito habitual cause inquietação; na regra é preciso descobrir o abuso e, sempre que o abuso for encontrado, é preciso encontrar o remédio. Já a dedicatória, que ocupa o espaço superior da página aos encontros do Acre, diz: *Aos meus amigos do Acre dedico essa lição de Geografia, resultado da lição de vida que souberam me dar. E, o espaço inferior da mesma página àqueles que soltaram suas mãos pelo caminho: Aos pobres de espírito, de sua mesquinhez fiz meu desafio e alento; É de vocês também este trabalho.*

Ela ainda conta casos desses tempos, em que a boca grande se abre em sorrisos largos ao falar de muitos: Dagoberto, Lu de Souza, Joaquim Caixeta, Mário Lima, Núbia Cavalcanti, Hélio Costa, Ricardo Ramires, Acyr Jorge, Sandra da Rosa, Ailton Luchiari, Luis Eduardo Pedroso, Lila e Francisco Carlos Cavalcanti. São esses os amigos da dedicatória que se mantêm presentes, seja pelos encontros, seja pelas lembranças.

Porém, a envergadura de seu caráter perseverante, persistente, detalhista e teimoso está assinalada nos conteúdos, na estrutura e na formatação dos textos depositados no Centro de Estudos de Geografia Tropical da Universidade de Bordeaux, objetivando a obtenção do título de *Doutora em Geografia Tropical: ecologia, organização do espaço e desenvolvimento*. Assim sendo, considerando o memorial apresentado para a obtenção do Diploma de Estudos Aprofundados, o leitor já se dá conta da coragem da mineira, nascida em Campo Azul, cuja toponímia e localização fazem jus à sua inserção na área mineira da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do

Nordeste), ou seja, na porção do Estado de Minas Gerais pertencente à região semiárida brasileira. O texto se desenvolve em três partes demonstrativas dos constitutivos do ambiente florestal tropical - meio físico, utilização dos solos e estudos cartográficos e metodológicos - que, encadeantes, justificam os argumentos finais de proposição da tese, pela diversidade dos ambientes tropicais florestais, mas, sobretudo, pela carência de estudos sobre a porção que se propôs a estudar, conforme abaixo descrito:

Notre objective pour le Troisième Cycle est de faire une étude des paysages et de l'action de l'homme sur le milieu géographique dans le Sud-Est de l'état de l'Acre, Brésil. Cette région de forêt dense, y correspondant à la sub-région des bas plateaux de l'Amazonie, jusqu'aux marges du fleuve Rio Acre, a connue de profondes et rapides transformations pendant la dernière décennie, raison pour laquelle nous la considérons représentative et significative pour une étude. (ALMEIDA, 1982, p. 114)¹

Também datilografada, a tese trás em suas 408 páginas 35 ilustrações, sendo a maioria de fotos coloridas, diretamente coladas no corpo do texto. As três partes se desenvolvem pela seguinte exposição: i) A natureza e os homens; ii) Modos e níveis de vida dos habitantes rurais; iii) transformações do espaço e suas consequências. Estes títulos anunciam os conceitos e categorias que deram suporte para a relevância de sua contribuição para o conhecimento da rea-

¹ Tradução livre: “Temos como objetivo no Doutorado realizar um estudo das paisagens e da ação do homem sobre o meio geográfico no Sudeste do estado do Acre, Brasil. Esta região de floresta densa, que corresponde à sub-região dos platôs da Amazônia até as margens do rio Acre, é palco de profundas e rápidas transformações desde a última década, razão pela qual a consideramos representativa e significativa como objeto de estudo”.

lidade do estado do Acre, bem como: paisagem, região, espaço, ecossistema, modo de vida, nível de vida, políticas de governo, estrutura fundiária, utilização do solo, transformações do espaço. Ademais, as suas 314 referências são cuidadosamente apresentadas e classificadas por temas que se alinhavam com os propósitos da tese. Desse modo, podemos citar como exemplo os títulos referenciados nas ‘*Obras gerais*’, os quais dão conta da universalidade de sua produção ao trazer o pensamento dos geógrafos contemporâneos e autores que tratavam do mundo tropical em seus mais variados aspectos, dentre eles, Pierre George, Pierre Gourou e Jean Demangeot; sobre o ‘*Brasil*’, destacam as contribuições basilares de Aziz Ab´Saber e Orlando Valverde; e, sobre a ‘*Amazônia*’, consideram a contemporaneidade de quem a discutia e expunha, tal como Fernando Henrique Cardoso, Geraldo Muller, C. M. Pandolfo, Otávio Guilherme Velho, brasilianistas como H. Thery e W. C. Sombroek, M. Foucher, e, ainda, pesquisas oriundas de órgãos nacionais como Sudam, Embrapa e Cedeplar, além de latino-americanos como IICA².

A disposição, o preparo e a disponibilidade para novas empreitadas continuam sendo demarcadas ao associar-se aos professores Vânia Fonseca e Edivaldo Rosas (socióloga e doutora em Geografia e biólogo mestre em limnologia, respectivamente) na execução de uma pesquisa multidisciplinar que aborda os aspectos socioambientais dos açudes sergipanos, tanto que a docente não se desligou da Universidade Federal de Sergipe, permanecendo como colaboradora até os dias atuais.

² Sudam: Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia; Embrapa: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária; Cedeplar: Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais; IICA: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, vinculado à OEA, Organização dos Estados Americanos.

Já atuando como professora concursada na Universidade Federal do Ceará, Maria Geralda ministrou disciplinas e orientou dissertações no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFS, desde sua terceira turma; participou da criação, sob a coordenação de Vânia Fonseca, do Programa Interdisciplinar de Pesquisa sobre o Semiárido que, posteriormente, constituiu o Núcleo de Estudos do Semiárido que integrou a formação do primeiro Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Meio Ambiente do país, a Rede Prodema.

Foi nesse contexto e após o ano de 1990, quando eu retorno da França, onde concluí o Diploma de Estudos Aprofundados, que iniciamos uma parceria de trabalho permanecendo até os dias atuais.

Do meu ponto de vista, o período passado como professora da Universidade Federal do Ceará (1987 a 1997) foi, para ela, como um divisor de águas em várias direções e dimensões. Lá conviveu com José Borzachiello da Silva, Clelia Lustosa e seu esposo Valmir, Zenilde Amora e seu esposo Francisco, Edson Cacau da Silva, Jeovah Meireles, Eustógio Wanderley Dantas, Levi Sampaio, Eurípedes, Vânia Melo e, na Universidade Estadual, com Luzia Neide Coriolano e Luiz Cruz Lima. Em casa, teve todo o amparo de Dona Coraci, que ainda o faz no apartamento que mantém em Fortaleza.

Entre diversas formações dos colegas e temáticas em que se envolveu, Maria Geralda consolidou o senso de grupo com o qual se posiciona em audiências públicas, é consultada pelo Conselho Regional de Engenharia, é solicitada pela imprensa, produz significativamente e, sobretudo, discute frequentemente através da participação e produção de eventos. Pela UFC, fez seus primeiros pós-doutoramentos em Geografia Humana e Cultural nas Universidades de Genova (Itália), Sorbonne (França) e Laval (Canadá), entre 1989 e 1991 e, em decorrência dessas trocas, iniciou uma produção sobre Geografia e Turismo, com aproximação aos estudiosos do tema. Como

resultado da sua atuação na UFC, foi convidada a participar do *staff* do Governo do Estado como Diretora das “Casas de Cultura do Ceará”, no ano de 1995, creio, atuação esta que muito influenciou no direcionamento e consolidação de seu olhar para a dimensão cultural.

Em 1997, se aposenta e aceita o convite de Ciro Lisita para ingressar no quadro do Instituto de Estudos Socioambientais - IESA, da Universidade Federal de Goiás sem, contudo, desvincular-se dos programas de Pós-Graduação e das pesquisas no Ceará, em Sergipe e em Pernambuco, onde, neste último, orientou quatro dissertações entre os anos de 1994 e 2000. A situação de ‘assentamento definitivo’ na UFG, no sentido de visibilidade de sua atuação, iniciada com os Kalungas, perdurou aproximadamente dois anos. Nesse período, cabe registrar nosso grande encontro com o campo, na realização de pesquisa sobre a dimensão cultural do Baixo São Francisco Sergipano, que se desenvolveu em duas etapas. Na primeira (1997), desbravamos cinquenta povoados e sedes do Alto Sertão do estado de Sergipe e, na segunda (1999), sessenta e sete no Baixo São Francisco. Foram muitas viagens longas em que dormíamos em pousadas, em casas de família e, em dois momentos no ‘luxo’ do alojamento da UFS, na vila Xingó (próximo à barragem do São Francisco de igual nome), e no Hotel Velho Chico, na cidade ribeirinha de Propriá, de onde partíamos para o campo de seus arredores.

Com esse estudo, pensamos introduzir a dimensão cultural nos planos de desenvolvimento, partindo do “pressuposto que o cotidiano é um instrumento do desvendamento das expressões culturais, da complexa relação natureza-sociedade sertaneja, que são elementos a serem considerados quando políticas propostas objetivam transformações no universo global destes homens” (ALMEIDA; VARGAS, 1997, 1999). O sertanejo mostrou-se diverso em suas práticas, cômico de suas heranças, com múltiplos mecanismos de sobrevivência e de

convivência com o meio, no entanto, foram as mulheres quem mais nos chamaram a atenção, pois sustentavam uma imbricada rede de artesanato de bordados sem se exporem como importante base da economia do semiárido. Da grande equipe coordenada por Vânia Fonseca, destaca-se Eduardo Alves Bastos, economista da Codevasf – Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco, Marcelo Ramos da Fonseca, biólogo da Universidade Federal da Bahia e Rosa Amélia Andrade Dantas, médica do trabalho e epidemiologista da UFS.

Sertão, sertanejos, histórias e tradições conduziram-nos ao aprimoramento de nossas técnicas de levantamentos etnogeográficos. Assim, elaboramos um roteiro de entrevista estruturado em três partes, as quais vislumbraram o modo de vida, pelo relato da história de vida; as expressões culturais, pelo relato de suas práticas religiosas, alimentares, econômicas etc.; e as aspirações pessoais, familiares e, ainda, para o lugar de moradia. Foram muitas as histórias e os relatos que nos faziam ‘viajar’ na construção de uma geografia cultural que naquele momento ainda aguardava a apreensão da ‘virada cultural’, expressiva e didaticamente exposta por Paul Claval.

Surpreendemo-nos com João Valentim ainda vivo, pois nos contaram tratar-se daquele que ‘vira’ lobisomem em dia de lua, assustando ‘meio mundo’ do sertão sergipano, mais conhecido e temido que o lendário Lampião, líder de um bando justiceiro que marcou a região Nordeste nas primeiras décadas do século XX e foi morto em uma dessas localidades descritas em nosso estudo. Surpreendemo-nos com a velocidade com que a caatinga vinha sendo retirada da paisagem e resguardada na memória: “a aroeira e a braúna são peças para levantar a casa. Depois a gente vem com o marmeleiro e envara a casa e por fim usa o pereiro para o enchimento da casa. Tudo de pobre, tudo de adobe” (povoado Maravilha, 1997, p. 41). Sur-

preendemo-nos, sobretudo, com o fato das potencialidades socioeconômicas estarem associadas às expressões culturais advindas do artesanato de herança indígena e portuguesa, produzido com os recursos oriundos da flora e da fauna e, por essa razão, as apresentamos como mecanismos de sobrevivência da cultura sertaneja.

O detalhe e a atenção ao outro, aos outros e às gentes pela dinâmica da cultura é delineador da produção de Maria Geralda. Tal característica pode ser exemplificada com muita visibilidade, no desbravamento do sertão dos Gerais de Goiás pelo projeto “Conhecimento etnogeográfico de comunidades tradicionais do cerrado” que se alongou de 2001 a 2011. Certamente, os sertanejos do semiárido sergipano inspiraram sua aproximação com as comunidades tradicionais dos gerais de Goiás que lhe proporcionaram outros voos. Se couber uma metáfora para sua atuação na Universidade Federal de Goiás eu arrisco, com pequena margem de erro que após 1999, ela voou alto e longe.

Iniciou a produção e organização de livros em decorrência de orientações, de participação em grupos de pesquisa, em projetos e em redes de estudos e cooperação acadêmicas. O marco da sua produção de livros se inicia com *Abordagens geográficas de Goiás – o natural e o social na contemporaneidade*, registrando uma grata homenagem à ambiência que lhe acolheu com reconhecimento de suas pegadas. Isso ocorre em 2002 e, já em 2003, a autora organiza duas coletâneas. A primeira advém das discussões do Grupo de Leitura de Turismo e da pesquisa “Os territórios do turismo no Estado de Goiás - diagnósticos e cenários futuros”, apoiada pela Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado de Goiás, com o título “Paradigmas do Turismo” (2003a). Nela, abre a coletânea com o artigo “Lugares turísticos e falácia do intercâmbio cultural”, explanando as ambiguidades do turismo enquanto atividade enriquecedora de cultura, muitas das

vezes para o viajante. Ademais, ela resgata sua reflexão em artigo produzido anteriormente e traz posicionamentos de geógrafos franceses, tendo Paul Claval como motivador por sua observância do turismo como possibilitador do encontro de diferentes povos. Observa, ainda nesse contexto, o turismo e a cultura pós-moderna em diálogo com A. Giddens (1991) e S. Connor (1992), no que trata os modos de vida da modernidade e da pós-modernidade; com M. Laplante, explanando sobre os fundamentos culturais do turismo em Quebec (1996); com S. Hall, abordando a fragmentação da cultura e das identidades (1997); e, com E. Yázigi (2000), sobre sua colocação de que a fantasia a qual se faz de um lugar faz parte da excitação do consumo turístico das sociedades pós-modernas. Na sequência, seu texto incita o leitor a refletir sobre o lugar turístico e a experiência cultural com a prática do turismo. Nesses âmbitos, A. F. Carlos (1996) ancora o entendimento do lugar como produto das relações sociais mediadas pelas relações homem e natureza e, assim, o turismo de quem visita, a experiência do visitado, o experienciado, o significado e as identidades são desenrolados nos exemplos que enriquecem o texto, observados pelas leituras de autores brasileiros e estrangeiros, mas, sobretudo, pela realidade goiana vivenciada com os desdobramentos do citado projeto sobre as comunidades tradicionais do cerrado e pelas referências às cinco produções acadêmicas do IESA, uma delas já sob sua orientação.

Observa-se que nas duas primeiras obras produzidas em seu *debut* na UFG, Maria Geralda ‘mostra’ a que veio aos goianos, ao embrenhar-se em fatos e fenômenos tão próprios desse espaço e, também, de que se ocupa e trata no contexto da Geografia Cultural: turismo, territórios, territorialidades e identidades.

Em maio de 2003, no Rio de Janeiro, a segunda coletânea foi pensada durante o encontro da “Comissão sobre enfoque cultural

na Geografia”, realizado pela União Geográfica Internacional - UGI, momento em que sua estrutura é definida – leia-se os autores participantes –, bem como a parceria em sua organização com Alessandro Ratts, colega de IESA, acrescida da participação do então colega Carlos Maia. Antes que o ano terminasse, o livro *Geografia: Leituras culturais* (2003b) é editado e mostra Maria Geralda articulada com as Universidades Federais da Paraíba (Maria de Fátima Ferreira Rodrigues e Doralice Satyro Maia), de Uberlândia (Roosevelt José Santos), Unesp/Rio Claro (Solange de Lima Guimarães), mas, também, mantenedora de laços consolidados em suas caminhadas no Ceará (Eustógio W. Correia Dantas e Maria Clelia Lustosa Costa da UFC e Jorn Seemann da Regional do Cariri), em Sergipe (comigo, Maria Augusta Mundim Vargas) e em Laval, convidando Micheline Ladouceur, quem tive a oportunidade de conhecer, quando estava hospedada em sua casa.

Nesse livro, Maria Geralda contribui com o artigo *Em busca do poético do sertão: um estudo de representações* que, produzido inicialmente em 1998, traz alterações como o amadurecimento do tema. Nele sociólogos penetram as reflexões geográficas sobre as representações e, antenada, ela discute o espaço, a paisagem e as representações sobre o sertão, fazendo-nos encontrar com D. Jodelet (1991), R. Da Matta (1997), C. Brandão (1995), A. Sena (1998); historiadores como G. Arruda (2000); romancistas como Euclides da Cunha (1991) e J. Guimarães Rosa (1979); geógrafos que no momento produziam sobre a geografia cultural como P. Claval (1995), sobre paisagens como A. Berque (1990) e sobre lugares como A. F. Carlos (1996). A nossa leitura sobre a dimensão cultural do sertão sergipano está referenciada com duas produções e, no corpo do texto, as representações do sobrenatural são ilustradas com as aparições do citado João Valentim e, em conclusão, assevera:

As visões do sertão aqui reveladas pelos ‘de dentro’ como pelos ‘de fora’ evidenciaram as diferentes paisagens sobre o sertão: para os ‘de dentro’, ele constitui o espaço territorial natural socializado, o conhecido, o ‘nosso’ sertão; para os ‘de fora’, é um espaço natural ainda não socializado, o ‘lá’, imaginado e ignoto. Estes espaços propostos por Descolla são apresentados por Brandão (1995, p. 86).

É interessante ter constatado que foi durante esse Encontro da UGI que apresentamos nossa última produção sobre os desdobramentos da dimensão cultural, pesquisada no sertão sergipano, intitulada: *A construção da identidade territorial da mulher rural sergipana* (2003c). No entanto, Maria Geralda fez uma fala sobre alteridade que suscitou diversos posicionamentos. Com sua participação e registro do texto *Territórios identitários e alteridade socioespacial* (2003d), ela demarca sua contribuição com relação aos constitutivos do Lugar, do Território e das Territorialidades e, ademais, com relação ao processo construtivo de seu pensamento pela empiria: pelos encontros com gentes e pelas caminhadas entre paisagens e lugares desvelados por um olhar que se aguça a cada encontro.

3 ENCONTROS E CAMINHADAS

*A geografia que caminha com
Maria Geralda tem sede de conhecer lugares.*
(Maria Augusta Mundim Vargas, setembro 2017).

Maria Geralda formou-se em Minas Gerais e das ‘minas’ manteve vínculos pela ascendência e descendência familiares, mas, também, pela lateralidade dos encontros. Iniciou uma vida profissional universitária no Acre, onde se embrenhou para daí especializar-se na geografia e nos trópicos pela batuta dos franceses e com os ex-

poentes da Geografia brasileira, sendo auxiliada valorosamente pelo povo acreano, muitos deles cearenses, paulistas, goianos, rio-grandenses que, como ela, acreditaram numa nova vida no Acre.

Dentre suas raízes norte-mineiras, estão presentes em sua cozinha o “pequi em pote”, pronto para saborizar um prato, e as fotos de família em porta retratos de molduras trabalhadas em madeira. Se o visitante tiver ‘sorte’, é servido no café da manhã com um substancioso mingau de banana, típico das mesas acreanas.

Um ano após essa movimentada primeira década de atuação profissional, passou a atuar na Universidade Federal do Ceará. Sabiamente, e fruto de sua enorme capacidade de trabalho, ainda jovem, já havia construído uma rede de amigos, conhecidos e colegas, cuja tessitura triangulava o Brasil e aspirava mais que a França, iniciando pelos países africanos.

Nessa segunda década, nos anos 1990, Maria Geralda amadurece em seus quereres e mantém-se ampliando a rede de reconhecimento de sua capacidade de produção em projetos de pesquisa no Ceará e em Sergipe, na confecção e na abertura de convênios nacionais e internacionais sem, contudo, abandonar a sala de aula e as orientações, o que para mim, até o presente, é um milagre da multiplicação do tempo que somente Maria Geralda consegue.

Seu pouso em Goiânia fez transparecer que ali fixaria a morada definitiva com a compra de um apartamento amplo e caprichosamente decorado, com a ajuda de Maria Ivete Soares, prima da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), que cursava mestrado na UFG. Finalmente, seus pertences até então encaixotados entre Sergipe e Ceará foram expostos, tal como a coleção de máscaras decorando uma das paredes da sala, bibelôs de vários lugares aqui e ali, panos exóticos e, principalmente, quadros (nas casas anteriores não havia quadros) compuseram uma ambiência tão plural

quanto sua dona. Na cozinha, prateleiras e armários com tampo de vidro exibem, entre louças, panelas e bebidas, os mundos visitados, vividos e experienciados. No *currículum vitae*, uma ampla produção conjunta com os colegas goianos das mais variadas vertentes da geografia: Tadeu Arrais e Gisele, Manoel Calaça, Celene Barreira, Lana Cavalcanti, Eguimar Chaveiro, João Batista de Deus e os já citados Carlos Maia e Alecsandro Ratts.

Assim, como tão simplesmente é dito por Mia Couto, em *O último voo do flamingo*, “o mundo não é o que existe, mas o que acontece”, Maria Geralda faz acontecer ‘vivendo entre lugares’. Dos primeiros anos do novo milênio até o presente, renovou-se em muitos e tantos fazeres como quem tem pressa, mas não se desfaz do rigor e do detalhe, como quem supervisiona tudo, mas acolhe a todos sem impor uma hierarquia, como quem sabe onde estão todos como posse – textos, pessoas, roupas, malas, livros, comidas, flores, etc., etc., mas promove entregas e encontros em comoventes desapegos.

Como uma queda d’água é suave e forte, vivenciei com alegria a força do percurso de Maria Geralda da Associação dos Geógrafos Brasileiros (2004-2006) para a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia - ANPEGE (2009-2011); do pós-doutoramento em Barcelona (2006-2007) para a participação em Redes tais como a de estudiosos brasileiros com NEER - Núcleo de Estudos sobre Espaço e Representações; a RELISDETUR – Red Latinoamericana de Investigadores en Desarrollo y Turismo (Argentina, Costa Rica, México, Brasil, Chile, Colômbia e Guatemala); a RETEC Red Internacional de Estudios de Territorio y Cultura (Brasil, Chile, Colômbia, Espanha, França, México, Peru e Venezuela); o Grupo de Investigación de Análisis Territorial, da Universidad de Santiago de Compostela - España - GI-1871; a RECIF – Red Internacional de Investigadores en Estudios de Fiesta, Nación y Cultura.

Considerando tais registros, alguns leitores podem argumentar que essas informações são encontradas em seu *curriculum vitae*, mas será que todos terão a noção de como se deram tantos contatos? No seu *curriculum* também pode ser observada sua produção em números, com 88 artigos completos publicados em 48 periódicos; 12 livros e 63 capítulos, dentre estes, com 46 co-autores, com minha participação mais frequente com 4 produções, seguidas de Geisa Mendes, Solimar Bonjardim, Isis Lustosa, Clarinda Silva e Sonia Menezes com 3 produções cada. No âmbito das orientações, Maria Geralda formou 20 doutores e 67 mestres nas Universidades Federais de Pernambuco (4), dentre eles, Zuleika Arruda; Ceará (4), dentre eles, Francisco Djacyr; Sergipe (31), dentre eles, Rita Leolinda Anjos e Carlos Cunha pelo ProdeMa; Eraldo Ramos, Josefa Lisboa, Sonia Menezes, Antônio Marcos, Célia Regina, Amanda Marques e Geisa Mendes pelo PPGEQ; e na de Goiás (39), dentre eles, Eliseu Brito, Rosiani Mota, Evanildo Cardoso, Maisa Teixeira, Maria Idelma D'Abadia, Mary Anne Silva e Jorgeanny Moreira.

Assim sendo, mais uma vez recorro a Mia Couto para retratar a Maria Geralda de tantas andanças. Em *Um rio chamado tempo e uma casa chamada terra*, ele anuncia com versos de João Cabral de Melo Neto que “Acordar não é de dentro. Acordar é ter saída” e, mais adiante, o avô Mariano diz-lhe “O importante não é a casa onde moramos. Mas aonde, em nós, a casa mora”. Ora, Maria Geralda permanece acordada, para muitos ela nem dorme mesmo! Beneficiada pela boa memória, acolhe para si a diversidade e, como as identidades, ela segue em sua morada, em constante transição, costurando sua cultura com tantos e distintos vínculos, anotando costumes, tradições, festas, mobilidades, tal como dito em 2009, em *O sonho da conquista do velho mundo: a experiência de imigrantes brasileiros do viver entre territórios*:

O processo de desterritorialização começa na terra natal - no caso, o Brasil -, quando o indivíduo principia a sonhar e sair da-

quela situação o que o incomoda. A fratura do pertencimento acontece com a decisão de desfazer-se dos bens materiais, culturais e afetivos, para empreender a busca de refazer a vida em melhores condições. [...]. Finalizamos afirmando que o processo de inserção nesses territórios mundializados cria indivíduos imigrados, tais como os brasileiros em Barcelona. Ou seja, eles vivem em realidades multiescalares participando de múltiplas territorialidades ou interterritorialidades, como propõe Vanier (2008). Como lemos nas palavras de Delgado Ruiz (2000) na epígrafe, o imigrante está aqui, mas de alguma maneira ele também está em outro lugar. (ALMEIDA, 2009a, p. 171-173)³.

Dentre as entregas e encontros comoventes, distingo a sua disposição em captar, em 2008, recursos e assumir a coordenação geral do projeto “A dimensão territorial das festas populares e do território: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe” que, como sinaliza o título, envolveu as Universidades Federais desses estados, estando eu na coordenação sergipana e Christian Dennys Oliveira, na cearense. O projeto, carinhosamente nomeado pelas equipes de Pró-Cultura (nomenclatura do edital), proporcionou a formação de muitos mestres e doutores⁴, gerou um

³ A esse respeito, ver também Novas territorialidades ou múltiplas territorialidades – trabalhadores brasileiros em Barcelona (ALMEIDA, 2008a).

⁴ Ver artigo *A dimensão territorial das festas populares natalinas e do turismo: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe* (ALMEIDA; VARGAS; OLIVEIRA, 2011a). Os bolsistas do Projeto se titularam Mestres e, outros discentes, sob a orientação dos coordenadores, encontravam-se da formação de iniciação científica ao doutorado. Da UFG: Daniele Jesus, Isabelle Bretas, Jorgeanny Moreira, Luana Lima, João Curado, Maisa Teixeira, Maria Idelma D’Abadia, Mary Anne Silva, Márcia Pela, Rosiani Mota, Tereza Lobo, Caio Sena, Charline Marertens, Eliakim Gomes, Jakeline Pinto, Leila Bastos, Lívia Mendes; da UFS: Angelafagna Souza, Auceia Dourado, Benizario Junior, Eliete Silva, Izabella Correa, Jorginaldo Santos, Marister Loureiro, Rodrigo Heles, Rodrigo Lima, Ronilse Torres, Rosana Siqueira, Roseane Gomes, Solimar Bonjardim, Vanessa Costa, Adriane Damascena, Aline Gomes; da UFC: Glaumer, John, Icla, Helion e Vladia Evans.

site para abrigar as informações e produtos gerados, elaborou um atlas das celebrações e, ainda, promoveu encontros entre a academia e os produtores de cultura. Seu início ocorreu no final de 2009 e, mesmo tendo encerrado relatórios com as agências de fomento, continua colhendo frutos: permanecemos envolvidas com pesquisas e orientações sobre manifestações culturais tradicionais e, em Sergipe, o Fórum Patrimônio e Festas já se encontra em sua 6ª edição. Todavia, o Projeto Pró-Cultura fez-nos amadurecer conceitual e metodologicamente, já que a construção conjunta de um caderno de procedimentos rendeu grandes encontros com as equipes. As festas, tomadas como fenômeno e objeto de estudo da Geografia, proporcionaram reflexões e discussões sobre territorialidades e territórios; sobre a paisagem que se constrói pelas festas, que se mostra pelos signos, cheiros, cores e pela memória; sobre patrimônio e patrimonialização, assim como espetacularização. Esses recortes conceituais tomaram corpo no desvelamento das festas populares levantadas nos estados e visibilizadas com desdobramentos gratificantes na produção acadêmica, pelas orientações de graduandos a doutorandos, mas sobretudo, na produção de Maria Geralda.

Dentre tantos lugares e tantas moradas, Maria Geralda fez pouso como professora visitante e/ou pesquisadora colaboradora, fruto de parcerias e convênios propostos, muitas das vezes por ela, em várias instituições do Brasil, como nas Universidades Federal de Pernambuco, Paraíba, Sergipe, Amapá, Acre; e nas Estaduais do Ceará e Montes Claros; e, no exterior, nas Universidades Metropolitana (México), Autônoma do Estado do México, Nacional de Cuyo (Argentina), de UniCaldas (Colômbia), no Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento - IRD (França), na UQuebec (Canadá). Participou, nos últimos anos, como professora e pesquisadora, de convênio com a Universidade de Moçambique e, dentre os últimos firmados, destaca-se sua par-

tipificação pela geração de informações, formação acadêmica e pela troca de informações, os convênios (aqueles nomeados ‘casadinhos’) com a Universidade de São Paulo e a Federal do Tocantins. Em todos há registros de artigos, livros, orientações e relatórios.

E, dentre a vasta e variada produção, o leitor atento se dá conta de que ela mantém na essência de sua produção dois eixos temáticos que lhe renderam reconhecimento, pela coragem e pela pluralidade de olhares que debruçou e ainda persevera sobre “turismo” e “tradições”, numa permanente colaboração com a Geografia que para ela, no texto *Territorialidades, representações do mundo vivido e modos de significar o mundo - uma leitura etnogeográfica do Brasil sertanejo* (2008b, p. 316):

A geografia, repetindo, é um conhecimento (representação elaborada pelos geógrafos) do conhecimento (das formas que as sociedades e pessoas traduzem em imagens suas experiências do espaço vivido). Esta geografia, consciente de sua subjetividade, busca nos discursos, nas práticas espaciais, nas representações dos homens, suas racionalidades e sentimentos de pertencimento, as coerências e contradições para conhecimento do lugar, das regiões e dos territórios.

Nesse artigo, dialoga com Rogerio Haesbaert (1999, p. 172) que parte do pressuposto geral de que “toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente do território [...]” e argumenta que:

O território é, antes de tudo, uma convivialidade, uma espécie de relação social, política e simbólica que liga o homem a sua terra e, simultaneamente, estabelece sua identidade cultural [...] tratamos de um território multiescalar, aberto para acolher a diversidade de combinações espaciais que tecem as so-

ciudades com a experiência individual na superfície terrestre. Acresce-se que ele é dotado de uma historicidade caracterizada por seus ritmos específicos (2008b, p. 318-319).

Ora, observa-se que o turismo cresce em sua obra tanto quanto suas andanças pelo mundo. Nesse ‘momento’, carece-lhe um olhar 360°, uma inspiração retrospectiva que proporcionasse a expiração analítica e, assim, produz “*Aportes teóricos e os percursos epistemológicos da Geografia Cultural*”, com as seguintes considerações finais:

Vivemos, segundo Jameson (1991), no hiperespaço, um domínio no qual a experiência local não mais coincide com o lugar onde ela acontece, nos lembra MacDowell, aturdindo os seguidores de Sauer [...] o atual desafio para os geógrafos culturalistas é investigar como as interconexões entre forças globais e particularidade local alteram os relacionamentos entre identidade, significado e lugar. Outros questionamentos são sobre as maneiras como um sentimento de identidade, comunidade e nacionalidade permanecerá enraizado em um lugar (ALMEIDA, 2008c, p. 51).

Nesses últimos dez anos, o apartamento amplo de Goiânia vem se prestando como repositório de suas aquisições: a biblioteca tem prateleiras desde o teto; na cozinha, uma mesa se presta a receber garrafas, vidros, potes, pacotes de especiarias do mundo visitado, que traz consigo pelo prazer de saborear os pratos juntamente com relatos ‘daquele’ lugar. Na sala uma mesa de ferro, trabalhada como os galhos de um ébano, tem ao centro uma bandeja redonda giratória que, ao receber os inúmeros potinhos com os quais normalmente serve, provoca ao visitante a vontade de provar e provar até se saciar, de iguarias com sabores marcantes, pois ela tem predileção

para com a culinária de países que lhe acolheram ‘pela boca’ como México, Míamar, Moçambique, Senegal e Mongólia, dentre outros. Nos potes ou nos minuciosos relatos de receitas, degusta-se à mesa de Maria Geralda um frango ao molho de chocolate com pimenta ou um carril de amendoim, legumes no vapor saborizados com redução de abacaxi; para abrir o apetite, infusão de canhum (bebida alcoólica), uma boa pinga ou então, pedaços de manga no molho de pimenta; peixe marinado com tamarindo, carne de rinoceronte, embutido de javali... Entre um e outro preparo – leia-se viagens longas e em outros países –, como naqueles da Europa profunda, as incursões aos quintais dos kalungas e assentamentos goianos, colorem e saborizam igualmente sua mesa com abóboras, quiabo, pequi, orapronobis, mandioca, milho, etc., etc.

Essa coexistência com a diversidade é assertiva no texto *Diversidade paisagística e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo*. Vejamos:

A paisagem é uma construção, um produto da apropriação e da transformação do ambiente em cultura. [...]. Há uma diversidade de paisagens culturais no mundo rural brasileiro [...]. Pode-se afirmar que as paisagens constituem-se em patrimônios [...] e como tais, se caracterizam por serem, simultaneamente, patrimônios materiais e imateriais, permanentes e cambiantes. [...]. Nesse texto busca-se discutir as paisagens e identidades territoriais, ou melhor, a etnoterritorialidade do sertanejo do sertão brasileiro. Claval (1995) ilumina essa discussão ao afirmar que é pela cultura que as populações fazem a sua mediação com o mundo e constroem um modo de vida particular, além de se enraizarem no território (2008d, p. 47-48).

Boa contadora de histórias, ela soube trazer em seus textos o som das festas, as carências e as potencialidades dos lugares, tendo

como ancoragem a dinamicidade da cultura, como o fez no texto *A geografia imaginária dos lugares turísticos*:

Cultura turística seria pois, para Jafari (1985), o estado de espírito marcando as formas de pensar, de agir, de sentir durante a seqüência animação. É através do filtro da cultura turística predominante que ele “freqüentará” a cultura local, aquela das pessoas e do lugar que o acolhe. Quando as diferenças entre o lugar de vida e o lugar de alteridade se estreitam o turista pode optar-se por permanecer fiel ou por mudar. Ao buscar alhures o diferencial desejado, a descoberta de outro exotismo, distintos dos locais até então conhecidos, isto possibilita outro nível da difusão espacial do turismo. Desta maneira a prática turística participa ativamente na produção espacial. É a cultura que atribui significado subjetivo ao turismo, conforme já o disse anteriormente (ALMEIDA, 2006, 1998). Soma-se a isso a dimensão econômica que ressignifica os aspectos cultural e natural para o turismo (ALMEIDA, 2009b, p. 4).

Em decorrência das vivências desses anos, após meados da década de 2000 e das orientações sobre manifestações em pequenas comunidades, contribui com reflexões a respeito, como no artigo *Festas rurais e turismo em territórios emergentes*, registrando que

O patrimônio cultural convive com a concepção de contemporaneidade e seu uso e desfrute atual está muito vinculado ao turismo. A atual turistificação do patrimônio contribui para sua mercantilização. O valor que os bens culturais possuem, por um lado, é o que a sociedade por suas práticas sociais lhe atribui e, por outro lado, é o definido pelos interesses da lógica do mercado. Assim, o turismo, na sua lógica consumista, reinventa o patrimônio cultural. [...] A dinamicidade do turismo e os avanços dessa atividade, guiados por interesses e motivações que se espraiam em espaços independentes do rural ou

do urbano, tornam-no uma nova atividade econômica propícia para desenvolver seus objetivos. Campanhola e Silva (1999) defendem a idéia de que o turismo no meio rural é uma forma de valorização do território. Essa consideração contribui para a proteção dos recursos naturais e para a conservação do patrimônio natural, histórico e cultural do espaço rural. É o caso das festas rurais em vários locais do país como as festas juninas, as congadas, as folias rurais, as catiras, as romarias e os festejos dos santos padroeiros, as quais atribuem aos espaços identidades territoriais e valorizam os bens culturais (ALMEIDA, 2011b, s/p).

No trato com as tradições, ela traz a modernização desde sua tese, abrindo caminhos de entendimentos pelo pertencimento a lugares, pelas territorialidades, pela observância de paisagens, fronteiras, povos e comunidades. Desse modo, os Kalungas têm destaque em suas produções, sobretudo em suas orientações, pois, nelas, a ‘leitura’ de seu pensamento é esclarecedora de sua importância. É o que se constata nos extratos de textos produzidos por duas de suas orientandas. Ao estudar os sentidos da religião protestante para os Kalungas, Rosiane Mota (2016) faz a seguinte leitura dos textos de Maria Geralda:

Almeida (2010a) considera os membros da Comunidade Kalunga como povos cerradeiros⁵ Ela dá esta denominação aos Kalunga porque estes ‘reconhecem a herança cultural e o local de vivências com suas características naturais, como definidores de seu grupo social e de sua identidade territorial’ (ALMEIDA, 2010a, p.43). A Comunidade constitui em conjunto com a dinâmica de produção de suas identidades, um território

⁵ Trata-se da nota nº 70 de Mota: “A autora baseia-se no conceito de Bertran (2000, p. 18) no qual afirma o povo ‘cerradeiro ou cerratense’ ser ‘por excelência um homem barroco. Criado nos ocios sertanejos: acredita em liberdade, sua natural condição: daí a dificuldade em aceitar trabalho de rotina ou qualquer trabalho”.

identitário. De acordo com a autora, os ‘territórios identitários estão contidos no território do Cerrado. Como territórios identitários eles se caracterizam pelo papel primordial da vivência e pelo marco natural, o Cerrado [...]’ (ALMEIDA, 2005, p. 338)⁶. O território identitário Kalunga é produzido nas localidades e nos agrupamentos do Sítio Kalunga. As identidades territoriais são constituídas no contexto das territorialidades estabelecidas no Sítio, e mesmo com o protestantismo elas podem manter-se vivas de maneira ressignificada (MOTA, 2016, p. 80).

Já Jorgeany Moreira (2011, p. 6), observando o contexto de reprodução das festas dos Kalungas, constrói sua produção acadêmica apreendendo de Maria Geralda que, “apesar da perda de algumas de suas práticas simbólicas, os Kalunga do Engenho II se expressam ricamente e mantém vivos costumes no trabalho, danças, rezas e manifestações religiosas, que relatam no tempo-espaço festivo sua história”. Dessa forma, “a sociabilidade local é construída por meio de agrupamentos de famílias, vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades festivas” (MOREIRA, 2011, p. 6 apud ALMEIDA, 2010b, p. 14).

Com efeito, em recente produção, Maria Geralda adensa o olhar e o pensar sobre os lugares do mundo e os traduz nos quintais kalungas:

⁶ Trata-se da nota nº 71 de Mota: “Para a autora os territórios identitários ‘seriam tanto espaços de sociabilidade comunitária como refúgios frente às agressões externas de qualquer tipo’ (ALMEIDA, 2005, p. 338). Concorde-se com Almeida (2008) no que ela afirma sobre a identidade cultural. De acordo com a autora esta ‘dá sentido ao território e delinea as territorialidades. A territorialidade, por sua vez, pode definir uma relação individual ou coletiva ao território, se apóia sobre as paisagens e revela uma etnogeografia sertaneja’ (ALMEIDA, 2008b, p. 320)”.

Almeida (2003b, p. 79), apoiando-se em Escobar (1999, p. 96), considera que biodiversidade é “Território Culturalizado”, aquele que é primeiramente apropriado pela cultura das populações tradicionais que se relacionam intensamente com a natureza. A biodiversidade tem uma parte considerável criada e mantida por grupos sociais cujas práticas de gestão dependem de saberes que não podem ser reduzidas a uma única dimensão naturalista, pois a cultura é determinante nos usos feitos da natureza (ALMEIDA, 2003, EMPERAIRE et al., 2008). [...] Ao propor o quintal como lugar, deve-se levar em conta a afirmação de Tuan (1983, p. 15), que defende o valor do lugar, e esse depende da intimidade da relação humana, e “na ausência da pessoa certa, as coisas e os lugares rapidamente perdem significado”. As plantas e as criações têm sentido para a mulher Kalunga, que sabe suas utilidades e como prepará-las, e conhece seus efeitos. Para essa pessoa, o quintal tem um significado, pois as plantas e os animais que ali se encontram inserem-se na sua vivência. O quintal como lugar não está de forma alguma desvinculado do global, considerando a afirmação de Carlos (1996) de que o mundial se concretiza no lugar, é ali que ele ganha expressão. Pode-se afirmar que o quintal é também território e diretamente influenciado pelas relações que ocorrem em uma escala geográfica maior, uma vez que as plantas dependem das águas dos rios e fatores climáticos de escala regional, nacional e de impacto global (ALMEIDA, 2016a, § 6, 24 e 25).

Os quintais bascularam de tal forma o olhar de Maria Geralda que, como revolvendo ‘terras’ passadas, detalha o foco para o papel das mulheres na formação e manutenção deles. Relacional ao cotidiano e ao sentido de vida, ela me insere como colaboradora no projeto de extensão interdisciplinar no qual fui solicitada a ministrar oficinas intituladas “Quintais patrimônio: referências de saberes de

mulheres assentadas/Vão Paranã-GO”, objetivando integrar as mulheres participantes através de atividades lúdicas.

A oficina transcorreu em fevereiro de 2017, nos municípios de Posse e Mambai, situados no Nordeste do estado, próximos à Bahia. Fato enriquecedor foi conhecer a realidade de assentamentos da reforma agrária pelos depoimentos das mulheres e de suas famílias e, apreendê-la tão distinta dos assentamentos sergipanos, mas tendo o apego pela terra como fio condutor de suas existências. E, na terra, os quintais com seus sentidos e seus sabores. Em meio a essa experiência, Maria Geralda comandou quatro orientandas, da graduação ao doutorado, com o olhar atento às suas colocações, maneiras de anotar, posturas, sabatinando, a cada instante, sobre suas observações e compreensões. Sua postura é essa, desde os alunos em sala de aula aos professores universitários que convivem sob sua orientação.

Dos quintais dos kalungas aos quintais dos assentamentos da reforma agrária, inflecte seu olhar para o papel das mulheres para suas existências, composições e formas, já que, no artigo *Mulheres rurais – a descoberta e conquista da cidadania pela valorização dos quintais*, expõe:

O quintal, para aqueles que circulam pelo meio rural, é o espaço dos saberes. É nele que a mulher, sobretudo, reproduz seus conhecimentos com as plantas, sejam plantas medicinais ou alimentos. Conhecimentos adquiridos historicamente, passados por gerações, de mãe para filha, de avó para neta. É, portanto, espaço cultural, simbólico e de segurança alimentar. Esta reflexão está em consonância com Carlos (2007, p. 14), que, com base em Divignaud (1977), afirma que o espaço nos remete aos conjuntos vivos, nascidos da prática e compostos pelo dinamismo de cada nova geração, seja em sua dimensão da imensidade nômade ou daquela da cidade ou ainda das toponímias, ‘o espaço se compõe de experiências além de per-

mitir a vida, lugar onde gerações sucessivas deixaram marcas, projetaram suas utopias, seu imaginário'. Os quintais de assentados são lugares onde as experiências, as práticas dos saberes e a vida acontecem. As mulheres podem deixar suas marcas ao perpetuarem os saberes sobre as plantas, passando-os para novas gerações. Ao entender o quintal como lugar, nos inspiramos na afirmação de Tuan (1983, p. 155), o qual diz que o valor do lugar depende da intimidade da relação humana, e que 'na ausência da pessoa certa, as coisas e os lugares rapidamente perdem significado'. Ou seja, as plantas têm sentido para a mulher assentada que sabe suas utilidades, sabe prepará-las e conhece as fases de crescimento das aves e animais, bem como o período da florada da mangueira e quando pode colher a jaca ou esperar o pequi cair no chão para consumi-lo. Para essa pessoa, o quintal tem um significado, pois os objetos, no caso as plantas e criações, são comuns de sua vivência (ALMEIDA, 2016b, p. 148).

Entre o ano de 2016 até setembro de 2017, Maria Geralda publicou 10 artigos completos em periódicos, entrelaçando as tradições e o turismo com abordagens sobre o patrimônio, as festas, as mulheres e segurança alimentar, vivendo entre lugares, valorizando paisagem (esses últimos, capítulos de livros) e, sobretudo, consolidando seu olhar atento e o pensamento relacional. Vale, no contexto de sua obra, sublinhar Paul Claval, Ana Fani Carlos e Y-Fu Tuan, como os autores que se mostram basilares na condução multiescalar e multiconceitual de seus textos e, a recorrência de outros, com destaque para Maura Penna, Guy Di Meo e Dennis Cosgrove.

4 DIMENSÕES DO SENTIDO DE LEALDADE

*A geografia que caminha
com Maria Geralda tem pressa!*

(Maria Augusta Mundim Vargas, setembro de 2017).

Ela não conversa expondo ou emitindo opiniões. E o faz muito bem quando escreve. O diálogo com ela ocorre desde que o conduza, pois se sucede com suas perguntas encadeantes, uma atrás da outra, um fato levando ao outro e, no fio da meada da resposta do interlocutor, outra e mais outra questão é posta até que a ‘conversa’ seja interrompida, por algo externo à sua vontade de continuar perguntando. Isso significa dizer que tanto quanto as paisagens, as pessoas que encontra são fontes inspiradoras pela aceitação ou pela motivação de algo novo que, no momento da conversa, está no devir.

Portanto, é desta forma que findo este artigo, com a sensação de algo interrompido. Se fragmentado, tendencioso, parcial, míope ou embaralhado, vale ressaltar que para mim foi indescritivelmente prazeroso.

Creio que expus e o leitor apreendeu Maria Geralda como observadora, meticulosa, determinada e destemida, seja pelos encontros ou pelas andanças e caminhos percorridos, inspiradores tanto da diversidade de sua produção quanto das cores e sabores que de sua pessoa exalam. Da imensidão da floresta amazônica às infinitas possibilidades dos quintais kalungas e das mulheres dos assentamentos do Vão Paranã, inumeráveis Marias Geraldas e imensa a sua Geografia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. **Recherches bibliographique signalétiques sur les modes d'utilisation du sol en milieu forestier tropical humide**. Mémoire du Diplôme d'Études Approfondies de Géographie – DEA. Université de Bordeaux III, França, 1982.

_____. **Experiences de colonisation rurale dans l'état d'Acre en Amazonie bresilienne**. 1985. Tese (Doutorado em Geografia). Université de Bordeaux III, França, 1985.

_____; VARGAS, M. A. M.. **Sertão do Baixo São Francisco sergipano: Dimensão cultural**. Programa de Estudos Interdisciplinares, vol. 8. Relatório (Convênio 05.95.0023/00) Codevasf/UFS/Seplantec-SE, Aracaju: 1997.

_____. Cultura, invenção e construção do objeto turístico. In: **Espaço Aberto 3**, Turismo e formação Profissional. Fortaleza: AGB/FUNCAP, 1998. pp. 17-31.

_____; VARGAS, M. A. M.. **Expressões culturais: vale do rio São Francisco – região dos tabuleiros costeiros e pediplano sertanejo**. Programa de Estudos interdisciplinares. Relatório (Convênio 05.95.0023/00 Codevasf/UFS/Seplantec-SE), Aracaju: 1999.

_____. Lugares turísticos e a falácia do intercâmbio cultural. In: ALMEIDA, M. G. de et al. **Paradigmas do Turismo**. Goiânia: Alternativa, 2003, p. 11-19.

_____. Em busca do poético do sertão: um estudo de representações In: ALMEIDA, M. G. de; RATTS, Alecsandro. **Geografia: Leituras Culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003, p. 71-88.

_____; VARGAS, M. A. M.. A construção da identidade territorial da mulher rural sergipana. In: **Dimensões Históricas da Relação entre Espaço e Cultura**, 2003, Rio de Janeiro. União Geográfica Internacional. Comissão sobre o Enfoque Cultural na Geografia, 2003c.

_____. Territórios Identitários e Alteridade Socioespacial. In: **Dimensões Históricas da Relação entre Espaço e Cultura**, 2003, Rio de Janeiro. União Geográfica Internacional. Comissão sobre o Enfoque Cultural na Geografia, 2003d.

_____. A captura do cerrado e a precarização de territórios: um olhar sobre sujeitos excluídos. In: ALMEIDA, M. G. de (Org.). **Tantos cerrados: múltiplas abordagens sobre biodiversidade e singularidade**. Goiânia: Ed. Vieira, 2005. pp. 321-347.

_____. A produção do ser e do lugar turístico. In: SILVA, J. B.; LIMA, L. C.; ELIAS, D. (Orgs.). **Panorama da Geografia Brasileira**1. São Paulo: Annablume, ANPEGE, 2006, pp. 109-122.

_____. Novas territorialidades ou múltiplas territorialidades? Trabalhador brasileiro em Barcelona. In: **Scripta Nova** (Barcelona) v. VII, 2008a, s/p.

_____. Territorialidades, representações do mundo vivido e modos de significar o mundo - Uma leitura etnogeográfica do Brasil sertanejo. In: SERPA, A., (Org.) **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**, Salvador: EDUFBA, 2008b. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/bk/pdf/serpa-9788523211899-15.pdf>>. Acesso em: julho de 2017.

_____. Aportes teóricos e os percursos epistemológicos da geografia cultural. In: **Revista GeoNordeste** (UFS), v. 1, 2008c, p. 33-54.

_____. O sonho da conquista do velho mundo: a experiência de imigrantes brasileiros do viver entre territórios. In: ALMEIDA, M. G. de; CRUZ, B. N. **Território e cultura: inclusão e exclusão nas dinâmicas socioespaciais**. Goiânia: UFG; Manizales: UniCaldas, 2009a, p. 54-62.

_____. A Geografia imaginária dos lugares turísticos. In: **Anais XIII Simpósio de Geografia Física Aplicada**. Universidade Federal de Viçosa, 2009b, p. 1-10.

_____. Dilemas territoriais e identitários em sítios patrimonializados - os kalungas de Goiás. In: PELÁ, M.; CASTILHO, D. (Org.). **Cerrados: perspectivas e olhares**. Goiânia: E. Vieira, 2010a.

_____. Territórios de quilombolas: pelos vãos e serras dos Kalunga de Goiás - patrimônio e biodiversidade de sujeitos do Cerrado. In: **Ateliê Geográfico** (UFG), v. 4, p. 36-63, 2010b.

_____; VARGAS, M. A. M.; OLIVEIRA, C. D. M. A dimensão territorial das festas populares natalinas e do turismo: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe. In: **XIII Encuentro de Geógrafos de América Latina**, 2011, San José. Anais XIII Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2011a.

_____. Festas rurais e turismo em territórios emergentes. **Biblio3w** (Barcelona), v. XV, p. 919, 2011b.

_____. Comunidade tradicionais quilombolas do nordeste de Goiás: quintais como expressões territoriais. In: **Revista Franco Brasileira de Geografia**, n. 29, 2016. Disponível em: <<https://confins.revues.org/11392>>. Acesso em: julho de 2017. 2016a.

_____. Mulheres rurais – a descoberta e conquista da cidadania pela valorização dos quintais. In: **Revista GeoNordeste**, ano XXVII, n. 2, 2016. p. 138-161. 2016b.

MOREIRA, Jorgeany de F. R. Paisagens culturais e territorialidades no espaço festivo dos quilombolas kalunga em Cavalcante – Goiás. In: **Anais XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**, UFBA, 2011.

MOTA, Rosiani Dias. **O protestantismo nas territorialidades e na identidade territorial da comunidade quilombola Kalunga – Goiás**. Tese. (Doutorado em Geografia) IESA/UFG, 2016, 342 p.

SILVA, Clarinda A. da; ALMEIDA, M. G. de. Goiânia ‘cidade sertaneja’, ‘capital country’: mídia, representações sociais e identidades. In: **Habitus** (Impresso), v. 8, p. 59-84, 2010a.

REFERÊNCIAS CITADAS POR MARIA GERALDA

AB’SABER, A. A organização natural das paisagens inter e subtropicais brasileiras. In: FERRI, M. G. **III Simpósio sobre Cerrado**. Ed. Edgard Blucher e Ed. USP, 1971, p. 1-14.

ARRUDA, G. **Cidades e sertões**: entre a história e a memória. Bauru: Edusc, 2000.

BRANDÃO, C. R. Do sertão à cidade: os territórios da vida e do imaginário do camponês tradicional. In: MESQUITA, Z.; BRANDÃO C. R. (Org.). **Territórios do cotidiano**: uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre: UFRGS/UNISC, 1994, p. 160-184.

BERQUE, A. **Médiance**: de milieux en paysages. Montpellier: Reclus, 1990.

BERTRAN, Paulo. **História da Terra e do Homem no Planalto Central**. 2a edição: Brasília, Editora Verano, 2000.

CAMPANHOLA, A. C., SILVA, J. G. Panorama do turismo no espaço rural brasileiro: nova oportunidade para o pequeno agricultor. In: OLIVEIRA, C. (Org.). Anais do 1º Congresso Brasileiro de Turismo Rural: **Turismo no espaço rural brasileiro**. Piracicaba, 1999.

CARDOSO, F. H.; MULLER, G. **Amazônia**: expansão do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1978.

CARLOS, A. F. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CLAVAL, P. **La Géographie culturelle**. Paris: Nathan, 1995.

CONNOR, S. Cultura Pós-Moderna. **Introdução às teorias do contemporâneo**. São Paulo: Loyola, 1992.

COSGROVE, Denis. A Geografia esta em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, Roberto L; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-123

CUNHA, E. **Os sertões**: campanha de Canudos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

DA MATTA, R. Em torno da representação da natureza no Brasil: pensamentos, fantasias e divagações. In: BOURG, D. (Dir.). **Os sentimentos da natureza**: perspectivas ecológicas. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

DELGADO RUIZ, M. Inmigración, etnicidad y derecho a la diferencia: la antropología y la investigación de 'minorías culturales' en contextos urbanos. In: CHECA, F. (Coord.) **Convivencia entre culturas**: el fenómeno migratorio en España. Sevilla: Signatura Demos, 2000. p. 119-150.

DEMANGEOT, J. **Les espaces naturels tropicaux**. Paris: Masson, 1976.

DI MEO, Guy. **Géographie sociale et territoires**. Paris: Nathan Université, 2001.

DUVIGNAUD, Jean. **Le dondurien-essai d'anthropologie de lafête**. Paris: Plon, 1977.

EMPERAIRE, L., Robert, P. de, Santilli, J., Eloy, L., Van, V. L., Katz, E., Lopez, C., Laques, A. E., Cunha, M. C., Almeida, M. Diversité agricole et patrimoine dans le moyen Rio Negro (Amazonie Brésilienne). **Les Actes du BRG**, v. 7, p. 139-153, 2008.

ESCOBAR, A. **El final del salvaje**: naturaleza, cultura y política en la antropología contemporánea. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología/CEREC, 1999.

FOUCHER, M. La mise en valeur de l'Amazonie brésilienne. In: **Problèmes de l'Amérique Latine**. Paris, XXXIII, n. 4, s/d, p. 71-93.

FUNNES, E. **Nasci nas matas, nunca tive senhor - História e memória dos mocambos do baixo Amazonas**. 1995. Tese (Doutorado em História), FFLCH-USP, São Paulo, 1995.

GEORGE, P. **Précis de géographie rurale**. Paris: PUF, 1967.

GOUROU, P. **L'Amérique tropicale et australe**. Paris: Hachette, 1976.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

HALL, S. **Identidades Culturais na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DPA Ed., 1997.

JAMENSON, F. **Post-modernism, or the cultural logic of late capitalism**. London: Verso, 1991.

JAFARI, J. **The tourism system**. The theoretical approach to the study of tourism. Ann Arbor, University Microfilm International, 1985.

JODELET, D. **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1991.

MACDOWELL, L. A transformação da geografia cultural: In: GREGORY, D. *et al* (Org.) **Geografia humana** – sociedade, espaço e ciência social. Rio de Janeiro, 1995.

PANDOLFO, C. **A floresta amazônica brasileira** (enfoque econômico-ecológico). Belém: SUDAM, 1978.

PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino**: Identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina. São Paulo: Cortez, 1992.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1968.

SAUER, C. **The morphology of landscape**. University of California Publications in Geography, 1925, vol. 2, p. 19-54.

SENA, S. A categoria sertão: um exercício de imaginação antropológica. In: **Revista Ciências Sociais** – Sociedade e Cultura, v. 1, n. 1, 1998, p. 19-28.

SOMBROEK, W. C.; LEMOS DE OLIVEIRA, P. **Amazon soils**: a reconnaissance of the soils of the Brazilian Amazon region. Wageningen. Centre for Agricultural publications and Documentation, 1966.

THERY, H. **Rondonia**: mutations d’un territoire fédéral - en Amazonie brésilienne. (Tese) École Normale Supérieure, Paris, 1976.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a expectativa da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

VALVERDE, O. Sistemas de roças (agricultura nômade ou itinerante). In: **Finisterra** vol. III, n. 6, 1968, p. 225-239.

VANIER, M. **Les pouvoirs des territoires**: essais sur l’inter territorialité. Paris: Economica Anthropos, 2008.

VELHO, O. G. **Frentes de expansão e estrutura agrária** - Estudo de progresso de penetração numa área da Transamazônica. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1981.

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar** – Turismo, planejamento e cotidiano. São Paulo: Contexto, 2000.

VANIA FONSECA: SOCIÓLOGA, GEÓGRAFA, PROFESSORA UNIVERSITÁRIA E EMPREENDEDORA*



José Carlos Santos Cunha

Graduado em Licenciatura e Bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pelo PRODEMA UFS. Professor de Educação Básica do Governo do Estado de Sergipe e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS).

E-mail: carlos.cunha@ifs.edu.br



José Wellington Carvalho Vilar

Doutor em Ordenamento Territorial pela Universidade de Granada (UGr), Espanha. Mestre, Licenciado e Bacharel em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atualmente é Professor Titular do Instituto Federal de Sergipe (IFS), Professor do PPGE (Programa de Pós-graduação em Geografia) da UFS e do PPMTUR (Programa de Pós-Graduação em Turismo) do IFS. Líder do Grupo de Pesquisa Gestão de Ambientes Costeiros (GESTAC-IFS-CNPq). Editor-chefe da Revista GeoNordeste - PPGE da UFS.

E-mail: wellington.vilar@ifs.edu.br

* Publicado originalmente na Revista GeoNordeste, São Cristóvão, Ano XXXII, n. 1, p. 277-295, Jan./Jun. ISSN: 2318-2695. Agradecemos ao Conselho Editorial da revista pela autorização para republicação no presente livro.



Katiene Bacelar Santana

Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora da Rede Estadual de Ensino de Sergipe.

E-mail: katienebacelar@hotmail.com



Lício Valério Lima Vieira

Doutor em Geografia (UFS), Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFS) e Graduado em Geografia (UFS). Professor do Instituto Federal de Sergipe (IFS). Atualmente, é coordenador do Mestrado em Turismo (PPM-TUR) do IFS. Líder do Grupo de Pesquisa Turismo, Educação e Cultura (GPTEC-IFS).

E-mail: licio.vieira@ifs.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Vale a pena parar um pouco nossas atividades tão atribuladas nesse mundo confuso que estamos vivendo para escrever sobre nossos mestres. Há muitas maneiras de homenagear os expoentes da comunidade acadêmica, a exemplo de eventos comemorativos, concessão de graus honoríficos (Doutor(a) Honoris Causa, Professor(a) Emérito) ou escritos festivos geralmente redigidos em forma de livros, os conhecidos *festschrift* na língua alemã. Nossa homenagem será uma espécie de *festschrift*, mas redigido no formato de artigo publicado em veículo digital e depositado na rede mundial de computadores, daí seu perfil mais perene.

Trata-se de uma maneira generosa, amorosa e verdadeiramente justa de reconhecer publicamente o mérito de quem contribuiu, através de sua vasta produção intelectual, da capacidade de organização de eventos, da habilidade de coordenação de cursos e uma infinidade de realizações, para a formação de uma geração de universitários de várias áreas do conhecimento, tanto na graduação quanto na pós-graduação, principalmente em terras de Sergipe D'El Rey.

Nesse sentido, o objetivo do presente texto é prestar uma homenagem à Prof^a Dr^a Vania Fonseca, socióloga e geógrafa ao mesmo tempo, uma vida dedicada ao mundo da pesquisa, do ensino e da extensão. O trabalho está dividido em três partes: i) A história de vida; ii) a trajetória acadêmica; e iii) a vida pós academia. Na primeira parte, as estratégias metodológicas utilizadas foram entrevistas com os filhos da prof^a Vania e alguns pares da Universidade Federal de Sergipe (UFS), onde trabalhou por um longo período. Na segunda parte, a consulta ao currículo lattes, impressionantemente bem organizado, bem típico da nossa homenageada, a ex-alunos, ex-orientandos, colegas de trabalho ajudou fortemente a estruturar as ideias.

E na última, o depoimento de familiares revelou-se uma forma precisa e ao mesmo tempo amorosa sobre a vida após a aposentadoria e o encerramento das atividades acadêmicas.

O esforço de escrever textos dessa natureza é muito grande porque envolve memórias afetivas e abre espaço para a necessária garimpagem do que foi produzido na academia, sobre a formação intelectual e sobre as marcas que deixou em todo um coletivo de profissionais. Como a emoção se confunde com a razão, o texto ganha força e um caráter humano, aspectos intrínsecos da professora Vania Fonseca.

Embora tenhamos planejado um esquema de redação, escrever sobre a prof^a Vania se revelou uma tarefa das mais difíceis. A forma de linguagem, a precisão das informações e os critérios de seleção de entrevistados revelaram dúvidas no processo de redação. Resolvemos então deixar fluir o texto, sem muitas amarras técnicas, abrindo espaço para o coração, sem sentimentalismo, mas com a emoção que as homenagens, os escritos festivos, sugerem. Escolhemos essa forma mais moderna, digamos assim, porque se coaduna com uma das características da nossa homenageada que adiantamos aqui: pioneirismo e atualização com o instrumental informático.

2 UMA TRAJETÓRIA DE VIDA

De descendência italiana, a professora Vania Fonseca nasceu em São Paulo em 26 de abril de 1946, viveu entre a capital paulista, a cidade de Rio Claro (SP), Manaus (AM) e Aracaju (SE), tem um casal de filhos e dois netos e uma relação muito amorosa com a família, uma verdadeira matriarca que, entre outras coisas, admira a organização e a culinária (Figura 1).

Figura 1: Professora Dr^a Vania Fonseca - Viagem a Paris - França.



Fonte: Katiene Bacelar Santana/2013.

Sempre inquieta e ao mesmo tempo disciplinada, formou-se em Ciências Sociais em 1968 e concluiu Mestrado e Doutorado em Geografia, nos anos oitenta, na renomada Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Rio Claro), nas áreas de concentração de Organização do Espaço e Planejamento Regional, temáticas que irão permear a produtiva vida acadêmica. As vivências em três regiões diferentes, Sudeste, Amazônia e Nordeste, também contribuiu para a formação de um olhar regional sobre a diversidade brasileira e para trilhar nos caminhos da interdisciplinaridade.

A Dissertação de Mestrado, intitulada “Manaus: Pólo de Desenvolvimento Regional, foi obtida em 1980, sob a orientação do renomado professor Dr. Juergen Richard Langenbuch, uma referência na geografia urbana brasileira. No Doutorado, quando já era professora do Departamento de Geografia (DGE) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), defendeu a Tese “A Intervenção do Estado no Baixo São Francisco Sergipano”, orientada por outro expoente da geografia nacional, o professor Dr. Antonio Olívio Ceron.

Os temas do Mestrado e do Doutorado discutem aspectos de regiões distintas do Brasil, mas o olhar integrado está presente em ambos os trabalhos e já afiançava a trajetória dedicada aos estudos regionais numa perspectiva interdisciplinar, algo recorrente na sua produção acadêmica e nas interlocuções com órgãos públicos federais, a exemplo da EMBRAPA e da CODEVASF.

O encontro da Sociologia e da Geografia na vida da nossa homenageada deu excelentes frutos, para uma mente voltada para os rigores da discussão conceitual, tão afeitos ao mundo das Ciências Sociais, quanto na visão ampla e integrada da relação sociedade-natureza, tão cara à Ciência Geográfica. Essa união entre ramos disciplinares marcou a trajetória acadêmica da professora Vania e está na base da sua forma de pensar e ver o mundo e na visão prática adquirida numa escola de geografia que marcou a História do Pensamento Geográfico no Brasil, a UNESP de Rio Claro. Os constantes cursos de especialização e aperfeiçoamento também são referências na formação acadêmica e merecem ser aqui destacados, uma vez que contribuíram fortemente para a visão de mundo e para as formas de nele atuar.

3 VANIA FONSECA: MULHER EMPREENDEDORA NO MUNDO DA ACADEMIA

Descrever as ações empreendidas pela Doutora Vania no universo das instituições de ensino superior em Sergipe (Universidade Federal de Sergipe - UFS e Universidade Tiradentes - UNIT), requer antes de mais nada, entender um pouco do seu perfil para melhor compreender seus feitos, suas realizações e também sua forma de ser e pensar. Além disso, é preciso entender que nem sempre a formação acadêmica é capaz ou responsável pelo ato de empreender.

Daí, buscamos explicações em outros campos, e nos deparamos com algumas interrogações, entre elas: esse ato de empreender é um “dom”, ou um “talento”? Como “dom”, significa dádiva, presente, e se expressa na capacidade que uma pessoa tem para desempenhar determinada tarefa de forma fácil e natural, que para outra é difícil de realizar; já o “talento” está relacionado ao aprender, e neste caso requer estudo, disciplina e perseverança. Diante desta concepção, a pergunta que surge é: a Prof^ª. Vania Fonseca nasceu com o “dom” ou possui talento para empreender?

Como dito anteriormente, a Prof^ª. Vania é socióloga de formação acadêmica inicial e geógrafa por optar por curso de Mestrado e Doutorado na ciência geográfica, numa vida universitária apoiada no tripé que baliza o pensamento e as ações da universidade brasileiras. É exatamente nesse mundo que Dr^a Vania demonstrou seus muitos “dons” e seus múltiplos “talentos”. Sem menosprezar o “dom”, foi o “talento” que a florou, pois foram os estudos, a disciplina e a perseverança, associadas às ideias de que não é fácil seguir sozinho ou que ninguém faz nada sozinho, que deixaram marcas indeléveis, expressas nas ações concretas no universo das instituições de ensino por onde passou nossa homenageada.

As atividades de pesquisa junto aos convênios com a SUDENE nos anos oitenta abriram espaço para lidar com o mundo rural nordestino, seja na Região Cacaueira da Bahia ou na Área Centro Ocidental do Nordeste, uma fronteira agrícola à época. Ademais, o trabalho em equipe já evidenciava a necessidade da visão interdisciplinar, algo recorrente na sua trajetória universitária. Os trabalhos de campo também são marcas desse momento, que acompanharão as produções posteriores.

Na UFS, seu talento empreendedor é visível e parece unanimidade entre os pares e demais colegas de trabalho, sobretudo, com a

criação e instalação, no ano de 1995, do Núcleo de Pós-Graduação e Estudos do Semiárido (NESA), embrião do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA).

Como é fácil falar sobre Vania Fonseca e, usando o seu bordão, uma delícia! Foi quem capitaneou a criação do exitoso Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA), hoje uma Rede consolidada. Buscou recursos e convênios para a realização de pesquisa sobre o semiárido coordenando equipes multidisciplinares. Trouxe para mim a oportunidade de conviver com seus pais no momento de ‘virada’ do Doutorado e a oportunidade de entender o que é ser, para além de Fonseca, uma Mezzarano. Deixou marcas de sua organização, disciplina e pragmatismo nas relações pessoais e profissionais (Dra. Maria Augusta Mundim Vargas, Gutinha, em maio de 2021 - Professora do PPGEIO da UFS).

Eu como condutor parablenizo a professora Dr^a Vania Fonseca e equipe pelo bom trabalho e experiência no qual ela e sua equipe fundou o NESA, com orgulho e dedicação, meus sinceros e grandiosos agradecimentos. Parabéns! (Gilmar, ex motorista do NESA).

3.1 O Projeto Integrado de Pesquisa do Semi-Árido (PIESA)

No período de 1986-1998, a Prof^a Vania coordenou o Projeto Integrado de Pesquisa do Semiárido Sergipano (PIESA). Sua pós-graduação, sobretudo o Doutorado em Geografia, lhe inspirou pela investigação das questões territoriais do Semiárido Sergipano. Suas ações visionárias, típica de quem tem talento empreendedor, já desabrochavam com as investigações iniciadas, cujo idealismo fazia acreditar em projetos de difíceis realizações. Porém, suas inquietações na busca de conhecimentos e informações com base no que co-

nhece de si mesma, como também adquiridos através do diálogo e interações com outros pesquisadores, lhe fortaleceram e levaram-na a acreditar em seus projetos, confiante em sua própria capacidade, talento, habilidades, competências e espírito de liderança.

A Professora Vania Fonseca sempre demonstrou autoconhecimento e autoconfiança e, continuamente, valorizou a interação dialógica na elaboração de projetos capazes de potencializar e colocar em prática as competências individuais e coletivas. Assim, durante um longo período coordenou, no âmbito do PIESA, o Programa de Estudos Integrados da Bacia do São Francisco em Sergipe, com destaque para a realização do seguinte estudo: “Bacia Hidrográfica como Unidade de Estudo - Pediplano Sertanejo”, através do convênio UFS/CODEVASE, com o objetivo de desenvolver trabalhos interdisciplinares integrados de bacia como unidade de estudo, para fins de planejamento. Além disso, coordenou os estudos básicos para implantação do Projeto Jacaré-Curituba, uma demonstração de capacidade de liderança, habilidades de coordenação e competência para o planejamento.

O PIESA surgiu sob a coordenação geral de Vania Fonseca juntamente com um grupo de professores, como a Dr^a Maria Geralda de Almeida do Departamento de Geografia, Dr. Marcelo Ramos da Fonseca e Edvaldo Rosas do Departamento de Biologia da UFS, a médica Rosa Amélia Andrade Dantas e o técnico da Universidade Wellington Campos. Inicialmente, esse projeto foi desenvolvido no município de Itabaiana, e depois ampliado para estudos da sub bacia hidrográfica Jacaré-Curituba localizada no semiárido. A professora Vania sempre abriu oportunidade para os alunos, e no PIESA não foi diferente. Foram estagiários/bolsistas vários estudantes do Departamento de Geografia à época, a exemplo de: Elba Maria Alves, Analice Caldas Ramos Vieira, Marcos Barreto,

Carmen Zita de Oliveira Moreira e Maria Vilma de Oliveira (Maria Vilma de Oliveira – ex bolsista do PIESA e professora de Geografia de Rede Estadual de Ensino, hoje aposentada – Maio de 2021).

Sem sombra de dúvidas, capacidade de planejamento e disciplina são características marcantes do perfil da Prof^a Vania, conhecida por manter o foco em seus objetivos e ideais, e na definição de rotinas e regras para que as metas traçadas sejam alcançadas com assertividade. Usou o conhecimento geográfico para promover planejamento regional, “mapeando” tudo aquilo que fosse necessário para transformar sonho em realidade.

3.2 Do Piesa ao Nesa (Núcleo de Estudos do Semiárido)

As discussões sobre as realidades sociais, econômicas e principalmente sobre as questões ambientais e regionais nas décadas de 80 e 90, no final do século XX, acentuaram-se e levavam a sociedade a repensar os estilos de desenvolvimento embasados na concepção da relação sociedade/natureza. Na academia, os espaços das discussões teóricas sobre este viés avançaram numa perspectiva de superação das dualidades entre ciências físicas e humanas, sociais e econômicas. Na geografia, teoricamente essa dualidade já se encontrava ultrapassado, pois o espaço geográfico passou a ser estudado a partir da ação do homem apropriando-se dos recursos existentes, de acordo com as estruturas econômicas, políticas e sociais como estão organizadas.

Na perspectiva de construção de conhecimentos sobre os diferentes estilos de relação sociedade/natureza, homem/meio, seja com foco numa análise de gêneros de vida, ou sobre organização do espaço em função da apropriação dos recursos naturais e da trans-

formação dos bens em mercadorias, sob a ótica de uma análise econômica, a Dr^a Vania Fonseca apresenta para a Universidade Federal de Sergipe o Projeto de um Mestrado com ênfase no Desenvolvimento e Meio Ambiente, ofertado pelo Núcleo de Estudos do Semiárido (NESA) e vinculado a uma rede de instituições de ensino superior.

Como já descrito, a trajetória acadêmica da Professora Vania Fonseca é marcada pelo caráter de liderança, contudo, sem abrir mão da capacidade interativa na busca de diálogos possíveis, por entender que nem sempre é fácil conseguir e gerir sonhos sozinha. Assim, suas ações da pesquisa e de extensão foram construídas em equipes, conduzidas com maestria pelos campos férteis dos saberes, sem jamais perder seu próprio senso crítico. Desta forma, a Prof^a Vania não apenas criou laços com quem de fato auxiliou na execução dos seus projetos, como também se disponibilizou a ajudar a quem precisou de seus conhecimentos. Seu perfil de profissional analítica, responsável, séria, criativa e persistente não desmereceu a sabedoria para manter a flexibilidade e a adaptação a diferentes realidades.

Tenho pela Professora Vania Fonseca uma sublime admiração. Muito me impressionava a simplicidade com que ela transformava intercorrências que, na ótica de alguns colegas, eram tidas como verdadeiras barreiras, muito difíceis de transpor. Um exemplo? Conseguir um carro para ir à Paulo Afonso para realizar as pesquisas de campo com os alunos do Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente, quando as vans da UFS se encontravam quebradas, ou a Prefeitura do Campus não tinha verba para colocar combustível, ou ainda devido à ausência de um motorista autorizado para aquele percurso. Nesses momentos ela não se rendia diante das informações recebidas através de memorandos: ia pessoalmente conversar com os Chefes dos Departamentos e no mesmo dia, mais tardar, no outro, resolvia a questão sem maiores de-

longas. Aprendi muito com sua dinamicidade e empreendedorismo. Sim, era empreendedora, pois a cada orientando do NESA incentivava com sugestões de como aplicar os estudos que faziam, dentro das especificidades de cada um. Como? A um dizia: olha, seu trabalho está muito bom. Você poderá montar uma empresa de consultoria e tocar a vida; a outro, sugeria: porque você não faz uma cartilha explicativa sobre esse assunto? As orientações através de cartilhas estão tomando conta do mercado. E assim ela ia incentivando a todos que caminhavam pelos seus caminhos, fazendo-se Mestra-Amiga na vida pessoal e intelectual (Gilva Ramos - ex secretária do NESA - 26/05/2021).

3.3 Do Nesa ao Prodema: Criatividade, Pioneirismo e Inovação

A criação e oferta do Mestrado pelo Núcleo de Estudos do Semiárido tem um diferencial porque se tratava de um curso de Pós-Graduação integrado a uma rede de instituições de ensino superior do Nordeste do Brasil com ênfase nos estudos e produção de conhecimentos sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente da região. A adesão das Universidades que passaram a integrar a rede teve início em 1992, através de uma proposta apresentada pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), durante a 54ª Plenária do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, realizada na cidade de Aracaju/SE, promovida pela Universidade Federal de Sergipe.

Nascia assim uma integração de ideias, projetos, propostas protagonizadas por vários professores de diferentes universidades federais do Nordeste, e dentre estes, lá estava a professora Dr^a Vania Fonseca com suas ações empreendedoras e ideias visionárias trazendo para a Universidade Federal de Sergipe o segundo curso de Mestrado da instituição, com início das atividades no ano de 1995, e já aprovado pela CAPES, ofertado pelo Núcleo de Pós Graduação

e Estudos do Semiárido (NESA), tendo como Coordenadora a nossa homenageada, e como Vice Coordenadora, a prof^a Dr^a Maria Augusta Mundim Vargas, ambas lotadas no Departamento de Geografia (DGE) da UFS, à época.

Já o corpo docente pioneiro do curso, estava composto pelos seguintes professores: Dr. Antenor de Oliveira Aguiar Netto (UFS), Dr. Antônio Carlos Carvalho Barreto (UFS), Dr. Antônio Tavares de Jesus (UNIT), Dr. Ângelo Roberto Antonioli (UFS), Dr. Ederlon Ribeiro de Oliveira (EMBRAPA), Dr. Edmar Ramos de Siqueira (EMBRAPA), Dr. Edimilson Menezes Santos, Dr. Francisco Sandro Rodrigues Holanda (UFS), Dr. João Sampaio D'Ávila (UFS), Dr. José Arnaldo Vasconcelos Palmeira (UFS), Dr. José Daltro Filho (UFS), Dr^a Jenny Dantas Barbosa (UFS), Dr^a Maria Augusta Mundim Vargas (UFS), Dr^a Maria Geralda de Almeida (UFC), Dr^a Rivanda Meire Teixeira (UFS), Dr. Sigrid Neumann Leitão (UFPE), Dr^a Rosa Amélia Andrade Dantas (UFS), Dr^a Tânia Elias Magno da Silva (UFS), Dr. Vandemberg Araújo da Silva e, evidentemente, pela nossa homenageada. A capacidade de aglutinação de pessoas e instituições é evidente e merece aqui um registro todo especial.

A criatividade e inovação da proposta do novo curso de Pós-graduação da UFS está explícito no seu caráter interdisciplinar e interinstitucional. O primeiro curso interdisciplinar da UFS, com o objetivo promover a formação de especialistas em nível de Mestrado, capazes de participarem ativamente na produção de conhecimento, ensino, pesquisa e extensão, voltados para as questões do desenvolvimento sustentável da região Nordeste do Brasil, com atenção especial à região problema em termos socioeconômicos, ambientais e territoriais: o Semiárido.

O primeiro processo de seleção do Mestrado atraiu um público inscrito de diversas áreas de formação, e a primeira turma contou

com geógrafos, biólogos, economistas, engenheiro civil, médico e zootecnista. Já seu caráter interinstitucional está relacionado à integração numa rede regional com outras Universidades Federais do Nordeste, mais especificamente dos estados de Ceará (UFC), Piauí (UFPI), Paraíba (UFPB), Rio Grande do Norte (UFRN), Pernambuco (UFPE) e Sergipe (UFS), e da Universidade Estadual de Santa Cruz/BA.

Nesse contexto, o NESA se insere no PRODEMA. Conforme consta no site <http://www.posgraduacao.ufs.br/prodema>, o Programa do Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente da UFS, atualmente com conceito 5, apresenta área de concentração em Desenvolvimento de Regiões Semiáridas e Costeiras, com duas linhas de pesquisas, a saber: Planejamento e Gestão Ambiental e Dinâmica e Avaliação Ambiental.

3.4 É Hora de dar Visibilidade ao que Produzimos

Para a Professora Vania conhecimento produzido deve ser socializado, e assim, em 1998, a primeira turma de mestres do Núcleo de Pós-Graduação e Estudos do Semiárido, teve espaço garantido para publicação dos artigos sobre suas dissertações, na REVISTA CURITUBA, o periódico do então NESA. E lá estava a nossa querida professora exercendo o pioneirismo de sempre. A revista foi lançada no ano de 1998 e teve como Comissão Editorial os seguintes professores: Dr. José Alexandre Felizola Diniz (Geografia - UFS - FAPESU), Dr^a Maria Augusta Mundim Vargas (Geografia - UFS), Dr^a. Vania Fonseca (Sociologia - UFS), Dr. Willis Santiago Guerra (Direito - UFC), Dr. Ângelo Roberto Antonioli (Farmácia e Bioquímica - UFS) e como editor o professor Dr. Justino Alves Lima (BICEN - UFS).

A Revista CURITUBA foi criada com objetivo de divulgar a produção científica gerada por pesquisadores da própria UFS e de outras

instituições, que se preocupavam em estudar a questão do desenvolvimento e meio ambiente, especialmente no Brasil semiárido, priorizando os trabalhos científicos com foco no inter-relacionamento dos fenômenos da complexa realidade regional multifacetada, onde sociedade e natureza estão interligadas de forma indissociável.

Com enfoque interdisciplinar, a Revista CURITUBA propunha-se a divulgar a produção científica gerada por alunos da pós-graduação, com a publicação dos primeiros artigos e seus respectivos autores: Ponta dos Mangues: Relação Sociedade - Natureza (Marly Menezes Santos); Adaptabilidade da Espécie Caprina (*capra hircus*) às Regiões Semiáridas Tropicais: Perspectiva para um Desenvolvimento Sustentável na Região Semiárida Nordestina do Brasil (Irinéia Rosa do Nascimento); A Educação Ambiental e o Contexto Educacional Brasileiro (Symone Chistine de Santana Araújo); Ação do Estado e Meio Ambiente no Município de Neópolis (Izabel Cristina Barbosa); Avaliação da Realidade de Saneamento na Cidade de Propriá, em uma Perspectiva de Proposta Política (Márcio Costa Macedo); Projeto Califórnia – Avaliação Econômica e Ambiental do Projeto de Irrigação (Carlos Antônio Soares de Araújo); Projeto Hidroagrícola Platô de Neópolis: Intervenção do Estado e Meio Ambiente (Ana Maria dos Santos); Técnicas Agrícolas Tradicionais: Eficiência Social/Ambiental no Semiárido Sergipano. (José Carlos Santos Cunha).

3.5 O Protagonismo na Unit (Universidade Tiradentes) e Outras “Fronteiras”

Já aposentada da UFS, porém, com a mesma disposição de sempre, a Dr^a Vania Fonseca foi convidada pelos dirigentes da Universidade Tiradentes para integrar a equipe do Programa de Mestrado em Saúde e Ambiente. Dessa passagem pela UNIT, o Prof. Dr. Ricardo Luiz Cavalcanti de Albuquerque, amigo e colega da Professora Va-

nia, aduze algumas informações vitais, num depoimento generoso e ao mesmo tempo amoroso e fidedigno:

É difícil pôr em palavras a atuação e contribuição da Prof^a Vania Fonseca junto ao Programa de Pós-Graduação em Saúde e Ambiente da Universidade Tiradentes. Parte do grupo “original”, a Profa. Vania se destacava desde o início, quando ainda dávamos os primeiros passos em direção ao delineamento da nossa proposta de curso de Mestrado. Mulher de opiniões fortes, de ideias e ideais bem definidos, defendia seus pontos de vista de maneira apaixonada e tenaz, mas nunca sem perder a robustez nas argumentações. Extremamente organizada e sistemática, essas características se espelhavam tanto na objetividade de sua retórica quanto na arrumação impecável de sua sala de trabalho. Tudo estava sempre no lugar certo, e ela tinha controle absoluto de tudo o que acontecia. Era indiscutível que tinha uma maneira firme e muito direta de tratar com seus orientandos. Essa postura foi muitas vezes mal interpretada como falta de afeto, ou mesmo de empatia, causando até medo àqueles que se aproximavam para os “primeiros contatos”. Pura ilusão provocada pelo porte altivo e atitude enérgica dessa grande mulher. Exatamente por essa razão, esses sentimentos logo desapareciam, e eram amplamente substituídos por uma profunda admiração e carinho, pautados não apenas na sua competência incontestada e compromisso com a qualidade do seu trabalho, que imprimia em toda e qualquer atividade que desempenhava e que ensinava diuturnamente aos seus pupilos, mas também na sua capacidade única de apoiar incondicionalmente todos aqueles que faziam parte de seu time. Assim, Profa. Vania, mais do que uma excepcional professora, orientadora e educadora, é uma grande amiga; alguém que a gente sabia que estava sempre disposta a nos apoiar quando a caminhada fosse difícil, nos levantar quando caíssemos, nos ouvir

quando precisássemos desabafar e nos aconselhar quando as escolhas fossem difíceis, mas acima de tudo, que ralhava ruidosamente, sem subterfúgios ou meias-palavras, quando porventura nos encaminhávamos por estradas erradas.

Prof^a Vania é transparente, sincera, honesta, como poucos ainda são capazes de ser, e são essas características que lhe permitem ser tão admirada na mesma proporção que temida. Sua participação ativa e colaborativa na estruturação do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Ambiente foi essencial para que este PPG pudesse se consolidar rapidamente e hoje ser o único programa da área interdisciplinar na interface saúde e ambiente com conceito 5 em todo o Brasil. Mas, a despeito da relevância deste fato, foi na disciplina de “Ambiente, Saúde e Sociedade” que ela realmente se destacou. Enérgica, ela imprimia um ritmo acelerado e quase frenético às atividades que desenvolvia com os alunos. E era muito interessante, e porque não dizer surpreendente, o fato de que quase a totalidade de alunos reclamava incansavelmente das extenuantes atividades a que eram submetidos, mas invariavelmente, findada a disciplina, elogiavam e parabenizavam a professora pela excelência de seu ofício e agradeciam o quanto a experiência tinha sido engrandecedora.

Esses testemunhos eram a verdadeira tradução da Prof^a Vania em todos os aspectos. Austera, mas também de riso fácil e contagiante, muitas vezes taxada como ferina, mas extremamente carinhosa, cuidadosa e presente na vida dos seus, muito comprometida com o trabalho, mas que sabia como ninguém receber os amigos e promover a descontração entre eles. Assim é a Profa. Vania Fonseca, grande amiga e exemplo a ser seguido de retidão e profissionalismo, e a quem apelidei carinhosamente durante o período em trabalhamos juntos de “Titia General”. Prof^a Vania deixou saudades e uma lacuna que não pode ser preenchida, pois é um ser humano único e inigualável (Prof. Dr. Ricardo Luiz Cavalcanti de Albuquerque Júnior - UNIT, em 01 de junho de 2021).

Em paralelo às atividades desenvolvidas na UNIT, vale registrar sua contribuição no processo de formação na Sociedade SEMEAR (Sociedade de Estudos Múltiplos, Ecológicas e de Arte – OSCIP) e a participação na Diretoria de Meio Ambiente e na de Educação nessa instituição interdisciplinar, aberta e orientada na direção de uma sociedade mais justa e igualitária.

3.6 Orientações nos Cursos de Mestrado e Depoimentos dos Orientando(a)s

Além das atividades de extensão e do ensino, as investigações e orientações na graduação e na pós-graduação marcaram a profícua carreira acadêmica da Dr^a Vania. Foram muitos os alunos que conviveram com a professora e tiveram a oportunidade de vivenciar a forma lúcida, objetiva, clara, coesa e inteligente de conduzir a orientação a bom porto. Havia um rigor e ao mesmo tempo uma amorosidade e uma generosidade no trato com o corpo discente, seja nos trabalhos de campo ou nas orientações. É exatamente nesse momento de orientação ou nos muitos trabalhos de campo, de um contato mais próximo, quando era possível ver a mestra em sua plenitude humana, generosidade e compromisso.

Ademais, o sentido de dever cumprido era evidente em cada cerimônia de defesa, ponto alto da vida acadêmica. As manhãs, tardes ou noites de defesas eram memoráveis e a participação da nossa homenageada, invariavelmente, um show de clareza, inteligência arguta e de uma fala impecável e implacável quando necessária. No âmbito do Mestrado, seja nos programa de Pós-graduação da UFS ou da UNIT, foram 23 orientações com os temas mais variados, inovadores e acordes com as necessidades do momento (Quadro 1). Vale destacar, à guisa de exemplo, a temática dos agrotóxicos, a ação do poder público, a relação sociedade-natureza, educação ambiental e o turismo como alternativa de desenvolvimento regional.

Quadro 1: Dissertações de Mestrado Orientadas pela professora Vania Fonseca (1991-2014).

Nº	Mestrando(a)	Título	Programa	Ano de defesa
1	Rute Santana Reis	Sertão Noroeste Sergipano. Mudanças recentes e ação governamental	NPGEIO-UFS	1991
2	Sergio dos Santos Borges	Agrotóxicos, sociedade e natureza: a problemática do perímetro irrigado da Macela – S	NPGEIO-UFS	1995
3	Marly Menezes Santos	Ponta dos Mangues - Relação sociedade-natureza	PRODEMA-UFS	1997
4	Izabel Cristina Barbosa	Ação do Estado e meio ambiente no município de Neópolis	PRODEMA-UFS	1997
5	Symone Christine de Santana Araujo	A educação ambiental e o contexto educacional brasileiro.	PRODEMA-UFS	1997
6	Carlos Roberto Britto Aragão	Propriá: apogeu e decadência	NPGEIO-UFS	1998
7	Ana Maria dos Santos	Projeto Hidroagrícola Platô de Neópolis: intervenção do Estado e meio ambiente	PRODEMA-UFS	1998
8	Eduardo Lima de Matos	Autonomia municipal e meio ambiente	PRODEMA	1999
9	Lício Valério Lima Vieira	Turismo como alternativa de desenvolvimento do município de Poço Redondo	PRODEMA-UFS	2000
10	Maria Lúcia Sayde de Azevedo	Aspectos ambientais de um foco de Leishmaniose Visceral no município de Neópolis, Sergipe	PRODEMA-UFS	2001
11	Suzana Andrade Gomes	Redirecionamento do Projeto Hidroagrícola Platô de Neópolis em Sergipe	PRODEMA-UFS	2002
12	Heleni Duarte Dantas D'Ávila	Entre a aridez e o esquecimento - meninas prostituídas em Tobias Barreto	PRODEMA-UFS	2003
13	Jackson Luiz Araujo Souza.	Intervenção pública no semi-árido	PRODEMA-UFS	2003
14	Ana Cristina Almeida Santana	Reserva legal da caatinga	PRODEMA-UFS	2003
15	Idalton Antonio Martins	Sistema cartográfico e monitoramento ambiental no Projeto Hidro-Agrícola Califórnia	PRODEMA-UFS	2004
16	Mara Rúbia Barreto Menezes	Políticas públicas de saúde e de ambiente incidentes no semi-árido sergipano e seus reflexos na qualidade de vida da população	UNIT	2006

Nº	Mestrando(a)	Título	Programa	Ano de defesa
17	Jadson de Oliveira Lima	Fatores de risco à saúde associados ao ambiente: um estudo em escolares do ensino médio do município da Barra dos Coqueiros/SE	UNIT	2008
18	Genival Nunes Silva	Implantação e operação de matadouros no Estado de Sergipe.	UNIT	2009
19	Igor Macedo Brandão.	Mapeamento das pessoas com Síndrome de Down em Aracaju, Sergipe	UNIT	2010
20	Tatiane Heinemann Böhrmer	Oferta e demanda de sangue em Sergipe.	UNIT	2010
21	Sandra Regina Oliveira Passos de Bragança Ferro	Transporte coletivo urbano em Aracaju: direitos do usuário e ambiente	UNIT	2012
22	Ana Célia Goes Melo Soares.	Doenças de notificação compulsória: saúde e ambiente na Zona de Expansão de Aracaju.	UNIT	2012
23	Geovan Lima Fontes	A segurança contra incêndio nas edificações verticalizadas em Aracaju – SE	UNIT	2014

Fonte: Currículo Lattes. Acesso em 24/05/2020.

Os depoimentos de orientandos são emblemáticos e reveladores do espírito de liderança e da inteligência refinada. Nas falas saudosas, agradecidas e de reconhecimento intelectual da mestra em suas formações e até em seus roteiros de vida, porque ninguém passou por Dr^a Vania Fonseca sem sentir sua força feminina e seu afã educativo, é possível ler esses agradecimentos em forma de palavras sinceras. Não resta dúvida, trata-se de uma mulher intelectualizada que sabia o que queria e, mais importante ainda, sabia o que não queria:

Um sorriso sincero que acolhe, um olhar fraterno que entrelaça a ordem cósmica e diminui a importância do acaso no destino.

Quem conhece Vania Fonseca sabe exatamente ao que me refiro: nada impede seu açoite sobre as dúvidas dos comuns. Diante do inevitável encontro, cabe a nós, escudar-se da nossa

vulnerabilidade, frente ao aparente óbvio e procurar uma explicação que justifique a existência do diálogo.

Como mestre, transgride a calma de uma plateia mansa, desperta a dúvida e traz os caminhos para evidência lógica.

Como orientadora, aí está meu privilégio, fui seu aluno e posso descrevê-la como alguém que me emprestou a lanterna para vencer a escuridão. Tenho muito carinho e admiração por você, Professora Vania! (Dr. Genival Nunes Silva - ex-secretário de Estado de Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos de Sergipe - ex-Presidente da Administração Estadual do Meio Ambiente - ADEMA - e ex-orientando de Mestrado da prof^a Vania - Maio de 2021).

Prof^a Dra. Vania Fonseca, é impossível expressar com única palavra o que Sua Senhoria representa para toda a comunidade acadêmica e técnica científica nacional e internacional além do ser humano maravilhoso que Deus criou. Assim, escolhi Gratidão, como forma de traduzir todos os ensinamentos disponibilizados por décadas em trabalhos acadêmico-técnicos e científicos, na qualidade de mestra, orientadora e pesquisadora nas instituições de ensino Universidade Federal de Sergipe-UFS, Universidade Tiradentes-UNIT, CNPQ e em Consultoria Ambiental na Administração Estadual do Meio Ambiente- ADEMA/SE, dentre outros. Privilégio imenso de ter sido sua orientanda no Mestrado, NESA/PRODEMA/UFS (Dra. Marly Menezes Santos - Bióloga - Ex técnica da ADEMA, maio de 2021).

Na minha caminhada conheci a profa. Vania Fonseca no Programa de Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) da Universidade Federal de Sergipe, no ano de 1997, quando comecei a cursar o Mestrado e tive sua orientação. Professora do programa e coordenadora, organizada, sistemática, dedicada, sempre atenta para melhoria do programa e alcance da nota máxima de avaliação. Com sua orientação aprofundi a pesquisa sobre o Baixo São Francisco, com seminários, artigos e

visitas de campo. A professora Vania contribuiu para a formação de profissionais competentes, gestores, pesquisadores, executores de políticas públicas. Os cargos efetivos da Secretaria de Meio Ambiente de Aracaju (SEMA), em 2013, foram preenchidos por um número significativo de egressos do PRODEMA. Homenagem merecida a Profa. Vania Fonseca que contribuiu para formar profissionais dedicados a proteção ambiental no Estado de Sergipe. (Dr. Eduardo Lima de Matos - Promotor de Justiça, Prof. de Direito Ambiental da UFS e ex-Secretário de Meio Ambiente de Aracaju – Junho de 2021).

4 VIDA PÓS-ACADEMIA

Muitos intelectuais universitários sentem uma dificuldade enorme ao terminar a carreira acadêmica e se aposentar. Mas não foi o caso da Dr^a Vania, e isso não foi surpresa, porque além de exímia professora e excelente pesquisadora, estamos diante de uma psicóloga nata, que sabe fazer as leituras das mudanças e das metamorfoses que a vida pede e oferece. Essa capacidade de adaptação está no cerne do ser, na essência mesma, na natureza emocional da Professora Vania. Nós que convivemos com ela em muitos momentos, acadêmicos ou não, percebemos essa natureza caleidoscópica, que muda constantemente para permanecer a mesma pessoa!!! Um ser humano fascinante, num exercício constante de inteligente emocional.

Vejamos então algumas falas sobre esse momento pós-academia, tão difícil para a maioria e tão “fácil” para a professora Doutora Vania Fonseca, em sua capacidade de adaptação permanente:

Após o fim do vínculo com a UFS, novo ciclo se iniciou junto à UNIT, quase não alterando o dia a dia da minha mãe, já que a UNIT consumia boa parte dos dias da semana e finais de semana (leitura, correções, reparações).

Era uma imagem muito comum chegar na casa dela e encontrá-la sentada no computador, criando, lendo, corrigindo. Horas e horas sentada, em intensa atividade.

Com a saída da UNIT esse ritmo acelerado foi sendo modificado, mesmo porque ainda víamos pessoas enviando teses e textos, pedindo para que ela lesse e auxiliasse na montagem de argumentos ou formatação física.

Com o passar do tempo, sem se desvincular das atividades intelectuais (a busca do conhecimento segue fazendo parte do dia a dia) outras fontes de informação e atividades surgiram naturalmente. No Externato São Francisco, durante longo tempo e até o início da pandemia, ela começou a se dedicar a atividade de auxílio ao próximo, se juntando à equipe de artesanato que lá já existia, imprimindo aos trabalhos método, organização e objetividade (além de lanches deliciosos que levava em dias de trabalho).

Como consequência desse trabalho junto ao Externato, iniciou um curso de pintura para melhorar técnica e ganhar excelência no trabalho (que segue frequentando uma vez por semana até hoje).

Paralelo a esse novo ciclo de trabalho, fez aulas de pilates, viajou várias vezes para São Paulo para estar junto da família, em especial para organização do encontro anual de todos familiares.

A rotina atual não é menos intensa por conta da aposentadoria, mudando apenas seu foco para o que traz alegria e bem-estar. Atividades em família, em especial com os netos que buscam quase que diariamente a companhia da avó, emprestam alegria para o dia a dia. Assistem filmes, jogam, leem, conversam muito, alimentando os jovens de toda bagagem de conhecimento que traz ao longo de 75 anos de vida. Levada por interesses específicos do neto Felipe, hoje com 18 anos de idade, minha mãe se dedica a outros conhecimentos como

física, astronomia, matemática, galáxias e até assuntos existenciais.

A culinária é outro aspecto muito desenvolvido após a aposentadoria. Receitas novas, cardápios diferentes atraem toda família semanalmente (quase diariamente) para sua casa. Ela cria os cardápios e sua auxiliar de casa executa um universo de sabor. Os netos adoram a casa da avó e a culinária contempla esse cenário.

A vida segue feliz! Minha mãe tem ciência do dever cumprido nos anos de dedicação à pesquisa científica e isso possibilita a plena entrega pessoal às novas atividades e prazeres que esse novo ciclo apresenta diariamente (Renata Mezzarano Spector Cardoso, Filha da prof^a Vania – Junho de 2021).

Minha mãe, após a aposentadoria, ainda participou de algumas atividades acadêmicas em Bancas de pós-graduação, mas, aos poucos, foi realmente se desligando dos compromissos que remanesceram para passar a se dedicar às novas atividades escolhidas. As tardes passaram a ser preenchidas com cursos na área da informática, pintura e costura. E um pilates pouco frequentado... Novos círculos de pessoas se formaram e os interesses se renovaram. Estabeleceu-se, nesse novo período, almoços para os filhos e netos ao longo da semana, incluindo, com os últimos, tardes dedicadas a jogos e filmes, sempre regados por lanches e guloseimas. Os momentos a sós são, invariavelmente absorvidos por leitura, filmes e séries e montagem do menu semanal que inclui constantes visitas, na companhia da Alice, aos supermercados para dar vazão às suas ideias gastronômicas. Mas uma coisa nunca mudou: a constante atenção e dedicação à família nas 24h do dia (Sandro Mezzarano Fonseca, filho da prof^a Vania - Junho de 2021).

Vania, com sua inquietação interior, se reinventou após a aposentadoria: apoio a causas sociais, atuação em grupos de criação de renda para famílias carentes, descoberta de trabalhos

manuais, mais tempo para a família, amigos, livros e filmes. Disposição e bom humor não lhe faltam (**Célia Mezzarano** - Irmã da prof^a Vania - Junho de 2021).

A família, sempre seu porto seguro, está no coração da prof^a Vania, antes da academia, durante e na vida atual de aposentada, mas não inativa, muito pelo contrário, permanece esse espírito irrequieto, essa curiosidade sobre o mundo, seus segredos e as chaves sociogeográficas para decifrá-lo (Figura 2).

Figura 2: Familiares da professora Vania.



Fonte: Katiene Bacelar Santana/2019.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa intenção foi registrar alguns passos dados pela Profa Dr^a Vania Fonseca na sua caminhada. A intenção dos autores foi ir em busca de algumas pessoas para que registrassem suas leituras em relação à professora, expressas nessas breves linhas de reconhecimento e gratidão.

Para concluir a homenagem a uma trajetória cheia de vida com mais avanços do que recuos, com generosidade e doação, sem medo de enfrentar os desafios postos, agradecemos vivamente pelas lições e pelo espírito de objetividade com muitas pitadas de humanidade, e sobretudo, a ação educadora, da socióloga, da geógrafa e da pesquisadora. Salve Vania Fonseca! Salve! **VIDA LONGA EM SUAS METAMORFOSES E REINVENÇÕES!**

REFERÊNCIAS¹

FONSECA, V.; FERRO, S. R. O. P. B. Mobilidade Urbana e os Direitos Humanos dos Usuários do Transporte Público de Aracaju, SE/Brasil. In: MEZZAROBBA, O.; ROVIRA, E. A. (Orgs.). Atores do desenvolvimento econômico, político e social diante do Direito do século XXI - I Encontro de Internacionalização do CONPEDI. Barcelona: Laborum, 2015, v. 4, p. 271-292.

FONSECA, V.; OLIVEIRA, S. R. M.; FERRO, S. R. O. P. B. Homicídios em Sergipe: expressão da violência. In: MARQUES, V. T.; SILVA, W. C. da. (Org.). **Políticas públicas de proteção aos direitos humanos**. Fortaleza: Edições UFC, 2014, v. 1, p. 233-250.

FONSECA, V.; SILVA, P. S.; MARQUES, V. T.; FERRO, S. R. O. P. B.; OLIVEIRA, K. S.; OLIVEIRA, S. R. M.; ANDRADE, M. B.; OLIVEIRA, S. B. Ambiente e violência em Sergipe: mapeamento dos homicídios nos municípios sergipanos ocorridos no período 2006-2012. In: Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação do Estado de Sergipe. (Org.). **Pesquisa em Políticas Públicas no Estado de Sergipe**. Aracaju: Editora UFS, 2014, v. 1, p. 303-322.

FONSECA, V.; SILVA, P. S.; MARQUES, V. T.; FERRO, S. R. O. P. B.; OLIVEIRA, K. S.; OLIVEIRA, S. R. M.; ANDRADE, M. B.; OLIVEIRA, S. B. Ambiente e violência em Sergipe: mapeamento dos homicídios nos municípios sergipanos ocorridos no período 2006-2012. In: Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação do Estado de Sergipe. (Org.). **Pesquisa em políticas públicas no Estado de Sergipe**. Aracaju: Editora UFS, 2014, v. 1, p. 303-322.

¹ Foram adicionados somente livros e capítulos de livro nas publicações da professora Vania Fonseca.

MARQUES, V. T.; FONSECA, V.; NOGUEIRA JUNIOR, G. R.; OLIVEIRA, S. R. M.; NOVAES, J. L.; OLIVEIRA, L. E.; LEITE, T. H. O.; AMARAL, D. L.; FARO, G. N. Perfil dos presos no estado de Sergipe e identificação de políticas públicas para egressos. In: Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação do Estado de Sergipe. (Org.). **Pesquisa em políticas públicas no Estado de Sergipe**. Aracaju: Editora UFS, 2014, v. 1, p. 323-344.

FERRO, S. R. O. P. B.; FONSECA, V. Direito social a mobilidade urbana: análise do ambiente construído do usuário do transporte público da cidade de Aracaju-SE. In: Gustavo Barbosa de Mesquita Batista, Rogério Magnus Varela Gonçalves, Carlos Luiz Strapazzon. (Orgs.). **Direitos Sociais e Políticas Públicas I**. Florianópolis: CONPEDI, 2014, v. 1, p. 309-324.

FONSECA, V.; FERRO, S. R. O. P. B.; SANTOS, I. S.; MATOS, M. C.; OLIVEIRA, J. C. A. (in)constitucionalidade do auxílio reclusão como direito previdenciário para família do recluso do Centro Estadual de Reintegração Social de Areia Branca/SE. In: MARQUES, V. T.; SPOSATO, K. B.; FONSECA, V. (Org.). **Direitos Humanos e Política Penitenciária**. ISBN 9788571777026. Maceió: EDUFAL, 2012, v. 1, p. 241-266.

FONSECA, V.; OLIVEIRA, S. R. M.; SOARES, A. C. G. M. Condições de saúde e ambiente nos presídios sergipanos. In: MARQUES, V. T.; SPOSATO, K. B.; FONSECA, V. (Orgs.). **Direitos Humanos e Política Penitenciária**. ISBN 9788571777026. Maceió: EDUFAL, 2012, v. 1, p. 145-164.

MARQUES, V. T.; FONSECA, V.; NASCIMENTO, R. B. Perfil dos presídios sergipanos. In: MARQUES, V. T.; SPOSATO, K. B. (Orgs.). **Direitos Humanos e Política Penitenciária**. ISBN 9788571777026. Maceió: EDUFAL, 2012, v. 1, p. 109-144.

FONSECA, V. Ambiente e violência na região metropolitana de Aracaju - 2005/2007. In: LOPES, E. S. de A. (Org.). **A aventura do conhecimento e a pesquisa social em Sergipe**. ISBN 9788562576317. Aracaju: Criação, 2012, v. 1, p. 341-345.

FONSECA, V.; SANTOS, V. Monitoramento das relações saúde e ambiente na Ilha de Santa Luzia. In: LOPES, E. S. de A. (Org.). **A aventura do conhecimento e a pesquisa social em Sergipe**. ISBN 9788562576317. Aracaju: Criação, 2012, v. 1, p. 312-316.

FONSECA, V.; VARGAS, M. M. Educação em Valores. In: XAVIER NETO, Lauro Pires (Org.). **Saiba mais sobre Educação**. ISBN 9788586742217. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural Edições Ltda., 2011, v. 1, p. 287-306.

FONSECA, V. Ambiente, saúde e direitos humanos. In: SALA, J. B.; GASPAROTO, A. L. (Orgs.). **Relações internacionais: polaridades e novos/velhos temas**

emergentes. ISBN 9788560810215. Marília: UNESP/Oficina Universitária, 2010, v. 1, p. 137-150.

FONSECA, V.; VARGAS, M. A. M. PRODEMA - A construção de uma rede de integração e cooperação. In: SANTOS, A. C. dos; DALTRO FILHP, J.; SOARES, M. J. N.; RANDOW, P. C. B. D. (Orgs.). **Pensar a (in)sustentabilidade. Desafios à pesquisa**. ISBN 9788561638269. Porto Alegre: Redes Editora, 2010, v. 1, p. 17-23.

FONSECA, V.; VILAR, J. W. C.; SANTOS, M. A. N. Reestruturação territorial do litoral de Sergipe. In: VILAR, J. W. C.; ARAÚJO, H. M. de. (Orgs.). **Território, meio ambiente e turismo no litoral sergipano**. ISBN 9113750233848. Aracaju: EdUFS, 2010, v. 1, p. 40-61.

FONSECA, V.; VILAR, J. W. C.; SANTOS, M. A. N. Abertura territorial e alterações sócioambientais em Barra dos Coqueiros (SE). In: VILAR, J. W. C.; ARAÚJO, H. M. de. (Orgs.). **Território, meio ambiente e turismo no litoral sergipano**. ISBN 9113750233848. Aracaju: EdUFS, 2010, v. 1, p. 81-98.

FONSECA, V.; BASTOS, E. A. Dimensão econômica. In: FONSECA, V.; BASTOS, E. A. (Org.). **Sertão do Baixo São Francisco Sergipano. Bacia hidrográfica como unidade de estudo**. Aracaju: CODEVASF/UFS/CNPq, 1998, v. 1, p. 10-16.

FONSECA, V.; BASTOS, E. A. Educação FONSECA, V.; BASTOS, E. A. **Sertão do Baixo São Francisco Sergipano. Bacia hidrográfica como unidade de estudo**. Aracaju - SE: CODEVASF/UFS/CNPq, 1998, v. 1, p. 27-30.

FONSECA, V. Perfil demográfico. In: FONSECA, V.; BASTOS, E. A. (Orgs.). **Sertão do Baixo São Francisco Sergipano. Bacia hidrográfica como unidade de estudo**. Aracaju - SE: CODEVASF/UFS/CNPq, 1998, v. 1, p. 21-23.

FONSECA, V.; DANTAS, R. A. A. Saúde e saneamento. In: FONSECA, V.; BASTOS, Eduardo Alves (Orgs.). **Sertão do Baixo São Francisco Sergipano. Bacia hidrográfica como unidade de estudo**. Aracaju: CODEVASF/UFS/CNPq, 1998, v. 1, p. 24-26.

FONSECA, V.; BASTOS, E. A.; PINTO, J. E. S. S. Características gerais e evolução histórica. In: FONSECA, V.; BASTOS, Eduardo Alves (Orgs.). **Sertão do Baixo São Francisco Sergipano. Bacia hidrográfica como unidade de estudo**. Aracaju: CODEVASF/UFS/CNPq, 1998, v. 1, p. 7-9.

FONSECA, V. Transposição de bacias e desenvolvimento no Nordeste Brasileiro. In: DINIZ, J. A. F.; FRANÇA, V. L. A. (Orgs.). **Capítulos de Geografia Nordestina**. Aracaju: UFS, 1998, p. 383-406.

FONSECA, V.; BASTOS, E. A.; VARGAS, M. A. M. Perspectivas de desenvolvimento. In: FONSECA, V.; BASTOS, E. A. (Orgs.). **Sertão do Baixo São Francisco Sergipano. Bacia hidrográfica como unidade de estudo**. Aracaju: CODEVASF/UFS/CNPq, 1998, p. 53-55.

FONSECA, V. População e organização do espaço. In: SANTOS, A. F; ANDRADE, J. A. (Orgs.). **Delimitação e regionalização do Brasil semi-árido - Sergipe**. Aracaju: CNPq/SUDENE/UFS, 1992, v. -, p. 39-54.

FONSECA, V. Atividades produtivas. In: Ministério da Agricultura e da Reforma Agrária (Org.). **Projeto Jacaré-Curituba: estudos básicos**. Brasília: CODEVASF, 1991, p. 45-79.

FONSECA, V. Aspectos sociais. In: Ministério da Agricultura e da Reforma Agrária (Org.). **Projeto Jacaré-Curituba: estudos básicos**. Brasília: CODEVASF, 1991, v. 1, p. 86-116.

FONSECA, V.; REIS, R. S. Estrutura fundiária. In: Ministério da Agricultura e da Reforma Agrária. (Org.). **Projeto Jacaré-Curituba: estudos básicos**. Brasília: COEDEVASF, 1991, v. 1, p. 80-86.

FONSECA, V. Atividades econômicas. In: FONSECA, V. (Org.). **Sertão Noroeste de Sergipe**. Aracaju: UFS/CNPq, 1991, v. p. 151-173.

FONSECA, V. População, modo de vida e saúde. In: FONSECA, V. (Org.). **Sertão Noroeste de Sergipe**. Aracaju: UFS/CNPq, 1991, p. 173-186.

FONSECA, V. A interação das mudanças recentes. In: FONSECA, V. (Org.). **Sertão Noroeste de Sergipe**. Aracaju: UFS/CNPq, 1991, p. 222-236.

FONSECA, V. Centros de distribuição e consumo e a vida de relações. In: DINIZ, J. A. F.; DUARTE, A. C. (Orgs.). **A região cacauzeira da Bahia**. Recife: SUDENE, 1983, p. 225-240.

FONSECA, V. Cidades e organização espacial. In: DINIZ, J. A. F. (Org.). **A Área Centro Ocidental do Nordeste**. Recife: SUDENE, 1982, p. 158-183.

SOBRE PENSAR E SER GEÓGRAFA: VIDA E HISTÓRIA QUE SE CONFUNDEM COM A PRÁTICA TRANSFORMADORA DA REALIDADE – UMA HOMENAGEM À ALEXANDRINA LUZ CONCEIÇÃO*



Ana Rocha dos Santos

Licenciada, Bacharela, Mestra e Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), instituição na qual é professora do Campus Prof. Alberto Carvalho, e do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Relação Sociedade-Natureza e Produção do Espaço Geográfico.
E-mail: ana.rochaufs@gmail.com

* Publicado originalmente na Revista GeoNordeste, São Cristóvão, Ano XXXI, n. 2, p. 280-291, Jul./Dez. 2020. ISSN: 2318-2695. Agradecemos ao Conselho Editorial da revista pela autorização para republicação no presente livro.

*Merecer la vida no es callar y consentir
tantas injusticias repetidas...*

*Es una virtud, es dignidad
y es la actitud de identidad
más definida!*

*Eso de durar y transcurrir
no nos da derecho a presumir,
porque no es lo mismo que vivir
honrar la vida!*

(Honrar la vida - música cantada por Mercedes Sosa,
autoria de Eladia Blázquez).

1 INTRODUÇÃO

Em tempos difíceis de pensar a sociedade de acordo com a análise crítica e quando assumir um posicionamento marxista é fazer inimigos, escrever um artigo que homenageia a professora Alexandrina Luz Conceição, de agora em diante somente, Alexandrina ou professora Alexandrina, é reafirmar a relevância do método para ler/explicar/transformar a realidade.

Este texto homenageia a professora Alexandrina Luz Conceição. Entre tantas maneiras de prestigiá-la, optou-se por considerar seu rigor ao método, sua história relacionada à vivência como leitora voraz e seu compromisso radical com a educação na condição de professora. Procurou-se enfatizar a importância que a leitura teve para a sua formação, reafirmando-se que o conhecimento é destoante do aligeiramento e da leitura rasteira de obras e autores.

A construção deste texto é resultado de conversas e histórias contadas pela própria Alexandrina em momentos em que nos encontramos despreocupadamente para recuperar lembranças e compartilhar momentos vividos por ela. Também foram feitas pesquisa em fontes bibliográficas e site do SINTESE (Sindicato dos

Trabalhadores em Educação Básica da Rede Oficial do Estado de Sergipe), AGB (Associação dos Geógrafos Brasileiros) e GPECT (Grupo de Pesquisa Estado, Capital Trabalho e Políticas de Reordenamento Territorial).

2 UMA HISTÓRIA, UM ENCANTO, UMA MESTRA

A coerência de método, associada à prática política são capazes de provocar mudanças radicais no modo de pensar das pessoas. O legado de Alexandrina tem a ver com um trabalho de conscientizar, de tomar a realidade e virá-la do avesso para ler nas entrelinhas e revelar o que não está escrito. O desafio de desenvolver o pensar dialeticamente é superado na medida em que o trabalho e o ofício de formar professores se realizam pela sua orientação.

Há gerações de professores formados e que têm na figura de Alexandrina a referência da profissional que cuida, zela, se aproxima do aluno e o desperta/instiga para fazer da Geografia uma descoberta na produção de uma elaboração crítica, fundamentada no materialismo histórico dialético.

Para ser professor é preciso ter coerência metodológica e fazer de seu trabalho um ato de militância. Com os anos de docência, Alexandrina provocou a inquietação, a indignação e fomentou a luta e a resistência. São anos na incansável trajetória de anunciar a necessidade da transformação através do engajamento e compromisso com os trabalhadores e os que sofrem com a exploração.

A vida de Alexandrina sempre foi ao lado dos professores, na luta pela valorização da categoria, na formação política e na atuação em sala de aula de modo irretocável. Empolga e desafia as mentes dos seus alunos, desconstruindo saberes, provocando uma catarse, traduzida na lucidez que é vista a realidade.

Ingressou na rede pública de ensino em 1972 como professora de Geografia, e nos anos finais da década 1980 esteve envolvida com a própria criação do sindicato dos professores, o SINTESE (Sindicato dos Trabalhadores em Educação Básica da Rede Oficial do Estado de Sergipe). Ela e outros professores iniciaram o debate em assembleias para discutir o modelo educacional do antigo Segundo Grau que estava centrado na formação para habilitações básicas, para a profissionalização. A partir daquele momento, o sindicato passou a assumir um caráter mais representativo e de luta e se deu a criação do primeiro Estatuto do Magistério, mesmo diante da ditadura militar vivenciada à época. Nos anos de ensino na Educação Básica, a professora Alexandrina pôde fazer do ensino de Geografia um poderoso instrumento de elucidação da realidade, vencendo o caráter de uma disciplina desinteressante, centrada na memorização de fatos, sem vinculação com a realidade. Ensinar o sentido histórico, processual, político da produção do espaço sem provocar estranheza no aluno, provocando-o para pensar a sua realidade, sua história no movimento da história do país e do mundo provoca uma transformação no modo de ser do aluno. É difícil não se encantar pela Geografia quando Alexandrina é a professora!

Após anos de ensino no que hoje se define como Educação Básica, ela ingressou como docente no Departamento de Geografia, da Universidade Federal de Sergipe, em 1991. Esse momento fortaleceu a concepção teórica do materialismo histórico dialético no referido departamento, o que logo resultou em pesquisas que contribuíram para a Geografia Crítica sergipana e nacional. Foi em 1992 que se deu seu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFS. A partir desse momento, seu trabalho de pesquisadora foi enriquecido com a formação de grupo de estudo e pesquisa, centrado na crítica e no compromisso com a construção de uma sociedade, destituída de desigualdades sociais.

Seus estudos e dos seus alunos e orientandos têm abordado temas que demonstram o compromisso político e análise crítica da realidade. O resultado de suas pesquisas aponta para as contradições da sociedade capitalista, lida sempre de modo que o abstrato e o concreto, o geral e o particular, a aparência e a essência estejam inter-relacionados. Os temas estudados guardam uma identidade com o método, inseridos no campo da produção do Pensamento Geográfico, da Geografia Agrária, do Campesinato, da Política, do Estado, do Capital, do Trabalho e do Desenvolvimento.

Líder do Grupo de Pesquisa Estado, Capital Trabalho e as Políticas de Reordenamento Territorial (GPECT), tem promovido Encontros Nacionais que assumem um papel de resistência e colocam em evidência as tensões, conflitos e contradições que permeiam as relações sociais no/do sistema sociometabólico do capital (expressão de Mészáros, 2011). Esses encontros se transformaram nas vozes e ouvidos daqueles que lutam dentro e fora da Academia por dignidade e felicidade para as pessoas que vivem subjugadas, presas nas amarras do capital e de seus representantes. Nos eventos já realizados fomenta-se a ideia de que é preciso criar as condições para um novo modo societal. É como diz Antunes, ao apresentar o livro *Para além do capital*, de Mészáros (2011, p. 19), “É preciso assegurar finalidades conscientemente escolhidas pelos indivíduos sociais que lhes permitam realizar-se a si mesmos como indivíduos – e não como personificações particulares do capital ou do trabalho.

A sua atividade como professora e seu engajamento político foram determinantes para o seu reconhecimento nacional e sua atuação na Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), tornando-se diretora dessa instituição no período entre 2008 e 2010. Para essa geógrafa de coração aberto,

a AGB, por constituir-se numa instituição que se materializa e se estrutura no princípio da liberdade e da alteridade, tende a garantir um campo de debate aberto de validação de leituras plurais, mesmo que, aparentemente, ela possa ter um maior peso na determinação histórica de um grupo dominante (CONCEIÇÃO, 2014, p. 126).

Combinando trabalho docente e constante estudo que vão além da temática geográfica, nossa homenageada se debruça sobre a literatura, arte, política e a filosofia em um contínuo processo de fazer-se ser. Apreciadora do cinema e da música, dialoga constantemente com estas formas de expressão da vida e da história para captar o movimento do real em suas múltiplas determinações. Com extrema sensibilidade, Alexandrina se dedica ao outro com paixão, entusiasmo e esperança de construir as condições para as mudanças que nós precisamos vivenciar.

Desde criança dedicara-se à leitura por influência de sua tia, pai e irmãos. Em suas palavras: “ama os livros até hoje”; pensa que “para que a gente consiga dar uma formação de fato literária (literária como um todo) a um jovem tem que ter início desde criança”. Foi exatamente na infância, ainda no colo de sua tia professora, que participava das seções de leitura da sua irmã e se encantava com as histórias contadas por ela, admirada com as palavras pronunciada por seus lábios.

Ao começar a ser alfabetizada aos sete anos, em suas férias, leu seu primeiro livro, Geografia de Dona Benta, de Monteiro Lobato. Este autor preencheu a sua infância e a de seus irmãos com as diversas histórias, despertando a criatividade e imaginação. As histórias se tornavam vida real na fantasia construída com suas bonecas e bonecos que passavam a ser as personagens dos cenários construídos por Alexandrina. Ainda criança leu Negrinha. Seu pai tinha uma

biblioteca e nela continha a obra completa de Monteiro Lobato. Já naquela época, embora não fossem debatidas as ideias eugenistas de Monteiro Lobato, ficou impressionada com o nível do ódio e a forma perversa que a patroa tratava a criança órfã do livro *Negrinha*. Lia e se questionava sobre as injustiças sociais.

Como ela mesmo diz: “a leitura era como um alimento da minha existência”. Amante da leitura, na adolescência entrou em contato com as obras de Êrico Veríssimo e por ele se apaixonou. Leu *Clarissa*, *Música ao Longe*, *Um lugar ao Sol*, *Olhai os Lírios do Campo*. Seu fascínio por Êrico Veríssimo também se dava porque suas personagens faziam parte das narrativas de outros romances de sua autoria. Foi nessa época que, segundo depoimento, deu um salto para obras com fundamentos das leituras cristãs, de cunho mais filosófico. Gostava de autores como Jacques Maritain, Raissa Maritain e Gabriel Galache que provocaram uma aproximação com a filosofia e a partir daí deu um salto para ler Simone de Beauvoir, Sartre e Kafka. Em suas palavras: “foi aí que fui me envolvendo de modo sensível com o outro como sempre fui”. Mesmo ainda muito jovem, encontrava facilidade para compreender a densidade dessas leituras. Descobriu que a literatura está impregnada de filosofia, principalmente quando se debruçou sobre a literatura francesa. Leu Victor Hugo, Voltaire, Rousseau, mas só foi compreender a leitura filosófica desses autores na maturidade, quando já era professora.

A aproximação com a leitura marxista não tem um momento definido. Ocorreu pela leitura da história porque ela sempre fora apaixonada pela história. Na escola secundária, atual Ensino Médio, leu *História da Civilização Ocidental* como se fosse literatura. Segundo seu depoimento, só passou a compreender, de fato, a história a partir de uma leitura crítica e que levou aos estudos marxistas, quando teve contato com um professor de história (Bonifácio), no segundo ano do

atual Ensino Médio. Passou, então, a ler Caio Prado Júnior, Nelson Werneck Sodré e Celso Furtado. Já naquele momento, percebia as diferenças teóricas entre esses autores, despertando-a para o aprofundamento da análise marxista. Foi com o livro *História Sincera da República*, de Leôncio Basbaum, que teve a condição de compreender sua visão crítica. Esse momento da caminhada de formação intelectual e humana se contrapôs à sua formação cristã, sob a encíclica *Mater et Magistra* de João Paulo XXIII, deixando-a e dedicando-se ao estudo da história. Quando leu “*Nós, o Povo*”, de Leo Huberman teve condição de entender o avanço do capital no campo com a industrialização e que foi importante para seus estudos no Mestrado na UFS.

Cabe salientar que a juventude da professora Alexandrina foi vivida sob a ditadura militar e, como regime antidemocrático e coercitivo, os livros representavam ameaça. Os livros críticos, marxistas eram de difícil veiculação. Na época, segundo relato de Alexandrina, a editora *Civilização Brasileira*, e, em seguida, a *Paz e Terra*, eram as que publicavam alguns livros. Foi com publicações dessas editoras que teve acesso à leitura sobre trabalho assalariado e capital (livros pequenos, fragmentados em partes para chegar à classe trabalhadora). Ao ler “*A Origem do Capital*”, de Marx passou a entender o que era capital e dinheiro. Em seguida, leu “*A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*”, de Engels, *O Capital* (Marx), *Miséria da Filosofia* (Marx), e *Ideologia Alemã* (Marx e Engels). Essas e outras obras marxistas acompanharam os anos de estudo antes de ingressar na Universidade, fato que surpreendeu os professores da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Baiana de nascimento, Alexandrina foi obrigada a abandonar os estudos universitários e ir para Belo Horizonte durante a ditadura militar, escapando da violência dos militares que perseguiram jovens ligados aos movimentos que lutaram contra o autoritarismo

do regime. Participou durante este período da formação política de jovens, com produção de textos e atuação nas discussões da militância, necessária para construir um movimento revolucionário de base marxista.

Migrou para Sergipe em 1969, onde vive até hoje, fazendo de Aracaju sua morada, seu lugar de vida e de trabalho. O reconhecimento pelos anos de dedicação ao trabalho e às pessoas resultou no título de cidadã sergipana, em 2004 (ALESE). Em 2018, foi homenageada na Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe (ALESE) com a medalha Manoel José Bomfim¹. Ao discursar sobre a homenagem, afirmou que

sinto-me impotente para conformar meus alunos, hoje professores, assustados, terrivelmente horrorizados face a impotência de fazer pensar criticamente. Não mereço essa medalha e a entrego a todas e todos que, durante todos esses anos, passaram por mim e aprenderam a aprender e a compreender que educar é transformar (ALESE, 24 out. 2018).

Educar é transformar pela ação consciente do sujeito que pensa criticamente sobre a sua realidade e a sociedade capitalista para alcançar a liberdade humana. Consciente das limitações da educação escolar para a transformação real da sociedade e da dificuldade de manter vivo um pensamento crítico, Alexandrina faz do conhecimento por ela produzido um ato de resistência e um luta constante contra todas as formas de opressão e exploração.

¹ Medalha que é uma homenagem aos profissionais da Educação que se destacaram por sua relevância ao sistema público de ensino.

3 OS ESTUDOS DE FORMAÇÃO ACADÊMICA DE ALEXANDRINA LUZ CONCEIÇÃO

A formação acadêmica de Alexandrina é marcada por dois importantes momentos: o estudo do camponês, em seu Mestrado, e a singularidade da análise teórica da construção do pensamento social brasileiro, desenvolvida em seu doutorado. O retorno à Universidade Federal de Sergipe para fazer o Mestrado se deu no final dos anos 1980, após quase 15 anos de trabalho como docente na Educação Básica e de militância política. Estudou a questão camponesa embasada no método materialismo histórico dialético, debruçando-se sobre o significado de camponês. Um trabalho inquietante por abordar o signo e a representação social desse sujeito social. Procurou analisar a significação do conceito de camponês tanto no debate clássico das teorias de Lênin e Chayanov, como nos estudos da história da Geografia brasileira e dos próprios sujeitos (os camponeses). Assim, ela parte dos pressupostos marxistas de que

Os homens são os produtores de suas representações, de suas ideias e assim por diante, mas os homens reais, ativos, tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde, até chegar às suas formações mais desenvolvidas (MARX, ENGELS, 2007, p. 94).

O conceito de camponês é problematizado e estudado como construção histórica. A inquietação para o estudo do camponês a leva a refletir sobre essa palavra que tem um conteúdo ideológico que o liga ao passado e que, ao atravessar o tempo, não rompe com essa antiga representação (SOUZA, 1991).

Utilizando como aporte teórico estudos de Bakhtin (1988) para entender a concepção materialista do signo que valoriza a fala e o

concebe como dinâmico e ideológico, Alexandrina coloca o conceito de camponês como signo que possui uma natureza viva, móvel, carregado de história. Importante destacar sua preocupação em mostrar que “a ideia é determinada a partir da história do contexto sócio-político-econômico” (SOUZA, 1991, p. 7). Realidade e pensamento se entrelaçam na interpretação do conceito de camponês que está ligado ao contexto de cada época. Ao ouvir as falas dos camponeses, nossa mestra dialoga teoricamente com os autores que se debruçaram sobre este sujeito social e também se introduz no debate para revelar que o conceito de camponês tanto elaborado pelos estudiosos, como o definido pelos próprios camponeses, a partir de suas representações, está associado:

- 1) o arcabouço de uma teoria pode conservar velhas concepções que podem mascarar a análise, impedindo uma visão crítica.
- 2) a generalização de definição tende a homogeneizar relações, deixando-se de considerar as diferenciações.
- 3) o caráter reacionário do signo linguístico e ideológico, tende a valorizar a verdade de ontem como a de hoje” (ibid., p. 155).

Fiel ao método, o conceito de camponês foi estudado teoricamente sem considerá-lo de modo abstrato, ao contrário, buscou enxergá-lo em sua concretude, apreendendo as determinações que constituem o conceito de camponês. Daí ela considera que

para compreendermos a concepção em que se fundamentava o conceito dinâmico-histórico-político da palavra camponês não era bastante a definição do nome. A autodefinição só era possível de ser compreendida a partir do entendimento do conceito nas contradições do espaço de suas moradas, da consciência possível das suas lutas contra a desterritorializa-

ção, enquanto objetos para transformarem-se em atores, sujeitos de sua própria história (ibid., p. 127-128).

Assim, Alexandrina elabora sua análise compreendendo que a palavra *camponês* é marcada temporalmente e determinada por um grupo social e carrega uma função de signo ideológico e linguístico.

Foi com essa mesma preocupação com as ideias e o contexto que as produz, que a professora Alexandrina deu sua contribuição ao estudo do pensamento geográfico, no tocante à questão da formação do pensamento social brasileiro. Ela se debruçou sobre o discurso do sergipano Tobias Barreto que se distanciava das explicações do pensamento social brasileiro pautado pelo determinismo ambiental, racial ou pelo darwinismo social, dominante nos anos finais do século XIX e primeiras décadas do século XX. Alexandrina (2001) desenvolveu sua Tese de Doutorado analisando o discurso de Tobias Barreto no que se refere ao entendimento da cultura como definidora do Estado/Nação e a importância da valorização do indivíduo em sua relação cultura/homem e não da questão racial. Ela também analisa o pensamento de Tobias Barreto quanto à interpretação que ele faz do lugar/local/meio como resistência, contrapondo-se ao universal.

A escolha por estudar Tobias Barreto revela a marca que identifica a professora Alexandrina, traduzida na opção pelo que transgride aquilo que está posto, pela crítica reveladora da realidade e sua coerência entre discurso e prática. O pensamento de Tobias Barreto não se coadunava com o que dominava na época (entre o final do século XIX e o início do século XX), o que desperta o interesse de Alexandrina. Em suas palavras,

O distanciamento das concepções de Tobias Barreto do bloco de pensadores que cravam os seus pensamentos no determinismo sociológico, talvez represente sinalizações que nos permitam

avaliar a ruptura epistemológica, em relação, por exemplo, a uma preocupação em definir um perfil ideológico do pensamento geográfico a partir de uma linha rígida de pensar, quase que cronologicamente definida no tempo de ‘determinismo’ da escola alemã e no ‘possibilismo’ da escola francesa (CONCEIÇÃO, 2001, p. 5).

O percurso histórico que Alexandrina faz para refletir sobre a identidade nacional, analisando o pensamento de Tobias Barreto também demonstra o lugar precioso que o passado representa para ela na interpretação/explicação do presente. Assim, ela faz a análise de Tobias Barreto sobre a leitura de identidade nacional, refletindo a respeito dos pares cultura/natureza e nacional/regional com o propósito de contribuir

na discussão do novo no velho e do velho no novo, na medida que tornam presente neste final do século a possibilidade da emergência da discussão da identidade nacional como alternativas às ‘saídas’ da situação brasileira diante do processo acumulativo do capital que no programa neoliberal, encontra no paradigma da cultura a possibilidade/entendimento da ciência/técnica como condição de vias de transformações sociais (ibid., p. 6).

Afirma que a liberdade é o núcleo do pensamento de Tobias Barreto. Neste sentido,

a grande salvação para um povo é a que ele deve a si mesmo, à sua própria iniciativa, à sua inspiração nacional – é um direito a ser conquistado – a unidade do espírito nacional. O espírito nacional só pode ser construído pelo espírito provincial. Só o provincialismo é capaz de operar o seu desenvolvimento. O espírito comunal, para Tobias Barreto, é visto como princípio de vida, como condição expandir e prosperar (ibid., p. 11).

Alexandrina elabora com perspicácia intelectual a construção crítica de Tobias Barreto ao pensamento dominante da época. Embora encontre em Tobias Barreto o diferente no homogêneo e demarque a singularidade do pensamento do autor, destaca Tobias Barreto em sua “prisão” “positivista da limitação do homem sem tempo, ahistórico, que pensa o mundo fora dele e encontra a resposta para sua superação” (ibid., p. 232). Foi através dos discursos de Tobias Barreto que Alexandrina identificou a forma dele pensar o Estado/Nação a partir do germanismo, sob influência herderiana que é a forma de defender as diferenças culturais e se opor ao domínio da cultura portuguesa e francesa que, segundo ele, levava o país ao atraso intelectual e impossibilitava a construção do Estado/Nação. Assim, é que para ele, a cultura define as relações e é responsável pela dependência, daí Tobias Barreto colocar o lugar/local/meio como nucleador das verdades positivas e negativas. Isto porque “o espaço representado é o vivido das imagens e símbolos. Ele se apropria do espaço e do mundo. O espaço vivido, pensado, apropriado e sentido tem em Escada o lugar ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e enquanto especificidade – a tríade: habitante-identidade-lugar” (ibid, p. 237). A construção da nação é, portanto, pensada por Tobias Barreto, enquanto meio/lugar/município, onde se percorre a trajetória para a liberdade enquanto conquista pela relação de pertencimento e reconhecimento do/no nacional.

O resgate dos estudos de formação acadêmica de Alexandrina guarda um sentido que extrapola a trajetória profissional. Eles sinalizam aspectos do pensamento como construção social, nada isolado das determinações históricas de como são produzidas as formas de pensar e de representar socialmente os conceitos.

Muitas são as obras escritas por Alexandrina! Livros, capítulos de livros, artigos de revista, além de participação em mesas redon-

das, palestras, seminários que registram seu compromisso com a radicalidade do pensamento crítico, questionador e obstinado. Os textos por ela escritos revelam a dimensão humana que a constitui e que fazem da Geografia uma força de luta, pulsante e viva, contra a exploração e alienação.

4 PARA NÃO CONCLUIR

Muitas leituras já foram feitas por Alexandrina ao longo de sua vida! Érico Veríssimo está em suas lembranças e memória, assim como estão tantas outras obras e autores que foram povoando seus pensamentos, dando-lhe liberdade e constituindo seu ser. A literatura foi sua aliada na compreensão da vida, da realidade social e a estimulou a trilhar outros campos do saber e do conhecimento.

No livro “Olhai os Lírios do Campo”, de Érico Veríssimo, a personagem Olívia, antes de morrer, escreve uma carta para seu amado, Eugênio. Nessa carta, ela escreve coisas sobre ele, sua infelicidade, apesar de ele ter tido sucesso na vida. E questiona:

Quando eu estava ainda em Nova Itália, li muitas vezes o teu nome ligado ao do teu sogro, em grandes negócios, sindicatos, monopólios e não sei mais quê. Estive pensando muito na fúria cega com que os homens se atiram à caça do dinheiro. É essa a causa principal dos dramas, das injustiças, da incompreensão da nossa época. Eles se esquecem do que têm de mais humano e sacrificam o que a vida lhes oferece de melhor: as relações de criatura para criatura. De que serve construir arranha-céus se não há mais almas humanas para morar neles? (VERÍSSIMO, 2001, p. 215).

A sociedade capitalista é a da mercantilização das relações, da produção destrutiva, da incessante violência, dor e miséria, das dis-

tâncias cada vez maiores entre ricos e pobres. Essas são questões que atravessam romances, músicas, filmes, a arte de modo geral e também o pensamento vivo da mestra e da mulher que leva Luz no sobrenome.

A arte e todas as suas formas de expressão são antídoto contra a ignorância e mutilação do pensamento. O ato de pensar e o conhecimento são cruciais para o rompimento das amarras que aprisionam as pessoas em um círculo virtuoso de estupidez. Livros são ameaçadores aos regimes autoritários e de democracia fragilizada e, por isso, são queimados, escondidos e negados. Assim como os livros, a arte, a literatura e a cultura em seu sentido mais amplo, não sucumbem e resistem. Muito dessa resistência é fruto do trabalho como o de Alexandrina que transborda conhecimento!

A Geografia e os geógrafos podem servir para fortalecer a luta por uma sociedade de igualdade substantiva. Há momentos que exigem mais ousadia e determinação, momentos que não dispensam o estudo meticoloso da ciência geográfica, da política, da economia e sua tradução espacial. Na história da nossa Geografia, a professora Alexandrina será sempre uma inspiração!

Como inspiração, escrevo para a querida mestra de toda uma geração uma pequena e amorosa demonstração de todo o meu carinho:

Você que é Xan Xan,
 Você que é Alê,
 Ou simplesmente, Alexandrina!
 São expressões de carinho ao tratar de ti.
 Sua humanidade é suprema!
 Seu amor fraterno, sua indignação
 São como feixes de luz da aurora que anuncia o nascer do dia!
 A dor do outro é a sua dor,
 E, nisso, você é movida e move sua vida,
 Move nossas vidas!

E segue na consciência do outro
Cultivando o cuidado, o zelo, a paixão sem medida.
À mestra, minha gratidão!

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. Apresentação. In: MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria de transição. São Paulo: Boitempo, 2011.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE SERGIPE – ALESE. **Professores são homenageados com Medalha Manoel Bonfim**. Aracaju, SE: ALESE, 24 out. 2018. Disponível em: <https://al.se.leg.br/professores-sao-homenageados-com-medalha-manoel-bonfim/>. Acesso em: 13 mar. 2019.

BAKHTIN, Mickail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1988

CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. Às margens do Beberibe e do Capibaribe: a crítica de Tobias Barreto nos meandros da Geografia. 2001. **Tese (Doutorado em Geografia)** – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. **Pensar o pensamento geográfico**: reflexões por dentro dos Encontros Nacionais de Geógrafos (ENGs) - Brasil. Terra Livre, ano 30, v. 2, n. 42, 2014.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESTADO DE SERGIPE - SINTESE. TVSINTESE #85 Homenagem a uma mestra que formou toda uma geração de educadores. Aracaju, SE: SINTESE, 30 abr. 2018. Disponível em: <https://www.sintese.org.br/2018/04/30/tvsintese-85-homenagem-a-uma-mestra-que-formou-toda-uma-geracao-de-educadores/>. Acesso em: 29 mai 2020.

SOUZA, Alexandrina Luz Conceição de. A questão Camponesa: o olhar sob o signo dialético. 1991. **Dissertação (Mestrado em Geografia)** – Núcleo de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 1991.

VERÍSSIMO, Érico. **Olhai os lírios do campo**. São Paulo: Globo, 2001.

A VIDA ACADÊMICA DA PROFESSORA VERA LÚCIA ALVES FRANÇA E OUTRAS HISTÓRIAS*



Gicélia Mendes da Silva

Graduada, Mestra e Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora Adjunto IV do Curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Federal de Sergipe. Professora do Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFS) e do Mestrado e Doutorado em Geografia (PPGEO). Pesquisadora do GEOPLAN/UFS.



Luiz Carlos Sousa Silva

Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestre e Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFS. Especialista em Gestão de Recursos Hídricos. Professor do Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB - UFS). Gestor de Sistemas de Recursos Hídricos da DESO (Companhia de Saneamento de Sergipe). Professor da Rede Estadual de Ensino de Sergipe (SEED). Coordenador Geral do Fórum Sergipano de Comitês de Bacias Hidrográficas. Integrante do Grupo de Pesquisa GEOPLAN - UFS.

E-mail: lsousasilva@uol.com.br

* Publicado originalmente na Revista GeoNordeste, São Cristóvão, Ano XXX, n. 1, p. 307-326, Jan./Jun. 2019. ISSN: 2318-2695. Agradecemos ao Conselho Editorial da revista pela autorização para republicação no presente livro.

NÓS ACENDEMOS AS NOSSAS ESTRELAS

Como uma massa informe dentro da noite os vivos se arrastam,
e vem de muito longe chorando com as crianças bascas,
com o bater dos nossos peitos e o bater dos nossos passos,
somos como uma grossa poeira de estranhos rumores,
que se levantasse do fundo da alma humana.

Mas, uma hora, a nossa palavra, o nosso grito e as nossas risadas,
Acendem luzes de cores ao longe, até o fim da vista,
Como pequeninas feridas de ouro no coração da noite.

E nós, que não temos ainda nem um dia no mundo,
perdemos, de olhos alegres, um tempo enorme admirados
com a beleza multicolor das luzes cintilando na terra.

E, quando vamos descansar, atormentados e doentes,
caímos como uma só cabeça arriada ao chão.

E o chão sem alma abraça o nosso corpo
e acolhe o nosso sono pequeno.

(José Sampaio, 1938).

1 INTRODUÇÃO

Duas vidas. Duas personalidades. Histórias que se encontram pela origem do nascimento. Assim como o poeta José Sampaio, a professora Vera Lúcia Alves França nasceu em Carmópolis - SE. Ele, poeta dos humildes e das estrelas. Ela, que fez de sua vida profissional uma “poesia” e acendeu nossas estrelas.

Sampaio faz parte de uma literatura engajada cujos versos acentuam uma preocupação com as pessoas menos favorecidas. Contudo, ele não canta só essas dores. Ele é dono de um lirismo que escolhe como pano de fundo o Onírico sugerido pelo desejo de vencer ao anunciar e sentenciar que nós, ousadamente, “acendemos as nossas estrelas”. É inspirador ver a esperança nascer, acender, em meio a tantas diversidades.

A profa. Vera França faz parte de um grupo de professoras que seguem inspirando aos que têm desejo de aprender. Encontra, em meio às dificuldades que a condição de aprendiz possa apresentar, os pontos fortes que impulsionam o caminho de crescimento, ascensão e realização das pessoas.

Homenagear a professora Vera Lúcia Alves França, para nós, é homenagear a todas as pessoas que, de igual modo, sabem equilibrar magistralmente as nuances da existência humana. Ela nos é exemplo de força, de maturidade, de responsabilidade, de doçura, de firmeza, de retidão, de responsabilidade, de amor...

Para homenagear à Profa. Vera, buscamos ouvir os nossos corações e outros corações que tiveram a oportunidade de com o dela interagirem. Perdoem-nos aqueles que aqui não forem diretamente citados. Saibam todos que, em nossas palavras, há a intenção verdadeira de darmos voz aos sentimentos, lembranças e memórias, aprendizados e partilhas de todos os que conviveram e convivem com ela.

O texto não segue os padrões científicos convencionais, o rigor dos cânones acadêmicos, porque fizemos a opção pela subjetividade, própria dos momentos nos quais deixamos o coração falar.

Além da introdução e das considerações finais, o texto traz três partes nas quais estão contidos pontos que exemplificam, de modo bastante resumido, a trajetória da Profa. Vera na vida acadêmica, familiar e social.

2 VERA ASCENDEU E ACENDEU MUITAS ESTRELAS

Aos quatro anos de idade, a Profa. Vera França mudou-se de Carmópolis - SE para Estância - SE. Carmópolis fica longe dos olhos de Vera menina que passa a brincar na cidade jardim de Sergipe. É em Estância, em 1952, no Colégio Sagrado Coração de Jesus, que iniciou seus estudos. Ainda nesta cidade, em 1965, conclui o Curso Colegial Normal.

A Geografia sempre foi um de seus maiores interesses e, também, área sobre a qual se debruçou nos estudos e na vida profissional. Ainda muito jovem, aos 17 anos, iniciou atividades profissionais lecionando em escolas no município de Estância. A citar: Colégio Sagrado Coração de Jesus, Instituto Diocesano e Ginásio Industrial. Em Estância, também assumiu cargo de direção nas Escolas Reunidas. Além das atividades na educação municipal, a Profa. Vera França foi servidora pública da educação do Estado de Sergipe, admitida por concurso público no ano de 1970.

Permaneceu em Estância até 1977. A vida lhe trouxe novas propostas. A mudança para a capital do Estado proporcionou à Profa. Vera a retomada dos estudos. Esse episódio marcou profunda e significativamente a sua vida. A partir de então, foi-lhe possível realizar um grande e antigo sonho: cursar Licenciatura em Geografia na Universidade Federal de Sergipe. Decisão tomada e ação realizada. No ano de 1980, Vera Lúcia Alves França conclui o Curso de Licenciatura em Geografia na UFS (Figura 1).

Figura 1: Colação de Grau no Curso de Licenciatura em Geografia da UFS



Fonte: Arquivo pessoal da Profa. Vera França, 1980

O empenho e dedicação de Vera França no curso e geografia da UFS podem ser comprovados pelo seu nível de envolvimento com as questões acadêmicas e com a Geografia. Vera participou do grupo de pesquisa do Laboratório de Estudos Rurais do Departamento de Geografia da UFS, e da equipe de Planejamento do IESAP, da Secretaria de Planejamento de Sergipe. Especialista em Planejamento Urbano, participou de várias equipes de planejamento urbano em municípios de Sergipe. Foi aluna da primeira turma do Mestrado em Geografia da UFS, tendo concluído os estudos em 1988. Em 1990, passa a fazer parte do grupo de docentes do Departamento de Geografia da UFS e do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia (NPGeo), atualmente, Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo). Em 1997, concluiu o curso de Doutorado em Geografia na Universidade Estadual Paulista, Campus de Rio Claro.

Profa. Vera foi coordenadora de pós-graduação em Geografia da UFS e dedicou-se a pesquisa ligada a estudos urbanos e agrários. Publicou vários artigos em livros e revistas. O Prof. Alexandre Diniz, falou-nos um pouco sobre a trajetória da Profa. Vera, destacando sua luta, dedicação e compromisso com a UFS e com a geografia. Seriedade e competência são qualificativas do profissionalismo de Profa. Vera. Isto confirmado nas palavras do ilustre Prof. Dr. José Alexandre Felizola Diniz:

Conheci Vera França logo que retornei a Aracaju em meados dos anos setenta, ainda como aluna do Curso de Licenciatura em Geografia. Aluna exemplar, séria e competente, logo foi envolvida no processo de reestruturação do curso, participando da primeira turma do Bacharelado e atuando em diversos projetos de pesquisa, quase sempre sob minha orientação. São, então, quase quarenta anos de profícuo contato profissional, de uma relação professor-aluna que logo se transfor-

mou em grande amizade e numa admiração constante pela sua competência, tenacidade e capacidade investigativa que, desde o início, já indicava a futura geógrafa de alto nível em que se tornaria.

Foram tempos de euforia na Universidade Federal de Sergipe, com a implantação da Pós-Graduação, a construção do novo Campus e o início do desenvolvimento de pesquisas. Vera logo se torna aluna do primeiro curso de Mestrado da instituição, exatamente em Geografia, sendo a primeira aluna a defender uma dissertação no Estado de Sergipe. Seguiu-se sua entrada para o corpo docente da UFS e a participação em seis grandes projetos de pesquisa em convênio com a SUDENE, todos sob minha coordenação. Após vários anos de experiência, Vera participou, ao meu lado, como autora do trabalho sobre as áreas de exceção de Sergipe/Alagoas, infelizmente não publicado em decorrência do encerramento das atividades da SUDENE.

Vera ingressa no corpo docente da UFS e realiza o Doutorado em Geografia pela UNESP, em convênio com a nossa Universidade, sob orientação do saudoso colega Silvio Bandeira de Melo e Silva.

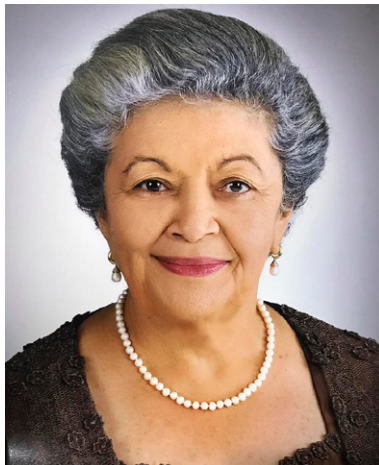
A produtiva e contínua carreira docente e científica não lhe impediu de acompanhar o crescimento de suas filhas, encaminhando-as para uma sólida carreira profissional e científica. Sandra, Silvia, Sonia e Sarah seguiram o exemplo da mãe, tornando-se competentes e destacadas profissionais em suas respectivas áreas.

A confiança que sempre depus na professora Vera França me fez indicá-la para compor o Conselho Diretor da Fundação Universidade Federal de Sergipe, que terminou sob sua Presidência, onde ela realizou excelente trabalho.

Ao final de uma longa carreira de mais de cinquenta anos como professor, pesquisador e administrador acadêmico, considero-me plenamente realizado. E Vera França, certamente, faz parte dessa realização (José Alexandre Felizola Diniz - Professor aposentado da UFS).

A Profa. Vera conseguiu unir o melhor de sua humanidade ao melhor da profissional. Soube ser firme sem perder a docilidade. Soube fazer e ensinar Ciência sem esquecer os valores existenciais. A fotografia que compõe a galeria de Conselheiros da UFS, para nós, é uma imagem que resume o que acabamos de dizer. Aos 72 anos de idade, bela e plena. Cabelos prateados e o semblante tranquilo de dever cumprido. Olhar amoroso, carinhoso, seguro. Olhar de professora, de mãe, de amiga. Olhar que nos transmite segurança, amizade. Olhar da mestra companheira, da professora amiga. Olhar firme que nos conduziu pelas caminhadas acadêmicas (Figura 2).

Figura 2: Foto da Profa. Vera na galeria dos Conselheiros UFS



Fonte: Arquivo pessoal da Profa. Vera França, 2018

A Profa. Vera fica registrada em nossa memória como exemplo a seguir. Foram muitas as estrelas que ela acendeu. Estrelas cujos registros ficaram nos trabalhos de graduação, dissertações e teses defendidas, conforme veremos abaixo. Foram muitos os alunos e alunas que se tornaram professores e professoras e continuam, as-

sim como a Profa. Vera, acendendo muitas outras estrelas.

Em cada uma das orientações, uma história a ser contada. Foram 19 dissertações de mestrado e 11 teses de doutorado sob sua arguta, séria e engajada orientação.

No Mestrado em Geografia da UFS, em 1999, defenderam suas respectivas dissertações Renata Pitanga Rego, com o tema *Avicultura Pernambucana da Produção Tradicional ao Complexo Industrial*, e Ana Rocha dos Santos com o trabalho intitulado *Mudanças na Saúde- O desafio do lugar*. Sobre a orientadora, Ana Rocha traz a seguinte colocação:

A profa. Vera é a tradução do trabalho com equilíbrio e sobriedade, firmeza e serenidade. É a medida da leveza e responsabilidade. Profa. do compromisso, do espelho do significado do ser docente. Expressão de competência e sabedoria. Sou-lhe grata pela orientação e aprendizado. Convivi mais de perto com ela durante 3 anos de realização do Mestrado (1996-1999). Das lembranças dos nossos encontros, tenho registro do respeito que ela dispensou a mim durante a construção da dissertação. Aprendi com ela o significado de orientar: conduzir sem dominar, ser livre sem se perder.

Perguntar-se para encontrar respostas e ter novas perguntas. Descobertas que me conduziram para o mundo da ciência e do conhecimento com a maturidade dos que têm a consciência do seu inacabamento, do fazer-se ser em cada novo momento da sua caminhada acadêmica. Professores marcam as vidas de seus alunos. Profa. Vera marcou a história de muitos por suas aulas cheias de Geografia de Sergipe e do ensino da pesquisa. Incansável mestra! Presença que se encontra na trajetória das publicações sobre os estudos urbanos, planejamento e sobre Sergipe. Presença nos corações e mentes dos que foram seus alunos. Para mim, é e sempre será “Mama Vera” (Profa. Dra. Ana Rocha - UFS).

A fala de Ana Rocha é representativa do quanto a Profa. Vera contribuiu para formação crítica dos seus orientados, dando a eles oportunidades de despertar e alimentar a curiosidade acadêmica.

Seguindo com as orientações, entre 2000 e 2005, foram nove as defesas de Mestrado conduzidas pela orientação de Profa. Vera: Barra da Onça: *Uma Esperança Frustrada de Reforma Agrária* (2000), de José Lavres Filho; *Itabaiana: Trabalho familiar e olericultura* (2001), de Luiz Carlos Sousa Silva; *Desruralização versus Urbanização: o caso de Laranjeiras* (2002), de Cristiane de Jesus Alcântara, de quem nós temos o seguinte depoimento:

Ter sido orientanda da Prof^a. Dra. Vera França, sem dúvidas, foi um privilégio. Cada encontro de orientação foi marcado por verdadeiras aulas de Geografia e de como ser uma pesquisadora ética e comprometida com a ciência geográfica. Ademais, foram encontros de lições de vida e de amor. A prof^a Vera é um exemplo de profissional e de mulher. Com ela aprendi “a crescer com as diferenças” – frase repetidamente dita por ela – e, que recordo todos os dias no meu exercício de docente na Universidade Federal de Sergipe. Só tenho o que agradecer pelos ensinamentos, pelo respeito e por nossa amizade! (Profa. Dra. Cristiane Alcântara - UFS).

Turismo e Desenvolvimento Regional: realidade e perspectivas do litoral nordeste de Sergipe (2004) foi o título da Dissertação de Mestrado em Geografia defendida por Reinaldo Sousa que, também, traduz para nós um pouco do que vivenciou com a Profa. Vera:

Difícil expressar a importância que a Professora Vera França teve na minha vida e na de tantos outros alunos que, assim como eu, vieram de uma realidade social que não permitia sonhar grande. Ao nos tomar como aprendizes e na sua bondade, sabedoria e profissionalismo nos guiar, acadêmica e

profissionalmente, não só estava nos dando as armas para uma transformação real da nossa realidade como mudando os rumos das nossas vidas. Grande sorte a minha ter cruzado, ainda na graduação como bolsista, com Vera França. Um aprendizado que tenho trazido comigo por onde passo e que levarei sempre comigo na vida pessoal e profissional. Pudessem ou tivesse eu que voltar no tempo para fazer novas escolhas, não tenho dúvida alguma que ter Vera como Mestre e amiga seria, novamente, uma das nossas escolhas. Para mim Vera foi um daqueles presentes que a vida nos dá de graça e que não sabemos como retribuir. Fica, então, meus sinceros agradecimentos e a palavra de que sempre serei grato por tudo que fizestes por mim. Podes acreditar que se hoje me orgulho da pessoa e do profissional que sou, em grande parte devo isso a você. Muito obrigado mesmo! (Prof. Dr. Reinaldo Sousa - UFAL).

Do mesmo modo que Reinaldo, outros alunos estão atuando na carreira acadêmica fora do Estado de Sergipe. Dentro deste bloco de defesas de trabalhos de Mestrado estão: Genicelma Saturnino dos Santos, cuja dissertação é intitulada *Turismo como Alternativa de Desenvolvimento Regional* (2005); Nilo Meira Filho, com as *Associações de Agricultores Familiares: fatores de sucesso e insucesso* (2005); José Wagner Costa de Santana com o trabalho *Comercialização Agrícola em Sergipe* (2005); Ulisses Pereira Ribeiro com o trabalho *Política Industrial e Desenvolvimento Regional: o caso de Sergipe 1995-2002* (2005); e Edjania Santana Reis com a Dissertação que traz como título *Qualificação Profissional: mudanças no espaço rural* (2005).

Em 2006, foram duas as Dissertações defendidas. A de Andrecksa Viana Oliveira Sampaio, intitulada *Apreensão da Paisagem a partir do Turismo na Chapada Diamantina*, e a de Vilomar Sandes Sampaio, *Relações Produtivas: biscoitos caseiros como estratégia de inclusão social*.

Andrecksa e Vilomar, alunos que se tornaram, como muitos outros, amigos de Profa. Vera, também expressam aqui, em algumas palavras, os sentimentos e a gratidão que têm por ela:

A professora Vera representa para mim a base para a minha formação acadêmica. Desde quando nos encontramos e selamos o nosso acordo para uma orientação no Mestrado que a minha vida acadêmica, profissional e pessoal tomou novos rumos. Como eu aprendi com as suas orientações, sugestões e caminhos apontados. Como eu aprendi com a sua exigência, pontualidade, organização e compromisso. Como eu aprendi com o seu amor pela educação, pela ciência geográfica, pela Universidade. Depois voltamos a nos encontrar nas orientações para o Doutorado e ela me disse: “Quem gosta torna, quem torna amarga”. As exigências foram muitas: o zelo pelo objeto de estudo e sujeitos de pesquisa, os recortes necessários, a escrita em forma direta, a preocupação com as referências, a supressão do já. Mas, ao contrário do gosto amargo, a nossa convivência ficou ainda mais doce. E hoje devo a ela tudo que sou profissionalmente e é uma honra ser reflexo das suas orientações diante dos meus orientandos. Gratidão pela sua vida e por ter transformado a minha (Profa. Dra. Andrecksa Sampaio - UESB).

Vera França, para mim, é sinal de civilidade, sempre elegante, dona de uma opinião firme e ética, estar ao seu lado é ter a oportunidade de aprender sempre, tanto pelo amplo conhecimento e amor dedicado a ciência, como pela sua militância cidadã, sou seu fã e amigo, graças a Deus (Prof. Dr. Vilomar Sampaio - UESB).

São tantas as palavras de gratidão, são muitos os sentimentos, afeto e fraternidade direcionados à Profa. Vera. Não é demais voltar a afirmar o quanto cada um e cada uma que teve o prazer da convivência com a Profa. Vera, traz em seu registro de vida acadêmica as marcas felizes destes encontros com ela.

Seguimos com a na lista de defesas de Dissertação de Mestrado orientadas pela Profa. Vera, elencando os seguintes trabalhos: *Agreste de Lagarto: em busca de uma identidade regional* (2009), de Leonardo da Silva Cansanção; *Espaço Regional e Ensino Superior em Vitória da Conquista - BA* (2009), de Adriana David Ferreira Gusmão; *Criminalidade Violenta: análise da dinâmica espacial na sub-região de Itabuna-BA* (2009); *Areia Branca: espacialidades e interações na rede urbana de Sergipe* (2011), de Márcia Maria Santos Santiago; *Turismo e Organização do Espaço no Polo Costa dos Coqueirais* (2012), de Joab Almeida Silva; e *Exclusão Multidimensional, Políticas Públicas e Justiça Espacial em Sergipe* (2014), de Alan Juliano da Rocha Santos.

Além dos alunos e alunas, Profa. Vera também criou laços de amizade com colegas de trabalho, muitos dos quais se tornaram amigos, amigas. Everton, secretário do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) por longos anos, é um deles. Vejam o que ele nos diz:

Ao longo de 35 anos de amizade, o coração fala por mim. Professora Vera: Competência indiscutível. Ser humano, humano. Gestora que une firmeza e delicadeza. Honestidade aco- plada à liberdade. Master no saber para disseminar o saber. Minha inesquecível chefe e companheira de viagem. Minha segurança profissional. Minha eterna amiga. (Everton Ferreira Santos – Secretário do PPGEO da UFS - aposentado).

A professora Josefa Eliane, de igual modo, é amiga de longa data. Sobre a Profa. Vera, diz:

Vera é tão superlativa que requer adjetivos especiais para homenageá-la. Grande pessoa, grande professora, grande pesquisadora, grande amiga, grande mãe, grande avó e por aí segue. Mas aqui devo falar da profissional que entrou na Geografia

como aluna preparada e atenta. Logo cedo se incorporou em grupo de pesquisa. A sala de aula não era mistério nem oferecia barreira e, naturalmente, a pós-graduação, Mestrado e Doutorado. Construir a história do PPGeo, antes NPGeo, em sua tarefa de orientação e pesquisa, foi transposição em águas calmas. Pelo compromisso, pela seriedade e competência, tornou-se exemplo a ser seguido. Presente em debates ideológicos, especificamente pelo conhecimento na Geografia Urbana e na Geografia de Sergipe. Disseminou escritos em artigos, livros e capítulos de livro. Organizou eventos com leveza e sem vaidade. Aliás, humildade é sua característica mais marcante, o que creio ter contribuído para o avanço da ciência que abraçou. Vera França, você nos representa. Tenho orgulho de ser sua colega. (Profa. Dra. Josefa Eliane de S. Pinto - UFS).

Nos textos de agradecimento dos seus alunos e alunas, professores, amigos, é possível vermos o quanto a gratidão está presente em todos eles. E mesmo nos textos não escritos, há o agradecimento implícito à Profa. Vera, não só por tudo que representou para os seus alunos e alunas, mas também por todas as contribuições para a Geografia de Sergipe e de outros Estados brasileiros. Abaixo trazemos um quadro onde estão mais algumas das orientações, agora de Doutorado, por ela realizadas (Quadro 1).

Quadro 1: Alunos e alunas com Teses de Doutorado sob a orientação da Professora Vera Lúcia Alves França (2007-2017)

Nº	Orientado(a)	Título	Ano
01	Iana Maruska Buuda da Matta	Agricultura Familiar e Sustentabilidade	2007
02	Gicélia Mendes da Silva	Territórios do Petróleo em Sergipe	2008
03	Fernando Antônio Santos de Souza	Formação, Movimento e Descompasso da Rede Urbana de Sergipe	2008
04	Gilmar Alves Trindade	Aglomeração Itabuna-Ilhéus: Cidade, Região e Redes	2011
05	Andreckska Viana Oliveira Sampaio	Mobilidade do Trabalho, Transferência de Renda e Produção do Espaço Regional de Vitória da Conquista	2013

Nº	Orientado(a)	Título	Ano
06	Vilomar Sandes Sampaio	Modernização da Agricultura, Trabalho Familiar e Fruticultura Na Microrregião de Livramento de Nossa Senhora	2013
07	Manuela Nunes Leal	Agronegócio da Soja no Piauí: Região do Fazer Produtivo	2013
08	José Wagner Costa de Santana	Redes Emergentes de Comercialização Agrícola	2014
09	Juliana Souto Santos	Espaço Geográfico Territórios de Conflitos: Demarcação e Posse da Zona de Expansão Urbana de Aracaju - SE	2015
10	Sônia Marize Pereira Rodrigues Tomasoni	Dinâmica Socioespacial da Produção de Fogos de Artifício em Santo Antônio de Jesus: Território Fogueteiro	2015
11	Márcia Maria de Jesus Santos	Interações Espaciais da Cidade de Itabaiana no Subsistema Urbano de Aracaju	2017

Fonte: Plataforma Lattes, 2019.

Como é possível observar pelos dados que expusemos até aqui, a vida acadêmica da Profa. Vera França, na Pós-Graduação em Geografia, foi intensa e marcada por contribuições importantíssimas e bastante significativas para a Geografia de Sergipe e para a Geografia Nordestina. As temáticas dos trabalhos por ela orientados dão conta de testemunharem o que aqui dizemos. As contribuições acadêmicas são irretorquíveis. São evidentes quando fazemos um breve passeio pelo currículo *lattes* da Profa. Vera. Percebemos com clareza que as suas atividades extrapolaram os muros da Universidade Federal de Sergipe, contribuindo em comissões e projetos de instituições e órgãos públicos, ressaltando, a partir de sua atuação exemplar, a importância e a necessidade do olhar geográfico. A Profa. Vera, ao longo de sua vida profissional, sempre honrou o título de geógrafa com competência e galhardia.

Pois bem, é fácil visitarmos o *lattes* de Profa. Vera e termos informações das atividades aqui citadas e de muitas outras que ela desenvolveu ao longo de sua vida profissional. Contudo, há outras

histórias que o lattes não conta e que merecem referência. Fomos buscar algumas destas outras histórias conversando com a Profa. Vera em uma entrevista que fizemos com ela em novembro de 2018.

O encontro foi, como era de se esperar, mais uma grande aula de sabedoria. Queríamos nós poder trazer aqui as doze páginas de transcrição da entrevista, nas quais ela nos conta, com detalhes que nos fizeram viajar no tempo, um pouco de sua caminhada professoral.

Em dado momento, ela nos trouxe o livro *Geografia de Sergipe* que escreveu em parceria com a Profa. Rosemeri Melo e Sousa e começou a folhear as páginas, relatando o quanto a realização daquele trabalho a tinha deixado feliz. Falou de como usou a história da trajetória do pai para exemplificar os processos migratórios de Sergipe. Também, se aqui coubesse, traríamos um pequeno vídeo no qual captamos imagens e som da Profa. Vera cantarolando *Cheiro de Terra* (Chiko Queiroga e Antônio Rogério). Canção cuja letra está no livro que acabamos de citar. Antônio Rogério, um dos autores da música, também foi aluno de Profa. Vera. Não sendo possível a música, permitam-nos trazer a letra:

Cheiro de Terra

Lá vem o dia despertando a natureza
Vou seguindo a correnteza
Na incerteza de chegar
Dia após dia
Noite e dia sem cessar
Tanta dor tanta alegria
Eu assim não vou ficar
Eu quero o cheiro das manhãs da minha terra
Ver o sol nascer na serra
E o vento forte soprar
Eu quero mesmo e ficar bem juntinho dela
Na praia de Atalaia

Mirando as ondas do mar
Mirando as ondas do mar
(Chiko Queiroga e Antônio Rogério).

A letra da música é um convite a mergulhar na dualidade que a vida nos oferece: “tanta dor e tanta alegria”. O Eu que fala no texto é seguro do que espera da vida que lhe pertence. “Eu quero o cheiro das manhãs da minha terra”. Diante desse sentido de pertencimento expresso na letra da canção, resolvemos perguntar o que a levou a querer ser professora e o porquê de, ao longo de tantos anos, nunca ter expressado nenhum tipo de insatisfação com a carreira. Ao ouvir as perguntas, abriu um largo sorriso e passou a nos contar mais um pouco de sua história que falaremos no próximo tópico que resolvemos denominar “Amor Plural no Quarteto em S”.

3 AMOR PLURAL NO QUARTETO EM “S”

O magistério nos conclama à responsabilidade de nutrir a alma, de desenvolver o intelecto, de conduzir o espírito dos(as) discípulos(as), no exercício da educação integral do ser e não só da instrução formal do(a) cidadão(ã).

(Benjamin T. de Aguiar pelo Espírito Eugênia-Aspásia)

Assim gostaríamos de iniciar falando desse amor. Um amor responsável, sublime e verdadeiro. A simplicidade de amar edifica a essência do ser. Com a emoção própria dos sábios, respondeu as nossas perguntas: “Eu sempre quis ser professora e professora de Geografia”. (Vera França). Ela nos contava as histórias com tanta emoção que conseguíamos sentir com ela o reviver daqueles momentos que narrava.

Ainda menina, algumas pessoas a chamavam de “a professorinha”. Uma das suas tias era professora e ela, a menina Vera, acom-

panhava tia Mundinha. Lá a ajudava a ensinar as primeiras letras aos alunos. A escola não tinha cadeiras para os alunos se sentarem. Todos acabavam sentando-se no chão. À época, havia uma obra de construção civil no caminho que dava acesso à escola. Isso motivou tia Mundinha pedir, ao engenheiro da obra, sobras de madeira para que ela providenciasse a confecção de bancos para a escola. Passado algum tempo, o engenheiro da obra, em vez de fazer somente a doação da sobra de madeira, doou os bancos e mesas já prontos; “inclusive com uma mesa para titia colocar os livros dela em cima”. Isso superou todas as expectativas.

O amor é raiz e se fortalece na sequência dos anos. No Colégio Sagrado Coração de Jesus foi amada pelas professoras e, por uma, em especial, demonstrava grande afeto: A Irmã Reparadora. Irmã Reparadora foi uma das suas primeiras professoras e por quem, ainda hoje, guarda lembranças de muito amor, respeito, admiração e gratidão.

Amor-cuidado, amor-orientação, amor-responsabilidade, amor-amor... Eita amor que se multiplica...! Amor que cresce, amor que transmite, que se inventa, que se expressa. Expressão de amor que vem por meio de cores, flores, cheiros e sabores. Sabor do afeto que transborda que transmuta que vence as barreiras. Amor de mãe, amor coração, amor de Dindinha. A Dindinha que todas e todos nós aprendemos a respeitar de tanto a ouvir falar, falar com respeito, carinho, admiração e gratidão. Agora é a vez de Dindinha falar:

Vera, boa filha, mãe extremosa, avó amorosa e amiga verdadeira. Eu digo sempre, Vera é a filha que toda mãe deseja ter. Como profissional é inteligente dedicada e prudente. Os atributos são muitos, onde em resumo digo: Vera é um ser iluminado! Que Deus abençoe hoje e sempre (Maria Enoi Gomes, Dindinha).

Em nossos encontros com Profa. Vera, não era raro ouvi-la falar de Dindinha com muito carinho. Também era comum ouvi-la falar das quatro “S”, o quarteto em “S” composto por Sandra, Silvia, Sônia e Sarah, suas filhas.

Sempre tivemos a Profa. Vera como figura exemplar para nossas vidas e dentre os ensinamentos que ela nos ofereceu, um deles, certamente, foi o amor que dedicava a sua família, aqui traduzido na fala de suas quatro filhas, as filhas que trazemos aqui como símbolos do amor de Profa. Vera pela vida. Amor plural porque multiplicado em “S” de:

Sandra:

Fui presenteada com uma mãe guerreira, determinada, firme e ao mesmo tempo delicada e amorosa. Seu instinto maternal é tão intenso que acolhe diversos dos seus alunos como filhos. E como mãe está sempre a nos orientar a trilhar os melhores caminhos. Dotada de muitas qualidades, ela sempre nos ensina com seus exemplos: responsabilidade, humildade, competência, caridade e amor. Realmente uma Mãe exemplar!!” (Sandra Regina, primeira filha).

E depois, de Silvia:

Vera França, mãe, professora, amiga.... se tivermos que resumir, diremos que, na sua essência, Ela carrega esses três entes, que se complementam! Tem sempre uma palavra doce e o acolhimento de Mãe, que nos enche de energia e esperança; a Amiga que sabe ouvir, mas também nos corrigir quando deslizamos, e que está presente em todos os momentos - de sorrisos e de lágrimas; a Professora, com o dom de nos mostrar os dois lados da moeda, porém com a arte de nos persuadir a trilhar os caminhos escolhidos com retidão. Nós somos suas sementes; essa é a nossa Mãe!!” (Silvia Cristina, segunda filha).

E depois, Sônia:

Minha mãe, Vera França, é o tipo de pessoa que ensina através do exemplo. É com ela que aprendemos os principais valores da vida: honestidade, responsabilidade, humildade, solidariedade, perseverança, respeito. Ela é, sem dúvida, o nosso porto seguro, nossa fonte de inspiração para nos mantermos fortes e unidas. Extremamente altruísta, doa seus braços, ombros, ouvidos e palavras a todos a sua volta. Uma avó muitíssimo carinhosa, que enche a vida dos seus netos com o seu amor incondicional. Me considero abençoada por ser uma parte dela! Te amamos infinitamente! (Sônia Virgínia, terceira filha).

E, Sarah:

Digo que sou muito grata a Deus por ter sido escolhida para ser sua filha. Você tem luz própria, mesmo sendo discreta; é uma mulher forte e íntegra, mesmo sendo leve; é amorosa e generosa mesmo sendo firme; é corajosa e determinada mesmo diante das dificuldades. É o meu maior exemplo de mãe protetora, mulher guerreira, filha amorosa, profissional competente, professora cuidadosa, aluna dedicada, amiga verdadeira e cidadã zelosa... (Sarah Lúcia, quarta filha).

Não fosse o anúncio de que estes são depoimentos de suas filhas, poderíamos facilmente confundi-las com as falas dos alunos e alunas que foram orientados por Profa. Vera. Para nós, tal fato acontece porque fica evidenciada a coerência de professora Vera e o nível de compromisso com a nossa formação. A integridade moral, ética e psicológica de Profa. Vera era e é perceptível em todos os âmbitos de sua vida. Profa. Vera sabe equilibrar, magistralmente, estes três pilares: o acadêmico, o social, o familiar.

Além das atividades acadêmicas, a Profa. Vera desenvolve trabalhos sociais de grande relevância. Exemplo disto é a sua participação no Clube Girassol, associação sem fins lucrativos que tem por finalidade a promoção de ações sociais voltadas para o fortalecimento de relações de amizade através de atividades filantrópicas, culturais e de lazer (Figura 3).

Figura 3: Participação da Profa. Vera no Evento de Comemoração dos 15 anos do Clube Girassol.



Fonte: Arquivo pessoal da Profa. Vera França, 2018

Sobre a atuação dela no Clube Girassol trazemos a fala de Jomar Vieira:

Ao expressar algo sobre Vera Lúcia Alves França, sócia fundadora e primeira presidente do Clube Girassol, não poderia deixar de ressaltar que é um privilégio poder contar com sua disponibilidade, garra e integridade parcimoniosa no cumprimento do que criteriosamente escolhemos como lema: **FÉ, AMIZADE, SOLIDARIEDADE.**

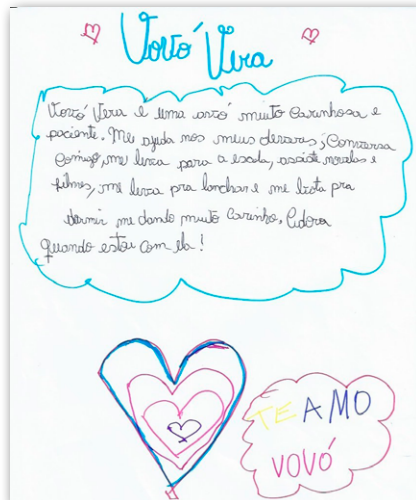
Assim como o Girassol busca a luz do sol para abrir suas pétalas e viver, procuramos buscar a luz da fé para aumentar nossa felicidade, através da amizade e solidariedade (Jomar Vieira Dantas, em nome do Clube Girassol).

Sabemos que há várias formas de expressarmos amor, gratidão, respeito. Dizem que avó é mãe duas vezes. Considerando isto e levando muito a sério este dito popular, não poderíamos deixar de trazer aqui, também, a expressão que, temos certeza, ocupa um lugar muito especial no coração de Profa. Vera, a vovó Vera.

Nossa! Como o tempo passa rápido! Parece que foi ontem que estávamos na casa de Profa. Vera recebendo orientações e a ouvindo falar das “meninas” do quarteto em “S”. Passados estes quase vinte anos, estamos nós diante de um novo quarteto. Agora composto por outras letras do alfabeto, letras que começam e inspiram outras histórias. O “T” de Tiago França Nascimento:

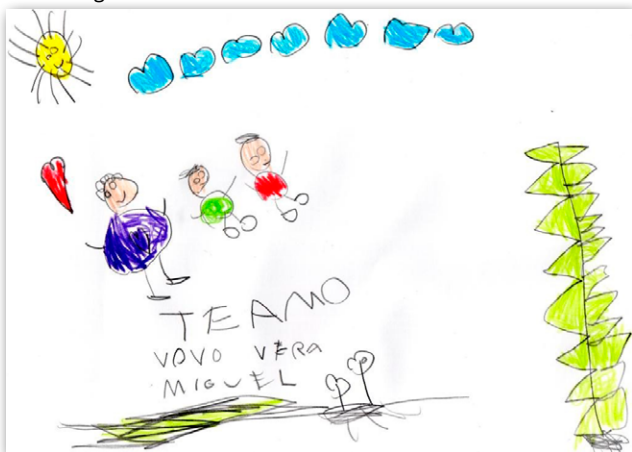
Muito além de cuidar e mimar os seus netos, vovó Vera sempre buscou através de sua sabedoria e experiência nos educar para que nos tornássemos pessoas melhores. Obrigado por ser a melhor avó e professora que eu tive a oportunidade de ter! (Tiago França Nascimento, 18 anos).

Figura 4 - O “A” de Ana Carolina



Desenho de Ana Carolina França Nascimento, 11 anos, neta de Profa. Vera

Figura 5. O “M” de Miguel



Desenho de Miguel França Arruda, 5 anos, neto de Profa. Vera

Figura 6 - E o “G” de Gabriel



Marca impressa por Gabriel França Arruda, 2 anos, neto de Profa. Vera

Amor é algo que nós não temos como definir com palavras. Fazemos, muitas vezes, esforços medonhos para traduzirmos os sentimentos em algumas letras, mas, fazemos nós o que fizermos, as palavras sempre serão insuficientes, inadequadas. Sempre deixarão lacunas por não conseguirem expressar sentimentos inexplicáveis, intraduzíveis. Sentimentos que a gente, simplesmente, sente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando temos oportunidade de multiplicar o amor que aprendemos, todo derredor torna-se flor, amor. Respiramos ar das cascatas do conhecimento, sentimos o doce sabor das fontes da sabedoria que brota do peito o amor dos mestres e mestras da terra, daqueles e daquelas que, mesmo aqui não estando, os saberes habitam em nós.
(Gicélia Mendes da Silva).

A caminhada profissional, por vezes, toma-nos o tempo de uma vida inteira. Saber dosar o tempo é sinal de inteligência e maturidade, visto que muitas se perdem no caminho e se deixam enredar pelas demandas diárias, negligenciando outros aspectos igualmente importantes da vida.

Foram anos de luta, dedicação e compromisso. Exercício e prática do bem a serviço da Geografia. Mestre e amiga. Professora exemplar. De ações sérias e competentes. Dignas de louvores. (Figura 7)

Figura 7: Profa. Vera em uma de suas viagens pelo mundo.



Fonte: Arquivo pessoal da Profa. Vera França, 2018

Ser professora é entregar-se aos aprendizados contínuos, diários, sequenciados, interrompidos, prazerosos, descontínuos... É continuar fitando o horizonte dos nossos sonhos mais genuínos, de nossos desejos mais sinceros. A luz em nós que não se apaga porque, ao acendermos outras estrelas, uma constelação inteira se faz nós. Ela segue ensinando, acolhendo, inspirando.

Vera é a professora que, por excelência, inspira-nos a sermos o melhor de nós.

Vera não se separa. Vera professora é um misto de tudo que ela é. Sejamos únicos e sejamos, também, o todo que contemplamos em nós. O todo que o universo nos proporciona pelo acúmulo de aprendizados, de trocas de experiências, de tudo que ensinamos e de tudo que aprendemos ao longo de nossas existências. Em que ponto poderemos separar o que não se separa? Em que ponto poderemos fazer a distinção do que não se distingue? Em que ponto podemos colocar um marco, um ponto ou mesmo uma vírgula nestas conexões que Vera foi criando, recriando e nos ensinando a criar e recriar ao longo de seu tempo profissional da UFS? Quais seriam os elos que ainda nos mantêm ligados a ela? Eu poderia colocar que existem vários: amor, gratidão, consideração, respeito e admiração! De todos, creio que um deles, pela acepção completa da palavra quando é vivida com o coração autêntico de fraternidade, é o amor.

Muito obrigada por tudo, amada e inesquecível Prof. Vera!

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Benjamin Teixeira de. **Professor(a)**. Aracaju - SE, 15 de outubro de 2015. Disponível em <http://www.saltoquantico.com.br/2015/11/06/responsabilidade-do-magisterio/>

SAMPAIO, José. **Nós Acendemos Nossas Estrelas**. In: Obras Completas de José Sampaio. Caderno de Sergipe, nº 2, 1956.

GEOMORFOLOGIA COSTEIRA, BACIA HIDROGRÁFICA E AGRICULTURA: A GEOGRAFIA NA OBRA DE ARACY LOSANO FONTES*



José Wellington Carvalho Vilar

Doutor em Ordenamento Territorial pela Universidade de Granada (UGr), Espanha. Mestre, Licenciado e Bacharel em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atualmente é Professor Titular do Instituto Federal de Sergipe (IFS). Professor do PPGeo (Programa de Pós-graduação em Geografia) da UFS e do PPMTUR (Programa de Pós-Graduação em Turismo) do IFS. Líder do Grupo de Pesquisa Gestão de Ambientes Costeiros (GESTAC-IFS-CNPq). Editor-chefe da Revista GeoNordeste - PPGeo da UFS.

E-mail: wellington.vilar@ifs.edu.br



Márcia Eliane Silva Carvalho

Professora do Departamento de Geografia, do Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais (PROFCLAMB) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Possui Doutorado e Mestrado em Geografia pelo PPGeo/UFS, Especialização em Gestão de Recursos Hídricos e Meio Ambiente/UFS e Graduação em Ciências Biológicas/UFS. Realizou estágio de Pós-doutoramento no LABOCLIMA/UFPR com a temática Geografia e Saúde e é Pesquisadora do GEOPLAN - Grupo de Pesquisa em Geoecologia e Planejamento Territorial/CNPq/UFS.

E-mail: marciacarvalho_ufs@yahoo.com.br



Neise Mare de Souza Alves

Professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGeo) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Membro dos Grupos de Pesquisa Dinâmica Ambiental e Geomorfologia, e Dinâmica e Modelagem Costeira (UFS/CNPq). Graduada em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (Licenciatura e Bacharelado). Graduada em Serviço Social pela Universidade Católica do Salvador. Mestre em Geoquímica e Meio Ambiente pela Universidade Federal da Bahia e Doutora em Geografia pela UFS. Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo) da UFS.

E-mail: neisemare@gmail.com

* Publicado originalmente na Revista GeoNordeste, São Cristóvão, Ano XXX, n. 1, p. 284-306, Jan./Jun. 2019. ISSN: 2318-2695. Agradecemos ao Conselho Editorial da revista pela autorização para republicação no presente livro.

1 INTRODUÇÃO

A geografia sempre lidou com a natureza. Historicamente, o olhar geográfico investigou a natureza na perspectiva holística dos geógrafos clássicos e navegou pela seara fragmentada dos positivistas, pelos caminhos abertos pela teoria geral dos sistemas e pelos “novos” ares geossistêmicos, paisagísticos e ambientais que indelevelmente envolvem o homem. Nesse sentido, mudanças, permanências e transformações na distribuição espacial de fenômenos e nas formas e conteúdos que assumem o espaço habitado e os anecúmenos, envolvem a geografia enquanto ciência sistematizada desde o final do século XIX.

É precisamente em função dessa dimensão caleidoscópica da análise geográfica, que não é fácil escrever textos em homenagem a nossos professores, àqueles que influenciaram fortemente nossa formação profissional, nossa forma acadêmica de pensar o mundo e a geografia, e também, na postura perante a vida, principalmente àqueles que transitaram entre a geografia física e a geografia humana, como é o caso da professora Dra. Aracy Losano Fontes, a partir daqui somente professora Aracy ou simplesmente Aracy, como prefere e gosta de ser chamada.

Ao discutir sobre a Geografia do Estado de Sergipe, as produções acadêmicas da professora Aracy são referências obrigatórias. Centrada na geomorfologia costeira, na análise de bacias hidrográficas e na dinâmica espacial da agricultura, a sua contribuição se configura como uma tentativa de realizar aquele sonho do geógrafo e da geógrafa de analisar o espaço sob uma perspectiva unitária, do espaço uno e integrado.

A obra da professora Aracy tem uma trajetória de avanços na forma de fazer geografia. Como filha do seu tempo, sua produção intelectual também variou em termos de abordagem, de instrumental

e de refinamento teórico-metodológico. É uma obra produzida na periferia do saber, numa região periférica, enfrentando os problemas de uma universidade ainda pequena e sem muita projeção, mas é uma produção alentada que avança e está atualizada com o conhecimento de ponta, oferecendo assim uma bela, instigante e significativa contribuição para a geografia de Sergipe.

Graduada em Geografia, Licenciatura (1977) e Bacharelado (1984), pela Universidade Federal de Sergipe, Aracy impulsionou sua formação acadêmica realizando o Mestrado em Geociências, na área de concentração em Geomorfologia pela Universidade Federal da Bahia (1985), e o Doutorado em Geografia na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP - Rio Claro (1998). Suas contribuições à geografia sergipana foram fontes de pesquisa ontem, ainda são hoje, e permanecerão para as futuras gerações de geógrafos, geógrafas e profissionais preocupados com a natureza em sua relação com os condicionantes ambientais, com a dinâmica geomorfológica e das bacias hidrográficas e com a relação agricultura e meio ambiente.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a trajetória da professora Aracy e suas principais contribuições à Geografia do Estado de Sergipe. Na verdade, é uma oportunidade para reconhecer publicamente o valor da professora Aracy em termos de produção intelectual na geografia, de generosidade para com seus alunos e também em função das práticas educativas como professora, porque as aulas eram magistrais, inspiradoras e inesquecíveis.

Em termos metodológicos, foram realizados levantamentos bibliográficos na base de dados do CNPq/CAPES e no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe. Foi também mantido contato com ex-orientandos para depoimentos e obtenção de dados sobre a homenageada e realizada uma entrevista

informal com a professora para resgatar a memória não registrada, confirmando alguns dados e informações previamente coletados.

O presente texto, escrito a três mãos por seus ex-alunos, apresenta tons e matizes diferentes entre si, por isso proporciona nuances de docilidade, amabilidade, generosidade e poesia e, ao mesmo tempo, tenta ser rigoroso, objetivo, perspicaz, sério e comprometido com a geografia, de forma semelhante ao trabalho realizado pela professora Aracy ao longo da trajetória como mulher e mãe, como professora de geografia, geomorfóloga e geógrafa pesquisadora.

2 TRAJETÓRIA DE VIDA E A “ESCOLHA” PELA GEOGRAFIA

2.1 Vivenciando a Geografia em Aracaju

*A fase **brisa**: a infância.*

A brisa é aquele vento leve, de fraca a moderada intensidade, suave, formado localmente, próximo à superfície do mar, cuja direção pode ser influenciada pelas rugosidades do terreno no continente. É muito comum e regular no litoral do Nordeste brasileiro. A primeira fase da vida de Aracy pode ser comparada a uma brisa. Uma brisa marítima, pois nasceu no litoral aracajuano.

No primeiro dia do ano de 1942, nascia uma menina que escreveria seu nome na geografia sergipana de maneira indelével. Aracy chega ao seio familiar no Dia da Fraternidade Universal. O primeiro dia do ano no calendário gregoriano é uma data mundialmente importante, é tempo de confraternização e de renovação das esperanças. Na década de 1940 essa esperança era necessária, uma vez que a Segunda Guerra Mundial assolava a Europa, e muitas partes do planeta sofriam suas consequências, eram tempos muito difí-

ceis. Foi nesse contexto histórico dominado pela Segunda Grande Guerra, que Aracy chega ao mundo para construir sua história, para desbravar paisagens e realizar sua leitura da geografia por meio da geomorfologia.

A terceira filha do senhor Lutero Chagas e dona Brasilina Augusta Chagas passou a infância em Aracaju, uma cidade com uma paisagem dominada por mangues, canais de maré, dunas e depósitos de terraços assentados na planície costeira, área que seria foco dos estudos da Professora Aracy, principalmente nos domínios da geomorfologia numa perspectiva da geografia da natureza e das bacias hidrográficas.

Da infância remontam as lembranças do tempo em que residiu com os pais e irmãos na Rua São Cristóvão, na cidade de Aracaju. Quando menina, ainda sem saber os nomes daqueles montes de areia, ela corria até o ponto mais alto para sentir o vento no rosto e contemplar a paisagem de braços abertos. Aracy vivenciava o conteúdo geográfico daquele ambiente, e ao mesmo tempo em que observava e se divertia, já se indagava: “Por que essa paisagem é assim, cheia de altos e baixos, de cores e formas diferentes? O que eram aquelas ladeiras?”. Mais tarde, a resposta seria dada pela própria Geografia com ajuda da geomorfologia. Esses montes de areia eram as dunas e as “ladeiras eram a parte frontal das dunas”.

Hoje, a professora Aracy entende e tenta explicar aquele cenário paisagístico que observara na infância e ainda está registrado vivamente na memória. No passado, a Rua São Cristóvão, localizada no centro da cidade, encontrava-se em um campo dunar que compunha a planície costeira, e na Rua Capela havia uma grande duna. Essas dunas foram desmontadas pela ação humana no processo de urbanização de Aracaju, muitas vezes sem respeitar os condicionantes ambientais, a velha base física que compõe o cenário urbano e

influencia fortemente o cotidiano dos moradores, porque basta ocorrer uma chuva em Aracaju para nos lembrarmos das lições de geomorfologia urbana.

Ainda dos idos da infância, afloram as lembranças do pai que gostava de proporcionar aos filhos atividades ao ar livre, que propiciassem o contato permanente com a natureza. A família costumava veranejar no bairro 13 de Julho. Segundo ela própria, era um período de muita liberdade, tempo dos banhos de mar, das pescarias de siri, de catar maçunim com a colher e dos passeios de barco. Tempo bom que não volta mais, mas está registrado num lugar sagrado chamado memória.

Esses passeios eram ansiosamente aguardados por Aracy e seus irmãos. Eles eram feitos de canoa através dos canais de maré, que alcançavam até a área onde está situado o Estádio Estadual Lourival Baptista, mais conhecido como o Batistão. Esses canais funcionavam como verdadeiras artérias urbanas, irrigando com água marinha a área onde se encontrava os mangues, permitindo a manutenção da vida do ecossistema manguezal. Enquanto a canoa circulava pelos canais, era possível observar a vida pulsando em meio a vegetação – peixes, caranguejos e aratus. Ensaiaava-se o olhar integrado na trama da paisagem, sua busca de uma vida inteira.

Algumas vezes esses passeios eram realizados enquanto a mãe tirava aquele cochilo após o almoço. E as idas e vindas para descobrir Aracaju precisavam acontecer nesse intervalo, o que às vezes não ocorria. Então, o jeito era enfrentar a repreensão e o castigo materno.

O pai desde cedo incentivava os estudos dos filhos e filhas. E Aracy sempre correspondeu a essa expectativa. A estudante aplicada se desenvolvia bem na escola e no contato com os novos conhecimentos.

Mas em determinado momento esse modo de vida tranquilo, suave como a brisa em Aracaju, sofre uma mudança brusca. A infância vivida com liberdade e em contato permanente com a natu-

reza litorânea, característico de uma cidade de porte médio como é Aracaju, fica para trás. Toda a família - o pai, a mãe e os cinco filhos - se muda para o Rio de Janeiro. Como a mãe de Aracy era carioca, filha de espanhóis, e daí vem o belíssimo e imponente sobrenome Losano, e parte da família ainda vivia naquele estado da federação, o pai decidiu se mudar para o Rio de Janeiro para buscar novas oportunidades. Era comum a migração de nordestinos nessa época, principalmente para São Paulo e Rio de Janeiro, em busca de trabalho e melhores condições de vida. E essa mudança trará novas experiências proporcionadas por uma ruptura no espaço e no tempo.

2.2 Vivenciando a Geografia em Outras Paisagens

A fase *vendaval*: a adolescência.

A decisão dos pais de mudar para o Rio de Janeiro implicou em muitas adaptações. De imediato, um novo contexto paisagístico. Mas as paisagens exuberantes da Cidade Maravilhosa, à época, capital do país, não conquistaram o coração da menina/adolescente. Segundo relatos da própria professora Aracy, essa mudança “foi uma coisa muito drástica. Mexeu muito com a gente. Modificou toda a família”.

Nesse novo espaço foi tempo de amadurecer. Foram cinco longos anos. Agora o lugar de convivência familiar não era mais uma casa espaçosa como em Aracaju. A moradia era um pequeno apartamento na área em que seu pai adquirira um bar-restaurante, nas proximidades da Estação de Trem de Olinda, em Nilópolis – município da Baixada Fluminense, emancipado em 1947. Eram novos tempos e era preciso que todos estivessem abertos para novas experiências.

Desse período vem uma lembrança carregada de emoção. Aracy transcende esse lapso temporal e recorda da solenidade da sua

formatura do antigo ginásio realizada no Instituto Filgueiras. Estudiosa, ela foi a estudante homenageada por haver conquistado o primeiro lugar dentre todos os alunos do curso ginásial. Isso significava o reconhecimento de sua dedicação aos estudos, momento de ser condecorada com medalha de honra ao mérito. Esta instituição de ensino foi uma das pioneiras a possuir o curso ginásial e posteriormente o curso secundário em Nilópolis.

Em razão desse feito, a professora Aracy recebeu do pai um presente valioso: uma viagem para Aracaju, no período de férias. Essa viagem foi em companhia de uma das irmãs, que também havia concluído o curso ginásial. Ao retornar ao Rio de Janeiro, iniciou o primeiro ano do curso de Contabilidade, no turno noturno.

Surge então um convite inusitado, após a conclusão do curso ginásial. E aos 14 anos de idade, Aracy recebe uma proposta da diretora do Instituto Filgueiras para atuar como professora da quarta série do antigo curso primário, hoje primeira etapa do Ensino Fundamental, onde havia alunos que faziam o curso preparatório para prestar seleção e ingressar no Colégio Pedro II. Ela aceitou o desafio e assim deu início a sua primeira e prematura experiência na docência. Dessa forma, descobriu sua vocação para o ensino. Durante essa fase, se empenhou em cumprir as tarefas que lhe eram atribuídas e atender as demandas de seus alunos com seriedade e responsabilidade, características que acompanharam sua trajetória acadêmica. Assim, permaneceu contratada por dois anos.

Entretanto, uma sequência de acontecimentos levou o pai da professora Aracy a optar pelo retorno da família à Aracaju, ainda que em uma condição econômica inferior ao momento em que partiram. Mas, o apoio de familiares em Aracaju foi o ponto de partida para o novo recomeço.

A professora Aracy permaneceu ainda por um tempo na casa dos avós maternos, que moravam em uma chácara afastada do Centro de Nilópolis. Assim, tinha que enfrentar algumas dificuldades para se deslocar até o colégio. Diante dessas circunstâncias, longe da família nuclear, ela resolve retornar definitivamente para Aracaju. Segundo a professora Aracy, “foi quando também eu noivei e voltei para me casar”. Ela estava noiva de seu primo Múcio, que havia ido ao Rio de Janeiro somente para firmar esse compromisso. Daí para o casamento foi um curto espaço de tempo. E essa união já dura mais de 60 anos.

2.3 De Volta à Casa

*A fase **calmaria**: a mulher, esposa e mãe.*

Casar aos 16 anos de idade não é algo comum nos dias atuais. Mas no século passado, nas décadas de 1950-60, casamentos entre pessoas ainda na fase da adolescência eram frequentes, principalmente entre as mulheres.

Foi um novo tempo, tempo de constituir família em Aracaju. Como o marido não permitiu que ela continuasse os estudos do curso secundário, correspondente na atualidade ao Ensino Médio, Aracy dedicou-se aos cuidados da família, algo muito comum na sociedade tradicional de cunho patriarcal. Mas o pai, de alguma forma, sempre procurou incentivar a filha para que retomasse os estudos, lembrando-lhe constantemente o quanto ela era estudiosa e inteligente. Segundo Aracy, ele costumava afirmar: “Só você que não tem nível superior. Seus irmãos todos têm nível superior”.

Na verdade, ela nunca apagou dentro de si o desejo de continuar os estudos. Apenas, de modo inteligente, prático e sutil, aguar-

dava pacientemente o momento de retomar a sua vida estudantil e profissional. E convicta declara: “Eu não queria acabar com o meu casamento”. E o tempo passou, porque ele simplesmente passa, e ao completar 30 anos de idade e mãe de três filhos, o marido permitiu que finalmente a professora Aracy retomasse seus estudos. Apesar das dificuldades culturais do seu tempo, mulheres guerreiras e fortes, como a professora Aracy, sabiam o que queriam e iam lutar por isso no momento oportuno.

À época se encontrava em vigor a Lei nº 5.692/1971, que definia entre outras coisas as diretrizes e bases para o então ensino de 1º e 2º grau, e possibilitava que as pessoas adultas que não tivessem concluído os estudos na idade adequada, pudessem fazê-lo através do ensino supletivo. Essa modalidade de ensino tornava obrigatória a realização das provas de todas as disciplinas do ensino médio.

Foi aproveitando essa oportunidade que Aracy obteve o seu diploma do que hoje é equivalente ao Ensino Médio. Simultaneamente, frequentava o curso pedagógico no Colégio Patrocínio São José, onde conheceu Magali, cuja irmã, Maria do Carmo, a Carminha, era docente do curso de Geografia da Universidade Federal de Sergipe. Então, Aracy, Magali e Alba Vasconcelos solicitaram aulas particulares de Geografia, a fim de que se preparassem melhor para o exame do vestibular.

A partir de então passaram a ter aulas com Carminha. O encantamento pela Geografia surgiu nesse momento, pois a professora Maria do Carmo utilizava atlas e mapas durante as suas explicações, solicitando sempre que todas interpretassem o conteúdo representado cartograficamente, a partir das legendas. Aracy então descobriu uma nova geografia e se apaixonou pela ciência dos lugares e das paisagens, porque segundo ela, até então suas experiências com a disciplina não haviam sido boas, porque “era tudo decorado”.

Os professores não utilizavam nenhum recurso didático para facilitar a compreensão dos conteúdos. Essa memorização na geografia contribuiu para que Aracy se identificasse inicialmente com os estudos da Matemática e Biologia. Mas a sua identidade com a Geografia aflora a partir desse momento de diálogo com os mapas no qual consegue ver interações, dinâmica e a vida de relações entre fenômenos. A geografia tem vida própria e consegue dialogar com muita facilidade com outras áreas do conhecimento, eis o caminho que aguardava a professora Aracy na Universidade Federal de Sergipe, um mundo novo, entreaberto pelas descobertas da dinâmica da natureza, da dinâmica ambiental, do espaço litorâneo e suas relações com a sociedade.

Como foi visto, para alçar novos voos a professora Aracy enfrentou uma série de obstáculos, principalmente de cunho cultural, mas sempre os enfrentou de maneira sóbria, inteligente, equilibrada e elegante. São esses traços marcantes que vão acompanhar a trajetória no âmbito acadêmico e, posteriormente, na formação de professores de geografia e de pesquisadores na pós-graduação.

2.4 Hora de Alçar Voos Acadêmicos

Ao realizar o exame do vestibular, foi aprovada e ingressou em 1974 no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, concluído em 1977. A opção pela Geografia de certa forma havia sido influenciada pela professora Maria do Carmo, com o uso da lógica espacial mediante mapas. As disciplinas da Geografia Física serão aquelas que mais se afinarão com os interesses da professora Aracy, talvez pela objetividade da visão matemática do mundo ou pela abrangência analítica, a complexidade e a beleza que as ciências biológicas podem oferecer.

Da graduação, algumas lembranças permaneceram. Segundo depoimento da própria Aracy, ela vivenciou o chamado “período Alexandrino”, quando o professor Dr. José Alexandre Felizola Diniz ministrava disciplinas de agrária e de geografia física. Ela recorda ainda de professores e colegas como Emanuel Franco, Fernando Porto, Maria Hosana de Souza, Maria da Glória Costa Monteiro e José Augusto Andrade.

Na Universidade Federal de Sergipe, no período de 1978 a 2011, lecionou diversas disciplinas na graduação no Departamento de Geografia: Elementos de Geografia Física; Fotointerpretação I; Fundamentos de Petrografia, Geologia e Pedologia; Geografia Regional II; Geografia Regional III; Geomorfologia Climática; Geomorfologia Fluvial e Hidrografia; Geomorfologia II; Geomorfologia Litorânea e Oceanografia; Geomorfologia Litorânea e Submarina; Oceanografia; Pesquisa Geográfica I; Pesquisa Geográfica II; Trabalho de Graduação. Este leque de disciplinas proporcionou a ampliação e sistematização dos conhecimentos sobre o Estado de Sergipe, refletindo positivamente na sua atuação enquanto professora, pesquisadora e como consultora de diversos empreendimentos, seja em EIA-RIMA, seja em trabalhos de planejamento ambiental para órgãos públicos e para a iniciativa privada.

Já como professora da UFS, Aracy segue para realizar o Mestrado na Universidade Federal da Bahia, em 1982, num momento em que poucas se aventuravam pelo vasto mundo da pós-graduação. Nesse quesito de avançar nos estudos, a liderança, o estímulo e a forte influência do Dr. José Alexandre Felizola Diniz e da profa. Dra. Aldeci Figueiredo Santos devem ser ressaltados. Na geografia sergipana esses dois geógrafos exerceram uma forte liderança que definiu os rumos do ensino, da pesquisa e da pós-graduação em uma universidade ainda pequena e de pouca visibilidade nacional (DINIZ, 2017; FRANÇA 2018).

Sabe-se que no Brasil da década de 1980 realizar uma pós-graduação era um privilégio para poucos. Aqueles que o desejaram e podiam fazer esses estudos, tinham que ir para outros centros de pesquisa fora de Sergipe (DINIZ, 2017). E assim o fez a professora Aracy, já com quarenta anos de idade, mas sempre de maneira tempestiva, porque as coisas acontecem realmente no seu momento certo.

Em 1982, foi aprovada no Mestrado em Geociências na Universidade Federal da Bahia (UFBA), sendo orientada pela professora Dra. Maria do Carmo Barbosa Almeida, proeminente professora de Geografia Física da UFBA. Sua dissertação, intitulada “Geomorfologia da Área de Pirambu e Adjacências” (1985), apresentou à comunidade acadêmica uma leitura original da geomorfologia de parte do litoral sergipano. É possível afirmar que aqui se iniciou sua atividade de pesquisa com foco na geomorfologia. Nesse trabalho de Dissertação, observa-se o interesse pelos estudos das morfologias da planície costeira, da cartografia e o rigor metodológico. Igualmente, destacam-se os seguintes aspectos que vão marcar sua trajetória acadêmica: mapeamento geomorfológico, trabalho de campo rigoroso e estudo do quaternário.

Desse primeiro trabalho de maior fôlego, ampliado por estudos detalhados da planície costeira sergipana (FONTES, 1988; FONTES, 1988a; FONTES, 1990; FONTES, 1990a; FONTES, 1991; FONTES, 1991a), é conveniente ressaltar a influência da escola francesa de geomorfologia que teve grande repercussão na geografia e nas geociências da Bahia, onde a professora realizou seus estudos de Mestrado. A metodologia utilizada nesses trabalhos enfatiza a geologia local, caracterização climática, definição de unidades geomorfológicas (Tabuleiros Costeiros, Planície Fluvial e Planície Costeira) e evolução quaternária. Esse desenho metodológico de análise utiliza claramente recursos das geociências e da geografia física clássica,

e tenta sintetizar e integrar conhecimentos por meio do recurso da cartografia geomorfológica, mas também apresenta interesse pela ação antrópica: “um conhecimento adequado da dinâmica atual traria, por certo, resultados mais profícuos quanto à utilização da terra, especialmente em áreas sujeitas à resistasia antrópica, onde mais intensiva é a atividade agrícola” (FONTES; ALMEIDA, 1987: 447).

Como foi dito, a partir da Dissertação de Mestrado defendida junto ao Instituto de Geociências da UFBA (1985), vários artigos foram publicados sobre a geologia e a geomorfologia do litoral sergipano, considerando as bacias hidrográficas como marcos espaciais. A análise de bacia hidrográfica, seu campo de estudo a partir do Doutorado, já recebe atenção nesses primeiros trabalhos acadêmicos publicados em eventos de Geologia, da ABEQUA (Associação Brasileira de Estudos do Quaternário), de Geografia Física Aplicada e também da Geografia em geral.

Ainda dessa fase inicial, com forte viés geomorfológico, vale ressaltar o mapeamento de detalhe, mediante restituição e interpretação de fotografias aéreas pancromáticas na escala de 1:20:000 e 1:25:000, e as análises sedimentológicas. No primeiro caso, o uso dos tradicionais *overlays*, subsidiados pelos insuperáveis trabalhos de campo e pela análise de cartas topográficas e de geologia de superfície, também de detalhe (1:25.000 e 1:50.000, respectivamente), dão o tom do instrumental metodológico que individualiza a zona costeira sergipana e contribui decisivamente na caracterização das unidades geomorfológicas e seus diferentes ambientes. No caso da sedimentologia, a análise da distribuição granulométrica da “fração areia” converge para a construção de curvas acumulativas de amostras das areias de espriamento e de terraços marinhos holocênicos e pleistocênicos distribuídos ao longo do litoral sergipano. A análise da litologia de subsuperfície, através de testemunhos de poços per-

furados pela Petrobras, complementam as estratégias metodológicas utilizadas nessa fase inicial da carreira acadêmica.

No estudo realizado nos anos noventa sobre a geologia e a geomorfologia da planície costeira entre os estuários dos rios Sergipe e Vaza-Barris, se enfatiza claramente os resultados do mapeamento geomorfológico e o esforço de realizar uma análise integrada entre os eventos cenozoicos, depósitos correlativos e as feições geomorfológicas a eles associadas:

- As características morfológicas da área resultam de influências múltiplas: feições herdadas no decorrer da evolução quaternária da planície costeira e feições vinculadas à hidrodinâmica atual. Nesse contexto foram identificados diferentes domínios ambientais: terraços marinhos e cordões litorâneos (pleistocênicos e holocênicos), planície de maré (slikke e schorre), dunas e praias oceânicas atuais.
- Dentre os processos responsáveis pela morfogênese da área investigada, destacam-se: o papel desempenhado pelas variações relativas do nível do mar durante o Quaternário e pelos sistemas de correntes induzidas pelas ondas atuantes na região litorânea.
- Os ventos, as ondas por eles geradas, correntes litorâneas e as marés são responsáveis pelo transporte dos sedimentos e pelo modelado fisiográficos da costa, produzindo feições erosivas e deposicionais. (FONTES; MENDONÇA FILHO, 1992. p. 242).

Ao concluir Mestrado em Geociências, na área da Geomorfologia, a professora retorna para Aracaju e para as atividades na UFS. Passados alguns anos, a inquietude por aprender mais e poder ampliar sua atuação no estado de Sergipe a conduz à aprovação, em 1992, no Doutorado em Geografia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, estado de São Paulo.

Em 1998, defende sua Tese intitulada “Caracterização Geoambiental da Bacia do Rio Japarutuba (SE)”, sob a orientação do brilhante e consagrado prof. Dr. Antônio Christofolletti, baluarte e referência da geomorfologia brasileira. A partir desse momento, se inicia uma mudança de abordagem para uma geografia mais integrada e mais preocupada com a ação humana e não somente com o espaço físico. Talvez as necessidades do Núcleo de Pós-graduação em Geografia da UFS, cuja área de concentração em “Organização do Espaço Rural no Mundo Subdesenvolvido” e posteriormente em “Organização e Dinâmica dos Espaços Agrário e Regional, convidasse para visões mais integrados entre agricultura e meio ambiente. Seguramente, a onda ambientalista também teve forte influência na trajetória acadêmica da professora Aracy que inicia um momento de maior amadurecimento intelectual e isso se verifica nas suas produções e nas orientações e atuações como professora no âmbito da pós-graduação na Universidade Federal de Sergipe, não somente na geografia (NPGeo/PPGeo-UFS), mas também no Núcleo de Estuários e Manguezais (UFS) e junto ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geociências e Análise de Bacias (PGAB – UFS).

Sua trajetória acadêmica brilhante enquanto docente do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Sergipe teve início em 1978 se estendendo até o ano de 2011, quando da sua aposentadoria. Foram trinta e três anos de contribuições à formação de geógrafos, professores de geografia e de profissionais de áreas afins na graduação e na pós-graduação, principalmente em Geografia. Sua produção acadêmica e suas atividades de consultoria sempre tiveram abrangência nacional e internacional, ao publicar em diversos eventos e periódicos reconhecidos na comunidade científica, nas áreas de Geociências, com ênfase em Geomorfologia, estudos am-

bientais em Bacia Hidrográfica, Dinâmica Ambiental, Agricultura e Meio Ambiente e Dinâmica Costeira.

Sua atuação no Núcleo de Pós-Graduação em Geografia (NP-GEO) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) se consolida a partir da primeira dissertação defendida em 2002 sobre “Agricultura e Meio Ambiente: sistemas agrícolas e sustentabilidade ambiental no município de Lagarto”. Neste Núcleo, depois convertido em programa (PPGEO – Programa de Pós-graduação em Geografia), a professora Aracy atuou em várias linhas de pesquisa, mas é a análise ambiental e a relação agricultura e meio ambiente que ganham força e destaque nas produções e orientações de Dissertações e Teses.

Com as orientações, as publicações constantes e os projetos de pesquisa, a maturidade acadêmica passa a se refletir no maior rigor dos textos e na maior acurácia na linguagem utilizada nos artigos e capítulos de livros. O caso da planície costeira, seu espaço empírico de atenção maior ao longo da carreira, merece uma definição exemplar:

A zona costeira é um espaço formalmente definido como resultante da interação do continente com a atmosfera e o meio marinho. Trata-se, portanto, da borda oceânica das massas continentais e das grandes ilhas, que se apresenta com área de influência conjunta de processos marítimos e terrestres, gerando ambientes com características específicas e identidade própria. Apresenta uma estrutura espacial complexa de interação entre as águas doces e marinhas, com predomínio de paisagens geologicamente novas, sendo um espaço de alto valor natural ao combinar potencialidades turísticas, habitacionais e de ocupação humana, contrastando com a baixa potencialidade agrícola. (FONTES; COSTA, 2008, p. 145).

Se é verdade que a ciência geográfica se identifica com a aventura das explorações, no caso da Profa. Aracy a preocupação com o

trabalho de campo se associa a essa espécie de exploração do litoral, laboratório a céu aberto para as atividades de campo, tanto na graduação como na pós-graduação. As excursões para o litoral sergipano e alagoano sempre foram o ponto álgido dos cursos, algumas vezes com pernoite para discutir a geomorfologia costeira em seu olhar integrador com o espaço local e regional. As excursões eram disputadas pelos alunos que aprendiam em campo e exercitavam as conexões territoriais e ambientais a partir da leitura geomorfológica do litoral.

Igualmente, vale ressaltar as estratégias metodológicas e o avanço na questão do método, que se no início se limitava aos procedimentos clássicos da geografia física, basta olhar as referências utilizadas na Dissertação de Mestrado, passa, a partir do Doutorado, a dialogar com propriedade com a teoria geral dos sistemas e com os geossistemas, e com a discussão sobre a aplicação dos conhecimentos geográficos, em diagnósticos ambientais do meio físico e em zoneamento ecológico-econômico (ZEE).

Ainda sobre o método, é visível o avanço para a teoria dos sistemas a partir da Tese de Doutorado, que abriu portas para a discussão dos geossistemas, zoneamento e para questões instigantes e necessárias associadas ao ordenamento territorial, principalmente de ambientes costeiros e fluviais. A perspectiva aplicada de suas ideias se reflete em vários dos títulos e subtítulos dos artigos e capítulos de livros, a exemplo de “implicações para a gestão ambiental”, “contribuição ao planejamento ambiental”, “subsídio ao planejamento e gestão ambiental”, “estudo ambiental da zona costeira como subsídio ao ordenamento territorial” e “potencial geoambiental”.

Seja como for, sempre ficará a dúvida se foi a professora Aracy que escolheu a ciência geográfica ou se foi a ciência geográfica que a seduziu por meio dos encantamentos da geomorfologia, das

abordagens metodológicas da dinâmica ambiental como um todo e da dinâmica costeira e fluvial em particular. Ou será que se trata das duas coisas numa perspectiva integrada, física e humanista ao mesmo tempo?

3 O FAZER ACADÊMICO E PROFISISONAL: ORIENTAÇÕES NA PÓS-GRADUAÇÃO, PRODUÇÃO CIENTÍFICA E PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS

No que tange às orientações de pesquisas na pós-graduação, foram registrados dezanove trabalhos no NPGEO/PPGEO da UFS, treze Dissertações de Mestrado e seis Teses de Doutorado, abarcando a linha de pesquisa em Produção e Organização do Espaço Agrário e, principalmente, a linha de Análise Ambiental (Quadro 1).

Quadro 1: Trabalhos de Pós-graduação concluídos sob Orientação da professora Dra. Aracy Losano Fontes (2002-2016)

Nº	Ano	Título	Linha de Pesquisa	Tipo	Orien-tando (a)
1	2002	Agricultura e meio ambiente: sistemas agrícolas e sustentabilidade ambiental no município de Lagarto	Produção e Organização do Espaço Agrário	Dissertação de Mestrado	Geraldo Santos dos Reis
2	2002	A sub-bacia do rio Cotinguiba: a agricultura e meio ambiente	Produção e Organização do Espaço Agrário	Dissertação de Mestrado	Cláudio Machado Júlio Mendonça Filho
3	2003	Agricultura e meio ambiente: sustentabilidade ambiental do sistema agrícola olericultura na sub-bacia do Rio Jacarecica/SE	Produção e Organização do Espaço Agrário	Dissertação de Mestrado	Édila Maria Cardoso Mota Fontes (<i>in-memorian</i>)
4	2004	A carcinicultura na zona costeira do estado de Sergipe	Análise Ambiental	Dissertação de Mestrado	Márcia Eliane Silva Carvalho
5	2005	Agricultura familiar: perspectiva de sustentabilidade ambiental em Poço Verde (SE)	Produção e Organização do Espaço Agrário	Dissertação de Mestrado	A l e s s a n d r a Magda dos Santos
6	2005	A agricultura familiar em Tobias Barreto (SE): estratégias de reprodução	Organização do Espaço Agrário	Dissertação de Mestrado	Carla Norma Correia de Oliveira
7	2005	A pecuária na produção do espaço agrário de Simão Dias (SE)	Produção e Organização do Espaço Agrário	Dissertação de Mestrado	Angleide Silva de Mendonça Santos

Nº	Ano	Título	Linha de Pesquisa	Tipo	Orien- tando (a)
8	2006	Caracterização geoambiental da bacia do rio Joanes-Bahia	Análise Ambiental	Dissertação de Mestrado	Lucidalva Andrade de Menezes
9	2007	As transformações do espaço e os impactos decorrentes das atividades de carcinicultura no complexo estuarino-lagunar do Rio São Francisco em Sergipe, Brasil	Análise Ambiental	Tese de Doutorado	Marluce Rocha Melo de Souza
10	2008	Zoneamento Geoambiental da sub-bacia do Rio Jacarecica (SE)	Análise Ambiental	Dissertação de Mestrado	Alex de Sousa Lima
11	2008	Análise Geoambiental dos municípios costeiros de Barra dos Coqueiros e Pirambu (SE)	Análise Ambiental	Dissertação de Mestrado	Leandro Barros de Santana
12	2010	Análise Geoambiental e Socioeconômica dos Municípios Costeiros do Litoral Norte do Estado de Sergipe-Diagnóstico como Subsídio ao Ordenamento e Gestão do Território	Análise Ambiental	Tese de Doutorado	Neise Mare de Souza Alves
13	2010	A Questão Hídrica na Bacia Sergipana do Rio Vaza Barris	Análise Ambiental	Tese de Doutorado	Márcia Eliane Silva Carvalho
14	2010	Avaliação das Unidades Ambientais Complexa na Dinâmica do Sistema Hidrográfico do Rio Real Bahia/Sergipe-Brasil	Análise Ambiental	Tese de Doutorado	Débora Barbosa da Silva
15	2010	Caracterização Geoambiental da Sub-Bacia do Rio Fundo	Análise Ambiental	Dissertação de Mestrado	José Ailton Castro Fontes
16	2010	Avaliação das Potencialidades das terras, Adequação do Uso das Terras e Indicadores de Qualidade do Solo: subsídios para o planejamento conservacionista no Perímetro Irrigado de Mirorós	Análise Ambiental	Tese de Doutorado	Patrícia Salvador Sanchez Klein
17	2011	Análise Geoambiental do Município Costeiro de Estância - Sergipe	Análise Ambiental	Dissertação de Mestrado	Marcelo Alves dos Santos
18	2011	A Bacia Inferior do Rio Real: Uma Análise Sócioambiental	Análise Ambiental	Dissertação de Mestrado	Boni Guimarães Costa
19	2012	Sustentabilidade e agricultura Familiar em Vitória da Conquista - BA	Análise Ambiental	Tese de Doutorado	Meirelane Rodrigues Maia

Fonte: Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO/UFS), 2017.

FRANÇA, V. L. A.; CONCEIÇÃO, A. L. **NPGeo 25 anos de contribuição à geografia**: catálogo de Dissertações e Teses. São Cristóvão: EDUFS, 2008.

Para além de concluir uma pós-graduação, os seus orientados, hoje, ocupam cargos de destaque tanto na área científica quando profissional e de ensino. As aulas magistrais, as orientações académicas, e as vivências de campo proporcionadas pela liderança da professora Aracy elevaram o nível de conhecimento de seus alunos e orientandos que puderam alcançar excelentes resultados no âmbito profissional.

Com relação à produção científica, no quadro 2 destacam-se apenas algumas das mais representativas, em termos de livros, capítulos de livros e artigos publicados em periódicos, diante da vasta construção do conhecimento em mais de trinta anos de contribuição à geografia em geral e à geomorfologia em particular.

Quadro 2: Produção científica (1998-2013): alguns exemplos*

Ano	Título*	Tipo
2013	Condicionantes Geoambientais	Capítulo de livro: Atlas Geo-Histórico-Cultural do Estado de Sergipe
2009	Condicionantes Socioambientais e Derivações Antropogênicas na Sub-bacia do Rio do Sal (SE)	Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais (UNIT)
2008	O Quaternário Costeiro no Município de Barra dos Coqueiros: Implicações para a Gestão Ambiental	Revista Geografia, Ensino & Pesquisa (UFSM)
	Condicionantes Geoambientais como Delimitadores na Implantação do Aterro Sanitário da Grande Aracaju - Município de Nossa Senhora do Socorro (SE)	
	Aspectos Fisiográficos da Zona Costeira do Município de Itaporanga D'ajuda - Sergipe/Brasil: Uma Contribuição à Gestão Ambiental	
2007	A Carcinicultura no Espaço Litorâneo Sergipano	Revista da FAPES de Pesquisa e Extensão – Sergipe
	Dinâmica Geoambiental, Processos Morfodinâmicos e Uso das Terras em Brejo Grande, Baixo São Francisco – Sergipe	Revista Brasileira de Geomorfologia
2006	Estudo Ambiental da Zona Costeira Sergipana como Subsídio ao Ordenamento Territorial	Revista GeoNordeste (UFS)

Ano	Título*	Tipo
2001	Estudos Arqueológicos do Quaternário	Canindé Revista do Museu de Arqueologia de Xingó (SE)
2000	Geografia, Agricultura e Meio Ambiente	Organização de livro EDUFS
	Diagnóstico Ambiental da Bacia do Rio Piauitinga (SE)	Capítulo do livro Geografia, Agricultura e Meio Ambiente – EDUFS
1998	Zoneamento Geoambiental da Bacia do Rio Japarutaba	Capítulo de livro: Capítulos de Geografia Nordestina – EDUFS

* Algumas destas publicações possuem coautoria.

Fonte: Plataforma Lattes, 2017.

Além destas publicações, merecem destaque as participações e contribuições da professora Aracy e seus orientados em diversos eventos, congressos, seminários e simpósios. O trânsito pelos eventos é outro traço a destacar da carreira da professora, sempre atenta às contribuições novas dos colegas e apresentando os resultados de pesquisas desenvolvidas junto à Universidade Federal de Sergipe, seja na graduação ou na pós-graduação em geografia. Essa constante participação de eventos, talvez fosse também uma tentativa de fugir do paroquialismo da geografia e do “isolamento” da UFS, uma oportunidade de troca de experiência e de atualização com grupos e pesquisadores congêneres. Dentre esses eventos acadêmicos, destacamos algumas referências na área da Geografia Física, foco inicial da carreira, e de ordenamento territorial e organização do espaço, nos momentos de maturidade acadêmica e profissional (Quadro 3).

Quadro 3: Participação em Eventos Científicos (1986-2012)

Ano	Evento
1984	XXXIII Congresso Brasileiro de Geologia - CNG
1987	I Congresso ABEQUA - Associação Brasileira de Estudos do Quaternário
1988	8º Encontro Nacional de Geógrafos – ENG
1989	IV Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada – SBGFA
1990	IV Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada – SBGFA XXXVI Congresso Nacional de Geologia – CNG
1991	V Simpósio de Geografia Física Aplicada
1992	III Congresso ABEQUA - Associação Brasileira de Estudos do Quaternário
1999	VII Congresso ABEQUA - Associação Brasileira de Estudos do Quaternário
2001	VIII Congresso ABEQUA - Associação Brasileira de Estudos do Quaternário VIII Encuentro de Geógrafos de América Latina
2003	II Congresso do Quaternário de Países de Línguas Ibéricas
2004	V Simpósio Nacional de Geomorfologia - SINAGEO – I Encontro Sul-Americano de Geomorfologia.
2006	VI Simpósio Nacional de Geomorfologia – SINAGEO
2007	XII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada – SBGFA
2008	II Encontro Latino-Americano de Geomorfologia e VII Simpósio Nacional de Geomorfologia
2009	12º Encuentro de Geógrafos de América Latina.
2010	VI Seminário Latino-Americano de Geografia Física IX Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica I Congresso Brasileiro de Organização do Espaço
2011	XIII Congresso ABEQUA - Associação Brasileira de Estudos do Quaternário - III Encontro do Quaternário Sul-Americano II Simpósio Sergipano de Geografia Contemporânea
2012	IX Simpósio Nacional de Geomorfologia – SINAGEO

Fonte: Plataforma Lattes, 2017.

A sua atuação em trabalhos de assessoria, consultoria e trabalhos técnicos abrange desde estudos de impactos ambiental e seus respectivos relatórios de impactos ambientais (EIA-RIMA), a atividades de mapeamentos e diagnósticos ambientais, dentre os quais destacamos os listados no quadro 4. Quase todos os trabalhos de consultoria envolvem a planície costeira de Sergipe, sua “zona de conforto”, dado ao expressivo conhecimento acumulado e o olhar

geográfico dominado pela geomorfologia, que coordena as ações do entendimento das outras instâncias do espaço geográfico. Foi a partir desse olhar geomorfológico que a professora Aracy conheceu com profundidade a planície costeira sergipana, e sua zona de interface continental e marinha.

Quadro 4: Assessoria, Consultoria e Trabalhos Técnicos

Ano	Assessoria, Consultoria e Trabalhos Técnicos
2014	Perícia Sobre a Zona de Expansão de Aracaju
2011	Caracterização Ambiental - Meio Físico do empreendimento “Thai Residence”.
2010	Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental (EIA/RIMA) do Empreendimento Maikai Residencial Resort
	Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental (EIA/RIMA) da Fazenda Barra (Caueira).
	Diagnóstico do Meio Físico do Sítio Sandes
2009	Relatório de Impacto Ambiental do Residencial Resort Laredo.
2008	Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental (EIA/RIMA) do Empreendimento Brisa de Atalaia
	Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental - (EIA/RIMA) para Implantação do Aterro Sanitário de Nossa Senhora do Socorro para a Grande Aracaju.
2006	Relatório de Controle Ambiental (RCA) para Estabelecimento da Produção de Poços de Petróleo Desativados
	Plano Diretor do Município de Barra dos Coqueiros
2000	Mapeamento da Área de Manguezal do Estado de Sergipe

Fonte: Plataforma Lattes, 2017.

A professora Aracy Losano também contribuiu com a Universidade Aberta do Brasil (UAB/UFS), tanto como professora orientadora, quanto na produção de material didático. Dentre as suas publicações destacam-se, entre os anos de 2007 a 2011, os livros didáticos para Cursos a Distância das seguintes disciplinas: Geomorfologia Costeira e Geomorfologia Fluvial. Nesses materiais, destaca-se outra faceta da professora Aracy Losano Fontes: a habilidade didático-pedagógica expressa em sua capacidade de organizar e sintetizar conhecimentos, em seus escritos, em suas aulas e também nos traba-

lhos de campo. A clareza e a facilidade de transformar a hermética, complexa, sofisticada e ampla linguagem geológica e geomorfológica em lições de aprendizado único é algo para poucos e por isso deve aqui ser ressaltado.

Esta trajetória na geografia sergipana também rendeu prêmios e reconhecimento, a exemplo da homenagem recebida no aniversário de 30 anos, nos 35 anos do PPGEU da UFS e no presente artigo feito por ex-alunos que vivenciaram sua prática pedagógica e seu esforço constante para pesquisar na geografia a partir da geomorfologia. Esse “encantamento geomorfológico” influenciou toda uma geração de graduandos e pós-graduandos em geografia, embora não esteja restrito somente a geógrafos, uma vez que profissionais de outras áreas foram igualmente seduzidos, como num encantamento mágico, para essa prática de análise espacial e ambiental com um olhar territorial e geomorfológico.

4 UM OLHAR DOS ORIENTANDOS E DOS PARES

Esta seção está dedicada aos relatos de alunos, ex-orientandos e ex-colegas de trabalho sobre aspectos inerentes à prática pedagógica, às experiências de campo, às orientações realizadas pela professora Aracy, bem como sobre sua forma de conduzir as relações pessoais e profissionais. Há uma unanimidade entre os depoimentos sobre a generosidade, a capacidade intelectual acima da média, os brilhantes ensinamentos e sobre as marcas deixadas pelo convívio e pelo conhecimento acadêmico.

A trajetória brilhante da colega Aracy Losano a coloca no patamar do pioneirismo no desenvolvimento da pesquisa geomorfológica no território sergipano, com alentada produção científica e formação de profissionais geógrafos voltados à

Geomorfologia Costeira. Com dedicação e ânimo ímpar empreendeu esforços amplos de reconhecimento e detalhamento acerca do relevo e da rede hidrográfica de Sergipe. Ela foi uma das minhas inspirações no segmento da Geografia Física, posso atestar sem hesitação. Parabéns, Aracy pelo considerável legado à Geografia de Sergipe. (Profa. Dra. Rosemeri Melo e Souza - UFS - Departamento de Engenharia Ambiental - GEOPLAN, 2018).

No ano de 2005 saí de Teresina para Aracaju para conhecer a minha provável orientadora no Mestrado, em caso de aprovação no processo seletivo. Conheci uma professora com uma forma acolhedora e receptiva como nunca tinha visto. Nossa conversa foi possível por intermédio da minha namorada na época, hoje minha esposa, Taiana. A profa. Aracy me mostrou mais que conhecimento e orientação, passou a sua experiência de vida acadêmica indicando os caminhos para um bom amadurecimento humano e acadêmico. Levo parte de você comigo! Quero lhe desejar tudo de bom e que colha todos os bons frutos de tudo o que foi semeado com muito amor. Deus te abençoe sempre! (Prof. Dr. Alex de Sousa Lima - UFMA, 2018).

Dedicação e compromisso são duas palavras que podem ser dedicadas à profa Aracy Losano, mas ela vai muito além dessas palavras. Aracy sempre à frente do seu tempo no que diz respeito ao ensino e à pesquisa. É facilmente compreendida e admirada! Doce quando mais se precisa, iluminada quanto mais se necessita, forte quanto mais as dificuldades lhe aparece. Ter Aracy como professora e como colega de trabalho foi uma grande honra. As emoções e as razões da convivência comprovam a grande contribuição da profa. Dra. Aracy Losano na formação de gerações de geógrafos e no desenvolvimento da Geografia. (Dr. Lício Valério Lima Vieira - IFS, 2019).

Tive a grata experiência de ser orientanda da Professora Aracy no Doutorado em Geografia da UFS, momento de discussões e reflexões fundamentais. Não posso esquecer a sua grande contribuição para o meu aprimoramento profissional. Mulher de coragem, guerreira, competentíssima, que ama sua profissão, de significativa contribuição para os cursos de Graduação e Pós-Graduação da UFS e para a Geografia Sergipana e Brasileira. Agradeço pela amizade sincera, incentivo e apoio incondicional. Grande amiga a quem jamais conseguirei agradecer o suficiente. (Profa. Dra. Meirilane Rodrigues Maia - Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGeo/UESB - Departamento de Geografia da UESB - Coordenadora do Grupo de Pesquisa APLAGET/CNPq, 2019).

A Prof. Aracy Losano é um exemplo de força e delicadeza. É uma pessoa extremamente inteligente e competente, sendo ao mesmo tempo despretensiosa e acessível. Tais características inspiraram muitos de seus alunos a ministrarem aulas e a ingressarem na vida acadêmica, através de pesquisas por ela tão bem orientadas. Seu profundo conhecimento, respeito e amor pela Geografia, bem como sua postura ética e comprometida, tornaram aqueles que tiveram o privilégio de assistir suas aulas pessoas conscientes do papel e da importância de um educador. Suas atitudes, ensinamentos e incentivos transformaram ansiedade em confiança, dúvida em certeza, e esperança em realização pessoal e profissional. (Profa. Dra. Carla Norma Correa Santos - IFS, 2019).

É imprescindível registrar que a profa. Dra. Aracy Losano Fontes conduziu toda a sua caminhada profissional no campo da Ciência Geográfica, magistral e irretocavelmente, de modo que, profissionais que estão desenvolvendo as suas atividades em diversas carreiras, desfrutaram com solidez dos seus ensinamentos, e assim, construíram bases teóricas e práticas muito bem referenciadas. Portanto, o agradecimento

neste momento é extremamente pertinente, considerando o merecimento que faz jus à professora Aracy Losano Fontes. (Profa. MSc. Acássia Cristina Souza - Departamento de Geografia - UFS, 2019).

Por que e como me lembrei de Aracy? Em atenção à solicitação de Wellington, durante meu banho matinal, transportei-me e, mergulhada em águas, senti que nadava em meandros calmos me deliciando com a temperatura de águas tropicais e com a certeza de que o transbordo no mar está próximo. Estaria eu rompendo os encaixes do Terciário e adentrando na planície fluvio-marinha? Nossa que aflição! Tenho de saber com exatidão, pesquisar e dedicar atenção e esforços para que eu e todos que por aqui passarem estejam cômicos de que a estética morfológica diz muito sobre sua gênese. Assim Aracy se mostra para mim: alegremente corajosa em suas empreitadas, demasiadamente ansiosa com suas responsabilidades, amorosamente debruçada na Geografia e nos geógrafos que mantém formando pela lembrança, até debaixo do chuva! (Profa. Dra. Maria Augusta Mundim Vargas - PPGeo - UFS, 2019).

Fui aluno da Professora Aracy Losano durante meus Cursos de Licenciatura e Bacharelado em Geografia na Universidade Federal de Sergipe. Durante este período, foi na disciplina Geomorfologia Litorânea, sobretudo durante os trabalhos de campo, onde percebi e aprendi que o conhecimento geográfico se aprofunda ainda mais através de uma interação dialógica teoria/prática. Ademais, posso afirmar: ajudou a superar minhas limitações quanto às temáticas “Geografia Física”. Nos caminhos da vida acadêmica nos encontramos durante seis anos no Curso de Geografia da UNIT. Seus ensinamentos de mestra, professora, amiga, levo sempre comigo (Prof. Msc. Carlos Cunha - IFS, 2019).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM AGRADECIMENTO PARA UMA HISTÓRIA DE VIDA DEDICADA À GEOGRAFIA

O nome Aracy Losano Fontes guarda um conteúdo e uma história de vida rica em variados contextos. No âmbito familiar, a esposa, a mãe, a “voinha” e a bisavó, já no fazer acadêmico e profissional, a professora, geomorfóloga, geógrafa, pesquisadora, consultora e orientadora de pós-graduação. Esses papéis estão ancorados em um ser humano digno, generoso e estudioso, e na geógrafa brilhante. Todas essas tarefas e atividades foram desempenhadas com dedicação, boa vontade, abnegação, muito amor e até mesmo paixão. Uma mulher elegante que conquistou amigos seletos e fiéis, exatamente como ela.

Elaborar um texto para homenagear a professora Aracy e escrever sobre a sua vida e seu legado, não foi uma tarefa fácil, dada a versatilidade profissional e a trajetória acadêmica plural, ampla e muito exitosa. Lembrar das inúmeras vezes em que ouvimos como alunos da pós-graduação que “na próxima encarnação eu quero ser professora novamente”, já oferece a dimensão do seu amor pela profissão que abraçou nessa existência.

Na atualidade, Aracy Losano Fontes afastou-se totalmente das atividades laborais, em razão da merecida aposentadoria. Embora, seus colegas, amigos, ex-alunos e ex-orientandos reconheçam o seu lugar na Geografia de Sergipe, em especial, no campo da geomorfologia e nos estudos ambientais, ela afirma que sintetiza a sua vida no verso de uma música do canto romântico José Augusto: “Me esqueci de viver”. É como se o tempo tivesse passado como um flash, restando a sensação que ainda há muito para ver, aprender e desfrutar nessa existência. Mas de forma alguma ela “esqueceu de viver”, porque vivenciou intensamente seu papel como geomorfóloga e geógrafa

de modo inteligente, integrado e digno, ora recuando, ora avançando e indo além do esperado, surpreendendo no complexo campo do saber que escolheu para trilhar a vida acadêmica: a nossa querida, amada e sedutora ciência geográfica.

Com muito mérito, a professora Dra. Aracy Losano Fontes ocupa a galeria de honra da geografia sergipana, não somente pela sua alentada e contínua produção técnico-científica, mas pelas orientações, pelas aulas magistrais, generosidade com os alunos, inteligência emocional, postura arguta, e também pela abertura de caminhos nesse mundo tão fechado das consultorias, alçando a ciência geográfica para um lugar merecido.

REFERÊNCIAS

TRABALHOS SELECIONADOS DA PROFESSORA DRA. ARACY LOSANO FONTES COMO PRINCIPAL AUTORA

FONTES, A. L. Geomorfologia da Área de Pirambu e Adjacências. **Dissertação de Mestrado**. Instituto de Geociências da UFBA, 1985.

FONTES, A. L. O Cenozóico na bacia inferior do rio Vaza Barris (SE) – estudo geomorfológico. **XXXV Congresso Brasileiro de Geologia**, Belém: AGB, 1988.

FONTES, A. L. Estudo geomorfológico da Planície Costeira do Estado de Sergipe – Trecho Vaza Barris - Piauí. **VII Encontro Nacional de Geógrafos**, Maceió, 1988a.

FONTES, A. L. Aspectos da geomorfologia costeira no norte do estado de Sergipe. **2º Simpósio de Ecossistemas da Costa Sul e Sudeste Brasileira**, Águas de Lindóia, 1990.

FONTES, A. L. Aspectos geológicos e geomorfológicos entre os estuários dos rios Sergipe e Japarutuba - Sergipe. **36º Congresso Brasileiro de Geologia**, Natal, 1990a.

FONTES, A. L. Caracterização ambiental do estuário do rio Japarutuba (SE). **V Simpósio de Geografia Física Aplicada**, Porto Alegre Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1991.

FONTES, A. L. Aspectos geológicos e geomorfológicos da planície costeira entre os estuários dos rios Sergipe e Vaza Barris. **4º Congresso da ABEQUA (Associação Brasileira de Estudos do Quaternário)**, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1991a.

FONTES, A. L. Caracterização geoambiental da bacia do rio Japarutuba/SE. **Tese de Doutorado**, Rio Claro, IGCE/UNESP, 1997.

FONTES, A. L. O Baixo São Francisco Sergipano e o aproveitamento de suas potencialidades turísticas. -**Encontro Nacional de Turismo com Base Local**, Fortaleza: UFC, 1998.

FONTES, A. L. Aspectos evolutivos atuais do litoral norte do estado de Sergipe. **7º Congresso da ABEQUA (Associação Brasileira de Estudos do Quaternário)**, Porto Seguro: ABEQUA, 1999.

FONTES, A. L. *et al.* (Orgs.). **Geografia, Agricultura e Meio ambiente**. Aracaju: NPGeo-UFS, 2000.

FONTES, A. L. Processos erosivos na desembocadura do rio São Francisco (SE). 8º Congresso da ABEQUA (Associação Brasileira de Estudos do Quaternário), 2001, Imbé.

FONTES, A. L. Aspectos morfológicos da planície estuarina do rio Sergipe (SE). **II Congresso sobre Planejamento e Gestão das Zonas Costeiras dos Países de Expressão Portuguesa**. Recife, 2003.

FONTES, A. L. O quaternário costeiro e o município de Aracaju (SE), **II Congresso sobre Planejamento e Gestão das Zonas Costeiras dos Países de Expressão Portuguesa**. Recife, 2003a.

FONTES, A. L. Condicionantes geoambientais. In: FRANÇA, V. L. A.; CRUZ, M. T. S. (Coords.), **Atlas Escolar de Sergipe**. João Pessoa: Grafset, 2007.

FONTES, A. L. *et al.* Caracterização morfopedológica da sub-bacia do rio Japarutuba-mirim (se) como subsídio ao planejamento e gestão ambiental. **VI Seminário Latino-Americano de Geografia Física II Seminário Ibero-Americano de Geografia Física**. Universidade de Coimbra, 2010.

FONTES, A. L. **Geomorfologia Fluvial e Hidrografia**, São Cristóvão: EDUFS/CESAD, 2010a.

FONTES, A. L. **Geomorfologia Costeira**, São Cristóvão: EDUFS/CESAD, 2011.

FONTES, A. L.; ALMEIDA, M. do C. B. de. O cenozoico na bacia inferior do rio Japarutuba – Estudo geomorfológico. **XXXIII Congresso Brasileiro de Geologia**, Rio de Janeiro: UFRJ, 1984, p. 441-447.

FONTES, A. L.; ALMEIDA, M. do C. B. de. Evolução geomorfológica da bacia inferior do Mangue Seco (rios Piauí-Fundo-Real). Sergipe/Bahia. **1º Congresso da ABEQUA (Associação Brasileira de Estudos do Quaternário)**, Porto Alegre, 1987.

FONTES, A. L.; MENDONÇA FILHO, C. J. J.. Aspectos geológicos e geomorfológicos entre os estuários dos rios Sergipe e Vaza-Barris (SE). **3º Congresso da ABEQUA (Associação Brasileira de Estudos do Quaternário)**, Belo Horizonte, 1992, p. 241-248.

FONTES, A. L.; CORREIA, Aracy Losano Fontes, Estudo geomorfológico da bacia do rio Japarutuba/SE: contribuição ao planejamento ambiental. **V Simpósio Nacional de Geomorfologia I/Encontro Sul-Americano de Geomorfologia**. UFSM, 2004.

FONTES, A. L.; COSTA, J. de J. O quaternário costeiro no município de Barra dos Coqueiros: implicações para a gestão ambiental. **Revista GeoNordeste**, 2008, ano XIX, n. 1, p. 143-161.

FONTES, A. L.; FONTES, E. M. C.. Vegetação e utilização agrícola das terras na bacia do rio Japarutuba (SE). In: MENEZES, A. V. C. de, **Organização e Dinâmica do Espaço Agrário e Regional**. São Cristóvão: NPGeo/UFS, 2008. p. 285 -291.

FONTES, A. L.; CORREIA, A. L. F. C.; COSTA, J. de J. A bacia costeira do rio Japarutuba: potencial geoambiental e morfodinâmica das praias oceânicas adjacentes. **Revista GeoNorte**, Edição Especial, v. 4, n. 4, p. 1450 – 1459, 2012.

OUTRAS REFERÊNCIAS

FRANÇA, V. L. A.; CONCEIÇÃO, A. L. **NPGeo - 25 anos de contribuição à geografia**: Catálogo de Dissertações e Teses. São Cristóvão: EDUFS, 2008.

DINIZ, J. A. F. 30 Anos de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal de Sergipe (1983-2013): Nos caminhos da memória. **Revista GeoNordeste**, São Cristóvão, Ano XXVIII, n. 2, p. 247-272, Jul./Dez. 2017.

FRANÇA, V. L. A. A saga do PPGeo: breve relato como contribuição à memória da Pós-graduação em Geografia da UFS. **Revista GeoNordeste**, São Cristóvão, Ano XXIX, n. 2, p. 277-285, Jul./Dez. 2018.

GEOGRAFAR EMOÇÕES E CARTOGRAFAR SENTIMENTOS E CULTURA*



Maria Geralda de Almeida

Possui Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Mestrado e Doutorado em Geografia pela Université de Bordeaux III, Pós-Doutorado em Geografia Humana pela Universidad de Barcelona, em Geografia Cultural pela Université Laval, Università Degli Studi Di Genova e Université de Paris IV - Paris-Sorbonne. Foi presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia de 2009 a 2011. Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Titular da Universidade Federal de Goiás (UFG).
E-mail: mgdealmeida10@gmail.com



Solimar Guindo Messias Bonjardim

Possui Graduação em História pela Universidade Tiradentes (UNIT) e em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) com Mestrado e Doutorado pela mesma instituição. Atualmente é professora do nível superior da Faculdades Integradas de Jau - Fundação Educacional Dr. Raul Bauab-Jahu, além de coordenadora do Núcleo Institucional de Pesquisa e Iniciação Científica (NIPIC) e coordenadora das Dependências e Adaptações no modo Online na mesma instituição.
E-mail: sol_bonjardim@hotmail.com

* Publicado originalmente na Revista GeoNordeste, São Cristóvão, Ano XXIX, n. 2, p. 244-259, Jul./Dez. 2018. ISSN: 2318-2695. Agradecemos ao Conselho Editorial da revista pela autorização para republicação no presente livro.

1 INTRODUÇÃO

Cada geógrafo possui uma identidade singular conferida pela linha de pesquisa que adota, pelo tema no qual mergulha e pela abordagem que marca suas interpretações e análises espaciais. Ela reflete a sua visão de mundo e o seu fazer geografia, que é resultado, também, de um movimento de convívio com autores, diálogos com cientistas diversos que levam o geógrafo a novas reflexões sobre a realidade.

A identidade do geógrafo, portanto, adquire outras facetas, torna-se dinâmica e múltipla neste processo. Por isso, falar sobre um geógrafo, no qual pretende desvelar sua identidade, pode ser via panorama biográfico, incluindo sua obra ou via um fragmento escolhido no qual há o brilho do que o torna destaque na contribuição feita à Geografia.

Escolheu-se para ilustrar esta discussão a professora Maria Augusta Mundim Vargas. Sua identidade é remarcável pela maneira que construiu uma personalidade geográfica ímpar, cujos aspectos luminosos se destacam no último decênio no movimento marcante de produção acadêmica. Ela revigorou suas reflexões nesta ciência após incluir em suas análises uma leitura mais humanista e cultural ao fazer uma cartografia reveladora de sensações, símbolos e significados.

Primeiramente, abordaremos a Geografia tal como os textos de Mundim Vargas são vistos pelos leitores, ou seja, impregnados de sensibilidade, de percepção e de evolução, enfatizando os aspectos teóricos e metodológicos de suas reflexões; posteriormente, será tratada a cartografia tal como Mundim Vargas identificou, uma forma sensível de representar o espaço vivido. Também merecerá um destaque o brilho com que esta geógrafa contagiava seus orientandos, membros de grupo de pesquisa e estes tornam-se seus seguidores teóricos e metodológicos. Finaliza-se com a discussão sobre o livro recentemente organizado por ela e ex-orientandos.

2 A GEOGRAFIA DA SENSIBILIDADE E DAS PERCEPÇÕES

De fato, os indivíduos são todos seres geográficos quer seres econômicos, sociais e/ou culturais. Isso desperta para novos campos disciplinares para seu entendimento. Claval (1976, p. 52) também nos alerta que o progresso da nova geografia direcionou os “pesquisadores para os fatos da psicologia individual ou coletiva. Levantam-se questões sobre as condições em que as decisões são tomadas”.

Soma-se a este autor também as reflexões de Sanguin (1981, p. 583), para quem a dimensão humanista aporta calor e vida a uma geografia “na qual os modelos informatizados e as teorias geometrizantes tendem dar aos lugares e às paisagens uma ‘allure seca, toda pontuda, toda rude e toda sem atrativos’, como teria dito o Pequeno Príncipe”. Esta geografia humanista é portadora de dimensões que consideram a sensibilidade, o simbólico e os sentimentos.

O sensível/a sensibilidade, em suas diversas modalidades, tornou-se objeto de interesse nas investigações das ciências sociais. No caso da Geografia, sensibilidade é vista como uma dimensão ontológica do espaço. Esta noção ampla nos permite envolver tudo que é relativo à percepção. Há a de se ressaltar o registro sensorial e o registro dos afetos relativo ao vivido: um espaço faz ressoar os valores emocionais, as significações individuais e coletivas quando interpretado por um geógrafo adepto do humanismo e à abordagem cultural. É o caso, como já dissemos, de M. A. Mundim Vargas.

O sensível se situa na interação entre o sujeito e o objeto. A sensibilidade não é subjetiva e nem o objetivo no sentido que não deriva de um puro ato de recepção aos estímulos exteriores e nem o resultado de uma operação de entendimento total até objetivar, neutralizar os dados da percepção. Estudar a sensibilidade na Geografia é estudar as interações entre o espaço e o indivíduo ou um grupo de

indivíduos, uma vez que toda sensação faz objeto de uma intelecção pelo pensamento; e o espaço, neste caso, não pode ser apreendido pelo prisma da percepção. Cabe ao autor, em seu texto, transmitir esta percepção da sensibilidade, ou melhor, a emoção presente na imagem perceptiva do lugar.

Embora as Ciências Sociais tenham precocemente se dedicado aos estudos da sensibilidade, na Geografia os ingleses foram pioneiros em se interessarem pela inclusão das emoções. De acordo com Parr (2006), até recentemente, nenhum ramo dedicava-se às geografias emocionais. Para esta geógrafa, contudo, as geografias emocionais envolvem conhecimentos geográficos, escritos com e/ou sobre emoções. Nesse sentido, haveria uma produção significativa na área da Geografia Humana que trata “sobre como as pessoas emocionalmente tornam concretos e perceptíveis o espaço e o lugar”. (PARR, 2006, p. 128).

Empreender a interpretação do seu conteúdo cultural requer a aplicação de habilidades múltiplas sob o risco de deixar de explorar como um conjunto de paixões circula, desenhando os mundos frequentados por diversas e distintas pessoas. Cosgrove (1998, p. 96-97) também se manifesta sobre a negligência às emoções na Geografia: “Contudo, na geografia humana parecemos intencionalmente ignorá-las ou negá-las, recusando-nos a explorar como tais paixões encontram expressões nos mundos que criamos e transformamos.”

Este autor criticava o tratamento dado pelos geógrafos às “paixões inconvenientes, às vezes assustadoramente poderosas, motivadoras da ação humana, entre elas as morais, patrióticas, religiosas, sexuais e políticas” (COSGROVE, 1998, p. 96). E isso resultava que, “consequentemente, nossa geografia deixa escapar muito do significado contido na paisagem humana, tendendo a reduzi-la a uma impressão impessoal das forças demográficas e econômicas” (Idem, 1998, p. 97)

Porém, o que significa emoção e no que se distingue do sentimento?

Conforme Filizola (2014), com base em Damásio (2011), é importante assinalar que emoção e sentimento fazem parte de um “ciclo” fortemente coeso, que tem início no cérebro em regiões do córtex do lobo frontal, disseminando-se para outras partes do cérebro e pelo corpo propriamente dito. Por se tratar de um ciclo, o processo retorna ao cérebro, mas, desta vez, para regiões cerebrais diferentes das iniciais e que dizem respeito agora ao sentimento. Ou seja, nesse processo a emoção precede o sentimento, contudo, no ciclo emoção-sentimento, o sentimento segue-se muito rapidamente à emoção. É na sua essência que um se distingue do outro. Na opinião de Damásio:

Enquanto as emoções constituem ações acompanhadas por ideias e certos modos de pensar, os sentimentos emocionais são principalmente percepções daquilo que nosso corpo faz durante a emoção, com percepções do nosso estado de espírito durante esse mesmo lapso de tempo (DAMÁSIO, 2011, p. 142).

Este autor (2013) ressalta que as emoções são úteis em si mesmas, mas é o processo de sentir que alerta o organismo para o problema que a emoção começa a resolver. O sentir inicia por dar ao organismo o incentivo para se ocupar dos resultados da emoção (o sofrimento começa pelos sentimentos, embora seja realçado pelo conhecer, e o mesmo pode se dizer acerca da alegria). Em face de uma emoção em curso, os sentimentos emocionais correspondem às percepções referentes àquilo que está ocorrendo no corpo e na mente. Assim, o medo desencadeia uma ação como fugir e uma expressão facial ou corporal de terror, e o raciocínio pode ficar mais lento ou mais rápido. Os sentimentos emocionais que aparecem a seguir são, portanto, como pondera Damásio (2011, p. 143), “a percepção com-

posta de tudo o que ocorreu durante a emoção, as ações, as ideias, o modo como as ideias fluem, devagar ou depressa, ligadas a uma imagem ou rapidamente trocada por outra”.

As emoções podem ser classificadas em universais e sociais. As emoções universais são elas o medo, a raiva, a tristeza, a alegria, o nojo e a surpresa. Contudo, por influência da cultura, ou da educação, as expressões emocionais podem ser controladas. As emoções sociais, para o autor citado acima (2011, p. 161), “(...) podem ser sociais e, com frequência o são, mas [esse nome] justifica-se em razão do contexto inequivocamente social desses fenômenos específicos”. Trata-se de: compaixão, embaraço, vergonha, culpa, desprezo, ciúme, inveja, orgulho, admiração. Esse grupo de emoções pode ser incorporado a alguma concepção de “educação emocional”.

Pelo menos três abordagens sobre as emoções são possíveis nos estudos geográficos: um estudo das emoções dos geógrafos, uma geografia das emoções como objetos e uma geografia emocional.

A quem compete, no âmbito da ciência geográfica, escrever sobre ou com emoções? Ou como descrever as especificidades emocionais dos geógrafos? É possível, com os atuais instrumentos teóricos e metodológicos, emergir uma emoção da Geografia?

A academia tem se despertado para o componente emocional nas diversas áreas do conhecimento, conforme já o dissemos. Até porque, nos diz Maturana (2009, p. 18), “o humano se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional. O racional se constitui nas coerências operacionais dos sistemas argumentativos que construímos na linguagem, para defender ou justificar nossas ações.

No que diz respeito a escrever com emoção, esta parece ser uma competência que demanda unir a razão com a emoção, isto é, não perder o foco na produção de ciência. Contudo, já se observa uma “virada emocional” nas palavras de Felizola (2014) na Geografia que, além de

reconhecer que as emoções ocupam um importante lugar nos trabalhos desenvolvidos, já sinaliza para o papel dos geógrafos interessados em emoções. Conforme Parr (2006, p. 128), importa assinalar que as abordagens são múltiplas, daí a expressão “geografias emocionais”, e elas situam as emoções em uma posição central, e não mais periférica, nas pesquisas geográficas.

No caso de M. A. Mundim Vargas, as geografias emocionais são evidenciadas nos universos produzidos pelas vivências nos lugares, nos pertencimentos, nas construções simbólicas e, principalmente, nas festas, que consolidam territórios e paisagens comandados pelas emoções. Implícita ou explicitamente, uma gama de sentimentos emocionais pode ser sentida.

Sentimentos exercidos sobre um território, por um grupo de pessoas sobre um mesmo interesse, favorecem a consolidação espiritual e a união entre elas. As motivações de alguns grupos dominantes podem ser compartilhadas pela sociedade e fazer emergir sentimentos de amizade e solidariedade ou vingança e ódio.

Persi (2010) reclama a necessidade de os geógrafos saírem de suas zonas de conforto teóricas e de lançar um olhar novo sobre o mundo contemporâneo de tal modo a confirmar o papel dos sentimentos sentidos na conformação de territórios emocionais. Ele afirma que estes “territórios da alma [...] são almejados, consagrados, carregados de valores espirituais, por isso percebidos e vividos com um fortíssimo componente sentimental” (PERSI, 2010, p. 5).

É o que nos revela Filizola (2014) ao trazer à luz sobre o território festivo de Guajará-Mirim criado com o Festejo do Boi. A paisagem fronteira com militarização ostensiva esconde/revela elementos que incentivam emoções diversas, de ambos os lados da fronteira. Bolivianos e brasileiros realizam uma multiplicidade de “encontros” trans-fronteiriços que materializam em um “território emocional” durante

o Festejo de Boi. Os sentimentos emocionais unem seres humanos e espaços geográficos em uma relação pessoal, mas que pode se tornar também uma relação em grupos interétnicos.

Por último, uma dimensão característica da Geografia de M. A. Mundim Vargas é a evolução. Esta é uma atitude pela qual os cientistas aceitam abandonar suas teorias, suas crenças geográficas, não para atender a um modismo, mas por crerem e para demonstrar as dinâmicas que animam novas leituras e formas de compreender a realidade.

Formada na geografia positivista, M. A. Mundim Vargas, posteriormente, adotou na compreensão da produção do espaço da geografia crítica, antes da abordagem humanista e cultural. Isso significa que M. A. M. Vargas demonstra estar sempre se dedicando a Geografia, acompanha o movimento, os fundamentos das correntes de pensamento das escolas e se renova para progredir com elas. A evolução é uma percepção construída em função do que existe e tem por destinação, uma eficácia maior na compreensão e explicação do Mundo por meio do filtro geográfico. A vontade de evolução é uma atitude que dinamiza o núcleo comum da Geografia, porém, origina-se somente no desejo que emana do geógrafo.

3 CARTOGRAFANDO A CULTURA, O PERTENCIMENTO E OS SENTIMENTOS

A carta ou mapa contém a marca de seu autor e esta marca é uma referência, uma visão do seu produtor. Nossas criações cartográficas são produtos em um quadro social para um público que as deve poder compreender, utilizar e discutir. Por isso, aquele que lida com a cartografia deve acompanhar as solicitações do tempo e dominar as técnicas para produzir uma representação eficaz e con-

temporânea. Neste sentido, M. A. Mundim Vargas buscou evoluir e transitou de uma cartografia cartesiana para uma cartografia sensível e mesmo emocional.

Para Rekacewicz (2016, s/p), traduzir um sentimento em uma representação cartográfica é, então, reabilitar a emoção cartográfica. O mapa não é jamais a expressão de uma verdade ou de uma realidade indiscutível, mas, talvez, de uma intenção ou de uma construção intelectual cuidadosamente elaborada. Para criar um mapa, parte-se de uma ideia, há uma “intenção” que tentamos formalizar sob a forma de desenho. Por esta razão, o mapa é uma imagem assumida da visão pessoal do seu produtor. Assim, as representações cartográficas de M. A. Mundim Vargas adquirem sua identidade.

Há de se ressaltar a elaboração de “mapas falados”, “mapas mentais” utilizados por M. A. Mundim Vargas em relatórios e artigos mais recentes. Criar tais esboços cartográficos é, também, uma maneira de reinserir as pessoas nos mapas pela via de seu imaginário. Isso permite também a manifestação das pessoas proprietárias de suas próprias visões. Não são somente cartas mentais como instrumento para compreender o espaço, mas trata-se de restituir os sujeitos à propriedade de sua visão e de sua imagem.

Ilustram tal visão duas experiências e produções de M. A. Mundim Vargas. A primeira, “Identidade, cultura e o desenvolvimento dos territórios sergipanos: inventário cultural e elaboração de um atlas da cultura sergipana” foi realizada em atenção à demanda da Secretaria de Estado do Planejamento (VARGAS, 2009). Do Inventário Cultural, absorveu a tipologia criada àquela época, que apreende as expressões culturais como i) tradicionais enraizadas; ii) ressignificadas, contemporâneas, assim como o roteiro de levantamento das expressões culturais, instrumento valioso de pesquisa e levantamentos (VARGAS, 2015; VARGAS, DOURADOS E SANTOS, 2015a).

O segundo, “Grandes projetos: possibilidades e desafios de pequenas comunidades costeiras de Sergipe”, realizado no período de 2012 a março de 2015 (2015a), possibilitou a constatação de que a realização de oficinas pode se constituir em instrumento de valorização e reconhecimento do patrimônio construído pelas práticas cotidianas. As oficinas realizadas com crianças e adultos com os títulos/temas “Minha vida no Povoado” e “Minhas Referências” geraram material para: i) banco de dados e acervo do Grupo de Pesquisa; ii) mapeamento das práticas culturais; iii) indicadores de avaliação da socioeconomia; e iv) elaboração de uma cartilha “Patrimônio e identidade: nossas referências”. (VARGAS, DOURADO, SANTOS, 2015b).

Também foram realizadas oficinas, as quais encadearam-se com os seguintes temas: i) Conhecimento; ii) Reconhecimento; iii) Práticas e Vivências; e iv) Pertencimento. Os exercícios dirigidos foram: i) Pesquisa sobre uma manifestação ou sobre pessoas ou fatos relevantes do lugar; ii) Práticas e vivências pessoal, da família e do povoado; e iii) Matriz das expressões culturais (VARGAS, DOURADOS, SANTOS, 2015c e 2015d). E, finalizou-se com um Seminário Integrador, apresentando a dimensão cultural das atividades desenvolvidas pelos jovens participantes e suas famílias. O importante de se ressaltar é ainda a produção de elementos para a consecução de uma cartografia cultural das práticas e vivências.

A retrospectiva permite apreender esse conjunto de instrumentais, consubstanciado na oficina para o Projeto nomeado, apropriadamente, como “metodologia Vargas”. Esse conjunto de atividades possibilita a interpretação sob diferentes “olhares” e sob diferentes leituras. Contudo, a autora adverte que não se espera a sua apreensão como procedimentos que engessem a pesquisa. “Dito em outras palavras, que sejam tomados como norteadores, inspiradores e mo-

tivadores para a definição das técnicas e dos instrumentais da pesquisa”, é o seu propósito (VARGAS, 2017, p. 29).

É evidente que a autora manifesta o conhecimento da amplitude do procedimento metodológico de mapeamento das expressões culturais presentes nos conteúdos produzidos nas oficinas. De fato, a “metodologia Vargas” se presta para o atendimento das necessidades e interesses específicos de outros estudos.

Assim sendo, para M. A. Mundim Vargas (2015), a cartografia cultural é tida como expressão viva e múltipla, em constante produção e ressignificação. Ela constitui representações da realidade não somente vivenciada no presente por aquelas pessoas entrevistadas, mas, também, retida em suas memórias e na paisagem. Para ela, a relativa rapidez do procedimento e a expressividade de informações geradas por ele habilita essa metodologia como ferramenta em estudos que considerem a dimensão cultural. Também aqueles que levem em conta as dimensões simbólicas, materiais, históricas e políticas da dinâmica social.

4 OS FESTEJOS ENQUANTO GERADORES DE SENTIMENTOS E EMOÇÕES

No quesito festas como geradoras de paisagens simbólicas, territorialidades e sentimentos, M. A. Mundim caminhou elegantemente pela sua identificação e seu cartografar. Para a pesquisadora, a festa é plural, apresentando uma dimensão simbólica e outra física. A primeira, aprendida como um ritual, carregada de sentimentos e significados, identificada por um etnógrafo que, ao realizar a identificação, transforma o acontecimento em relato, antes existindo apenas em seu momento de ocorrência, e, depois de inscrito, revelado e consultado constantemente (GEERTZ, 1989). A segunda, uma manifestação cultural geossimbólica relacionada com a identi-

dade do lugar, formando no seu tempo uma territorialidade. Juntas enquanto dimensão simbólica exalam emoções, pertencimentos e reconhecimento dos sujeitos, além de representarem uma realidade do espaço pesquisado (VARGAS, 2014). O geossímbolo, em si, como discute Bonnemaïson (2002), é composto por esses dois entendimentos, é a aproximação das camadas/dimensões que o torna completo.

De acordo com o autor, um geossímbolo é um lugar, itinerário ou extensão que assume uma dimensão simbólica que fortalece a identidade, seja por razões religiosas, políticas ou culturais. O autor entende que o espaço estudado pelos geógrafos é formado por três camadas¹, sendo a terceira a “camada” cultural, que abriga uma realidade pouco estudada e reveladora visualmente da cultura dos nativos. Essa terceira camada, ou dimensão, é vivida diferentemente nas sociedades, sobretudo no interior delas e transcende o cotidiano, nasce da sensibilidade e floresce na busca de significações. Esse é o espaço geográfico das festas de M. A. Mundim Vargas, um espaço cultural “carregado de afetividade e significações (...) um espaço de comunhão com um conjunto de signos e de valores.” (*idem*, p. 111).

Nesse sentido, para desvelar os sentimentos e emoções das festas, M. A. Mundim Vargas apresenta um balizamento metodológico para seu estudo. Considerando a Geografia Cultural como centro do entendimento, propõe um levantamento etnogeográfico para sua identificação, realizado num primeiro momento, e, num segundo momento, classificação e espacialização das mesmas.

Etnogeografia, como afirma Almeida (2008, p. 332), “busca penetrar na intimidade dos grupos culturais, o vivido pelos homens, concretizado em crenças, valores e visão de mundo.” É a identificação das representações, emoções e significados a partir da

1 Para mais informações consultar: Bonnemaïson, 2002, p. 109-117.

entrevista com os atores sociais que constroem a territorialidade das festas e, também, que a vivem em todo seu ápice. Assim, M. A. Mundim Vargas propõe a realização de entrevistas com produtores de expressões culturais, historiadores e idealizadores para compreender a estrutura e mudanças ocorridas na realização das festas. Para cada local, identificou, de acordo com os entrevistados, as festas características de cada localidade. Com as informações, sugere uma cartografia com o material coletado após uma análise e classificação do mesmo.

Para M. A. Mundim Vargas toda festividade pode ser classificada de acordo com sua origem e foco de realização. E mesmo constatando que, na atualidade, as festas passaram por ressignificações, verifica que independente do momento de ocorrência e significado, todas podem ser classificadas. Num primeiro momento, enraizadas ou ressignificadas (contemporânea); e, num segundo momento, em referência, entorno ou outras festas contemporâneas.

Para Vargas e Neves (2011), as manifestações enraizadas são aquelas herdadas e mantidas tal como no passado; já as ressignificadas/contemporâneas são aquelas que apresentam, no seu realizar, variações na composição e na estrutura, como também o novo, tendo atualmente outro significado. As festas de referências são as festas principais, com grande carga religiosa, ligadas a Igreja Católica e que movem, no momento de sua realização, festividades de entorno. As festas de entorno, como o próprio nome esclarece, acontecem ao lado da festa principal, com menor foco religioso, mas dependendo dessa para acontecer. Em classificação livre seria a festa religiosa e o festejo popular. As “outras festas”, segundo informa, são outras festas - manifestações que ocorrem, sem relacionar-se com os santos ou festas de referência e tampouco com as festas de entorno ou folgedos a eles associados. (VARGAS, 2014).

Essa classificação traduz as dimensões discutidas por M. A. Mundim Vargas e, ao mesmo tempo, revela o estudo do geossímbolo, que evidencia a dimensão cultural, carregada de afetividade e significações, tanto pela identificação da comunidade com a festa como com o território da mesma. Além disso, esse tipo de estudo expõe as possíveis interpretações da identidade de uma dada população, sua cultura, representações e, principalmente, como alerta a autora, o vínculo das práticas culturais com grupos específicos. E, para a compreensão do território simbólico, identitário, é necessário desvelar essas nuances (VARGAS, 2011).

A aplicação dessa classificação e entendimento está presente em dois projetos desenvolvidos pela geógrafa: a pesquisa anteriormente citada, “Identidade, cultura e o desenvolvimento dos territórios sergipanos: inventário cultural e elaboração de um atlas da cultura sergipana”, seu primeiro contato profundo com as festas e a base para a discussão da etnogeografia das festas. Nesse projeto de 2009, realiza uma etnogeografia das festas e manifestações realizadas no Estado de Sergipe.

No projeto desenvolvido, levantou em torno de 3.300 (três mil e trezentas) festas, classificando-as como tradicionais enraizadas ou ressignificadas/contemporâneas (VARGAS, NEVES, 2009). Metodologicamente, considerando a divisão dos territórios de planejamento sergipano, realizado pelo Governo Estadual (2007), foi proposto visitar todas as cidades pertencentes a cada região e nessas, identificar, a partir de três grupos entrevistados (representantes do governo ligados a cultura, historiadores e atores sociais), as festas representativas das cidades, de acordo com a ordem de importância para o grupo. Nesse momento, afirma que a pesquisa realizada evidenciou:

(...) a importância das diversas festas no modo de vida dos sergipanos. Festas de padroeiros com suas manifestações

religiosas e profanas, dos ciclos junino, natalino e do ciclo da quaresma, cavalhadas, cavalgadas, danças de roda, carnavais, micaretas, etc. Não seria exagero dizer-se que Sergipe é uma festa, pois que a vida cultural do estado vive em grande medida em torno das festas, sejam elas tradicionais enraizadas ou ressignificadas/contemporâneas (VARGAS E NEVES, 2011, p. 03).

A partir dessa constatação, M. A. Mundim Vargas entende a diversidade e riqueza quantitativa e qualitativa das festas e elege dois ciclos principais para estudo: Ciclo Junino e Ciclo Natalino, pois

A territorialização das manifestações apreendidas mostrou a diversidade dos fazeres e saberes sergipanos, mas dentre elas, as que se referem ao ciclo junino e ciclo natalino são emblemáticas da diversidade, posto que traduzem uma explosão de festas, ritmos e formas. Estão presentes em todos os municípios e caracterizam por um lado a forte religiosidade católica de seu povo. (VARGAS E NEVES, 2011, p. 3-4).

Ao desenvolver o projeto “A Dimensão territorial das festas populares e do turismo: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe”, em parceria com os pesquisadores Maria Geralda de Almeida (Goiás) e Christian Dennys Monteiro de Oliveira (Ceará), M. A. Mundim Vargas ressalta, juntamente com os pesquisadores supracitados, que a carência de sistematização e o amplo campo vislumbrado pela Geografia corroboraram para o encontro e o esforço das equipes em se debruçarem sobre a dimensão territorial das festas, que seria o desvelar da terceira dimensão discutida por Bonnemaïson (2002) e a evidenciação da baixa utilização da cartografia na Geografia Cultural.

Com a dimensão das festas sergipanas, M. A. Mundim Vargas desenvolve a cartografia cultural, anteriormente discutida, e cons-

tata a importância da mesma para o estudo cultural. No projeto, as classificações de acordo com seu local de ocorrência (festa de referência, de entorno e outras festas), e época (Ciclo Natalino e Ciclo Junino), enfatizando principalmente o festejo de entrono, ou seja, o popular. Segundo Vargas (2014), as festas populares surgiram em decorrência dos festejos religiosos e se expõem como herança, de geração a geração. São essencialmente ritualísticas, mas, ao mesmo tempo, transgressoras de regras e agregadoras de laços sociais. Mesmo assim, apresentam uma nuance religiosa em sua manifestação.

Misturadas, é difícil desassociar ambas as dimensões. Elas se completam, formando uma verdadeira teia de emoções representativas da realidade estudada. Devido a esse “emaranhado”, as festas estão presentes na aplicação da cartografia cultural desenvolvida pela autora e muito discutida em seu grupo de produções.

5 SOCIEDADE & CULTURA: DISCUSSÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE METODOLOGIAS QUALITATIVAS

Mundim Vargas em sua atuação na Universidade Federal de Sergipe aglutina, desde 2004, alunos e pesquisadores no grupo intitulado “Sociedade e Cultura”, grupo de discussão, pesquisa, estudo, local de encontro, de trocas e construção de ideias. Difícil definir precisamente o que é o Sociedade e Cultura sem incorrer em erro. M.A. Mundim Vargas, como citado anteriormente, forma ao seu redor uma gama de seguidores que, nas discussões e andanças com a pesquisadora, absorvem seu conhecimento e sua paixão pela Geografia.

Conforme afirma no livro “Práticas e Vivências com a Geografia Cultural”, o Grupo Sociedade e Cultura, em seu contexto evolutivo, assume os balizamentos de uma Geografia Qualitativa, sem estabelecer uma oposição com a Quantitativa. Apenas assumindo que

ambos se integram, visto que as pesquisas se produzem em ambos os sentidos (VARGAS, 2015b). Nesse sentido, nas discussões estabelecidas entre seus membros e mediadas por Mundim Vargas, o grupo foi evoluindo, ajudando seus integrantes nas iniciações científicas, nas dissertações e teses, todos com centro nos movimentos da Geografia Cultural, perpassada pelas emoções introduzidas por Mundim Vargas. Como informa a geógrafa na descrição do grupo, este e suas linhas de pesquisa privilegiam interfaces entre Cultura, Sociedade, Representações Sociais, Sustentabilidade, Turismo, Patrimônio Material e Imaterial; contribuindo com o desenvolvimento de abordagens teórico-metodológicas sobre Território, Manifestações Culturais, Paisagens, Cotidiano, Representações Sociais, Identidade, Percepção, Cartografia e Indicadores Culturais.

Os conceitos discutidos no grupo são fundamentados em Claval (2002) e sua discussão sobre a “volta do Cultural” ao discutir as novas condições da epistemologia e abordagem cultural, não como uma subdisciplina, mas como necessária para o entendimento do mundo atual. Segundo o autor, o objetivo da abordagem cultural é “entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas” (p. 20). Para isso, o autor propõe a observação das novas relações homens/meio ambiente nos locais, no lugar e território, enfatizando o significado do espaço para os indivíduos de maneira a construir os objetos sociais a partir das experiências locais. É nesse entendimento que M. A. Mundim Vargas constrói suas discussões e investigações na Geografia. Pautada nos sentimentos e usando como palco os territórios sergipanos, a geógrafa e seu grupo têm primado nos estudos culturais “pela pesquisa etnográfica, pela utilização de entrevistas e caderno de campo para registro das observações, sem que sejam relegados os estudos de caso.” (VARGAS, 2015b, p. 21).

Para M. A. Mundim Vargas a pesquisa é um “ir e vir como numa rua de mão dupla, entre a observação empírica e a teoria”, entre discussões e exercícios com inúmeros pesquisadores, planejamentos de pesquisa, discussão de multiprocedimentos e multimetodologias de investigação, como a utilização da observação, diário de campo, pesquisa participativa, pesquisa-ação, pesquisa etnográfica, entrevista, história oral, estudo de caso, análise de conteúdo, análise de discurso, etc. Os encontros, tendo como centro a abordagem qualitativa, com os procedimentos constantemente aferidos para dar confiabilidade à pesquisa, sem desvinculá-la das bases materiais, temporais e espaciais que lhe conferem sustentáculo.

Dessa maneira, M. A. Mundim Vargas, diante do grupo “Sociedade & Cultura” tem se apresentado uma dinâmica formadora e incentivadora de novos pesquisadores, com diversos projetos sendo desenvolvidos em parceria com prefeituras locais ou aprovados por órgãos de pesquisa, desenvolvendo convênio com indústrias e Governo como CENPES/PETROBRAS, Ministério da Cultura, este em parceria com a UFC e UFG, com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão de Sergipe (FAPES), Odebrecht Ambiental, Fundação de Apoio à Pesquisa e a Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC).

As parcerias/convênios são apenas uma das partes do que o grupo representa. Em seu dia a dia, seus membros participam de congressos e eventos científicos, tanto regionais quanto nacionais e internacionais; organizam e realizam os eventos, Ciclo de Palestras e o Seminário Tempos e Espaços da Pesquisa Qualitativa; em parceria o Simpósio do Encontro Cultural de Laranjeiras e a Jornada de Estudos Arthur Bispo do Rosário.

As pesquisas e discussões do grupo geraram e geram monografias de iniciação científica, dissertações, teses, artigos publicados em

diversas revistas e recentemente o livro “Práticas e Vivências com a Geografia Cultural”, idealizado por M. A. Mundim Vargas e organizado em conjunto com seus orientandos e pesquisadores do grupo de pesquisa por ela coordenado.

O livro “Práticas e Vivências com a Geografia Cultural” traduz as atuais discussões e inquietações dos integrantes do grupo Sociedade e Cultura. Este traz discussões sobre os territórios, paisagens, pertencimentos, significados, aspirações e emoções vividas e discutidas pelos pesquisadores à luz da Geografia Cultural. O livro, em sua leitura, traz uma sensibilidade ímpar ao tratar os dados qualitativos, trabalhando com observação, depoimentos e entrevistas de moradores que vivem em territórios que emanam sentimentos e emoções ligadas a religião, ao Rio e a pesca, aos monumentos e ao patrimônio.

Segundo Vargas (2015), a coletânea presente no livro materializa “as práticas e as vivências de um grupo de pesquisadores que, por nascimento ou opção, elegeram o chão de Sergipe como morada e seus territórios como objeto de estudo. (...) As buscas e angústias teóricas e metodológicas são descortinadas nos textos” (VARGAS, 2015b, p. 11). Os textos, como constatado, refletem, com o auxílio de M. A. Mundim Vargas, as inquietações de você observar o tradicional, o singular em meio ao desenvolvimento, crenças e costumes enraizados no comportamento de comunidades invadidas pela modernidade do mundo atual, que sobrevivem ressignificados ou não nas emoções, práticas e vivências das sociedades, observadas pelos pesquisadores do grupo tão bem conduzido por M. A. Mundim Vargas.

6 NÃO CONCLUINDO

Cabe ainda a ressaltar a sua parceria com o Banco local-Banese (Banco do Estado de Sergipe) e o edital ganho da Petrobrás, que lhe

permitiu o apoio para colocar a questão cultural em destaque para o planejamento de desenvolvimento do estado de Sergipe. Pela primeira vez houve por parte dos órgãos estaduais o interesse em considerar a cultura. E, pelo diagnóstico e resultados evidenciados por esta pesquisadora, doravante a cultura terá outra dimensão nos estudos e propostas desenvolvimentistas por estes órgãos.

Nossas últimas palavras são para assumir que este texto foi pouco e mesmo inadequado para desvelar a grandeza do fazer geográfico de Maria Augusta Mundim Vargas. O escrito não expressa as qualidades que marcam seus textos e sua inteligência da cultura na leitura espacial. Mas, esperamos ter evidenciado que pela sua identidade marca a Geografia produzida em Sergipe pela valorização dada à abordagem humanista e cultural.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Geralda de. Uma leitura etnogeográfica do Brasil sertanejo. In: SERPA, Ângelo. (Org.) **Espaços culturais – vivências, imaginações e representações**. Salvador: Edufba, 2008. p. 313- 336.
- BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território In: ROSENDAHL, Z.; CORREA, R. L. (Orgs.). **Geografia Cultural: um século** (3). Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p. 83-131.
- COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 96-97.
- CLAVAL, Paul. **A Nova Geografia**. Coimbra, Almedina, 1982.
- CLAVAL, P. “A volta do cultural” na geografia. **Mercator – Revista de Geografia da UFC**, ano 01, n.01, p. 19-28, 2002.
- DAMASIO, António. **O Sentimento de si. Corpo, emoção e consciência**. Lisboa, Círculo de Leitores, 2013.
- DAMÁSIO, António R. **E o cérebro criou o homem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FILIZOLA, Roberto. **Duelo na fronteira**: entre a redimensão de uma nova espacialidade e a construção de uma identidade de resistência. Tese (Doutorado em Geografia). Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOVERNO DE SERGIPE. **Decreto 24.338, de 20 de abril de 2007**. Cria os Territórios de Planejamento.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

PARR, Hester. Emotions, geography and. In: WARF, Barney (Edit.). **Encyclopedia of Human Geography**. Thousand Oaks (Califórnia): SAGE Publications, 2006. p. 128-129.

PERSI, Perés. Geografia edemozioni. Genti e Ivaghitrasensi, sentimentie demozioni. In: PERSI, Peris (Org.). Territoriemotivi. Geografi e Emozionale. **V Convegno Internazionale sui Beni Culturali Territoriali**. Fano (Itália), 2010. p. 5-6.

REKACEWICZ, Philippe et TRATNJEK, Bénédicte. «Cartographier les émotions» **Carnets de géographes** [Enligne], 9. 2016, mis em lignel e 20 décembre 2016, consulte le 24 décembre 2017. URL: <http://journals.openedition.org/cdg/687>

SANGUIN, Andre-Louis. La géographie humaniste ou l'approche phénoménologique des lieux, des paysages et des espaces. **Annales de Géographie**, t. 90, n. 501, 1981. pp. 560-587.

VARGAS, Maria Augusta M. Desvelando Heranças, Tradições e Práticas de Jovens de Japarutuba/SE-Brasil. **Revista Cerrados**. Montes Claros, v. 15, n. 1, p. 03-29, jan/jun-2017.

VARGAS, Maria Augusta M. (Coord.). **Grandes projetos e identidades locais**: possibilidades e desafios das pequenas comunidades costeiras. Relatório final. Convênio: CNO/FAPESE/GRUPO DE PESQUISA SOCIEDADE E CULTURA/UFS. Aracaju: UFS, 2015a, 59 p.

VARGAS, Maria Augusta M.. Introdução: Práticas e Vivências com a Geografia Cultural. In: VARGAS, Maria Augusta M.; DOURADO, Auceia M.; SANTOS, Rodrigo Herles dos. (Orgs.). **Práticas e vivências com a Geografia cultural**. Aracaju: EDISE, 2015b. p. 11-22.

VARGAS, Maria Augusta M.; DOURADO, Auceia M.; SANTOS, Rodrigo Herles dos. (Orgs.) **Patrimônio e Identidade**: nossas referências. Aracaju: EDISE, 2015b.

VARGAS, Maria Augusta M; DOURADO, Auceia M.; SANTOS, Rodrigo Herles dos. (Orgs.). **Práticas e vivências com a Geografia cultural**. Aracaju: EDI-SE, 2015c.

VARGAS, Maria Augusta M. **Cartografia cultural**: patrimônio cultural e identidade dos jovens do município de Japaratuba/SE. Aracaju: Instituto Banese. 2015d.

VARGAS, Maria Augusta M. **Mapeamento das identidades culturais e diagnóstico participativo**. Relatório. Projeto Japaratuba em rede: juventude cultura e cadeias produtivas. Aracaju: UFS, abril 2015, 98 p.

VARGAS, Maria Augusta M. Festas patrimônio: os ciclos junino e natalino de Sergipe. In: **Revista Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 8, n. 2, 2014, p. 252-273.

VARGAS, Maria Augusta M. Território de identidade nos territórios de planejamento: heranças e construções em Sergipe. In: **Revista ANPEGE**, v. 7, n. 1, 2011, p. 99-109.

VARGAS, Maria Augusta M.; NEVES, Paulo S. da Costa. Olhares Sobre Identidade e Festas em Sergipe. **Revista Geográfica de América Central**. Heredia, Costa Rica: Universidad Nacional, vol. 2, pp. 1-15, julio-diciembre, 2011.

VARGAS, Maria Augusta M.; NEVES, Paulo S. C. **Inventário Cultural dos territórios sergipanos**. Relatório. Aracaju: Seplan, 2009, 171p.

SER MÓVEL-SER FIXO-SER MÓVEL - UMA QUASE CANÇÃO EM SURDINA: PROF. HEINZ DIETER HEIDEMANN*



Alexandrina Luz Conceição

Professora Emérita da Universidade Federal de Sergipe. Possui Graduação e Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe e Doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). É professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Coordenadora do Laboratório de Agrária/LEA/NPGEU/UFS. Consultora da Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe.
E-mail: alexandrina.luzconceicao@gmail.com

* Texto publicado originalmente na Revista GeoNordeste, São Cristóvão, Ano XXIX, n. 1, p. 175-188, Jan./Jun. 2018. ISSN: 2318-2695. Agradecemos ao Conselho Editorial da revista pela autorização para republicação no presente livro.

Ao tomar posse, no dia 20 de dezembro de 1945, no cargo de sócio titular da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, em seu pronunciamento, Guimarães Rosa afirma:

Devo explicar-me. De início, o amor da Geografia me veio pelos caminhos da poesia – da imensa emoção poética que sobe da nossa terra e das suas belezas: dos campos, das matas, dos rios, das montanhas; capões e chapadões, alturas e planuras, ipuêiras e capoeiras, caatingas e restingas, montes e horizontes; do grande corpo, eterno, do Brasil. Tinha que procurar a Geografia, pois. Porque, «para mais amar e servir o Brasil, mistér se faz melhor conhecê-lo»; já que, mesmo para o embevecimento do puro contemplativo, pouco a pouco se impõe a necessidade de uma disciplina científica.¹

Estas palavras expressas por Guimarães Rosa dão a medida exata para que se possa falar do Prof. Dr. Heinz Dieter Heidemann. Talvez possa ajudar a entender o porquê, ao se aposentar da Universidade de São Paulo/USP, ele decide residir definitivamente no Morro da Garça, atendendo ao “Recado do Morro”². Sinal de proximidade e carinho que permite ser conhecido por Nhô Dito pela comunidade local.

O Povoado Morro é também conhecido como o Morrão, denominação dada pelos moradores da localidade por ser a maior elevação

¹ http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000300002 Guimarães Rosa toma posse, no dia 20 de dezembro de 1945, no cargo de sócio titular da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Em seu pronunciamento, publicado originalmente na **Revista da Sociedade Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro (Tomo LIII, 1946, p. 96-7).

² **O Recado do Morro** é um dos contos que compõe o segundo livro *Corpo de Baile*, de Guimarães Rosa. Narrativa que descreve uma viagem de ida e volta pelo sertão, partindo de uma região central de Minas em direção ao norte até o Rio São Francisco. “A história ilustra o mundo sem lei. No sertão, vigora a regra, e não a lei - a regra da aliança e da vingança. Para o autor, estão em jogo ali novamente os destinos da civilização e da cidadania brasileira”. http://www.passeiweb.com/estudos/livros/o_recado_do_morro_conto

rochosa da região. “[...] serviu ao longo dos últimos três séculos como um guia para os viajantes, tropeiros e comitivas de gado. A fazenda da Garça servia de local de descanso aos viajantes, e era último reduto de repouso no caminho entre Bahia e as minas de ouro de Sabará.”³

Sua Paixão pelo Morro da Garça é traduzida em palavras poéticas: “Chegar por meio da literatura, buscando um morro que é personagem de um conto, de uma estória inventada, ou nascer ali: visões diferentes, fortes, emocionantes, que geram amizades, projetos e brincadeiras”.⁴

Nhô Dito deixa a cidade de São Paulo para fugir do capitalismo de consumo, da paisagem do espetáculo, com seus cafés, restaurantes, gás neon, teatro e purpurina, onde a festa diária esconde a miséria cada vez mais transparente.

Como um autêntico roseano, sua Paixão foi se tornando intensa ao participar ativamente do Grupo de Estudos sobre Guimarães Rosa, e no convívio com a Companheira Marily da Cunha Bezerra, que possibilitou uma maior afinidade afetiva e eletiva de encantamento de vida e da obra de Guimarães Rosa.

É encantado como Marily, que juntos afirmam: “Aquele lugar nos esperava? ... Lá estava o Morro da Garça, solitário, sob o olhar de uma população de três mil pessoas que nunca tinham lido Guimarães Rosa e nem sabiam que seu morrão era famoso. Mas o morrão é deles, os viu nascer e acompanha a vida daquele lugar desde sempre”.⁵

³ História do Morro da Garça. - <http://www.circuitoguimaraesrosa.com.br/novo/historico-de-morro-da-garca/>

⁴ http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000300002

⁵ http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000300002. Viajar pelo sertão roseano é antes de tudo uma descoberta: Estudos Avançados, vol. 20. n.º 58. São Paulo, Sept./Dec. 2006.

Mas ele questiona a condição do seu morar: “E o morro que nos encanta, que vemos da janela da nossa casa sertaneja é o mesmo que vêem os vizinhos morrogarcenses?”⁶

Como um andarilho, tem a consciência de ser migrante e tem a resposta do seu questionamento: “Sabemos que não, que a paisagem é dentro de nós, enquadrada por nosso olhar particular, por nossa memória individual, por mais coletiva que possa ser”.⁷

O antigo migrante nascido no dia 19/04/1946, em Mülheim-Ruhr, no grande centro industrial do “Vale de Ruhr”, onde se situam as minas de carvão, e a presença das grandes Siderúrgicas (Krupp, Thyssen, Stinnes) atende ao Recado do Morro por duas dimensões: sua condição intrínseca de imigrante e a paixão por Guimarães Rosa.

Vivendo desde pequeno no Vale do Ruhr, Heinz Dieter Heide-
mann conviveu com vários imigrantes, principalmente Poloneses, em um período marcado pela reconstrução do pós-guerra até o “milagre econômico”. Após a Segunda Guerra, o Vale ficou sob o controle dos americanos, britânicos e franceses, que impõem uma política de restrições da produção e controle de preços. Os mineradores viviam em situação de moradia e alimentação de péssimas condições. O objetivo era o de eliminar as indústrias bélicas do Vale com o objetivo de transformar a Alemanha em um país agrícola (Plano Morgenthau), colocando a reconstrução da Alemanha a passos muito lentos. Devido às perdas sofridas com a Segunda Guerra, sobretudo no sistema de transporte, foi necessário repor a produção de carvão, aço e ferro. Só a partir do ano de 1848 é que inicia o processo de recuperação através das reformas, monetária e de liberação dos preços

⁶ Ibid.

⁷ Ibid.

e salários⁸, intensificando a migração para o Ruhr, com a vinda de Poloneses, Italianos, Turcos, Espanhóis e Portugueses. Este convívio marcará sua vida na luta pelo imigrante, situação de exploração da sua força de trabalho.

Entre 1952 e 1966 frequentou a Escola Fundamental e o Colégio Humanística, no Vale do Ruhr. Depois de cumprir o serviço militar e trabalhar na Marinha Mercante, em 1969, entra na Universidade de Marburg, nos cursos de Geografia e Letras (Germanística).

As Minas Gerais, nas suas veredas, realizou o prazer do amante estudioso da Paisagem, aproximando-se e enraizando-se na Comunidade do Morro. Nhô Dito⁹ é talvez a melhor forma pela qual os moradores locais conseguem demonstrar seus afetos e pronunciar o seu nome. Fato que ficou claro quando o vi pela primeira vez no I Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, realizado em Aracaju-Sergipe, no qual aquele Professor Alemão que eu não conseguia pronunciar o nome corretamente trazia para mim o diferencial que, em uma década e meia, desde a minha entrada no curso de geografia, eu esperava encontrar, desde os tempos da “dor” de um corte estabelecido nos tempos sombrios que frequentei a Faculdade de Ciências Humanas no Curso de Geografia/SE, no período da ditadura militar, nos anos de 1970.

Ao vê-lo, em 1985, no Encontro Nacional de Prática de Ensino/UFS, contrapondo-se à leitura neopositivista da geografia, com seu jeito aparentemente simples, mas por convicções da crítica, ele representou a primeira chamada da possibilidade de meu possível retorno à Academia. Ao final do evento, tivemos um encontro muito

⁸ <https://mises.jusbrasil.com.br/noticias/126537213/como-se-deu-o-milagre-economico-alemao-do-pos-guerra>

⁹ *Nhô*: Forma reduzida de sinhô; ioiô, senhor.

rápido no qual ele convidou-me para conversar. Nessa direção, o resultado foi, embora lento, a busca da certeza e a concretização de meu retorno à Academia.

Entre o conhecer e o reconhecer, fomos aos poucos encontrando identidades que fortaleceram nossa amizade eletiva e afetiva. Através do seu olhar, fui aos poucos apresentada a uma nova dimensão do pensar a geografia, com o mix dos ingredientes dos condimentos do prazer que me passou, o de ter de cozinhar, que eu me opunha. Deiter Heidemann ensinou-me a dar um outro significado aos temperos e condimentos através da narrativa do amor à cozinha das lembranças do seu Avô (sua grande Paixão). Desses bons papos descontraídos, resultou o meu primeiro e único Caderno de Receitas, ilustrado com frases de Marx. Da(s) Afinidade(s) Eletiva(s), foi-se consolidando uma relação de afeto como Amigo, Professor, Orientador no Mestrado e Doutorado.

Fez sua graduação em Geographie, Germanistik - Philipps-Universität, Marburg (1975). Em 1971, estudante de graduação, foi bolsista um ano na América Latina, particularmente no Brasil, em São Paulo, na USP. Realizou, em 1977, viagens e participou de Congressos em Cuba e México. Além disso, realizou seu Doutorado na Philipps-Universität, Marburg, em Geografia (tendo a Sociologia e Romanística como áreas complementares), concluindo em 1980. Durante seu Doutorado, passou um ano (1976) como bolsista no Departamento de Economia do “Instituto Joaquim Nabuco”, preparando a pesquisa de campo da sua Tese, onde terminou seus estudos com a Monografia sobre Migrações Portuguesas para Alemanha.

Depois da conclusão do Doutorado, aceitou, em 1981, o Convite do Prof. Manuel Correia de Andrade para atuar como professor visitante na Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, nos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia, lecionando as disciplinas

História do Pensamento Geográfica, Migrações e Relação Campo-Cidade. Orientou quatro Dissertações de Mestrado, sendo três em Geografia e uma na Sociologia.

Durante o período que viveu em Pernambuco, é marcante o seu diferencial ao escolher residir em Olinda, e não Recife. Pequenas e grandes marcas me deram a certeza dessa sua singularidade.

Nascido, como sempre dizia, sob o signo da Paixão, Dieter Heidemann contrapõe-se à visão da normalidade do cotidiano nordestino, rompendo, sem apresentar sectarismos, em seus passos lentos de grande observador, na cadência do seu cachimbo, a marca indelével do migrante.

Paixão. [...] não apenas como um acontecimento – simples complemento do mundo - ou fonte de prazer e angústia, alegria e tristeza [...], mas como ‘também afirmação de liberdade’. [...] com a paixão, pode-se realizar uma reflexão por inteiro, uma vez que ‘espírito e corpo são uma só e mesma coisa’ (NOVAES, 2006, p. 12).

Quantos te entenderam? Quantos compreenderam a identidade dos seus afetos e das suas ideias? De certa forma, essa responsabilidade não é apenas do Outro, mas também do próprio Professor Dieter, que tinha como preferência conhecer pelo Olhar. “Olho poderoso”. Olhar que “expõe no e ao visível nosso íntimo e o de outrem”. [...] “Porque cremos que a visão se faz em nós pelo fora e, simultaneamente, se faz de nós para fora” (CHAUÍ, 2003, p. 33).

Olhava mais do que falava. Perscrutava com o sentimento do querer dar ao Outro a certeza de que esse era capaz. Ou por omissão, talvez por preferir secar as palavras das tempestades da indiscrição. Olhar que observa, que “[...] recebe passivamente, com prazer ou desprazer, contanto que estejam abertos” (BOSI, 2003, p. 67).

Entre 1970 a 1980, ministrou aulas na Universidade Popular na área de “Alemão para Estrangeiros”, para alunos trabalhadores de Portugal, Turquia e Itália. Paralelamente, coordenou o “Centro Cultural Português” na vizinha Stadt Allendorf, organizando seminários, excursões e diversas atividades culturais, teatrais e cinematográficas.

Fez concurso na Universidade Federal de Sergipe/UFS, em 1983, onde permaneceu até 1989. Assumiu a direção da Revista GeoNordeste, de 1984 a 1985. Foi professor na Graduação, marcando o debate da crítica marxista, o que possibilitou o surgimento de contraposições ao fechamento acadêmico enquadrado naquele contexto pela forte influência da militarização que as Universidades viviam face às fortes determinações impostas pela Ditadura Militar. No Núcleo de Pós-Graduação de Geografia da UFS orientou quatro Dissertações de Mestrado, entre as quais fui uma privilegiada.

Em 08 de novembro de 1985, foi designado diretor do Centro de Atividades de Extensão (CECAC) da Pró-reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade Federal de Sergipe (UFS), através da portaria de nº 431, de 08/11/1985, até 24 de novembro de 1988. No período em que foi diretor do CECAC, substituiu o Pró-Reitor de Extensão em algumas ocasiões. As substituições ocorreram entre janeiro de 1986 e agosto de 1988.

Entre 22/08/1986 e 12/09/1986 esteve afastado das atividades da Universidade Federal de Sergipe, devido à viagem para conferência Regional dos Países Mediterrâneos em Barcelona – Espanha com ônus do CNPQ.

Ainda enquanto foi professor na UFS, ministrou o curso em História do Pensamento Geográfico na Alemanha, por duas vezes, na Pós-Graduação de Geografia da USP, no período de outubro, novembro e dezembro de 1988 e entre 16 de dezembro de 1988 a 15 de janeiro de 1989.

Durante o período que foi docente na UFS, esteve à frente do Núcleo de Cultura Alemã (NUCA), oferecendo cursos de língua alemã e multidisciplinares em Cursos de Férias para Estrangeiros. Após concurso na USP, parte para São Paulo, em 1989, para assumir outros ares, deixando o lado nordestino alemão e uma grande ausência do debate marxista.

De 1989 a 2016, foi professor até sua aposentadoria, no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo/USP. Tendo sido Professor de várias disciplinas. Das quais, na Pós-Graduação: História do Pensamento Geográfico; Migração e Mobilidade do Trabalho; Geografia e Literatura; e Paisagem. Na Graduação: Fundamentos Econômicos, Sociais e Políticos da Geografia; Geografia da População; Geografia Humana e Econômica; Geografia Humana, Geral e do Brasil; Geografia Regional do Brasil; Geografia Social; Geografia Social e Política; História do Pensamento Geográfico; Iniciação à Pesquisa em Geografia; Técnicas de Campo e de Laboratório em Geografia; Teoria e Método em Geografia I e II; Trabalho de Campo I e II; Migrações e Trabalho.

Embora abraçasse essa diversidade de disciplinas, o seu forte, o seu objeto de paixão da teoria e pesquisa de campo sempre foi o tema Migração. Migrante fixo, mas sempre móvel, desde criança sente a dor dos que foram movidos pela avidez do capital. Como intelectual, sente a obrigação de colocar no papel a dor da humilhação, da luta dos deserdados.

Um dos textos que tenho forte lembrança no mestrado e que foi marcante para minha aproximação aos estudos de Migração foi escrito em 1984, na visão crítica e na reflexão do fato, a partir da totalidade das relações capitalistas de produção, afastando-se do estudo de caso e compreendendo a situação da força de trabalho no campo nas diferentes escalas geográficas. “A volta do Pau-de-Arara

como veículo de homogeneização do mercado mundial. A Contribuição da Migração de Retorno para o Desenvolvimento Regional do Sertão Nordestino”. Em um contexto em que falar sobre a crítica do valor era exceção, a sua análise dialética indicava a leitura das contradições. Como ele afirma (1984, p. 47): “Mas o Sertão nordestino, ‘campo de concentração’ da propriedade da terra, de posse d’água e de renda, é também uma área de migração de retorno”. Motivos como analisava “induzidos pelo fetiche da mercadoria podem esclarecer questões da ‘ideologia’ da volta e da ‘seletividade’ da migração de retorno”. (ibid, p. 49).

A clareza da sua análise no entendimento da totalidade foge do senso comum analítico da migração como consequência da seca no sertão, e afirma: o migrante de retorno “desenvolve as suas ambições cada vez mais em torno de dinheiro, afastando-se desta maneira dos valores de uso e orientando-se pelo valor de troca” (ibid).

O DIFERENTE

Sempre estive à frente de uma Guerrilha silenciosa da desobediência, favorecida talvez pelo direito à diferença da sua condição de migrante. Está no entendimento do Professor Dieter que “o caráter destrutivo não está nem um pouco interessado em ser compreendido. Considera esforços, nesse sentido, superficiais. Ser mal compreendido não o afeta” (BENJAMIM, 1995, p. 236).

É nas passagens benjaminianas que encontra eco a sua aproximação na crítica radical por ter clareza que o caráter destrutivo é “[...] a necessidade de que o ar fresco e espaço livre é mais forte que todo ódio.” (BENJAMIM, 1995, p. 236).

Mas o ponto de encontro do seu pensar tem eco nos escritos analíticos em Robert Kurz:

A crítica não pode, porém, deixar-se levar apenas pelo ‘ódio visceral’; deve legitimar-se novamente em seus fundamentos e do ponto de vista intelectual. Mesmo quando se serve do conceito teórico, isso não significa nenhum vínculo retrogressivo com os padrões do próprio esclarecimento, senão que, inversamente atende apenas à necessidade de destruir sua autolegitimação intelectual. Não se trata de dar, à maneira esclarecida e em nome de uma abstrata razão repressiva (ou seja, em oposição ao bem estar do indivíduo) rédeas curtas aos afetos, mas ao contrário, de rebentar a legitimação intelectual dessa moderna autodomesticação do ser humano.” (KURZ, 2010, p. 39).

Nessa perspectiva, Dieter vai escavando o diferente. “O caráter destrutivo deixa que o interpretem mal. Ele não fomenta o mexerico. **O caráter destrutivo tem a consciência do homem histórico**¹⁰. “Esta “certeza” o faz aproximar-se com fraternidade do Robert Kurz e do Grupo Krisis. Assim é que nos anos de 1990 dá início sua participação ativa no “Grupo de Estudos Permanente” sobre a obra de Robert Kurz do qual resultaram orientações de várias dissertações e teses¹¹. Dessa longa caminhada, reproduzo em síntese a sua fala¹²:

Somos um grupo de estudos dedicado à obra do autor ao longo dos últimos dezenove anos, desde 1993, não podemos deixar de lado uma sensibilidade e empatia pessoal. Tivemos

¹⁰ Destaque nosso.

¹¹ Em abril de 2004, o grupo Krisis sofre uma cisão, e Robert Kurz, Roswitha Scholz e Claus Peter Ortlieb criam um novo grupo, em torno da revista EXIT! – Kritik und Krise der Warengesellschaft.

¹² Entrevista com Ricardo Antunes, da Unicamp, e Dieter Heidemann, junto com membros do Grupo de Estudos de Crítica ao Valor-Cisão, da USP, sobre o legado da obra e do pensamento de Robert Kurz. http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4598&secao=400

diversas oportunidades de partilhar com Robert Kurz, no Brasil e na Alemanha, a experiência do debate vivo e isso agora não pode mais ser feito. Os seus textos ainda podem ser lidos e podem nos trazer muitas questões conforme discutiremos abaixo, mas fica a sensação de grande vazio para quem pôde experimentar a vivacidade com que Kurz respondia à realidade em nossos diálogos. Com Kurz estivemos em alguns seminários dos grupos Krisis e Exit!, fizemos trabalhos de campo pela Alemanha e pelo Brasil.

Experiência que foi e continua possibilitando um pensar diferenciado presente pela crítica radical, rompendo com esquemas fechados de leituras, tendo como fundamento os escritos de Roberto Kurz, subsumidos nos fundamentos da negação de qualquer perspectiva emancipatória iluminista da modernidade.

Ao chegar para cursar meu Doutorado na USP, em 1996, minha frequência no Laboratório de Urbana (LABUR) torna-se obrigatória, com o brilho da possibilidade do aprofundamento teórico, e neste, à tarde, principalmente da quarta feira, era reservada à leitura em grupo do livro *O Colapso da Modernização* de Robert Kurz. Acompanhei a leitura deste livro com a certeza da necessidade premente da crítica radical da evolução do sistema capitalista, do limite do capital face ao novo padrão de produção. Estava óbvio o entendimento de que: “Na economia de mercadorias capitalista, em que a força de trabalho é uma mercadoria entre muitas, a anarquia da vida econômica conduz a situação de que a força de trabalho fica paralisada com seus proprietários primitivos, os trabalhadores: acontece um aumento do desemprego”. (KURZ, 1993, p. 121).

A crítica radical trouxe o debate da crise do socialismo da União Soviética e dos países do leste Europeu, desfetichizando a ideia da libertação da ilusão da sociedade de trabalho, como definição positi-

va, do colapso dos mercados planejados. Para o referenciado autor: “socialismo real tinha que fracassar em sua própria irracionalidade interna, na forma-mercadoria levada ao extremo do absurdo e na relação insustentável com o exterior, na qual esta se realizava de forma negativa” (ibid, p. 152).

Por duas gestões, foi Coordenador do Laboratório de Geografia Urbana/LABUR/FFLCH/USP/DG, 1/1991 - 1/1992; 2/1998 - 2/2000, e de 1/1996 - 1/1998 foi Vice-Coordenador do LABUR.

O “Bola na Sexta”, durante o período que esteve na frente do LABUR, foi intensamente vivido com a mistura do entendimento de que, como afirmou Guimarães Rosa, dava-se pelos caminhos da poesia, da emoção poética¹³. Assim é que nos deleitávamos lendo em alta voz, no grupo, o livro “Afinidades Eletivas”, de J. W. Goethe.

É no LABUR que seus participantes, sob a coordenação de Dieter Heidemann, fizeram a tradução e publicação do livro: “O Manifesto Contra o Trabalho” (1999). Ali, pautam reflexões sobre a crítica do valor e discussões teóricas da produção fetichizada do espaço, a partir das análises do Grupo Krisis, no debate da superação do fetichismo trabalho.

Robert Kurz esteve presente em várias ocasiões na USP e no LABUR. É no LABUR que foram desenvolvidos diversos debates da crítica do trabalho, do poder totalitário na sociedade moderna em crise. A crítica radical ao Estado e ao mercado está presente em todos os escritos das publicações do Grupo Krisis.

Dieter Heidemann, em todas suas publicações, expõe à crítica a visão utópica iluminista do caráter emancipatório do Estado. Debate que ele irá trazer pela primeira vez para dentro da geografia no Encontro Nacional dos Geógrafos/ENG/1996, em Recife. Estado e Mercado são postos como um sistema híbrido, no qual “o mercado

¹³ Referencio as palavras de Guimarães Rosa citadas na Introdução do texto.

é o responsável pela sujeição dos homens “a ‘ditadura muda’, do dinheiro e da rentabilidade econômica”. (KURZ, 1997).”

Foi também nos anos de 1990, Diretor da Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB seção São Paulo, assumindo como editor de 1994 a 1996, o Boletim Paulista de Geografia.

Na frente do Departamento de Geografia da USP, foi Membro do Conselho e Vice-chefe do DG, esteve à frente na Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas (FFLCH) e Presidente da Comissão de Cultura e Extensão da FFLCH.

Teve ativa integração no Serviço Pastoral de Migrantes (SPM/CNBB), participando como membro do Conselho Editorial da Revista “TRAVESSIA”. E em 1999, organizou o Congresso “Mobilidade, Migrações” com a União Geográfica Internacional (UGI), no FFCLH/USP.

Destaco a sua atuação como Vice-Diretor do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP) entre 2002 e 2006, principalmente pela investigação e organização do “Dossiê AGB” do acervo de Caio Prado Jr., constituído por trezentos documentos relativos ao período de 1934 a 1935. “Além do livro de Atas consiste de correspondências, originais dos primeiros quatro números da Revista Geografia.” (INUMATTI; SEABRA; HEIDEMANN, 2008). O Dossiê foi complementado pela reprodução integral dos Documentos em CD, conjunto documental organizado, descrito e comentado para pesquisas, reflexões críticas da produção do conhecimento¹⁴. Resultou também na publicação do livro: Caio Prado Jr. e a Associação dos Geógrafos Brasileiros (2008).

Com Marily da Cunha Bezerra, sua companheira e estudiosa, apaixonada por Guimarães Rosa, Dieter Heidemann publica o Ensaio: “Viajar pelo sertão roseano é antes de tudo uma descoberta!”¹⁵

¹⁴ *Ibid*, p. 11.

¹⁵ http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000300002.

(BEZERRA, HEIDEMANN, 2006), coordenando a “Oficina Guimarães Rosa” e o Seminário Internacional “50 anos Grande Sertão: Veredas”.

Além dos trabalhos registrados neste referente texto, vários outros podem ser identificados no seu currículo lattes: Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5563544748991538>.

Destaco as publicações: “Os Migrantes e a Crise da Sociedade do Trabalho. Humilhação secundária resistência e emancipação” (HEIDEMANN, 2004). Texto apresentado no III Fórum Social Mundial/2003. Fica explícita a intensa preocupação com o crescimento das migrações no Brasil e no mundo, “[...] Estamos vivendo em um mundo repleto de migrantes e refugiados, numa atmosfera de precariedade e cinismo, oportunismo e medo.” (ibid, p. 25).

Afirma o autor:

Paradoxalmente, essa parcela crescente da humanidade nem pode imaginar uma outra forma de existência. No atual estado das relações globais, a maior parte do mundo torna-se supérflua. Em várias das antigas economias nacionais, as populações ganham **status**¹⁶ de mendigos e vagabundos, que nem vivem nem morrem. Mas apesar disso, essas populações, mobilizadas e flexibilizadas na famigerada globalização, permanecem presas à forma moderna do sistema produtor de mercadorias e à sua própria forma de sujeito sujeitoado” (ibid, p. 27).

Sustentado no debate teórico da crise e crítica da sociedade do trabalho, do colapso da modernização, afirma:

[...] o ímpeto do capital de valorizar toda a força de trabalho não-rentável se cansou; de outro, milhões e milhões de ‘supér-

¹⁶ Destaque do autor.

fluos' desenvolvem seu ímpeto de migrar para os centros que provocaram sua miséria. [...] Os migrantes não constituem mais um 'exército industrial de reserva', mas sim, integram um 'lixo social de difícil reciclagem humanística (ibid, p. 28).

Dieter Heidemann tem a clareza de que modernizar é mobilizar. A mobilização forçada é resultado da modernização: “[...] Qualquer tentativa de modernizar tardiamente traz consigo mais processos de mobilização forçada” (ibid, p. 36).

Dos textos publicados, considero a expressão de sua história *Eppur-si-muove* (HEIDEMANN, 2015). No seu artigo *EPPUR SI MUOVE*, Heidemann afirma:

Apesar de tudo isso: a terra está em constante movimento, “*eppur se muove*”. Os migrantes têm informações sobre todos os horrores e ódios, mas a avalanche de migrantes desesperados (mas com esperança) não cessa. Contam com sorte individual e subjetiva. São negativamente livres dentro de um invólucro destrutivo de um sistema social.

Por que tudo isso? Será que basta dizer que o ser humano é inquieto por natureza? Podemos falar de uma mobilidade humana (para diferenciar as migrações do voo das andorinhas? Ou para dizer que migrantes também são seres humanos? É para lembrar uma condição humana trans-histórica ou para rever os conceitos do humanismo renascentista?) ou trata-se de mobilizados por uma “mão invisível” das regras do mercado e da concorrência? Humano ou social, universal e global? Nem as ondas de movimentos migratórios, nem as guerras geopolíticas contemporâneas de controle sobre o mundo podem ser explicadas a partir de princípios de uma “essência humana”, mas apenas a partir de uma análise concreta do desenvolvimento global social que produziu essas calamidades.

Como já foi afirmado, para Dieter Heideman, o fundamento da sociedade moderna está implícito na relação: modernizar é mobilizar, em que cada indivíduo sujeitado às regras da economia de mercado se torna cada vez mais flexível. “Em tempos de colapso, esta situação mostra a sua cara mais cruel. [...] Todas as destruições e toda a barbárie são produtos ‘apenas’ colaterais da busca cega por valorização do capital, núcleo duro da modernização.”¹⁷

Mas o que mais apaixona da/e na sua capacidade de Ser e Pensar é, como afirmei anteriormente, a sua condição do diferente. Na sua singularidade, podemos encontrar a sua relação com a literatura infantil. Dieter Heidemann nos dá uma nova faceta como tradutor dos livros infantis:

1. O Beijo (Valérie d’Heur) - Tradução em parceria com Heloísa Jahn;
2. O urso que queria ser pai (Wolf Erlbruch);
3. Da pequena toupeira que queria saber quem tinha feito cocô na cabeça dela. (Wolf Erlbruch);
4. Quando as Cores Foram Proibidas (Monica Feth);
5. Vô, Eu sei Domar Abelhas (Monika Feth);
6. O Ovo que veio do Céu (Angelika Glitzy);
7. HEIDEMANN, Dieter; BORATYNSKI, A, F. M. /. O pintor, a cidade e o mar. 1997 (Tradução);
8. HEIDEMANN, Dieter; BORATYNSKI, A, F. M. /. O limpador de placas. 1997 (Tradução);
9. HEIDEMANN, Dieter; ROEHL, R. K. /. Nas nuvens. 1999 (Tradução);

¹⁷ Ibid.

10. HEIDEMANN, Dieter; ROEHL, R. K. /. Orelha de limão. 1999 (Tradução);
11. HEIDEMANN, Dieter; SWOBODA, A, G. A. /. O monstruoso segredo de Lili. 1998 (Tradução).

Na USP, Dieter Heideman dirigiu 23 orientações de Mestrado e 24 orientações de Doutorado, tendo como foco central suas linhas de Pesquisa em: História de Pensamento Geográfico; Mobilidade do Trabalho; Geografia e Literatura e Paisagem. Ver Link: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000300002.

Quisera ter aproveitado um pouco mais desse diferencial, como ele afirma em uma dedicatória que escreveu para mim em 1988, “DE IGUAL PARA IGUAL, DESARMADO”, penso que poderemos desfrutar dessa caminhada no chão do Morro da Garça. Em um bom *conversé*, apreciando a paisagem no Morrão.

Digo: “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”.¹⁸

Inté mais ver no Morro da Garça, Nhô Dito.



Morro da Garça.

¹⁸ FC II p. 46. Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **O Caráter Destrutivo**. In: Rua de Mão Única, Obras Escolhidas II, 5ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1995, pp. 236 e 237.

BEZERRA, Marily da Cunha; HEIDEMANN, Heinz Dieter. Viajar pelo sertão roseano é antes de tudo uma descoberta. In: **Estudos Avançados**, vol. 20, nº 58. São Paulo, Sept./Dec. 2006.

BOSI, Alfredo. Fenomenologia do Olhar. In: NORVAES, Adalto. et al. (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 65-87.

CHAUÍ, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NORVAES, Adalto. et al. (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 31-62.

HEIDEMANN, Heinz Dieter. A volta do Pau-de-Arara como veículo de homogeneização do mercado mundial. A Contribuição da Migração de Retorno para o Desenvolvimento Regional do Sertão Nordeste. In: Revista **GeoNordeste**, março, Ano I, número 1, 1984.

_____. **Bem-me-quer, malmequer. Alemanha. Esquentam os debates sobre a nova legislação para estrangeiros**. Foco - Economia e Negócios. São Paulo: Contraplano, 03 maio de 2004, p. 66-68.

_____. Os migrantes e a crise da sociedade de trabalho: humilhação secundária, resistência e emancipação. In: Serviço Pastoral dos Migrantes. (Org.). **Migrações: discriminação e alternativas**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 25-40.

_____. EPPUR SI MUOVE (apesar das mortes, dos muros, das cercas de arame farpado, das políticas restritivas, da crescente xenofobia, do ódio e da hostilidade violenta contra imigrantes). **Boletim SPM Informa**. Ano 7, Edição 35, setembro 2015.

INUMATTI, Paulo; SEABRA, Manoel; HEIDEMANN, Dieter (Orgs.). **Caio Prado Jr. e a Associação dos Geógrafos Brasileiros**. São Paulo: EDUSP, 2008, v. 1. 355p.

KURZ, Robert. **O Colapso da Modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial**. Tradução de Karen Elsabe Barbosa, 3ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

_____. **Para além de Estado e Mercado**. In: Os Últimos Combates. Petrópolis: Ed Vozes, 1997.

_____. **Manifesto contra o Trabalho** - sob o título original Manifest Gegen die Arbeit. Zeitschrift em junho de 1999.

NOVAES, Adauto. Por que tanta Paixão. In: CARDOSO, Sérgio. *et al.* **Os Sentidos da Paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 11-13.

JOSEFA ELIANE SANTANA DE SIQUEIRA PINTO: NUM CLIMA DE TRAJETÓRIA, CONTRIBUIÇÕES E CARINHO



Alberlene Ribeiro de Oliveira

Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (PPGEO/UFS). Mestre em Geografia pelo PPGEO/UFS. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Geoecologia e Planejamento Territorial - GEOPLAN (CNPq) da UFS, do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Filosofia e Educação - NEPGFE/CNPq/UFS e do Grupo de Pesquisa de Ensino em Ciências Ambientais - GPECIAMB/UFS. Professora de Pós-Graduação em Rede Nacional em Ensino das Ciências Ambientais-UFS. Docente da Faculdade Amadeus (FAMA).

E-mail: alberlenegeo@hotmail.com

*Vejo-te como árvore, robusta e suntuosa,
Árvore frutífera de saberes e ensinamentos.
Seus galhos são fortes, fartos e alongados,
que sustentam com alento muitos contratempos.
Respeitosa dos ciclos e ritmos.
Renovando-se e transformando-se.
As raízes trazem-lhe firmeza,
e as flores encantamentos.
Nós somos suas folhas,
que ao virar do tempo,
desfolham de ti,
livres, mas direcionadas no/ao vento*
(Michelle Pereira da Costa da Silva, 2021).

1 INTRODUÇÃO

Homenagear a Dr^a Josefa Eliane Santana de Siqueira Pinto, ou simplesmente a professora Eliane, como é carinhosamente conhecida, é desvelar o clima de agradecimentos, contribuições e carinho daqueles que tiveram e tem o privilégio da sua convivência, seja como mestra e educadora, seja como amiga e colega de trabalho.

A memória, o currículo lattes, registros de eventos de Climatologia Geográfica e as falas dos pares, (ex)aluno(a)s e (ex)orientandos(a)s foram os instrumentos metodológicos que tentaram resgatar o trabalho desenvolvido e liderado pela professora Eliane. Ainda em termos de instrumental também foi realizada uma entrevista com a homenageada para resgatar a história de vida e o seu lugar no mundo.

O presente capítulo, parte integrante do livro 70 anos de Geografia Sergipana, tem como objetivo apresentar a trajetória acadêmica e as contribuições da professora Dra. Josefa Eliane Santana de Siqueira Pinto para a geografia e para a Climatologia Geográfica bra-

sileira, com destaque para a região Nordeste e principalmente para o Estado de Sergipe.

2 EM CLIMA DE TRAJETÓRIAS: AS ORIGENS, A FORMAÇÃO INICIAL E A BASE FAMILIAR

A professora Eliane é filha de Emiliana Barreto de Santana e de José Ananias de Santana. Nasceu no município de Ribeirópolis (SE) em 1954, passou parte da infância em Itabaiana (SE), e com apenas dez anos de idade seguiu para Vitória da Conquista (BA) com os pais e três irmãos, onde viveu a maior parte da infância e adolescência. Veio para Aracaju para cursar o ensino médio e o curso superior.

As primeiras aulas e os primeiros contatos com os livros foram com a professora Darci, em Ribeirópolis, numa escolinha que ficava na sua própria casa. Antes de completar um ano de estudos, a professora afirmou categoricamente ao pai de nossa homenageada que ela já havia assimilado todo conhecimento necessário à alfabetização e por isso não precisava ir mais para a escola, porém a menina Eliane queria continuar estudando.

Eu entrei naquele sistema bem mais leve e tive assim um ano de frustração, eu entendi como frustração, porque ela me devolveu para meu pai dizendo que eu já tinha assimilado tudo, quer dizer, hoje eu vejo isso como algo bom, mas na época eu fiquei frustrada porque a coisa que eu mais queria no mundo era ir para a escola (Prof^a Eliane Pinto, 2021).

Em seguida, a professora Eliane frequentou o grupo Abdias Bezerra por um ano. Depois, já em Itabaiana, estudou em uma escola religiosa, “escola de padre”, como era conhecida. Como estava no pe-

ríodo da ditadura militar, precisou sair de Itabaiana junto com seus pais e irmãos, migrando de cidade em cidade.

Ainda durante o período de alfabetização, sempre aluna exemplar, avançou nos estudos entre os primeiros da classe. Conseguiu bolsa no Colégio Sacramentinas - Nossa Senhora de Fátima - em Vitória da Conquista/BA, de onde guarda as melhores lembranças escolares. Era um colégio de freiras, famoso por sua rigidez, inclusive com relação à vestimenta e ao comportamento. Em sua maioria, as professoras eram freiras, apenas teve um professor padre, o qual ensinava Educação Física. Neste colégio, foi selecionada para avançar, da 4ª para a 5ª série, pelo seu excelente desempenho.

Frequentemente, a Eliane estudante recebia menções honrosas e um fato ainda muito presente na sua memória foi o prêmio de um talco por ter obtido o primeiro lugar em comportamento e em notas. “Também tenho um fato a lembrar, [...] eu ganhei o prêmio de primeiro lugar em comportamento e segundo lugar em notas e o prêmio era um talco, um talco e um jarro, [...] então, essas coisas ficam na nossa memória” (Profª Eliane Pinto, 2021).

Entrou na Universidade Federal de Sergipe (UFS) em 1974 no curso de Licenciatura em Geografia, mas já trabalhava auxiliando a empresa de contabilidade dos primos que a acolheram em Aracaju. Vinda de família humilde, foi a primeira a se graduar e a ser professora, motivo de muito orgulho para a família. As incertezas com relação ao curso acabaram logo que entrou numa sala de aula para ensinar, apesar de ter tido um professor que a desestimulou, duvidando da sua capacidade de ensinar. Tornou-se um desafio mostrar que seria uma grande educadora, e assim o fez.

A Faculdade de Filosofia, onde se ministrava o curso de Licenciatura em Geografia, tinha sua sede no “Prédio da Rua de Campos”, onde hoje é o IPES (Instituto de Previdência de Sergipe). Até os anos

1980, a Universidade Federal de Sergipe era desmembrada, com várias Faculdades espalhadas pela cidade de Aracaju, e foi na antiga sede que concluiu a Licenciatura, recebendo as credenciais para o ensino.

Lembra com profundo carinho de alguns professores, como Fernando Lins, inspirador em razão do talento e da didática, modelo que tomou para sua vida letiva, e que, por ironia do destino, veio a ser seu aluno no Mestrado, momento de grande desafio. Outra lembrança significativa é do professor José Alexandre Felizola Diniz, ao qual tem profunda admiração e que na época lecionava as disciplinas Geografia Agrária e Climatologia e foi a partir dessas aulas que surgiu a paixão pela Climatologia Geográfica. “Eu ainda herdei dele os livros, todos de climatologia, porque eu acabei cobrando dele [...]. A climatologia foi no começo do curso e logo fui me apaixonando, não era uma paixão explícita, eu gostava, daí eu estudava mais” (Prof^ª Eliane Pinto, 2021).

É importante ressaltar que os maiores incentivadores, sem dúvida, foram os seus pais, José Ananias de Santana e Emiliana Barreto de Santana (*in memoriam*), ambos sem educação formal, só sabiam ler e escrever, mas prezavam incessantemente pelos estudos dos filhos. A professora Eliane faz questão de registrar que seus pais tinham o hábito de ler diariamente jornais, revistas e tudo que passasse pelas mãos. Esse hábito a incentivou nos estudos desde a infância, quando nos horários em que não estava na escola se direcionava para a biblioteca municipal e lia incansavelmente os livros de contos de fadas.

O pai de nossa homenageada foi, para ela, um exímio “professor”, o qual transformava tudo o que fazia em uma aula.

Porque o meu pai ele ensinava tudo, ele pegava os filhos para ensinar tudo, a mim inclusive ele ensinou a dirigir e tinha dois sobrinhos agregados que ele também ensinava. Então

ele tinha um professor dentro dele, e foi quando eu até disse: como eu não seria professora se eu tive um professor informal de tudo? Então para meu pai, tudo para ele era uma aula, até o jeito da gente se vestir, até o jeito de pentear o cabelo. Ele era por excelência professor, acredito que ele tinha muito orgulho (Prof^a Eliane Pinto, 2021).

Nessa linha da busca das origens e do lugar no mundo, a professora Eliane recorda que um dos maiores orgulhos dos seus pais está registrado em uma foto por ocasião do lançamento do livro “Reflexos da Seca no Estado de Sergipe” (Figura 1), fruto da Tese de Doutorado, defendida no Departamento de Geografia da prestigiosa Universidade Estadual de São Paulo (Unesp - Rio Claro), em 1997

Figura 1: Pais de Eliane no lançamento do livro Reflexos da Seca no Estado de Sergipe, 1999.



Fonte: Josefa Eliane Siqueira de Santana Pinto, 2021.

Por ser muito família, ela destaca também um dos momentos de alegria que foi quando seus pais vieram morar em Aracaju podendo então estar mais próximo deles. Atualmente, com os pais já falecidos, lembra com saudades dos momentos vividos e o vazio que tenta preencher com a convivência em família. Enquanto primogê-

nita, a professora Eliane ressalta a boa relação com os irmãos, sobrinhos e também com os três filhos, marido e noras. Como irmã, tia e mãe ela torce, vibra a cada conquista, se preocupa e orienta para que todos possam se encaminhar na vida. Relação não muito diferente com seus orientando(a)s e ex-orientando(a)s na vida acadêmica, para os quais faz questão de tratar como se fossem “filhos”, filhos do coração, e como “mãe”, acolhe, torce e vibra a cada conquista.

E assim é a professora Eliane, família, em casa e na academia: “eu sou bem família, tanto que incorporo a academia como se fosse família também, porque eu sou bem família e bem acadêmica também” (Eliane Pinto, 2021). Observa-se então essa mulher forte, inteligente, feliz e realizada. Foi com muita coragem que trilhou os caminhos de uma vida frutífera, e com maestria contribuiu para a ciência geográfica, em especial à climatologia, bem como nas trajetórias de muitas vidas, principalmente de estudantes que por ela passaram e ainda continuam passando.

3 NO CLIMA DA ACADEMIA

3.1 A Carreira Docente e o Olhar dos Pares

A professora Eliane iniciou a vida profissional no ano de 1978 como docente no Arquidiocesano, colégio particular da cidade de Aracaju/SE. A diferença de idade entre ela e os alunos era bem pequena, já que ensinava o então segundo grau, hoje denominado ensino médio. Trabalhou também no Colégio de Aplicação da UFS (CODAP) como professora substituta de Geografia.

Igualmente, realizou trabalho em órgão do Judiciário, aprovada em Concurso Público. No entanto, percebeu que a sua vocação era a sala de aula e por isso participou em 1978 do concurso público

para provimento de vagas da carreira do Magistério Superior para professora com dedicação exclusiva na Universidade Federal de Sergipe, no curso de Geografia, e obteve aprovação.

Neste mesmo ano concluiu a graduação em Licenciatura, e o Bacharelado em Geografia, em 1980, ambos pela Universidade Federal de Sergipe. Em 1981 surgiu uma oportunidade para os docentes da UFS continuarem seus estudos, agora no âmbito do Mestrado, e de pronto a professora Eliane optou pela Climatologia. Em conversa com o professor Dr. José Alexandre Felizola Diniz, foi orientada a fazer o Mestrado na Universidade de São Paulo (USP) com o prestigiado Dr. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, mas na época o referido professor não estava ofertando vagas e foi então direcionada para outro grande mestre da climatologia brasileira, o professor Dr. José Bueno Conti, e desenvolveu sua dissertação, intitulada “Análise Têmporo-Espacial da Pluviosidade no Estado de Sergipe”. A fala do professor Conti, como é mais conhecido, é reveladora da perspicácia da contribuição do trabalho da Dr^a Josefa Eliane Pinto:

Foi minha orientanda de Mestrado na USP, dessa forma, pudemos conviver alguns anos desenvolvendo atividades acadêmicas. Sempre se destacou pela seriedade e empenho que dedicava ao trabalho, terminando sua dissertação e defendendo-a em 1986, com o título “Análise Têmporo-Espacial da Pluviosidade no Estado de Sergipe”. Foi aprovada sem restrição. Uma das contribuições inéditas de sua pesquisa foi a constatação de que, em certos trechos, a Zona da Mata de Sergipe, especialmente na região de Itabaiana, está se expandindo, ou seja, o semiárido recua. Ao contrário da afirmação generalizada de que o sertão se expande em toda parte o trabalho dela demonstrou o contrário e isso foi muito importante para o entendimento da dinâmica climática daquela região brasileira. É claro que, como tudo em ciência, é uma

conclusão provisória, sujeita a reexame, mas a contribuição foi significativa. Um dos eventos científicos de que participei com Josefa Eliane foi realizado em Fortaleza, nem me lembro exatamente a data, sobre o tema das chuvas em áreas intertropicais. Compareci graças a Josefa, pois foi ela quem me avisou. Sua atuação na Universidade Federal de Sergipe é notável, não só como orientadora de Pós-graduação e nas atividades de pesquisa, com dezenas de artigos publicados, capítulos de livros e trabalhos completos publicados em anais de eventos. Produziu, em coautoria, em 2008, o livro “Clima, Geografia e Agrometeorologia, uma Abordagem Interdisciplinar”, com noções básicas de climatologia, incluindo o clima e interação nos espaços urbanos. Realizou, ainda, inúmeros outros trabalhos. Por seu desempenho acadêmico e científico ao longo de todos esses anos, Josefa Eliane é, hoje, figura de grande destaque na climatologia brasileira (Dr. José Bueno Conti – Professor da USP, 2020).

Neste mesmo período do Mestrado na USP, a professora teve a oportunidade de trabalhar com dois grandes geógrafos brasileiros, referências nacionais na ciência geográfica: o Dr. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, coordenador do Laboratório de Climatologia, e o professor Dr. Aziz Nacib Ab’Saber, responsável pelo Laboratório de Geomorfologia.

O Doutorado foi realizado na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), no ano de 1997, desenvolvendo a Tese “Os Reflexos da Seca no Estado de Sergipe”, sob a orientação da professora Dra^a Bárbara Christine Nentwig Silva da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Já atuando como professora concursada na Universidade Federal de Sergipe, ministrou uma série de disciplinas no Departamento de Geografia (DGE) e orienta no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) e no Programa de Pós-Graduação em Recursos

Hídricos (PRORH) como professora Permanente. Atualmente, é Pesquisadora no Grupo de Pesquisa GEOPLAN (Geocologia e Planejamento Territorial), coordenada pela professora Dra. Rosemeri Melo de Souza.

No ensino superior, atuou também na Graduação junto ao Programa de Qualificação Docente (PQD) onde ministrou disciplinas de Trabalho de Graduação - (PQD) Itabaiana; Geografia de Sergipe - (PQD) Lagarto; Climatologia - (PQD) Itabaiana; e Climatologia - (PQD) Lagarto, entre os anos de 1999 a 2002.

Dedicou-se basicamente a pesquisas associadas à Dinâmica Ambiental com enfoque na Climatologia Geográfica, aglutinando cada vez mais interesse na dinâmica da atmosfera com enfoque na relação sociedade-natureza. Em síntese, orientou aluno(a)s de Iniciação Científica, Trabalho de Conclusão de Curso (TCC de Graduação), Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado.

Durante sua vida profissional a professora Eliane mantém boas relações com seus colegas de trabalho, sempre com compromisso, ética e responsabilidade. Isso pode ser corroborado a partir das palavras preclaras da professora Dr^a Maria Augusta Mundim Vargas:

Conheci Josefa Eliane por necessidade profissional. Todavia, para mim, o ser humano está à frente de todos os meus sentimentos e de tudo que no meu estreito universo compartilhado com ela possa significar. Estávamos nos idos da década de 1980, ela grávida, eu pesquisadora, envolvida com a elaboração de um Zoneamento Ecológico de Sergipe. Ela, jovem professora da Universidade Federal de Sergipe, do renomado Departamento de Geografia, e recém Mestra pela Universidade de São Paulo, especialista em Climatologia. Fomos recebidas, eu e Lucilene Tyiomi Takahashi, com um sorriso aberto e muitas indicações de leituras, úteis para o posterior estabelecimento dos índices de vulnerabilidade do meio físico de

nosso estado. Assim o é até os dias atuais. Primeiro, o sorriso aberto, único! Aquele que joga a testa para cima, dá um chega prá lá nas orelhas e avisa aos olhos: vamos sorrir para essa moça e mostrar como vejo a vida. Acompanho, dessa maneira, sua dedicação e elegância para com seus alunos, orientandos e colegas. Sem se envolver em questiúnculas ela vem acumulando produção e ensinamentos que lhe dão reconhecimento. Acompanho com satisfação o crescimento de seu Curriculum Lattes! Acompanho o perfume que exala para além do bom gosto com as essências, aquele que emana do riso e da forma positiva e proativa com que encara problemas e barreiras físicas, políticas e epistêmicas. Acompanho com alegria sua presença e sua referência (Prof^a Dr^a Maria Augusta Mundim Vargas, UFS, 2019).

A professora Dr^a Ana Virgínia Costa de Menezes, de igual modo, faz um relato amigo e amoroso sobre a Prof^a Eliane:

Josefa Eliane é conhecida como a professora do clima. É uma pessoa especial na nossa vida, não só na minha vida profissional onde dividimos imensos momentos intensos da geografia, compartilhando a chefia do departamento, a coordenação da pós-graduação e o colegiado. E essa professora, que eu vou fazer uma comparação com os próprios elementos que ela utiliza em suas disciplinas. Se eu fosse falar de Josefa Eliane enquanto clima, eu diria a ela que é uma pessoa que passa longe dos fenômenos conhecidos como tempestades, ciclones, furacões, porque isso não faz parte da vida dela. Ela é uma pessoa calma, segura, equilibrada, e que demonstra isso no dia a dia, nas suas atitudes, inclusive da vida. Se eu fosse falar numa classificação de clima, Eliane estaria num clima temperado, onde as temperaturas não chegam aos extremos, e as estações do ano são bem definidas. E falando em estação, talvez Eliane fosse a primavera, onde as flores nos encham de alegria, nos

aquece o coração, assim como, também é uma época de florescimento, de muitas sementes que vão se propagando pela vida. Essa é a sensação que eu tenho de Eliane. E dizer a Eliane que é uma pessoa muito especial na minha vida, não só profissional, mas como na minha vida pessoal, e continuamos a nossa amizade, compartilhando dos momentos de vida, e a ela eu sou muito grata, grata pela sua existência e grata pelo seu profissionalismo, pela sua competência porque sei que todos nós bebemos dessa fonte. Muito obrigada por essa oportunidade. Um beijo e eu te amo (Profª Drª Ana Virginia Costa de Menezes, UFS, 2019).

Outro depoimento sobre a parceria e o desempenho da professora Drª Eliane na Universidade, mais precisamente com programa de Pós-Graduação, é oferecido pelo Dr. Inajá Francisco de Souza:

Com a criação do Programa de Pós-graduação em Recursos Hídricos (PRORH) foi iniciada também uma grande parceria com a Professora Josefa Eliane. Sempre disposta a contribuir para o crescimento do PRORH, através dos conteúdos acadêmicos que se entrelaçam, participando de várias formas neste programa como por exemplo: ministrando aulas, orientando e na publicação de artigos científicos. Mesmo em momentos de problemas pessoais ela sempre esteve disposta a dar sua parcela de contribuição, principalmente para não deixar os alunos sem as orientações necessárias. Ter na equipe uma profissional qualificada, competente e humana como ela, é sempre um privilégio além da tranquilidade e segurança de ter a certeza que os projetos serão encaminhados. Venho a público agradecer de coração todo o seu empenho junto ao PRORH. Obrigado professora Josefa Eliane pela valiosa contribuição e que Deus continue abençoando e iluminando seus caminhos (Professor Dr. Inajá Francisco de Souza, UFS, 2020).

Corroborando esses depoimentos dos pares, Everton Ferreira Santos, ex-secretário do antigo NPGeo, atual PPGeo, traz lembranças alusivas à forma como conheceu e vivenciou momentos relevantes na academia com a professora Dr^a Eliane Santana de Siqueira Pinto.

Professora Eliane, lembro-me nitidamente daquela mocinha que ingressou no Departamento de Geografia/UFS, composto por professores altamente competentes, para integrar aquela equipe. Sua capacidade, simplicidade e amizade não nos surpreendeu, já que se familiarizara rapidamente com o contexto, o que contribuiu para que esse Departamento fosse reconhecido pelo MEC, como um dos melhores do Norte/Nordeste. Eu, exercendo o Cargo de Secretário do Departamento, tive a felicidade e o privilégio de trabalhar por mais de dez anos com a Professora Eliane, já nos Cursos de Mestrado e Doutorado do Núcleo de Pós-graduação em Geografia da UFS, tive a felicidade de ser seu secretário durante sua gestão como coordenadora. Guardo até hoje as lembranças maravilhosas do convívio com a Professora Eliana, uma pessoa amiga, leal, sempre acessível ao diálogo e comprometida em harmonizar o ambiente laboral. Hoje, aposentado, continuo mantendo contato através do WhatsApp com a Professora Eliana, pois ela faz parte da minha convivência na UFS que vale a pena ser lembrada. Obrigado Professora Eliana, por compor minha história no DG e na Pós-graduação da UFS.

3.2 As Orientações

A contribuição da nossa homenageada na UFS se manifesta de forma memorável fazendo história tanto na graduação, com uma série de trabalhos orientados (4 monografias, 20 Trabalhos de Conclusão de Curso e 24 de Iniciação Científica), quanto na Pós-graduação

(32 dissertações de Mestrado, 9 Teses de Doutorado e 3 Supervisão de Pós-Doutorado) (Quadros 1, 2 e 3). Portanto, durante sua trajetória acadêmica continua ascendendo luzes e inspirando pesquisadores com sua docilidade e competência, com atuação nos seguintes temas: Sergipe, clima, semiárido, recursos hídricos, dinâmica ambiental, bacia hidrográfica, meio ambiente, análise socioambiental, clima socioambiental urbano, teorias e técnicas em dinâmica ambiental, geografia e agricultura.

Quadro 1: Alunos e alunas com Dissertações de Mestrado sob a orientação da Professora Dr^a Josefa Eliane Santana de Siqueira Pinto (2000-2018)

Nº	Orientado(a)s	Dissertações Defendidas	Ano
01	Carlos Alberto de Vasconcelos	Meio ambiente e especialização da citricultura no município de Sairé-PE	2000
02	Mary Cristina Santos das Chagas	A pluviosidade e a agricultura nas zonas climáticas da bacia hidrográfica do Vaza-Barris em Sergipe	2002
03	Fábia Verônica dos Santos	Mudanças climáticas e agricultura: o estudo do fenômeno El Niño na agricultura de Boquim/SE	2003
04	José Hinaldo Lima	A dinâmica do clima e a organização do espaço agrário no município de Monte Alegre de Sergipe	2004
05	Maria dos Prazeres Araújo Nery Santana	Configurações ambientais do agreste sergipano: uma visão geográfica regional	2004
06	Carmem Zita de Oliveira Moreira	Questões ambientais e sustentabilidade da cana-de-açúcar em São Miguel dos Campos-Alagoas	2004
07	Marcelo Alves Mendes	Ritmo climático e espacialidade: subsídios para o planejamento agrícola do município de Pão-de-Açúcar-AL	2005
08	Daniel Almeida da Silva	Metamorfoses na região do petróleo: a criação de territórios a partir da implantação da Petrobras	2005
09	Manoel Alves de Oliveira	A barragem de Anagé no sudoeste da Bahia: dinâmica na paisagem e na reorganização do território	2007
10	Maria Orlanilza Fontes de Oliveira	Sustentabilidade ambiental da citricultura no município de Boquim-SE	2007
11	David Alves Valio	Precipitação pluvial e organização do espaço no município de Nossa Senhora da Glória/SE: um retrato do semiárido nordestino	2007
12	Cleane Oliveira dos Santos	Qualidade ambiental: Vulnerabilidades e potencialidades no município de Itabaiana-SE	2010

Nº	Orientado(a)s	Dissertações Defendidas	Ano
13	Daniel Amador da Cunha	Clima urbano: uma análise das alterações provocadas pela modelação urbana da cidade de Aracaju-SE	2011
14	Núbia Oliveira Almeida	Dinâmica ambiental e a política de recursos hídricos em uma barragem do rio Brumado-BA	2011
15	Elder dos Santos Lima	Ordem e desordem socioambientais da bacia inferior do Rio Piauí, em Sergipe	2012
16	Alberlene Ribeiro de Oliveira	Influência climática no uso e ocupação do solo do município de Poço Verde/SE	2013
17	Marcos Pereira da Silva	Categorias Geoambientais da Paisagem Costeira de Ilha Grande-PI	2013
18	Ramon Santos Carvalho	Clima e políticas públicas no contexto do semiárido de Pão de Açúcar – Alagoas	2014
19	Aldjane Moura Costa	A dinâmica da água e da produção agrícola no perímetro irrigado Califórnia em Sergipe	2015
20	João Luiz Santana Brazil	Eventos pluviiais extremos e risco de inundações na cidade de Aracaju/SE	2016
21	Bruna Fortes Santos	Urbanização e clima urbano do bairro Atalaia na cidade de Aracaju/SE	2016
22	Dianesson de Farias Silva	Qualidade da água de efluente de carcinicultura na Sub-bacia Hidrográfica do Rio Cotinguiba, Sergipe	2016
23	Franciele dos Santos Santana	Derivações antropogênicas na área do perímetro irrigado do Betume – SE	2017
24	Michelle Pereira da Costa da Silva	Derivações antropogênicas da apropriação dos recursos hídricos no Alto Curso do Rio Subaé-BA	2017
25	Sheylla Patrícia Gomes do Nascimento	Rio São Francisco e seus tributários: as nascentes de Poço das Trincheiras-AL	2017
26	Edilsa Oliveira dos Santos	Configuração socioambiental da planície costeira no município de Paripueira – Alagoas	2017
27	Jailde Fontes Vasconcelos	Análise de Conforto Térmico na Cidade de Aracaju-SE	2017
28	Elayne Mirele Sabino de França	Contrastes socioambientais na paisagem da microbacia do riacho flamengo em Garanhuns-PE	2018
29	Isabela Santos de Melo	Dinâmica e fragilidade ambiental na paisagem da microbacia do rio Paripueira-SE	2018
30	Ricláudio Silva Santos	Análise integrada da paisagem do geocomplexo Alto Sertão Sergipano/SE	2018
31	Carla Alessandra M. de Freitas Bastos	Desafios e perspectivas dos resíduos sólidos no centro de Abastecimento em Feira de Santana-BA	2018
32	Sandra Freitas Santos	Natureza e derivações antropogênicas: conflitos socioambientais no alto Curso do rio Subaé-BA	2018

Fonte: Plataforma Lattes, 2021.

Quadro 2: Alunos e alunas com Teses de Doutorado sob a orientação da Professora Dr^a Josefa Eliane Santana de Siqueira Pinto (2008-2020)

Nº	Orientado(a)s	Teses Defendidas	Ano
01	Marco Antonio Tomasoni	Transformações socioambientais e indicadores para recursos hídricos em diferentes sistemas de uso do solo nos cerrados baiano. O caso da bacia hidrográfica do Rio Ondas/BA	2008
02	Mary Nadja Lima Santos	Políticas territoriais no turismo: Investimentos no Pólo Costa dos Coqueirais em Sergipe, Brasil	2009
03	Espedito Maia Lima	Interações socioambientais na bacia do rio Catolé – Bahia	2013
04	Daniel Almeida da Silva	Nos (dos) meandros ambientais: A natureza das águas urbanas em Aracaju”	2016
05	Alberlene Ribeiro de Oliveira	A Desertificação do Alto Sertão de Sergipe no Contexto Geográfico	2017
06	Judson Augusto Oliveira Malta	Fitogeografia Urbana e Condicionantes Socioambientais em Aracaju-SE	2018
07	Alda Lisboa de Matos Silva	Estruturação Socioambiental na Microrregião de Boquim / SE	2019
08	Rosângela Fátima de Oliveira Machado	Territorialização da saúde: determinantes ambientais e o cotidiano das equipes de saúde da família? Lagarto (SE)	2019
09	Denize dos Santos Pontes.	Entre secas e carências: demandas cotidianas de água na Sub Bacia do Riacho do Sertão-Alagoas	2020

Fonte: Plataforma Lattes, 2021.

Quadro 3: Alunos(a) com Supervisão em Pós-Doutorado sob a orientação da Professora Dra^a Josefa Eliane Santana de Siqueira Pinto (2015-2021)

Nº	Pós-doutorando(a)s	Ano
01	Francisco Jablinski Castelhana	2021
02	Meirilane Rodrigues Maia	2015
03	Espedito Maia Lima	2015

Fonte: Plataforma Lattes, 2021.

A partir dos dados, percebe-se uma vida acadêmica marcada por contribuições relevantes para a Geografia de Sergipe e também para a Geografia Nordestina e Brasileira. Foram muitos os alunos e alunas que se tornaram professores e professoras tanto do Ensino

Básico quanto de Ensino Superior, seja na Graduação ou na Pós-Graduação *Latu Sensu* e *Stricto Sensu*. Outrossim, optaram por exercer outras carreiras profissionais em órgãos públicos na área de pesquisa.

3.3 Contribuições Frequentes nos Simpósios Brasileiros de Climatologia Geográfica (SBCG)

A professora Eliane participou ativamente de eventos da geografia, em especial dos Simpósios Brasileiros de Climatologia Geográfica (SBCG) onde tem tido a oportunidade de compartilhar conhecimentos através de debates permanentes com diversos cientistas e pesquisadores da climatologia do país promovendo sua qualificação científica. Destacam-se nesses eventos estudiosos e pesquisadores do quilate do Dr. Carlos Augusto de F. Monteiro (USP), Dr. Francisco de Assis Mendonça (UFPR), Dr. José Bueno Conti (USP), Dr. João Lima Santanna Neto (UNESP/PP), Dr. Emerson Galvani (USP), Dr. Washington Assunção (UFU), Dr. Charlei Aparecido da Silva (UFGD), Dr^a Inês Moresco Danni-Oliveira (UFPR), Dr^a Marta Celina Linhares Sales (UFPI), Dr^a Maria da Graça Barros Sartori (UFMS), Dr. Luci Hidalgo Nunes (UNICAMP), entre outros.

A realização das três primeiras edições do Simpósio Brasileiro de Climatologia (SBCG), respectivamente, nos anos de 1992 (I SBCG - Rio Claro), 1996 (II SBCG - Presidente Prudente) e 1998 (III SBCG - Salvador) evidenciaram a necessidade de criação de uma associação específica para essa área da Geografia Física, a ABCLima (Associação Brasileira de Climatologia). A professora Eliane teve uma participação efetiva tanto nos eventos como na criação da associação. Além de autoria e apresentação de trabalhos, também há destaque para a composição de mesas redondas nesse tipo de evento (Figura 2).

Figura 2: Mesa redonda com a participação da Dr^a Eliane Pinto - III SBCG - Salvador/BA, 1998.



Fonte: Associação Brasileira de Climatologia - ABCLima, 2020.

Nesta direção, a professora Eliane coordenou o VI SBCG, realizado em Aracaju, pela Universidade Federal de Sergipe, através do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia (NPGeo), em 2004, com o tema “Diversidades Climáticas”. Nessa edição do simpósio, foram reunidos pesquisadores do Brasil e do exterior com o objetivo de contribuir com discussões sobre especificidades dos climas regionais, interações, desafios e perspectivas para a Climatologia Geográfica, visando levar à sociedade contribuições acadêmicas acerca da diversidade dos climas brasileiros.

Vale ressaltar que a professora Eliane sempre desempenhou um papel ativo nos SBCGs (Figuras 3 a 6).

Figura 3: Pesquisadores da Geografia - V SBCG - Curitiba – 2002.



Fonte: Associação Brasileira de Climatologia - ABCLima, 2020.

Figura 4: Professores Josefa Eliane e Francisco Mendonça - IX SBCG - Fortaleza – 2010.



Fonte: Associação Brasileira de Climatologia - ABClima, 2020.

Figura 5: Pesquisadores de Geografia no XI SBCG - Curitiba – 2014.



Fonte: Alberlene Ribeiro de Oliveira, 2014.

Figura 6: Pesquisadores de Geografia no XII SBCG - Goiânia – 2016.



Fonte: Alberlene Ribeiro de Oliveira, 2016.

No presente ano de 2021, foi realizado, de forma remota, em função da pandemia de covid-19, o XIV Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica, sob a coordenação da Universidade Federal da Paraíba. Durante o evento, a Comissão Organizadora homenageou a professora Dr^a Josefa Eliane Santana de Siqueira Pinto pela sua reconhecida contribuição à ciência geográfica, em especial, para a climatologia brasileira (Figura 7).

Figuras 7: Sessão de homenagem do XIV Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica, 2021



Fonte: Alberlene Ribeiro de Oliveira, 2021.

Destarte, a participação de Eliane é perceptível nos eventos de climatologia e demonstra o amor pela ciência que avança além dos muros da academia com pesquisa-ensino-extensão e reflete na forma de conduzir as orientações com seu olhar profícuo, seguro e acima de tudo humano.

4 A ORIENTADORA E SEUS ORIENTANDO(A)S: UMA RELAÇÃO AMOROSA, AMIGA E PROFISSIONAL

A relação profissional com os orientados sempre foi levada com ética, compromisso, seriedade e responsabilidade, estimulando-os à pesquisa-ensino-extensão, sempre com o olhar dócil, sereno e rodea-

do pela segurança que instiga a autonomia do pensamento nos conceitos da ciência geográfica.

Em cada uma das orientações, uma história a ser contata. Desse modo, alguns depoimentos de aluno(a)s traduzem um pouco do que se vivenciou com a Prof^a Eliane na academia, para alguns, desde a graduação com orientações de Iniciação científica que adentraram no Mestrado e Doutorado:

A admiração, o respeito e a sabedoria formam uma tríade que andam juntas. Ao adentrar os muros da academia somos imersos em um mundo de transformações. Deparamo-nos com informações, pensamentos, tabus, conhecimento e pessoas que marcam as nossas vidas de diversas maneiras. Algumas passam, outras ficam. E é nesse contexto que conheci nos idos de 1999 a Professora Doutora Josefa Eliane Santana de Siqueira Pinto - sempre fiz questão de declamar o seu nome por inteiro. Nas primeiras aulas de Climatologia Sistemática, ainda naquela UFS modesta, com apenas três blocos de Didáticas, surgiu a admiração pela professora organizada, séria, comprometida, pontual e exigente na medida ideal. Em suas aulas, o interesse pelos aspectos físicos na Geografia deu os primeiros passos, era um novo mundo que descortinava e que sabiamente sempre me levou a enxergar o espaço geográfico na sua interface entre sociedade e natureza. Era uma climatologia que existia o homem, a Climatologia Geográfica, como mais tarde foi sedimentado no Simpósio de Climatologia, no Rio de Janeiro. A partir daí a admiração e respeito caminharam lado a lado, especialmente quando passo a ser seu orientando de Iniciação Científica. Com o seu incentivo e sabedoria adentrei o mundo da pesquisa, e foram momentos sempre de aprendizagem e carinho, seja na orientação na UFS, nos congressos pelo país a fora ou mesmo quando sempre abriu as portas da sua casa, não medindo esforços para ver os “seus filhos” darem passos definitivos no mundo da ciência. Desde

então, ela me orientou em mais um PIBIC e no Mestrado no PPGEO. Em 2005, devido à necessidade do sustento, eu deixo um pouco a academia e parto para o mundo do trabalho, mas aquela tríade nunca se esfacelou e em 2012 voltamos a parceria, com sua orientação em minha Tese de Doutorado. Assim, decorridos 23 anos desde o primeiro contato com a Doutora do DGE, hoje tenho a honra em ser colega de trabalho na mesma instituição. Se cheguei onde cheguei foi também graças à senhora. Obrigado, **PROFESSORA ELIANE**, por fazer seus “filhos” irem tão longe. Soma-se à tríade inicial desse texto a palavra **GRATIDÃO** (Prof. Dr. Daniel Almeida da Silva, UFS, 2021).

Em cada palavra expressa, revela-se o carinho e a gratidão à professora pelo trabalho desenvolvido na vida dos seus orientados através do ensino-pesquisa-extensão:

Quando alguém perguntar a Hunaldo, em uma única palavra, defina Josefa Eliane, com toda certeza responderei **GRATIDÃO**. Hoje, grande parte do que tenho (ter doutorado, ser professor universitário e muito mais), tem relação com minha graduação e em especial, a oportunidade em trabalhar com Eliane. De início, com a bolsa PIBIC, e após alguns contratemplos, a professora decidiu apostar em mim, daí por diante, deixei de ser aquele adolescente tímido e sem perspectiva, para me transformar em um aluno pesquisador. Veio o primeiro PIBIC, o segundo PIBIC, o Bacharelado e o Mestrado, além de inúmeros trabalhos em parceria com a professora, que tanto contribuíram para minha formação. Orientação sempre calma e pronta para me ajudar, com sua impecável correção, em caneta vermelha. Josefa Eliane se torna única na capacidade de explicar, corrigir, sugerir, aconselhar e sempre ajudar seus orientandos. É este jeito simples, humilde e único que fazem de Eliane, a pessoa maravilhosa que ela é. Josefa Eliane, muito

obrigado por tudo, por tudo mesmo (Prof. Dr. José Hunaldo Lima, UFS, 2020).

A geógrafa Cleane Oliveira dos Santos (2020) explicita como conheceu e quão importante foi a contribuição da prof^a Eliane Pinto na sua vida acadêmica:

Conheci a Professora Josefa Eliane, em 2003, no primeiro período do curso em Licenciatura da Geografia, quando cursei a disciplina Climatologia Sistemática. Posteriormente, fiz a disciplina Climatologia Aplicada, e foi durante essa disciplina que surgiu meu interesse em estudar a percepção climática e a influência do clima na qualidade de vida. Iniciei assim, no sétimo período da Licenciatura, a pesquisa de iniciação científica (PIBIC) sob a orientação da professora Josefa Eliane, que com muita paciência e cuidado foi me passando os saberes de uma pesquisa científica. Depois disso, durante um bom tempo, não paramos, cursei o Bacharelado e o Mestrado sob sua calma orientação, porém bastante detalhista e efetiva. Considero-a minha “mãe acadêmica”! Claro, não poderia ser diferente, Josefa Eliane foi uma verdadeira mãe em minha formação acadêmica, pois me mostrou os caminhos a serem trilhados e por isso superei muitos desafios, pessoais e profissionais, os quais não achava que seria capaz de superar. Ela me fez enxergar uma outra perspectiva que a Geografia poderia me proporcionar, além da transmissão do conhecimento geográfico, a perspectiva da produção científica e de todas as portas que seriam abertas a partir do estudo e da pesquisa científica. Tenho certeza de que se hoje estou onde estou, e de que sou quem sou, é graças a sua paciência, sabedoria em transmitir o conhecimento e ao sorriso no rosto que sempre se fez presente durante os anos de orientação e parceria acadêmica. Gratidão Josefa Eliane! (Prof^a Dra. Cleane Oliveira dos Santos, UFS, 2020).

No mesmo diapasão, Elder dos Santos Lima se manifesta:

Conheci-a na graduação em sala de aula, na disciplina Climatologia Sistemática. Lembro-me, como se fosse hoje, a senhora explicando sobre a relação entre a geografia, o tempo, o clima e a climatologia. Lembro-me daquela aula cujo assunto era interessante, daquela bronca não bem recebida pela imaturidade, dos jeitos particulares e únicos da senhora lecionar, da rigidez cobrada para cumprimento do respeito mútuo. Com o passar do tempo, logo quis fazer a minha iniciação científica com a senhora, assim o fiz. Lembro-me das reuniões e dos momentos bons. Com a senhora apreendi a contribuir com a Ciência. Adivinhe quem eu queria para orientar-me no Mestrado? Na caminhada da dissertação foram dois anos muitos profícuos que me trouxeram aprendizado e experiência, abluídos com momentos prazerosos. Mas nem sempre houve dias de sol, brisas suaves de flores entrando pela janela. Houve, também, dias de tempestade, trovões, tromba d'água. Que bom que existiram esses dias, por isso te escolhi sabendo que um professor não somente ensina, mas nos mostra caminhos, possibilidades e nos inspira a sermos cidadãos críticos e reflexivos. Suas atitudes, ensinamentos, exemplos e incentivos colaboraram para que eu fosse além do meu limite e medo, construindo o meu ser profissional. Hoje sabemos que nossos melhores mestres são aqueles que nos ensinaram a questionar, a duvidar, a pensar e a sonhar. Quero continuar, assim, espero que venha o Doutorado. Honrá-la com palavras aquece o meu coração, alegre a alma e me fez saber o quanto tu és importante para mim. À Prof^ª Dr^ª **Josefa Eliane Santana de Siqueira Pinto** expresse admiração, respeito e carinho, e só tenho a **AGRADECER** (Elder dos Santos Lima, Técnico da ADEMA - Sergipe, 2019).

De igual modo, Alberlene Ribeiro de Oliveira demonstra respeito e admiração à professora Eliane pela forma como conduz a orientação:

À Profa. Eliane minha eterna gratidão pelos ensinamentos, discussões, pela confiança, apoio e incentivos nas etapas da pesquisa do Mestrado e Doutorado que foram fundamentais para meu crescimento intelectual. Seu olhar sereno, dócil como a brisa suave no mar me dizia: você pode alcançar os mais lindos sonhos e voar... E neste semear de sabedoria conduziu as orientações de forma tão singular que me instigou a pensar com autonomia a ciência geográfica. Seu profissionalismo, ética, competência e dedicação com a ciência geográfica me inspira a cada dia. Tornou-se uma amiga por quem tenho apreço, carinho e admiração (Prof^ª Dr^ª Alberlene Ribeiro de Oliveira, UFS, 2020).

É válido destacar outras falas de alunos que se traduzem em formas de carinho e reconhecimento pelo trabalho da professora Eliane:

A condução da orientação no Mestrado consistiu num processo tranquilo e na seriedade para o desenvolvimento da pesquisa. Um trabalho em conjunto, que ela incentivou a minha autonomia como pesquisadora, apoiando e apontando coerência e as possibilidades para a construção da Dissertação. A professora sempre buscou compreender as minhas afinidades na geografia, o que é muito válido no caminho acadêmico. Ela tem cuidado em organizar as nossas ideias, que por muitas vezes estão confusas e perdidas, mas com diálogo e toda experiência que possui consegue nos mostrar direções. Durante essa trajetória, diante de tantos fatos acadêmicos e pessoais, percebi que o papel da professora Eliane vai muito além das tarefas da orientação com correção, sugestões de leituras etc, pois ela tenta compreender os nossos anseios e dificuldades que surgem nesses momentos de tensão acadêmica. E ela transmite a segurança e tranquilidade sempre com ternura, mas sem deixar em nenhum momento de exigir as nossas

responsabilidades como orientando. Atualmente sou doutoranda no PPGeo e continuo sob a orientação da Profa. Eliane, escolha que me deixa muito grata por dar continuidade a essa relação que vai se fortalecendo. Eu agradeço a oportunidade de tê-la como orientadora, fico muito grata por toda confiança dada a mim, bem como a disposição e interesse em contribuir na minha formação. A professora Josefa Eliane representa para mim, uma forte inspiração profissional (Michelle Pereira da Costa da Silva, Doutoranda - PPGeo - UFS, 2019).

Primeiramente parabéns pelas suas vitórias sem “troféus” que é ser mãe e dona de “lar”. Desde as nossas primeiras orientações percebi que você carrega no peito um coração que cabe um mundo de lutas. Não poderia ser diferente na academia uma “maezona” que sempre me fez sentir acalentada. Com frequência me pego a pensar se seria a sua educação, a sua nobreza ou a sua elegância que faz você compreender e respeitar a minha forma de pensar? Parabéns pela profissional que você é e consegue disseminar o conhecimento, ser compreensiva, prezar pela ética e ser gentil. Quando me perguntam como é sua orientadora? Logo respondo ela é uma Lady! Uma pessoa amada! Professora Eliane, suas aulas são àquelas lembranças com alegria e aproveitamento. Mestre em respeitar os diferentes pontos de vista, sábia ao expressar suas concepções. Você é para mim aquela professora que é sempre bom encontrar nos corredores da universidade. Sou grata e feliz por você ser minha orientadora, por ser sua aprendiz de ciência, por poder aprender ser mais humana. Nossa caminhada continua, mas posso dizer que hoje sou uma pessoa mais gentil! Parabéns por esse momento lindo em sua vida profissional! (Prof^a Dra. Alda Lisboa de Matos Silva, Rede Estadual de Ensino de Sergipe, 2019).

Ingressi no Doutorado em Geografia do PPGeo/UFS e busquei a Professora Eliane para apresentar meu projeto e saber

de sua disponibilidade em orientar tal trabalho. Para minha grata surpresa, encontrei uma pessoa muito disponível, apesar de estar em um período de ritmo intenso em seus trabalhos na graduação e pós-graduação. Confesso que nesse dia eu fui para casa transbordando de felicidade em ter conhecido uma pessoa que não somente se prontificou a me orientar, como também me recebeu com muito entusiasmo e já me passando uma série de dicas para o aprimoramento do projeto, novas leituras, novas metodologias. Ela me desafiou a irmos além de um estudo do tipo “diagnóstico ambiental” e avançarmos para uma análise geográfica integrada nos aspectos físicos, econômicos, sociais, históricos e culturais. Daí, redirecionamos as velas do barco e construímos a tese com o título “Interações socioambientais na bacia hidrográfica do Rio Catolé – Bahia”. Foi um desafio enorme, mas uma realização pessoal e profissional muito agradável para a minha carreira docente, em ter conseguido dar suporte às questões teóricas e problema de pesquisa que alicerçavam a Tese. Aprendi muito e creio que cresci muito com essa experiência, especialmente pela capacidade da Professora Eliane em perceber muito além do imediatamente visível, do saber descortinar os obstáculos do avanço da ciência, e de saber, no meio das encruzilhadas mais complexas, indicar o melhor caminho a seguir (Prof. Dr. Espedito Maia Lima, UESB, 2020).

É indescritível o olhar profundo de respeito, parceria, generosidade, seriedade e amor da professora Eliane para com seus orientados. E essas ações marcam profundamente os que tiveram e tem o privilégio de assistir às suas aulas, suas falas e orientações de pesquisa.

5 EM CLIMA DE AGRADECIMENTO E DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para nós, aluno(a)s, orientando(a)s, pares e amigo(a)s, a professora Eliane é inspiração que estimula a persistir sobre os sonhos, mesmo diante dos desafios, além de impulsionar a alçar os incríveis voos do conhecimento. Ela representa simplicidade, ética, amor, doçura, leveza e carinho pela ciência, pela sociedade e pelos seus orientados.

A trajetória acadêmica da professora Dr^a Josefa Eliane Santana de Siqueira Pinto tem sido marcada por uma atitude de reflexão intelectual, criativa e refinada, pois fez história na academia, baseada no compromisso, dedicação, ética e amor à ciência geográfica, e ainda continua a fazê-la desbravando pesquisas-ensino-extensão a partir da ação-reflexão-ação, acolhendo, ensinando, amando e semeando frutos ao longo do seu caminhar. Nas suas aulas, orientações e nas pesquisas sempre instiga a pensar acerca dos problemas socioambientais a partir de um sistema complexo, mediado pelas relações entre a sociedade-natureza, partindo de uma reflexão filosófica na busca de assegurar a unidade epistemológica da geografia.

Gratidão por todo aprendizado, dedicação e inspiração para seus orientando(a)s e aluno(a)s. O nosso profundo agradecimento pelas suas contribuições científicas para o nosso estado de Sergipe, para o Nordeste e para o Brasil.

REFERÊNCIAS

ABCLIM - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CLIMATOLOGIA. Fotos históricas. Disponível em: <https://www.abclima.ggf.br/sobre.php> Acesso em: 20 de abril, 2021.

ANAIS DO VI SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA - SBCG. Diversidades Climáticas. Editora UFS, 2004.

ORGANIZADORES



JOSÉ WELLINGTON CARVALHO VILAR

Doutor em Ordenamento Territorial pela Universidade de Granada (UGr), Espanha. Mestre, Licenciado e Bacharel em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atualmente é Professor Titular do Instituto Federal de Sergipe (IFS), Professor do PPGeo (Programa de Pós-graduação em Geografia) da UFS e do PPMTUR (Programa de Pós-Graduação em Turismo) do IFS. Líder do Grupo de Pesquisa Gestão de Ambientes Costeiros (GESTAC-IFS-CNPq). Editor-chefe da Revista GeoNordeste - PPGeo da UFS.
E-mail: wellington.vilar@ifs.edu.br



HÉLIO MÁRIO DE ARAÚJO

Pós-doutor em Geografia Física pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente é professor Titular do Departamento de Geografia e do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe - Campus São Cristóvão, onde leciona e orienta nos cursos de Graduação, Mestrado e Doutorado. Desenvolve pesquisas em Geociências, com ênfase em Geomorfologia e Coordena o Grupo de pesquisa Dinâmica Ambiental e Geomorfologia (DAGEO) credenciado no CNPq e certificado pela UFS, com desenvolvimento de projetos em várias linhas de pesquisa.
E-mail: heliomarioaraujo@yahoo.com.br



GICÉLIA MENDES DA SILVA

Graduada, Mestra e Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora Adjunto IV do Curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Federal de Sergipe. Professora do Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFS) e do Mestrado e Doutorado em Geografia (PPGeo). Pesquisadora do GEOPLAN/UFS.
E-mail: giceliamentes@academico.ufs.br

O livro 70 ANOS DA GEOGRAFIA SERGIPANA (1951-2021): NOS CAMINHOS DA MEMÓRIA é uma iniciativa de professores da Universidade e do Instituto Federal de Sergipe (UFS - IFS) na perspectiva de comemorar um momento tão representativo da História do ensino superior de Geografia e da pesquisa em ciência geográfica no Estado de Sergipe.

O referido livro contém 13 capítulos que versam sobre alguns aspectos da História da Geografia universitária em Sergipe, seus atores e instituições. A ideia desse resgate perpassa a presente contribuição, e desde já é fundamental destacar que sem memória inexiste o olhar geográfico acurado sobre o território, a respeito da relação homem natureza, acerca da leitura da paisagem e da (des) organização do espaço, ou seja, das bases epistemológicas dessa província do saber. Deriva daí o ensejo desse resgate para a Geografia acadêmica em Sergipe.

Os organizadores

